

JACQUES, O FATALISTA

de

Denis Diderot

Título original: *Jacques le fataliste et son maître*

Primeira publicação: “Corrèspondance Littéraire”, revista manuscrita,
edição em fascículos entre os anos de 1778 e 1786

Tradução de: Borges Carreira

Como é que se tinham encontrado? Por acaso, como toda a gente. Como é que se chamavam? Que é que isso interessa? Donde vinham? Do lugar mais próximo. Para onde iam? Será possível saber para onde vamos? O que é que diziam? O senhor não dizia nada e Jacques dizia que o seu capitão dizia que tudo o que nos acontece de bom ou de mau estava escrito lá em cima.

O SENHOR – Essa é que é uma grande frase.

JACQUES – O meu capitão acrescentava que cada bala que saía de uma espingarda levava destinatário¹.

O SENHOR – E tinha razão...

Depois de uma curta pausa, Jacques exclamou “Que o diabo leve o taberneiro mais a taberna!”

O SENHOR – Porque é que se há-de mandar o próximo para o diabo? Isso não é cristão.

JACQUES – É que enquanto apanho uma piela com o seu pior vinho, esqueço-me de levar os cavalos ao bebedouro. O meu pai dá-se conta; zanga-se. Levanto a cabeça. Ele pega num pau e aquece-me com ele as costas. Passa um regimento em direcção ao campo em frente de

1 Nota-se aqui a influência de Sterne, que Diderot conheceu pessoalmente. No “Life and opinions of Tristram Shandy”, o cabo Trim, que tem algumas das características que Diderot deu a Jacques, entre as quais o ter sido ferido no joelho por uma bala na batalha de Landen, e a de citar o rei Guilherme, como tendo dito que cada coisa que nos acontecia estava predestinada, e que “every ball had it,s billet” - ver o capítulo XIX do Volume VIII, o que conta a história do rei da Boémia e dos seus sete castelos.

Fontenoy. Alisto-me para me vingar. Chegamos. Estamos em plena batalha.

O SENHOR – E tu recebes a bala que tinha a tua direcção.

JACQUES – Adivinhou; um tiro no joelho, e só Deus sabe as coisas boas e más que esse tiro me trouxe. Estão ligadas como correntes uma à outra. Por exemplo, sem esse tiro, acho que nunca me teria apaixonado nem teria ficado coxo.



O SENHOR – Com que então estiveste apaixonado?

JACQUES – Se estive!

O SENHOR – E isso por causa do tiro?

JACQUES – Por causa do tiro.

O SENHOR – Nunca mo tinhas contado.

JACQUES – Creio bem que não.

O SENHOR – E isso porquê?

JACQUES – É porque não poderia ter sido contado nem mais cedo nem mais tarde.

O SENHOR – E o momento de saber desses amores é portanto agora?

JACQUES – Quem sabe?

O SENHOR – De qualquer maneira vai lá começando...

Jacques começou a história dos seus amores. Era pela tarde. Estava abafado e o senhor adormeceu. A noite surpreendeu-os no meio do campo; estavam perdidos. Eis o senhor presa de uma cólera terrível e desferindo grandes chicotadas no seu criado, e o pobre diabo dizendo a cada golpe “Também isto estava aparentemente escrito lá em cima.”

Está a ver, leitor, que vou avançando rapidamente, só dependeria de mim fazê-lo esperar um ano ou dois ou três pela narrativa dos amores de Jacques, separando-o do seu senhor, e fazendo cada um passar por todas as peripécias que me apetecessem. O que é que me impediria de casar o senhor e fazê-lo cornudo? de embarcar Jacques para as ilhas? de levar para lá o seu senhor? de fazê-los regressar a França no mesmo barco? Como é fácil inventar enredos! Mas estes dois ficarão quites com uma noite em branco e o leitor com a espera equivalente.

Surgiu a alvorada. Ei-los que voltam a montar nos seus cavalos e a prosseguir o seu caminho. - E para onde é que iam? - É a segunda vez que me faz a mesma pergunta, à qual respondo: Que é que tem a ver com isso? Se começo agora a tratar da questão da viagem, adeus amores de Jacques... Seguiram algum tempo em silêncio. Assim que se recompuseram dos seus dissabores, o senhor disse ao seu criado “Ora bem, Jacques, onde é que íamos quanto aos teus amores?”

JACQUES – Estávamos, creio eu, na debandada do exército inimigo. Fogem. São perseguidos, cada um pensa em si. Eu fico no campo de batalha, misturado no número de mortos e feridos, que foi prodigioso. No dia seguinte enfiaram-me com uma dúzia de outros numa carroça para nos levarem para um dos nossos hospitais. Ah! Senhor, acho que não há ferida mais cruel que a do joelho.

O SENHOR – Vamos lá, Jacques, estás a brincar.

JACQUES – Não, ora essa! Não estou nada a brincar, senhor! Existem lá não sei quantos ossos, tendões, e muitas outras coisas que se chamam não sei como...

Uma espécie de camponês que os seguia, com uma jovem que levava na garupa, e que os tinha escutado, tomou a palavra e disse “O senhor tem razão...”

Não se sabia a quem é que este *senhor* era dirigido, mas tanto Jacques como o seu senhor o levaram a mal, e Jacques disse a este interlocutor indiscreto “Porque é que te metes onde não és chamado?”

- Meto-me na minha profissão; sou cirurgião ao vosso dispor e vou-lhes explicar...”

A mulher montada na garupa dizia-lhe “Senhor doutor, sigamos o nosso caminho e deixemos estes senhores que não gostam que se lhes explique.

- Não – respondeu-lhe o cirurgião – quero-lhes explicar e vou-lhes explicar...”

E, ao voltar-se para explicar, empurra a sua companheira, fá-la perder o equilíbrio e atira-a ao chão, um pé preso nas abas do seu trajo e as saias caídas para a cabeça. Jacques desce, desprende o pé da pobre criatura e baixa-lhe as saias. Já não sei se começou por baixar-lhe as saias ou por

libertar o pé; mas a julgar o estado desta mulher pelos seus gritos, deveria estar gravemente ferida. E o senhor de Jacques dizia ao cirurgião: “Eis o que acontece quando se explica!”

E o cirurgião: “Eis o que acontece quando não se quer que se lhes explique!...”

E Jacques à mulher caída ou cuspida: “Console-se, querida, nem é culpa sua nem culpa do senhor doutor nem minha, nem por causa do meu senhor: é que estava escrito lá no alto que hoje, neste mesmo caminho, nesta mesma hora, o senhor doutor seria um tagarela, que o meu senhor e eu estaríamos os dois de mau humor, que teria uma contusão na cabeça e que alguém lhe iria ver o cu...”

As voltas que esta aventura daria nas minhas mãos, se me desse na fantasia fazer-vos desesperar! Atribuiria importância a esta mulher, fá-la-ia sobrinha do padre da aldeia vizinha; amotinaria os camponeses dessa aldeia. Preparar-me-ia para lutas e para amores, porque, enfim, esta camponesa era bela por dentro dos saíotes. Jacques e o seu senhor tinham reparado; o amor nem sempre espera por uma ocasião tão sedutora. Porque é que Jacques não se haveria de apaixonar uma segunda vez? porque é que não seria uma segunda vez o rival e mesmo o rival vitorioso do seu senhor? Será que tal coisa já tinha acontecido anteriormente? - Sempre as mesmas perguntas. Será então porque não quer que Jacques continue a história dos seus amores? De uma vez por todas, explique-se. Dar-lhe-á prazer, sim ou não? Se sim, voltemos a subir a camponesa para a garupa, atrás do seu condutor, deixemo-los seguir e regressemos aos nossos dois viajantes. Desta vez foi Jacques que tomou a palavra e disse ao seu Senhor:

- Como vai o mundo; vós, que nunca na vossa vida fostes ferido e que não sabeis o que é um tiro no joelho, sustentais-me a mim que tenho o joelho despedaçado e que coxeio há vinte anos.

O SENHOR – Poderias ter razão. Mas este cirurgião impertinente é o causador de estares ainda numa carroça com os teus camaradas, longe dum hospital, longe da cura e longe de te apaixonares.

JACQUES – Pode pensar o que quiser, mas a dor do meu joelho era insuportável; ainda mais piorava pelo desconforto da carroça e pelo desnível dos caminhos, e a cada solavanco eu soltava um uivo de dor...

O SENHOR – Porque estava escrito lá em cima que uivarias...

JACQUES – Com toda a certeza! Esvaía-me em sangue e seria um homem morto se a nossa carroça, a última da linha, não parasse diante de uma cabana. Peço para descer ali; põem-me em terra. Uma jovem mulher que estava em pé, à porta da cabana, entrou em casa e de lá saiu quase de seguida com um copo e uma garrafa de vinho. Bebi um ou dois copos à pressa. As carroças que seguiam à nossa frente movimentaram-se. Preparavam-se para me voltar a deitar com os meus camaradas quando, agarrando-me com toda a força à roupa daquela mulher e de tudo o que estava à minha volta, eu protestava que não voltaria a subir e que, morrer por morrer, preferia que fosse no sítio em que estava em vez de ser duas léguas mais longe. Quando acabei de falar, desmaiei. Ao recobrar consciência, dei por mim despido e deitado numa cama que ocupava um dos cantos da cabana, tendo à minha volta um camponês que era o dono da casa, a sua mulher, que era a mesma que me tinha socorrido, e algumas crianças. A mulher tinha molhado um canto do avental em vinagre e esfregava-me o nariz e as têmporas.

O SENHOR - Ah, coitado! Ah, maroto! Infame! Já vejo onde queres chegar.

JACQUES – Senhor, acho que não está a ver nada.

O SENHOR – Não é por essa mulher que te vais apaixonar?

JACQUES – E se por acaso me apaixonasse por ela, onde é que estaria o problema? Será que depende da vontade de cada um apaixonar-se ou não se apaixonar? E quando se está apaixonado, será que depende da nossa vontade agir como se não o estivesse? Se isso estivesse escrito lá em cima, tudo o que estais disposto a dizer-me também eu o teria dito, também me teria insultado a mim próprio, teria batido a cabeça contra a parede, ter-me-ia arrancado os cabelos, tudo isso nem mais nem menos, e nem por isso o meu benfeitor deixaria de ser cornudo.

O SENHOR – Mas, raciocinando à tua maneira, não há crime que se não cometa sem remorsos.

JACQUES – As vossas objecções mais de uma vez me apoquentaram o espírito, mas com tudo isso, mesmo que tivesse remorsos, volto sempre às palavras do meu capitão: Tudo o que nos acontece de bom ou de mau neste mundo está escrito lá em cima... Será que o meu senhor conhece alguma maneira de apagar esse escrito? Posso eu não ser eu, e sendo eu próprio, poderei agir de maneira diferente da minha? Poderei ser eu e outro ao mesmo tempo? E, já que vim ao mundo, houve algum instante em que isso deixasse de ser verdade? Discorrei tanto quanto vos apeteceu, as vossas razões serão talvez boas, mas se está escrito em mim ou lá em cima que eu as acharei más, o que é que poderei fazer?

O SENHOR - Pensemos na seguinte hipótese – é se o teu benfeitor ficaria cornudo porque estava escrito lá em cima, ou se estava escrito lá em cima porque tu porias os cornos ao teu benfeitor?

JACQUES – Ambos estavam escritos, um ao lado do outro. Tudo tinha sido escrito ao mesmo tempo. É como um grande rolo que desenrolamos a pouco e pouco.

Está o leitor a ver até onde eu poderia levar esta conversa sobre um assunto de que já tanto se falou e já tanto se escreveu de há dois mil anos para cá, sem se ter avançado um só passo. Se lhe parece que não concordo com o que digo, é porque sabe mais do que aquilo que não lhe digo.



Enquanto os nossos dois teólogos discutiam sem se entenderem, como costuma acontecer em teologia, a noite aproximava-se. Atravessavam uma região que era pouco segura fizesse o tempo que fizesse, e que ainda era muito menos segura por a má administração e a miséria terem multiplicado infundavelmente o número de malfeitores. Pararam na mais miserável das hospedarias. Arranjaram-lhes duas camas de tiras de lona

num quarto formado por tabiques esburacados em todos os lados. Pediram de jantar. Trouxeram-lhes água do charco, pão bolorento e vinho avinagrado. O hospedeiro, a hospedeira, os filhos, os criados, todos tinham um ar sinistro. Ouviam ao seu lado os risos desbragados e a alegria tumultuosa de uma dúzia de bandidos que tinham chegado à sua frente e que se tinham apoderado de todas as provisões. Jacques estava muito tranquilo; só era preciso que o seu senhor também estivesse. Este passeava as suas preocupações em comprimento e em largura, de um lado para outro, enquanto o seu criado devorava alguns bocados de pão bolorento, e bebia copos de mau vinho fazendo caretas. Estavam nesses propósitos quando ouviram bater à porta. Era um criado que aqueles insolentes e perigosos vizinhos tinham forçado a levar aos nossos viajantes, num dos seus pratos, todos os ossos de uma galinha que tinham comido, Jacques, indignado, pegou nas pistolas do seu senhor.

- Onde é que vais?

- Deixe comigo.

- Onde é que vais? é o que eu pergunto.

- Meter aquela canalha na ordem.

- Já reparaste que são uma dúzia?

- Até podiam ser cem, o número não significa nada se estiver escrito lá em cima que não são suficientes.

- Que o diabo te leve, mais os teus impertinentes adágios!...

Jacques esquivava-se às mãos do seu senhor, entra no quarto dos bandidos com uma pistola apontada em cada mão. “Vamos depressa a deitar – diz-lhes -, o primeiro que se mexa queimo-lhe os miolos...” Jacques tinha um ar e falava com tanta convicção, que estes malandros que tinham a sua

vida em tanto apreço como qualquer pessoa honesta, levantam-se da mesa sem dizer pio, despem-se e deitam-se. O seu senhor, incerto quanto à maneira como esta aventura acabaria, esperava-o a tremer. Jacques regressou com os despojos de toda aquela gente; tinha-se apoderado dos mesmos para que não tivessem a tentação de se pôr em pé. Tinha-lhes apagado a luz e fechado a porta com duas voltas, de que trouxera a chave pendurada numa das suas pistolas. “Por agora, meu senhor – disse ao seu senhor -, só temos que nos barricar empurrando as nossas camas contra esta porta, e dormir em paz e sossego.” E começou a empurrar as camas, contando fria e sucintamente ao seu senhor os pormenores da sua aventura.

O SENHOR – Jacques, que diabo de homem és tu? Acreditas então...

JACQUES – Nem acredito nem deixo de acreditar.

O SENHOR – E se eles tivessem recusado deitar-se?

JACQUES – Isso era impossível.

O SENHOR – Porquê?

JACQUES – Porque não o fizeram.

O SENHOR – E se eles se levantassem?

JACQUES – Tanto pior ou tanto melhor.

O SENHOR – Se... se... se... etc.

JACQUES – Se... se o mar fervesse, haveria, como se diz, muito peixe cozido. Que diabo, senhor, ainda agora achou que eu corria um grande perigo e nada podia ser mais falso; agora achais que estais vós em grande perigo, e talvez não exista por aí nada de mais falso. Todos nesta casa temos medo uns dos outros, o que prova que somos todos idiotas...

E enquanto dissertava deste modo, ei-lo que se despe, deita e dorme. O seu senhor, comendo por sua vez um bocado de pão bolorento e bebendo um copo de vinho azedo, apurava o ouvido à sua volta, olhava Jacques que ressonava, e dizia para ele próprio “Que diabo de homem será este?” A exemplo do seu criado, o senhor estendeu-se em cima da sua enxerga mas não conseguiu adormecer. Logo ao começo do dia, Jacques sentiu uma mão que o puxava, era a do seu senhor que o chamava em voz baixa: “Jacques?”

O SENHOR – Jacques? Jacques?

JACQUES – O que é?

O SENHOR – Já é dia.

JACQUES – Pode ser.

O SENHOR – Então levanta-te.



JACQUES – Porquê?

O SENHOR – Para sair daqui o mais depressa possível.

JACQUES – Porquê?

O SENHOR – Porque não estamos bem aqui.

JACQUES – Quem sabe se lá fora estaremos melhor?

O SENHOR – Jacques?

JACQUES – Está bem, Jacques, Jacques. Que diabo de homem sois vós!

O SENHOR – Que diabo de homem és tu? JACQUES, meu amigo, peço-te por favor.

Jacques esfregou os olhos, bocejou várias vezes, esticou os braços, levantou-se, vestiu-se sem pressas, afastou as camas, saiu do quarto, desceu, foi até à estrebaria, selou e pôs o freio aos cavalos, despertou o hospedeiro que dormia ainda, pagou a despesa, guardou as chaves dos dois quartos, e eis os nossos amigos de partida.

O senhor queria afastar-se a grande trote, Jacques queria ir a passo, seguindo sempre o seu sistema. Assim que se encontraram a uma grande distância da sua triste pousada, o senhor ouviu qualquer coisa que ressoava na algibeira de Jacques, e perguntou-lhe o que era. Jacques respondeu que eram as chaves dos quartos.

O SENHOR – E por que razão não as devolves?

JACQUES – É porque assim será preciso arrombar duas portas, a dos nossos vizinhos para os tirar da sua prisão, e a nossa para lhes restituir as roupas, e isso dá-nos tempo.

O SENHOR – Muito bem, Jacques, mas para quê ganhar tempo?

JACQUES – Para quê? Sei lá.

O SENHOR – E se queres ganhar tempo, porque é que vais a passo, como estás agora a fazer?

JACQUES – É que, não sabendo o que está escrito lá em cima, não se sabe nem o que se quer, nem o que se faz, ou segue-se aquela fantasia a que chamamos razão, ou a razão que muitas vezes não é mais que uma perigosa fantasia que pode terminar ou bem ou mal.

O meu capitão acreditava que a prudência era uma suposição em que a experiência nos autoriza a encarar as circunstâncias em que nos encontramos como causa de certos efeitos a esperar ou a temer para o futuro.

O SENHOR – E percebias tu alguma coisa disso?

JACQUES – Com certeza, a pouco e pouco ia-me habituando à sua maneira de falar. Mas, dizia ele, quem é que se pode gabar de ter suficiente experiência? Quem se gaba de ser o mais providente, será que

nunca foi enganado? E depois, existirá algum homem capaz de apreciar na sua justa medida as circunstâncias em que se encontra? O cálculo que se faz nas nossas cabeças, e aquele que está impresso no registo lá de cima, são dois cálculos bem diferentes. Somos nós quem conduz o destino, ou será o destino que nos conduz? Quantos projectos sabiamente preparados falharam e quantos irão ainda falhar! Quantos projectos insensatos triunfaram e quantos irão ainda triunfar! É o que me repetia o meu capitão, depois da tomada de Berg-op-Zoom² e de Port-Mahon³; e acrescentava que a prudência não nos assegurava de modo nenhum o sucesso, mas que nos consolava e nos desculpava caso as coisas corressem mal. Desta maneira, dormia antes da batalha, ou na tenda ou com a guarnição, e ia para debaixo de fogo como quem vai ao baile. Era bem dele que vós teríeis dito “Que diabo de homem!”

O SENHOR – Poderias-me dizer o que é um louco, ou que é um sábio?

JACQUES – Porque não?... Um louco... esperai... é um homem infeliz, e em consequência um homem feliz é um sábio.

O SENHOR – E o que é um homem feliz ou infeliz?

JACQUES – Essa é fácil. Um homem feliz é aquele cuja felicidade está escrita lá em cima e, em consequência, aquele cuja infelicidade está escrita lá em cima é um homem infeliz.

O SENHOR – E quem é que escreveu lá em cima a felicidade e a infelicidade?

JACQUES – E quem é que fez o grande rolo em que tudo está escrito? Um capitão, amigo do meu capitão, era bem capaz de dar um

2 Batalha da Guerra da Sucessão de Áustria.

3 Batalha da Guerra dos Sete Anos. (Notas do T.)

escudozinho para o saber; este não teria dado nem um óbulo sequer, e eu também não, porque para que é que isso me serviria? Conseguiria com isso evitar o buraco onde devo acabar por partir o pescoço?

O SENHOR – Acho que sim.

JACQUES – Eu acho que não, porque seria preciso que houvesse uma linha falsa no grande rolo que contém a verdade, que não contém senão verdades, e que contém toda a verdade. Estaria escrito nesse grande rolo “Jacques partirá o pescoço no dia tal” e Jacques não partiria o pescoço. Achais vós que uma coisa dessas seja possível, seja quem for o autor do grande rolo?

O SENHOR – Há muito que dizer a propósito do lá de cima...

No lugar em que estavam, ouviram, a alguma distância atrás deles, barulho e gritos; voltaram a cabeça e viram atrás deles um bando de homens armados com varas e forquilhas que corriam ao seu encontro à força de pernas. Ireis pensar que eram as gentes da hospedaria, os criados e os malandrins de que já lhes falámos. Ireis pensar que nessa manhã lhes tinham arrombado a porta à falta de chaves, e que esses rufias tinham pensado que os nossos dois viajantes tinham abalado com as suas roupas. Jacques também pensou assim e dizia entre dentes “Malditas sejam as chaves e a fantasia ou a razão que mas fez trazer comigo! Maldita seja a prudência! etc. etc.”. Ireis pensar que este pequeno exército cairá em cima de Jacques e do seu senhor, que haverá uma acção sanguinolenta, pauladas, tiros de pistola desferidos, e só dependeria de mim que nada disso acontecesse, mas adeus verdade da história, adeus história dos amores de Jacques. Os nossos dois viajantes não estavam nada a ser seguidos. Ignoro o que se passou na hospedaria depois da sua partida. Continuaram o seu trajecto, seguindo sempre sem saber para onde iam,

mesmo sabendo mais ou menos onde é que queriam ir; enganando o aborrecimento e a fadiga ou pelo silêncio ou pela tagarelice, como é de uso entre aqueles que caminham e algumas vezes também entre aqueles que estão sentados.

É bem evidente que não estou a fazer nenhum romance, porque desdenho o que um romancista nunca se privaria de empregar. Aquele que tomasse o que escrevo pela verdade talvez estivesse menos enganado que aquele que o tomasse por uma fábula.

Desta vez foi o senhor que falou em primeiro lugar e que começou pelo refrão costumeiro “Ora bem!, Jacques!, a história dos teus amores?”

JACQUES – Já não sei onde é que ia. Fui tantas vezes interrompido que seria preferível recomeçar pelo princípio.

O SENHOR – Não, não. Refeito do teu desmaio à porta da cabana, deste por ti numa cama, rodeado pelas pessoas que ali habitavam.

JACQUES – Muito bem. A coisa mais urgente era chamar um cirurgião, que era coisa que não havia ali a menos de uma légua. O bom homem fez montar a cavalo um dos filhos e mandou-o ao sítio mais perto. Entretanto, a boa mulher tinha aquecido muito vinho, rasgado uma velha camisa do marido, e o meu joelho foi untado, coberto de compressas e envolvido em roupa branca. Puseram alguns bocados de açúcar, retirado às formigas, numa porção do vinho que tinha servido para me fazerem o penso, e engoli-o; em seguida, exortaram-me a ter paciência. Já era tarde, Puseram-se à mesa e jantaram. Está o jantar acabado. Contudo, o filho não volta e nada de cirurgião. O pai fica mal humorado. Era um homem rabugento por natureza; amuava com a mulher, não achava nada a seu gosto. Mandou, de mau modo, que os outros filhos se fossem deitar. A mulher sentou-se num banco e pegou na sua roca. Ele ia e vinha, e nas

idas e vindas, procurava pretextos para tudo... “ Se tu estivesse no moinho como te tinha dito...” e acabava a frase abanando a cabeça na direcção da minha cama.

- Vai-se amanhã.

- Era hoje que era preciso ir como te tinha dito... E estes restos de palha que estão ainda no celeiro, que é que esperas para os ires buscar?

- Vai-se buscar amanhã.

- A que temos está no fim e terias feito muito melhor em trazê-los hoje, como te tinha dito... E aquele monte de cevada que se está a estragar no celeiro, aposto que nem pensaste em o trazer.

- As crianças já o fizeram.

- Era preciso que fosses tu mesma a fazê-lo. Se estivesse no teu celeiro não estarias à porta...

Chegou entretanto um cirurgião, mais um segundo, mais um terceiro, com o rapazinho da cabana.

O SENHOR – Eis-te com tantos cirurgiões como chapéus tinha São Roque.

JACQUES – O primeiro estava ausente quando o rapazinho chegou a sua casa; mas a sua mulher tinha mandado chamar o segundo, e o terceiro acompanhara o rapazinho... “Olá, boa noite, compadres; vocês por aqui?” - disse o primeiro aos outros dois. Tinham vindo a toda a pressa que puderam, tinham calor, estavam sequiosos. Sentaram-se à volta da mesa cuja toalha ainda não tinha sido retirada. A mulher desceu à cave e subiu com uma garrafa. O marido resmungava entre dentes “Eh! mas por que diabo é que ela estaria à porta?...” Bebem, discutem as doenças do

cantão, começam a enumerar as suas experiências. Queixo-me; dizem-me “Já nos ocupamos de si”. Depois de acabada a garrafa, pedem mais uma segunda por conta do meu tratamento; depois uma terceira, uma quarta, sempre por conta do meu tratamento, e a cada garrafa o marido voltava à sua primeira exclamação “Eh! mas por que diabo é que ela estava à porta?...”

Que partido não teria tirado outro que não fosse eu destes três cirurgiões, da sua conversa por alturas da quarta garrafa, da imensidade das suas curas maravilhosas; da impaciência de Jacques, do mau humor do dono da casa, das afirmações dos nossos Esculápios campestres acerca do joelho de Jacques, das suas diferentes opiniões, um pretendendo que Jacques morreria se não lhe cortassem a perna quanto antes, outro que era preciso extrair a bala e a porção de vestuário que a tinha seguido, e conservar a perna deste pobre diabo. Entretanto, veríamos Jacques sentado na cama, olhando lamentosamente para a sua perna e fazendo-lhe os derradeiros adeuses, como vimos um dos nossos generais entre [os cirurgiões] Dufouart e Louis. O terceiro cirurgião teria ficado a secar até que a querela subisse de tom e que passassem das invectivas aos gestos.

Poupo-lhes todas essas coisas que encontrareis nos romances, na comédia antiga e na sociedade. Assim que ouvi o dono da casa exclamar a propósito da sua mulher “Eh! mas por que diabo é que ela estaria à porta?...”, lembrei-me do Harpagon de Molière, quando diz do seu filho: *Que é que ele fazia naquelas galés?*⁴ E concebo que não basta simplesmente ser verdadeiro, mas que também é preciso divertir, e essa é

4 Citado a partir d’ “As Velhacarias de Scapin”, de Molière, em que Geronte se lamenta por ter de pagar o resgate do seu filho aos piratas berberes. (N. do T.)

a razão pela qual se dirá para sempre *Que é que ele fazia naquelas galés?* e que a frase do meu camponês “Que é que ela fazia à porta?” não se tornará nunca um lugar-comum.

Jacques não usou para com o seu senhor da mesma reserva que eu guardo consigo; não omitiu a menor circunstância, com risco de o adormecer uma segunda vez. Se não foi o mais habilidoso, foi pelo menos o mais vigoroso dos três cirurgiões que se assenhoreou do doente.

Dir-me-eis: não vai agora sacar dos bisturis à nossa frente, cortar a carne, fazer correr sangue, e mostrar-nos uma operação cirúrgica? Na sua opinião, tal seria de bom gosto?... Vamos, esqueçamos a operação cirúrgica; mas ao menos permitam a Jacques que diga ao seu senhor, como já dissera “Ah! Senhor, que é uma coisa terrível tratar de um joelho despedaçado!...” e ao senhor que responda, como antes respondera “Vamos, Jacques, estás a brincar...” Mas o que não os deixarei ignorar, nem por todo o ouro do mundo, é que mal o senhor de Jacques lhe deu esta impertinente resposta, o seu cavalo tropeça e cai, e o cavaleiro bate com o joelho numa pedra pontiaguda e começa a gritar a plenos pulmões “Estou morto! Parti o joelho!...”

Apesar de Jacques, a melhor espécie de homem que se possa imaginar, estar ternamente apegado ao seu senhor, gostaria bem de saber o que se passou bem lá no fundo da sua alma, tirando o primeiro momento, pelo menos logo que se assegurou que esta queda não iria ter consequências desagradáveis, e se se conseguiu privar de um ligeiro movimento de alegria secreta por um acidente que ensinaria ao seu senhor o que era uma ferida no joelho. Outra coisa, leitor, que gostaria muito que me dissesse, é se o senhor de Jacques não teria preferido ficar ferido, mesmo com um pouco mais de gravidade, noutro sítio que não no joelho, ou se foi mais sensível à vergonha do que à dor?

Logo que o senhor se recompôs um pouco da queda e da angústia, subiu de novo para a sela e aplicou cinco ou seis golpes de espora ao seu cavalo, que partiu como um relâmpago. Outro tanto fez a montada de Jacques, porque entre os dois animais existia a mesma afinidade que entre os seus cavaleiros; eram dois pares de amigos.

Logo que os dois cavalos ofegantes retomaram o seu passo normal, Jacques disse ao seu senhor “Ora bem, meu senhor, o que é que acha disto?”

O SENHOR – De quê?

JACQUES – Da ferida no joelho.

O SENHOR – Sou da tua opinião. É uma das mais cruéis.

JACQUES – A do vosso?

O SENHOR – Não, não: a do teu, a do meu, a de todos os joelhos do mundo.

JACQUES – Meu senhor, meu senhor, não está a ver bem; acredite que nunca nos queixamos senão do que nos toca a nós.

O SENHOR – Que disparate!

JACQUES – Ah, se eu soubesse falar como sei pensar! Mas estava escrito lá em cima que teria as coisas na minha cabeça e que as palavras não me viriam.

Aqui Jacques embrenhou-se numa metafísica muito subtil e talvez muito verdadeira. Tentava convencer o seu senhor que a palavra dor não correspondia a nenhuma ideia, e que só começava a significar qualquer coisa no momento em que nos vinha à memória uma sensação que já

tínhamos experimentado. O seu senhor perguntou-lhe se já tinha dado à luz.

- Não – respondeu-lhe Jacques.

- E achas que dar à luz é muito doloroso?

- De certeza.

- Tens pena das mulheres com as dores do parto?

- Muita.

- Portanto, algumas vezes lamentas outra pessoa diferente de ti?

- Tenho pena daqueles ou daquelas que torcem os braços, que arrancam os cabelos, que gritam, porque sei por experiência que não se fazem essas coisas se não estivermos a sofrer; mas no que respeita à dor própria da mulher que dá à luz, não me queixo, não sei o que isso é, graças a Deus. Mas para voltar a um sofrimento que ambos conhecemos, a história do meu joelho, que se tornou o vosso por causa da vossa queda...

O SENHOR – Não, Jacques; a história dos teus amores que se tornaram meus pelos meus desgostos passados.

JACQUES – Eis-me com o penso feito, um pouco aliviado, saído o cirurgião, e os meus hospedeiros retirados e deitados. O seu quarto só estava separado do meu por umas tábuas, com clarabóia, sobre a qual tinham colado papel cinzento e, no papel, algumas imagens coloridas. Eu não dormia, e ouvia a mulher dizer ao seu marido “Deixe-me, que não tenho vontade nenhuma de rir. Um pobre infeliz que morria à nossa porta!...

- Mulher, depois logo me falas disso tudo.

- Não, isso não vai acontecer. Se não acaba já com isso, eu levanto-me. Será bom fazer uma coisa destas quando se tem o coração pesado?

- Oh, se te fazes rogar tanto, enganas-te a ti própria.

- Não é para me fazer rogar, mas é que vós às vezes sois tão bruto!... é que... é que...

Depois de uma pausa muito breve, o marido tomou a palavra e disse “Lá por isso, mulher, é agora a altura de me dares razão quando digo que por uma compaixão descabida, nos meteste num sarilho de que é quase impossível que nos livremos. O ano está mau, mal nos conseguimos sustentar a nós e aos nossos filhos. O cereal está caríssimo! Não há vinho! Ainda se encontrássemos trabalho, mas os ricos cortam nas despesas, os pobres não têm ocupação. Por cada jorna que empregam, perde-se quatro. Ninguém paga o que deve; os credores são de uma exigência que desespera: e é este o momento que tu escolhes para abrigar aqui um desconhecido, um estrangeiro que ficará aqui todo o tempo que Deus quiser, mais quiser o cirurgião que não terá pressa nenhuma em curá-lo, porque os cirurgiões fazem durar as doenças todo o tempo que puderem; que não tem dinheiro e que irá duplicar e triplicar as nossas despesas. Vamos lá, mulher, como é que te vais desfazer deste homem? Fala, mulher, dá-me pois uma razão.

- Quem é que pode falar consigo?

- Tu dizes que tenho mau génio, que estou sempre a ralhar; é! e quem é que não estaria zangado? quem é que não ralharia? Havia ainda um pouco de vinho na cave, Deus sabe onde é que ele já irá! Os cirurgiões beberam ontem à noite mais do que nós ou os nossos filhos em toda uma semana. E o cirurgião, que não virá de graça, como é que achas que se vai pagar?

- Sim, olha que bem; e porque estamos na miséria faz-me um filho como se não tivéssemos já bastantes.

- Oh, que não.

. Oh, que sim; de certeza que vou ficar grávida.

- É o que tu dizes sempre.

- E isso nunca falhou quando tenho comichão no ouvido, e estou agora a sentir uma comichão como nunca...

- O teu ouvido não sabe o que diz.

- Não me toque! Deixe o meu ouvido em paz! Deixa-me, homem, estás maluco? Ainda te dá alguma coisa.

. Não, não; isso nunca me voltou a acontecer desde a noite de São João.

- Farás tudo tão bem que... e depois dentro de um mês comesas a amuar como se a culpa fosse minha.

- Não, não.

- E dentro de nove meses ainda será pior.

- Não, não.

- Foste tu que o quiseste.

- Sim, sim.

- Vais-te lembrar disso? Não me vais dizer o que me disseste das outras vezes?

- Sim, sim...

E depois eis que de “não, não”, em “sim, sim” este homem enraivecido contra a sua mulher por ter cedido a um sentimento de humanidade...

O SENHOR – Era mesmo isso o que estava agora a pensar.

JACQUES – É certo que o marido não era lá muito coerente, mas era jovem e a sua mulher bonita. Não se fazem tantos filhos como nos tempos de miséria.

O SENHOR – Para aumentar a população não há como os mendigos.

JACQUES – Para eles um filho não é mais um encargo, é a caridade que os alimenta. E depois é o único prazer que não custa nada; consolam-se durante a noite, e sem despesas, das calamidades do dia... No entanto, as reflexões deste homem não eram menos justas. Enquanto dizia isso para mim próprio, senti uma dor violenta no joelho e gritei “Ai, o joelho!...” E o marido gritou “Ai, minha mulher!...” E a mulher gritou “Ai, meu homem! Mas, mas aquele homem que está ali?”

- Sim? Que homem?

- Se calhar ouviu-nos.

- Se ouviu, que ouça.

- Amanhã não serei capaz de o encarar.

- E porquê? Não és a minha mulher? Não sou eu o teu marido? Um marido tem uma mulher, uma mulher tem um marido, para quê? para nada?

- Ai! Ai!

- Está bem, que é agora?

- O meu ouvido!...

- Sim, o teu ouvido?

- Está pior que nunca.

- Dorme que isso passa.

- Não sou capaz. Ai, o ouvido! Ai, o ouvido!

- O ouvido, o ouvido, isso é muito natural...

Não vos direi nada mais do que se passou entre eles, mas a mulher, depois de ter repetido o ouvido, o ouvido, várias vezes seguidas e em voz baixa e precipitada, acabou a balbuciar em sílabas intervaladas o... ou... vi... do, e depois deste ou... vi... do, houve um não sei quê que se juntou ao silêncio que se lhe sucedeu e que me fez pensar que as suas dores de ouvido se tinham apaziguado de uma maneira ou doutra; isso não importa, foi um prazer para mim e para ela então?...

O SENHOR – Jacques, põe a mão na consciência, e jura-me que não foi por esta mulher que te apaixonaste.

JACQUES - Juro.

O SENHOR – Tanto pior para ti.

JACQUES – Tanto pior ou tanto melhor. Aparentemente, vós acreditais que as mulheres que têm um ouvido como o dela ouvem muitas vezes?

O SENHOR – Creio que isso está escrito lá em cima.

JACQUES – Creio que depois está escrito que elas não ouvem muitas vezes o mesmo e que estão um bocadinho sujeitas a ouvir outro.

O SENHOR – É possível.

E ei-los embarcados numa querela interminável sobre as mulheres, um pretendendo que elas eram boas, o outro más, e ambos tinham razão; um parvas, o outro cheias de espírito, e ambos tinham razão; um mentirosas, o outro verdadeiras, e ambos tinham razão; um avarentas, o outro generosas, e ambos tinham razão; um belas, o outro feias, e ambos

tinham razão; um faladoras, o outro discretas, e ambos tinham razão; um sinceras, o outro dissimuladas; um ignorantes, o outro esclarecidas; um ajuizadas, o outro libertinas; um loucas, o outro sensatas; um grandes, o outro pequenas; e ambos tinham razão.

Depois desta disputa durante a qual poderiam ter dado a volta ao mundo sem se calarem um momento que fosse e sem chegarem a acordo, foram recebidos por uma tempestade que os obrigou a encaminhar-se... - Para onde? - Onde? - Leitor, a sua curiosidade é mesmo incomodativa! E que diabo é que isso lhes interessa? Quando eu vos tivesse dito que era a Pontoise ou a Saint-Germain, a Nossa Senhora do Loreto ou a Santiago de Compostela, ficariam com isso mais adiantados? Se insistem, dir-vos-ei que eles se dirigiram para... Sim, porque não?... para um castelo imenso na fachada do qual se lia “Não pertenço a ninguém e pertenço a toda a gente. Já cá estivestes antes de entrar, e cá ficareis mesmo depois de sair.” Entraram eles nesse castelo? - Não, porque a inscrição era falsa, ou então já lá estavam antes de entrar, ou ainda lá estavam depois de já terem saído. - E o que é que fizeram lá dentro? - Jacques dizia - o que está escrito lá em cima; o seu senhor - o que lhes apetecera; e ambos tinham razão. - Que companhia é que lá encontraram? - Muito variada. - Que é que diziam? - Algumas verdades e muitas mentiras. - Havia lá pessoas de espírito? - Onde é que as não há?, nem há malditos perguntadores de quem se foge como da peste? O que mais chocou Jacques e o seu senhor durante o tempo em que por lá passearam... - Então lá passeava-se? - Não se fazia outra coisa, a não ser quando se estava sentado ou deitado. O que mais chocou Jacques e o seu senhor foi encontrar ali uma vintena de malandros que se tinham apoderado dos apartamentos mais sumptuosos, onde se encontravam quase sempre muito à sua vontade, que pretendiam, contra o direito comum e o verdadeiro sentido da inscrição, que o castelo lhes tinha sido legado em

propriedade plena; e que, com a ajuda de um certo número de energúmenos a soldo, tinham persuadido um grande número de outros energúmenos a soldo, todos prontos, a troco de uma moedinha, para enforcar ou assassinar o primeiro que os ousasse contradizer, no entanto, no tempo de Jacques e do seu senhor, ainda havia às vezes alguém que se atrevia. - Impunemente? - É conforme.



Vai-me dizer que me divirto à sua custa, e que, já não sabendo o que fazer dos meus dois viajantes, mergulho na alegoria, o recurso ordinário dos espíritos estéreis. Eu lhe sacrificaria a minha alegoria e todas as riquezas que dela pudesse extrair, concordaria com tudo o que lhe agradasse, mas com a condição de não me importunar mais com o último paradeiro de Jacques e do seu senhor, tenham eles chegado a uma grande cidade e tenham ido dormir a uma casa de meninas; tenham passado a noite em casa de um velho amigo que os recebeu da melhor maneira; tenham-se refugiado num convento de monges mendicantes, onde ficaram mal alojados e mal alimentados pelo amor de Deus; tenham sido

acolhidos em casa de um grande senhor, onde tiveram falta de tudo o que é necessário, no meio de tudo o que é supérfluo; tenham saído pela manhã de uma grande estalagem, onde lhes fizeram pagar demasiado caro um péssimo jantar servido em baixela de prata, e uma noite passada entre cortinas de damasco e lençóis húmidos e dobrados; tenham recebido a hospitalidade de um cura da aldeia com uma cõgrua adequada, que correu a recolher a contribuição das capoeiras dos seus paroquianos para fazer uma omelete e uns frangos de fricassé; ou que se tenham embebedado com excelentes vinhos, comido até fartar e sofrido uma indigestão bem ao modo de uma rica abadia de Bernardinos – porque, embora tudo isto vos pareça igualmente possível, Jacques não era dessa opinião, e nada havia de realmente possível senão o que estava escrito lá em cima. O que é verdade, seja qual for o lugar para que lhe apeteça pô-los a caminho. Não tinham ainda dado vinte passos quando o senhor disse a Jacques, depois de, como era seu uso, ter tomado o seu rapé “Ora bem, Jacques, e a história dos teus amores?”

Em lugar de responder, Jacques gritou “Ao diabo a história dos meus amores! Então não querem lá ver que deixei...”

O SENHOR – O que é que deixaste?

Em vez de responder, Jacques virou todas as suas algibeiras, e vasculhou inutilmente por toda a parte. Tinha deixado a bolsa de viagem debaixo do travesseiro da sua cama, e mal acabara de o confessar ao seu senhor quando este gritou “Ao diabo a história dos teus amores! Então não é que o meu relógio ficou pendurado na chaminé!”

Jacques não se faz rogar, de imediato toma as rédeas e vai a passo, porque nunca tinha pressa... - Ao castelo imenso? - Não, não. Entre os

diferentes abrigos possíveis ou impossíveis de que vos fiz a enumeração que precede, escolhi a que mais convém às circunstâncias presentes.

Entretanto o seu senhor seguia sempre em frente; mas eis que senhor e criado estão agora separados, e já não sei de qual dos dois me aproximar. Se quereis seguir Jacques, tenham cuidado; a procura da bolsa e do relógio poderá tornar-se tão longa e tão complicada, que não será tão cedo que se reunirá ao seu senhor, o único confidente dos seus amores, e adeus amores de Jacques. Se o deixarmos só à procura da bolsa e do relógio, o leitor tomará o partido de fazer companhia ao amo. Será bem educado, mas apanhará uma seca. Ainda não conhece aquela espécie de gente. Tem poucas ideias na cabeça; se por acaso disser alguma coisa de sensato, será uma reminiscência ou uma inspiração. Tem olhos como vós e eu, mas na maior parte do tempo não sabemos se vê alguma coisa. Não dorme e também não está acordado. Deixa-se existir; é a sua função habitual. Seguia em frente como um autômato, voltando-se de tempos a tempos para ver se Jacques voltava. Descia do cavalo e caminhava a pé. Voltava a subir para o animal e fazia um quarto de légua, voltava a descer e sentava-se por terra, com o freio do cavalo dando-lhe uma volta ao braço, e a cabeça apoiada nas mãos. Quando se cansava de estar na mesma posição, levantava-se, olhava o horizonte e não via Jacques. Nada de Jacques. Então impacientava-se, e sem saber bem se falava ou não, dizia “O carrasco, o cão, o maroto, onde é que se meteu? O que é que estará a fazer? Será preciso tanto tempo para recuperar uma bolsa e um relógio? Vou-te moer de pancada, oh! é mais que certo que te vou moer de pancada.”. Depois procurava o relógio no bolso onde não estava e acabava por se desolar, porque não sabia o que seria dele sem o relógio, sem a tabaqueira e sem Jacques: eram os três grandes recursos da sua vida, que se passava a tomar rapé, a ver que horas eram, a interrogar Jacques, e isto em todas as combinações possíveis. Privado do seu

relógio, ficava pois reduzido à tabaqueira que abria e fechava a cada minuto, como eu faço sempre que me aborreço. O tabaco que ainda resta à noite na minha tabaqueira está na razão directa do entretenimento ou na inversa do aborrecimento do dia. Suplico-lhe, leitor, que se familiarize com esta maneira de falar tirada da geometria, porque acho que é precisa e porque me servirei dela muitas vezes.

Ora bem, já tem suficiente de senhor e do seu criado que ainda não voltou, e se fôssemos à sua procura? Pobre Jacques! no momento em que falamos, ele gritava dolorido “Portanto estava escrito lá em cima que no mesmo dia eu seria preso como ladrão da estrada real, prestes a ser levado para a prisão, e acusado de ter seduzido uma rapariga!”

Quando se aproximava a passo curto... do castelo? não, do lugar da sua última pousada, passa-lhe ao lado um desses vendedores ambulantes que chamamos bufarinheiros, e que lhe apregoa “Senhor cavaleiro, jarreteiras, cintos, cordões de relógios, tabaqueiras da última moda, jóias verdadeiras de Jaback⁵, anéis, caixas de relógios. Um relógio, senhor, um belo relógio de ouro, cinzelado, com dupla caixa, como novo... “ Jacques responde-lhe “Estou mesmo à procura de um, mas não é do teu...” e continuou o seu caminho, sempre a passo curto. Ao seguir em frente, pareceu-lhe ver escrito lá no alto que o relógio que o homem lhe tinha proposto era o do seu senhor. Voltou atrás e disse ao bufarinheiro “Amigo, mostre-me lá o relógio com caixa em ouro, tenho a impressão que talvez me convenha.

- Por minha fé – disse o bufarinheiro –, não ficaria nada surpreendido, é bonito, muito bonito, de Julien-le-Roi⁶. Pertence-me desde há pouco,

5 Uma joalharia na Rua de Saint-Merri, em Paris. (N. do T.)

6 Famoso relojoeiro dos séculos XVII e XVIII. (N. do T.)

comprei-o por um pedaço de pão, pelo que lhe farei um bom preço. Prefiro os pequenos ganhos regulares; mas não se tem sorte nenhuma nos tempos que correm, outra pechincha como esta não conseguirei nos próximos três meses. Você tem cara de um homem distinto, e preferia que fosse você a aproveitar do que outro...”

Enquanto falava, o vendedor tinha posto a mala em terra, tinha-a aberto, e tirara o relógio que Jacques reconheceu imediatamente, sem se espantar, porque embora nunca se apressasse, era raro que se espantasse. Olha bem para o relógio “Sim – disse para ele próprio – é este...” Ao bufarinheiro: “Tem razão, é bonito, muito bonito, e sei que funciona bem...” Depois, metendo-o no bolso, diz ao bufarinheiro “Amigo, um grande obrigado”.

- Como, um grande obrigado!

- Sim; é o relógio do meu patrão.

- Eu cá não conheço o seu patrão; este relógio é meu, comprei-o e paguei bem por ele...

E, pegando em Jacques pelo colete, dispôs-se a tirar-lhe o relógio. Jacques aproxima-se do seu cavalo, pega numa das suas pistolas, e, apoiando-a no peito do bufarinheiro: “Retira-te – disse-lhe -, ou morres...” O bufarinheiro, assustado, largou a presa. Jacques sobe para o cavalo e dirige-se a passo curto para a cidade, dizendo para si próprio “Já recuperei o relógio, agora procuremos a nossa bolsa...” O bufarinheiro apressa-se a fechar a mala, pô-la às costas, e segue Jacques, gritando “Agarra que é ladrão! Agarra que é ladrão! Assassino! Socorro! Acudam-me! Acudam-me!...” Era a época das colheitas, os campos estavam enxameados de trabalhadores. Todos largam as foices, juntam-se

à volta do homem, e perguntam-lhe onde está o ladrão, onde está o assassino.

- Ei-lo, ali em baixo.

- O quê? Aquele que se encaminha a passo curto para a porta da cidade?

- Aquele mesmo.

- Vamos, deve estar mas é maluco. Tem lá pinta de ladrão.

- Mas é, mas é que é, digo-lhes eu, tirou-me à força um relógio de ouro...

As pessoas não sabiam em que acreditar, se nos gritos do bufarinheiro ou no passo tranquilo de Jacques. “Entretanto – acrescentava o bufarinheiro, meus filhos, fico arruinado. Se não me socorrem, tanto vale trinta luíses como um tostão. Ajudem-me, ele leva o meu relógio, e se der de esporas ao cavalo o meu relógio desaparece para sempre...”

Se Jacques não estava mesmo nada a distância para poder ouvir estes gritos, poderia apesar disso ver facilmente o atropelo, mas nem por isso ia ele mais depressa. O bufarinheiro incitou os camponeses, com a esperança de uma recompensa, a correr atrás de Jacques. Eis então uma multidão de homens, mulheres e crianças a correr e a gritar “Agarra que é ladrão! Agarra que é ladrão! Assassino!” e o bufarinheiro seguindo-os tão depressa quanto o fardo que levava às costas lhe permitia, gritando também “Agarra que é ladrão! Agarra que é ladrão! Assassino!...”

Entraram na cidade, porque me lembro agora que tinha sido numa cidade que Jacques e o seu senhor tinham pernoitado na véspera. Os habitantes saíram das suas casas, juntaram-se aos camponeses e ao bufarinheiro, todos gritando em uníssono “Agarra que é ladrão! Agarra que é ladrão! Assassino!...” Todos alcançaram Jacques ao mesmo tempo. Atirando-se o

bufarinheiro contra ele, Jacques desfere-lhe uma patada que o atira por terra, mas sem por isso deixar de gritar: “Malandro, velhaco, celerado, devolve-me o meu relógio, tu mo hás-de entregar, e nem assim te livras da forca...”. Jacques, mantendo o sangue-frio, dirigiu-se à multidão que engrossava a cada instante, e dizia “Existe aqui um magistrado de polícia; que me levem a casa dele; lá vos provarei que não sou nenhum malandro e que este homem é que é capaz de ser um. Tirei-lhe o relógio, é verdade, mas este relógio é do meu patrão. Não sou nenhum desconhecido nesta cidade, chegámos aqui, anteontem à noite, o meu patrão e eu, e ficámos em causa do Senhor Intendente-Geral, seu velho amigo...” (Se não vos disse mais cedo que Jacques e o seu senhor tinham passado por Conches, e que tinham ficado em casa do Intendente-Geral⁷ daquele lugar, é porque só agora me lembrei de vos dizer.) “Que me levem a casa do Sr. Intendente-Geral” - dizia Jacques ao mesmo tempo que punha pé em terra. Via-se agora no centro do cortejo, ele, o seu cavalo e o bufarinheiro. Vão andando, chegam à porta do Intendente-Geral. Entram Jacques, o cavalo e o bufarinheiro, Jacques e o bufarinheiro agarrando-se pelos botões dos casacos. A multidão fica lá fora.

Entretanto, que fazia o senhor de Jacques? Tinha adormecido na berma da estrada real, as rédeas do cavalo presas com uma volta no braço, e o animal pastava na erva à volta do dorminhoco, tanto quanto lhe permitia o comprimento das rédeas.

Logo que o Intendente-Geral se apercebeu de Jacques, gritou “Eh! És tu, meu pobre Jacques? O que é que te traz aqui sozinho?”

7 Uma espécie de Governador Civil, ou seja, um representante do poder do Estado numa determinada circunscrição. (N. do T.)

- O relógio do meu senhor, ele tinha-o deixado pendurado ao canto da chaminé, e eu encontrei-o no fardo deste homem; a nossa bolsa, que esqueci em cima da cabeceira da cama, e que se encontrará se vós o ordenardes.

- E que isso esteja escrito lá em cima – juntou o magistrado.

No mesmo instante em que mandou chamar a criadagem, nesse mesmo instante o bufarinheiro, apontando para um rapaz alto e mal encarado, novo na casa, disse: “Foi este que me vendeu o relógio.”

O magistrado, tomando um ar severo, disse ao bufarinheiro e ao seu criado: “Vocês dois mereciam as galés, tu por teres vendido o relógio, e tu por o teres comprado...” Ao seu criado: “Devolve a este homem o seu dinheiro e tira imediatamente a tua libré...” Ao bufarinheiro: “Despachate a abandonar a região, se não queres cá ficar para sempre. Vocês os dois têm uma actividade que dá azar... Jacques, agora trata-se da tua bolsa.” Aquela que se tinha apropriado da mesma compareceu sem esperar que a chamassem; era uma mulher grande, feita ao torno. “Sou eu, meu senhor, sou eu que tenho a bolsa – disse ela ao seu senhor -, mas não a roubei de modo nenhum, foi ele que ma deu.

- Eu dei-lhe a minha bolsa?

- Sim.

- Pode ser que sim, mas que o diabo me leve se me lembro de tal.

O magistrado disse a Jacques: “Vamos, é capaz de ser melhor não esclarecer mais o assunto”.

- Senhor...

- Ela é bonita e condescendente, pelo que vejo.

- Senhor, juro-lhe...

- Quanto é que tinha a bolsa?

- Cerca de novecentas e dezassete libras.

- Ah! Aldrabona! novecentas e dezassete libras por uma noite é demasiado para si e para ele. Dê-me a bolsa...

O mulherão deu a bolsa ao seu senhor, que tirou dela uma moeda de seis francos: “Tome – disse, atirando-lhe a moeda, este é o preço dos seus serviços. Vale ainda mais, mas para outro que não Jacques. Desejo que ganhe duas vezes mais todos os dias, mas fora da minha casa, está a ouvir? E tu, Jacques, apressa-te a montar a cavalo e regressar para junto do teu senhor.

Jacques saudou o magistrado e afastou-se sem responder mas dizendo para si mesmo: “Olha a desavergonhada!, a atrevida! Estaria então escrito lá no alto que outro dormiria com ela e que seria Jacques a pagar? Vamos, Jacques, consola-te. Não estás já bastante contente por haver recuperado a tua bolsa e o relógio do teu senhor, e por tão baixo preço?”

Jacques monta novamente a cavalo e atravessa o aglomerado de gente que se formara à volta da casa do magistrado, mas como não podia levar a bem que tanta gente o tomasse por um velhaco, fez questão de tirar o relógio do bolso e de ver as horas, depois esporeou o cavalo, que não estava acostumado a tal, e que por isso partiu com uma rapidez ainda maior. O costume era deixá-lo ir conforme lhe desse na fantasia, porque não era fácil nem pará-lo quando galopava, nem apressá-lo quando caminhava lentamente. Cremos conduzir o nosso destino, mas é sempre ele que nos leva; e o destino para Jacques era tudo o que o tocava ou se aproximava, o seu cavalo, o seu senhor, um frade, um cão, uma mulher, uma mula, uma gralha. O seu cavalo conduzia-o à força de patas para

junto do seu senhor, que adormecera à beira do caminho, as rédeas do cavalo presas com uma volta no braço, como já vos tinha dito. Por essa altura o cavalo estava seguro pelas rédeas, mas quando Jacques chegou, as rédeas estavam no mesmo sítio, mas já não prendiam cavalo nenhum. Um malandro tinha-se aparentemente aproximado do dorminhoco, tinha cortado as rédeas com toda a suavidade, e levado o animal. Com o barulho do cavalo de Jacques, o seu senhor despertou e as suas primeiras palavras foram “Aproxima-te, aproxima-te, grosseirão! Vou-te...”. Aí pôs-se a bocejar escancaradamente.

- Boceje, boceje, senhor, tudo o que lhe apetecer – disse-lhe Jacques -, mas onde está o vosso cavalo?

- O meu cavalo?

- Sim, o vosso cavalo.

O senhor, apercebendo-se logo de que lhe tinham roubado o cavalo, dispunha-se a atirar-se a Jacques, batendo-lhe forte e feio com os arreios, quando Jacques lhe disse: “Calma, senhor, hoje não estou com disposição de deixar que me batam; o primeiro golpe ainda recebo, mas juro-lhe que ao segundo dou de esporas e deixo-vos aqui...”

Esta ameaça de Jacques fez baixar subitamente o furor do seu senhor, que lhe disse com um tom mais doce: “E o meu relógio?”

- Ei-lo.

- E a tua bolsa?

- Ei-la.

- Demoraste muito.

- Não foi assim tanto, para tudo o que fiz. Ouça bem. Fui lá. Bati-me. Amotinei todos os camponeses do campo. Amotinei todos os habitantes da cidade. Fui preso como salteador da estrada real. Fui levado ao juiz, suportei dois interrogatórios, quase que fiz enforcar dois homens. Fiz despedir um criado, fiz expulsar uma criada, convenceram-me de que dormi com uma criatura que nunca tinha visto e que no entanto tive de pagar. E estou de volta.

- E eu aqui à espera...

- Ao esperar-me, estava escrito lá em cima que vós acabaríeis por adormecer e que vos roubariam o vosso cavalo. Deixe lá, senhor, não pensemos mais nisso! É um cavalo perdido e talvez esteja escrito lá em cima que o encontraremos.

- O meu cavalo! O meu pobre cavalo!

- Mesmo que continue a queixar-se até amanhã, não estará nem mais nem menos perdido.

- Que vamos fazer?

- Vou-vos levar à garupa ou, se preferir, descalçamos as botas, atamo-las à sela do meu cavalo, e prosseguiremos o nosso caminho a pé.

- O meu cavalo! O meu pobre cavalo!

Tomaram o partido de ir a pé, o senhor chorando de tempos a tempos “O meu cavalo! O meu pobre cavalo!”, e Jacques parafraseando o resumo das suas aventuras. Quando chegou à parte da acusação da rapariga, o senhor disse-lhe:

- A sério, Jacques, não te deitaste com essa rapariga?

JACQUES – Não, senhor.

O SENHOR – E pagaste-lhe?

JACQUES – Com certeza.

O SENHOR – Houve uma vez na minha vida em que fui tão infeliz como tu.

JACQUES – Pagou depois de fornicar?

O SENHOR – Tu o disseste.

JACQUES – Não me contareis a história?

O SENHOR – Antes de entrar na história dos meus amores, é preciso sair da história dos teus. Ora bem, Jacques, e os teus amores que eu pensava que tinham sido os primeiros e únicos da tua vida, não obstante a aventura com a criada do Intendente Geral de Conches porque, mesmo que tenhas dormido com ela, não serias por isso o seu apaixonado. Dormimos todos os dias com mulheres que não amamos e não é todos os dias que dormimos com as mulheres que amamos. Mas...

JACQUES – Ora bem, mas?... Mas quê?

O SENHOR – O meu cavalo!... Jacques, meu amigo, não te zanges; põe-te no lugar do meu cavalo, imagina que te perdi e diz-me se não me estimarias ainda mais se me ouvisses chorar “Meu Jacques, meu pobre Jacques!”

Jacques sorriu e disse: “Acho que ia no diálogo do meu hospedeiro e da sua mulher durante a noite que se seguiu ao meu primeiro penso. Descansei um pouco. O meu hospedeiro e a mulher levantaram-se mais tarde do que o costume.

O SENHOR – Acredito.

JACQUES – Quando me despertei, entreabri devagarinho as cortinas, e vi o meu hospedeiro, a sua mulher e o cirurgião em conferência secreta ao pé da janela. Depois do que tinha ouvido durante a noite, não me foi difícil adivinhar do que se tratava. Tossi. O cirurgião disse ao marido: “Já acordou. Compadre, vamos descer à cave e beberemos um gole, isso torna a mão certa; de seguida, retiro-lhe o penso. Depois decidiremos o resto.”

Garrafa chegada, garrafa esvaziada, porque, na gíria da arte, beber um gole é esvaziar pelo menos uma garrafa, o cirurgião aproximou-se da minha cama e disse-me “Como é que passou a noite?”

- Não foi má.

- O seu braço... Bom, bom... o pulso não está mau, quase já não tem febre. É preciso ver esse joelho. “Vamos, comadre – disse à hospedeira que estava de pé junto da minha cama, atrás da cortina, dê-nos uma ajuda...” A hospedeira chamou um dos filhos. “Não é de uma criança o que precisamos, é de si, um movimento em falso e arranjava-nos trabalhos para um mês. Chegue aqui...” A hospedeira aproximou-se, de olhos baixos... “Segure nesta perna, a boa, eu encarrego-me da outra. Devagarinho, devagarinho. Para mim, ainda um pouco mais para mim. Amigo, volte o corpo um pouco mais para a direita, para a direita digo-lhe eu, e já lá estamos...”

Eu agarrava-me ao colchão com ambas as mãos, rilhava os dentes, o suor corria-me ao longo da cara. “Amigo, isto não é nada agradável”.

- Bem o sinto.

- Já está, comadre, largue a perna, pegue na almofada, aproxime a cadeira e ponha-lhe a almofada em cima; está demasiado perto... um pouco mais afastada... Amigo, dê-me a mão, aperte-a com força.

Compadre, ponha-se entre a cama e a parede e segure-o por baixo dos braços. Às maravilhas. Compadre, ainda sobra alguma coisa na garrafa?

- Não.

- Ponha-se no lugar da sua mulher, e que ela vá buscar outra... Bom, bom, encha até acima... Mulher, deixe o seu homem onde ele está e venha para o pé de mim...” A hospedeira voltou a chamar um dos filhos. “Eh, que o diabo a carregue, já lho disse, o que precisamos agora não é de uma criança. Ponha-se de joelhos, passe a mão por debaixo da barriga da perna. Comadre, está a tremer como se tivesse sofrido um golpe tremendo; vamos lá, coragem... A esquerda, por baixo da coxa, aí, por cima da ligadura... Muito bem!...” Eis as costuras cortadas, as bandas desenroladas, o penso tirado e a minha ferida a descoberto. O cirurgião apalpa por cima, por baixo, de lado, e cada vez que me toca diz: “Ignorante! Burro! Malcriação! e ainda por cima se atreve a fazer cirurgia! Esta perna uma perna para cortar? Durará tanto uma como a outra, isso garanto-lho eu.

- Vou ficar bem?

- Já curei muitos outros.

- Vou andar?

- Há-de andar.

- Sem coxear?

- Isso agora é outra coisa. Diabo, meu amigo, por onde é que já vai? Não lhe chega que lhe tenha salvo a perna? De qualquer modo, se coxear será pouca coisa. Gosta de dançar?

- Muito.

- Se caminhar um pouco menos bem, dançará ainda melhor... Comadre, vinho quente... Não, primeiro o outro, só mais um copinho e o nosso penso não ficará pior por isso.

Bebe. Trazem o vinho quente, desinfectam, refazem-me o penso, deitam-me na cama, exortam-me a dormir se puder, correm as cortinas: acaba-se a garrafa que fora encetada, mandam subir outra, e retoma-se a conferência entre o cirurgião, o hospedeiro e a hospedeira.

O HOSPEDEIRO – Compadre, isto ainda vai durar muito?

O CIRURGIÃO – Muito tempo... À sua, compadre.

O HOSPEDEIRO – Mas quanto? Um mês?

O CIRURGIÃO – Um mês? Ponha-lhe dois, três, quatro, quem o pode saber? A rótula está destruída, o fémur, a tíbia... À sua, comadre.

O HOSPEDEIRO – Quatro meses! Misericórdia! Mas para quê recebê-lo aqui? Que diabo é que ela fazia à porta?

O CIRURGIÃO – À minha, porque trabalhei bem.

A HOSPEDEIRA – Meu amigo, lá estás tu outra vez, às voltas com o mesmo. Não é o que me tinhas prometido esta noite; mas paciência, ainda te hás-de arrepender.

O HOSPEDEIRO – Mas diz-me, e agora o que é fazemos deste homem? Ainda se o ano não tivesse sido tão mau!...

A HOSPEDEIRA – Se quiseres, vou a casa do padre.

O HOSPEDEIRO – Se puseres lá os pés, encho-te de pancada.

O CIRURGIÃO – Mas porquê, compadre? A minha vai lá muitas vezes.

O HOSPEDEIRO – O problema é seu.

O CIRURGIÃO – À minha afilhada; como é que ela vai?

A HOSPEDEIRA – Muito bem.

O CIRURGIÃO – Vamos, compadre, à sua mulher e à minha. São duas boas mulheres.

O HOSPEDEIRO – A sua é mais esperta; e não teria feito o disparate...

A HOSPEDEIRA – Mas, compadre, também há as irmãs de caridade.

O CIRURGIÃO – Ah! Comadre! um homem, um homem metido nas irmãs de caridade! E depois existe uma pequena dificuldade um bocadinho maior que um dedo... Bebamos às irmãs, que são boas raparigas.

A HOSPEDEIRA – Mas qual é a dificuldade?

O CIRURGIÃO – O seu homem não quer que vá a casa do padre e a minha mulher não quer que eu vá a casa das irmãs... Mas, compadre, mais um copo, isso talvez nos dê um bom conselho. Já perguntou ao homem? Pode ser que não esteja sem recursos.

O HOSPEDEIRO – Um soldado!

O CIRURGIÃO – Um soldado tem pai, mãe, irmãos, irmãs, parentes, amigos, alguém debaixo do céu... Bebamos ainda outro copo, afastem-se e deixem-me proceder à minha maneira.

Assim foi, à letra, a conversa do cirurgião, do hospedeiro e da hospedeira; mas que outro interesse eu lhe poderia dar se introduzisse um celerado entre esta boa gente? Jacques seria visto, ou vós teríeis visto Jacques no momento em que seria arrancado da cama e atirado para a estrada real ou para uma cova. - Porque não assassinado? - Assassinado, não. Eu arranjaría maneira de chamar alguém em seu socorro, esse

alguém teria sido um soldado da sua companhia; mas isso tresandaria a *Cleveland*⁸. A verdade, a verdade; a verdade, dir-me-eis, é muitas vezes fria, comum e sem interesse. Por exemplo, a sua última narração do penso de Jacques é verdadeira, mas que é que ela tem de interessante? Nada. - De acordo. - Se é preciso ser verdadeiro, é como Molière, Regnard, Richardson, Sedaine, a verdade tem os seus aspectos graciosos que se apreendem quando se tem génio. - Sim, quando se tem génio; e quando não se tem? - Quando não se tem, não faz falta escrever. - E se por acaso se parecesse com um certo poeta que enviei a Pondichéry?... Quem é este poeta? - Este poeta...

Mas, leitor, se me interrompe, e se eu me interrompo a mim próprio a todo o instante, que acontecerá com os amores de Jacques? Acreditem-me, deixemos aqui o poeta. O hospedeiro e a hospedeira afastaram-se... Não, não, a história do poeta de Pondichéry, a história do poeta de Pondichéry. - Um dia chegou até mim um jovem poeta, como me acontece todos os dias... Mas, leitor, que relação existe com a viagem de Jacques, o fatalista, e do seu senhor?... A história do poeta de Pondichéry. - Depois dos elogios habituais acerca do meu espírito, o meu génio, o meu gosto, a minha bondade, e outras ditos de que não acredito numa só palavra, apesar de mos repetirem há mais de vinte anos, e talvez de boa fé, o jovem poeta tirou um papel do bolso; são versos, diz-me ele. - Versos! - Sim, senhor, e acerca dos quais espero que tenha a bondade de me dar a sua opinião. - Quer que lhe diga a verdade? - Sim, senhor, é o que lhe peço. - Vai sabê-la. - O quê! é suficientemente idiota para acreditar que um poeta vem ter consigo para procurar a verdade? - Sim. - E para lha dizer? - Com certeza. - Sem delicadezas? - Sem dúvida; a delicadeza mais refinada não seria mais que uma ofensa grosseira;

8 Romance do abade Prévost. (N. do T.)

fielmente interpretada, significaria: é um mau poeta; e como não o acho suficientemente robusto para aguentar a verdade, não lha digo. - E a franqueza tem resultado sempre consigo? - Quase sempre... Leio os versos do meu jovem poeta, e digo-lhe: Os seus versos não são apenas maus, mas demonstram-me que nunca fareis bons. - É pois preciso que me arme em mau, porque não conseguiria impedir-me de o ser. - Eis uma terrível maldição! Imaginais vós, senhor, em que aviltamento acabará por cair? Nem os deuses, nem os homens, nem as colunas, perdoaram alguma vez a mediocridade aos poetas; é Horácio quem o diz. - Eu sei. - É rico? - Não. - É pobre? - Muito pobre. - E ainda vai juntar à pobreza o ridículo de mau poeta; tereis perdido toda a vossa vida, estareis velho. Velho, pobre e mau poeta, ah! senhor, que personagem! - Acredito que sim, mas sou levado a isso mesmo contra a minha vontade... (Aqui Jacques teria dito: Mas isso está escrito lá em cima.) - Tem parentes? - Tenho. - Qual a profissão deles? - São joalheiros. - Seriam eles capazes de fazer alguma coisa por vós? - Talvez. - Ora bem, visitai os vossos parentes, proponha-lhes que lhe confiem algumas bugigangas. Embarque para Pondichéry e vá fazendo maus versos pelo caminho; quando lá chegar fará fortuna. Fortuna feita, voltareis para fazer aqui tantos maus versos quantos vos apeteça, desde que não os mande imprimir, porque não é preciso arruinar ninguém... Há coisa de doze anos que eu tinha eu dado esse conselho ao jovem, quando me apareceu; não o reconhecia. - Sou eu, senhor, que vós mandastes a Pondichéry. Lá fiquei, ganhei uma centena de milhar de francos. Regressei, pus-me a fazer versos e eis que vo-los trago... Ainda são maus? - Sempre, mas a sua sorte mudou, e agora acho que deve continuar a escrever maus versos. - É isso mesmo o que tenho em mente...

E, aproximando-se o cirurgião da cama de Jacques, este não lhe deu tempo para falar. Ouvi tudo – disse-lhe...

Depois, dirigindo-se ao seu senhor, acrescentou... Ou melhor, ia acrescentar quando o seu senhor o interrompeu. Estava cansado de caminhar, sentou-se à beira do caminho, a cabeça virada para um viajante que avançava do seu lado, a pé, as rédeas do cavalo que o seguia presas por uma volta no braço.

Ainda vai o leitor pensar que este cavalo era o que tinham roubado ao senhor de Jacques, e estará enganado. É o que aconteceria num romance, um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde, desta maneira ou daquela; mas isto não é um romance, acho que já vos disse e repito mais uma vez. O senhor disse a Jacques:

- Vês aquele homem que vem na nossa direcção?

JACQUES – Vejo.

O SENHOR – O seu cavalo parece-me bom.

JACQUES – Servi em infantaria, não percebo disso.

O SENHOR – Eu comandeie em cavalaria e percebo disso.

JACQUES – E?...

O SENHOR – Queria que fosses propor àquele homem que no-lo ceda, pagando, como é evidente.

JACQUES – Parece-me um pouco absurdo, mas vou mesmo assim. Quanto é que quer gastar?

O SENHOR – Até cem escudos...

JACQUES, depois de recomendar ao seu senhor que não adormecesse, vai ao encontro do viajante, propõe-lhe a venda do cavalo, paga-o e trá-lo consigo. “Ora bem, Jacques – disse-lhe o seu senhor, se tens os teus pressentimentos, eu também tenho os meus. Este cavalo é bonito, o

vendedor jurou-te que não tinha defeitos, mas em matéria de cavalos todos os homens são aldrabões.

JACQUES – E em que é que não são?

O SENHOR – Monta-lo tu e cedes-me o teu.

JACQUES – De acordo.

Eis portanto os dois a cavalo, e Jacques acrescentando:

“Quando deixei a minha casa, o meu pai, a minha mãe e o meu padrinho tinham-me dado qualquer coisa, cada um segundo as suas fracas possibilidades; e eu tinha de reserva cinco luíses que o João, o meu irmão mais velho, me tinha oferecido antes de partir para a sua infeliz viagem a Lisboa.”

Aqui Jacques pôs-se a chorar e o seu senhor a recordar-lhe que isso estava escrito lá em cima.

JACQUES - É verdade, senhor, já o disse cem vezes a mim próprio, e nem assim consigo deixar de chorar.

Depois, eis que Jacques soluça e chora cada vez com mais força, e o seu senhor que toma rapé e que vê no relógio que horas são. Depois de pôr as rédeas do cavalo nos dentes e enxugado os olhos com as duas mãos, Jacques continuou:

“Com os cinco luíses do meu irmão, o meu soldo e os presentes dos meus parentes e amigos, tinha já uma bolsa de que ainda não retirara um óbulo que fosse. Achei que esse pecúlio me vinha mesmo a calhar, que é que achais, meu senhor?”

O SENHOR – Era impossível que ficasses mais tempo na cabana.

JACQUES – Mesmo pagando.

O SENHOR – Mas o que é que o teu irmão João foi fazer a Lisboa?

JACQUES – Parece-me que estais a fazer o que podeis para me fazer perder o fio à meada. Com as vossas perguntas, teremos dado a volta ao mundo antes mesmo de ter chegado ao fim dos meus amores.

O SENHOR – Que é que isso importa, desde que tu fales e eu escute? Não são esses os dois pontos importantes? Ralhas, quando devias era agradecer-me.

JACQUES – O meu irmão tinha ido a Lisboa em busca de repouso. João, o meu irmão, era um rapaz com espírito; foi o que o perdeu; teria sido melhor para ele que ficasse um parvo como eu; mas estava escrito lá em cima. Estava escrito lá em cima que o monge mendicante dos Carmelitas que em cada estação vinha à nossa aldeia pedir ovos, lã, cânhamo, fruta, vinho, desencaminharia João, o meu irmão, e que João, o meu irmão, tomaria o hábito de monge.

O SENHOR – João, o teu irmão, foi Carmelita?

JACQUES – Sim, senhor, e Carmelita descalço. Era activo, inteligente, chicaneiro, era o advogado consultor da aldeia. Sabia ler e escrever, e desde a sua juventude que se ocupava a decifrar e copiar velhos pergaminhos. Passou por todas as funções da Ordem, sucessivamente porteiro, escanção, jardineiro, sacristão, adjunto do procurador e banqueiro; da maneira como ia lançado, teria feito a fortuna de todos nós. Casou e casou bem duas das nossas irmãs e algumas outras raparigas da aldeia. Não passava pelas rua sem que os pais, as mães e os filhos fossem ter com ele e lhe gritassem: “Bom dia, irmão João; como é que tem passado irmão João?” É garantido que quando entrava numa casa, a bênção do Céu entrava com ele, e que se morava lá uma rapariga, dois meses depois da sua visita já estaria casada. Pobre irmão João! foi a

ambição que o perdeu. O procurador da casa, a quem o tinham dado como adjunto, estava velho. Os monges disseram que ele decidira suceder-lhe depois da sua morte, que para o efeito falsificava os registos da comunidade. Era preciso algum papel? Era preciso um mês para o encontrar, embora muitas vezes nunca se encontrasse. Os padres desvendaram o artifício do irmão João e a finalidade do mesmo; levaram a coisa a sério, e o irmão João, em lugar de se tornar procurador como se vangloriava, ficou reduzido a pão e água, e fustigado até comunicar a outro o segredo dos seus arquivos. Os monges são implacáveis. Quando sacaram do irmão João todos os esclarecimentos de que precisavam, fizeram dele carregador do carvão para o laboratório onde se destila a aguardente do Carmelo. Irmão João, antes banqueiro da Ordem e ajunto do procurador, e agora carvoeiro! O irmão João tinha sentimentos, não pôde suportar esta perda de importância e de esplendor, e não esperou senão por uma ocasião de se subtrair a esta humilhação.

Foi então que chegou à mesma casa um jovem Padre que passava por ser o supra-sumo da Ordem no tribunal e no púlpito; chamava-se o Padre Ângelo. Tinha lindos olhos, uma bela expressão, braços e mãos dignas de um modelo. Ei-lo que prega, prega, confessa, confessa; eis os velhos directores espirituais privados das suas devotas, eis estas devotas afeiçoadas ao jovem Padre Ângelo; eis que pelas vésperas de domingo e das grandes festas, a loja do Padre Ângelo está cercada por arrependidos e arrependidas, e que os velhos Padres aguardam inutilmente pela freguesia nas suas lojas desertas, o que os contristava sobremaneira... Mas, meu senhor, se eu deixasse por aqui a história do irmão João e retomasse a dos meus amores, era capaz de ser mais alegre.

O SENHOR – Não, não, tomemos um pouco de rapé, vejamos que horas são, e continua.

JACQUES – De acordo, já que é a vossa vontade...

Mas o cavalo de Jacques foi de outra opinião, pega no freio pelos dentes, e precipita-se num atoleiro. Por mais que Jacques apertasse os joelhos e lhe pusesse a rédea curta, mais dentro do atoleiro o teimoso animal se metia, e pôs-se a subir à força de patas um montículo onde sem mais se imobilizou, e onde Jacques, olhando à sua volta, se vê entre colunas patibulares.

Um outro que não fosse eu, leitor, não deixaria de guarnecer estas forcas com as suas presas e de proporcionar a Jacques uma triste surpresa. Se eu vo-lo dissesse, talvez me acreditassem, porque há acasos mais singulares, mas a coisa nem assim seria mais verdadeira; estas colunas estavam vazias.

Jacques deixou o seu cavalo recobrar fôlego, que por si só voltou a descer o monte, subiu o atoleiro e pôs novamente Jacques ao lado do seu amo, que lhe disse: “Ah, meu amigo, que susto me deste! já te dava por morto... mas pareces nas nuvens; em que pensas?”

Jacques – No que encontrei lá em cima.

O SENHOR – E então o que é que encontraste?

JACQUES – Colunas patibulares, uma forca.

O SENHOR – Oh diabo! isso é de mau augúrio; mas lembra-te da tua doutrina. Se isso está escrito lá em cima, por mais que faças serás enforcado, meu caro amigo, e se isso não estiver escrito lá em cima, o cavalo ter-te-á mentido. Se este animal não está inspirado, então é porque é sujeito a repentes e é preciso ter cuidado com ele.

Depois de um momento de silêncio, Jacques esfregou a testa e puxou pelas orelhas, como faz quem quer afastar de si uma ideia incómoda, e, de repente, retomou:

“Os velhos monges formaram conselho entre eles e resolveram, a qualquer preço e por qualquer meio, desfazer-se do jovem empecilho que os humilhava. Sabeis o que é que eles fizeram?... Meu senhor, não me está a ouvir...

O SENHOR – Estou-te a ouvir, estou-te a ouvir. Continua.

JACQUES - Aliciaram o porteiro, que era um velho malandro como eles. Este velho malandro acusou o jovem Padre de ter tomado liberdades com uma das suas devotas, e declarou por juramento que ele próprio o tinha visto. Talvez fosse verdade, talvez fosse mentira, quem sabe? O que é engraçado, é que no dia seguinte a esta acusação, o prior da casa foi citado em nome de um cirurgião para pagar os remédios que tinha administrado e os cuidados que tinha prestado ao celerado desse porteiro, por ocasião de uma doença venérea... Meu senhor, não me está a ouvir e vejo que estais distraído, aposto que é por causa das colunas patibulares.

O SENHOR – Não seria capaz de te desmentir.

JACQUES – Vejo os seus olhos pregados em mim. Será que estou com um ar sinistro?

O SENHOR – Não, não.

JACQUES – É como quem diz que sim, que sim. Ora bem, se vos faço medo, basta que nos separemos.

O SENHOR – Vamos lá, Jacques, está a perder a razão. Será que não está seguro de si próprio?

JACQUES – Não, meu senhor: e quem é que pode estar seguro de si próprio?

O SENHOR – Qualquer homem de bem. Será que Jacques, o honesto Jacques, não aprecia estar afastado do crime e dos seus horrores?... Vamos, Jacques, acabemos esta disputa e retomemos a sua narrativa.

JACQUES – Em consequência desta calúnia ou maledicência do porteiro, acharam-se com autoridade para fazer mil diabruras, mil maldades, ao pobre do Padre Ângelo, que pareceu perder o juízo. Chamaram então um médico, que subornaram, e que atestou que aquele religioso estava louco e que tinha necessidade de respirar o ar natal. Se a questão fosse unicamente de afastar ou de fechar à chave o Padre Ângelo, seria coisa a ser feita de imediato, mas entre as devotas que o idolatravam, havia grandes damas que era preciso convencer. Falaram-lhes do seu director espiritual com uma comiseração hipócrita: “Ai!, coitadinho do Padre, que grande pena! era a águia da nossa comunidade. - Que é que lhe aconteceu?” A esta questão respondiam apenas soltando um profundo suspiro, levantando os olhos ao céu; se insistiam, baixavam a cabeça e calavam-se. A esta macacada juntavam algumas vezes “Meu Deus!, que vai ser de nós!... Ainda tem momentos surpreendentes, intervalos de lucidez. Pode ser que esta volte, mas a esperança é pouca... Que perda para a religião!...” Ao mesmo tempo, redobravam de maldade, não houve nada que não tenham tentado para levar o Padre Ângelo ao ponto onde propalavam que ele se encontrava, e tê-lo-iam conseguido se o irmão Jean não se apiedasse dele! Que mais lhe direi? Um dia em que já estávamos a dormir, ouvimos bater à porta, levantámo-nos e abrimos a porta ao Padre Ângelo e ao meu irmão, disfarçados. Passaram o dia seguinte dentro de casa; foram-se embora logo pela alvorada seguinte. Iam de mãos bem providas, porque o João, ao abraçar-me, disse: “Casei

as tuas irmãs; se tivesse ficado no convento mais dois anos do que os que lá passei, tu serias um dos grandes proprietários do cantão, mas tudo mudou e eis o que posso agora fazer por ti. Adeus, Jacques, se tivermos sorte, o Padre e eu, tu serás também beneficiado...”, e depois deixou-me na mão os cinco luíses de que já lhe falei, com outros cinco para a última das raparigas da aldeia que tinha casado, e que tinha dado à luz um robusto rapaz que se parecia com o irmão João como duas gotas de água.

O SENHOR (com a tabaqueira aberta e o relógio outra vez no sítio) – E o que é que foram fazer a Lisboa?

JACQUES – Esperar um terramoto que não podia acontecer sem eles ficarem esmagados, engolidos, queimados, como estava escrito lá em cima.

O SENHOR – Ah! Frades! Frades!

JACQUES – O melhor não vale grande coisa.

O SENHOR – Sei-o melhor que tu.

JACQUES – Também passou pelas mãos deles?

O SENHOR – Noutro dia te contarei.

JACQUES – Mas porque será que eles são tão maus?

O SENHOR – Creio que é porque são frades. E agora voltamos aos teus amores.

JACQUES – Não, meu senhor, não voltamos.

O SENHOR – Já não me queres contar a tua história?

JACQUES – Eu quero sempre, mas o destino, o destino é que não quer. Não vê que sempre que eu abro a boca o diabo mete-se no assunto e

sucede sempre algum incidente que me corta a palavra? Não conseguirei acabar a história, é o que lhe digo, está escrito lá em cima.

O SENHOR – Tenta, meu amigo.

JACQUES – Mas se começásseis a história dos vossos, talvez isso quebrasse o sortilégio e de seguida os meus corressem melhor. Tenho cá para mim que uma coisa tem a ver com a outra. Olhe, senhor, parece-me algumas vezes que é o destino que me fala.

O SENHOR – E quando o ouves encontras-te bem?

JACQUES – Mas sim, é testemunha o dia em que me disse que o seu relógio estava às costas do bufarinheiro...

O senhor pôs-se a bocejar, ao bocejar punha a mão na tabaqueira, ao pôr a mão na tabaqueira olhava ao longe, e olhando ao longe disse a Jacques: “Não vês qualquer coisa à tua esquerda?”

JACQUES – Sim, e aposto que é qualquer coisa que nem vai querer que eu continue a minha história nem que vós comeceis a vossa...

Jacques tinha razão. Como a coisa que eles viam vinha para eles e eles iam para ela, estas duas marchas em sentido contrário abreviaram a distância e dentro em pouco aperceberam-se de um carro funerário envolto em panos negros, puxado por quatro cavalos tapados com gualdrapas negras que os envolviam da cabeça aos pés; atrás, dois criados de negro, atrás deles dois outros também vestidos de negro, cada um em cima de um cavalo negro encarapuçado de negro; na boleia um cocheiro negro, um chapéu mais alto de um lado que do outro, envolto num longo crepe que pendia ao longo do ombro esquerdo. Este cocheiro tinha a cabeça baixa, conduzia como calhava, e em vez de ser ele a conduzir, era mais os cavalos quem de facto conduzia. Eis os nossos dois

viajantes chegados ao pé desta viatura fúnebre. Nesse instante, Jacques solta um grito, cai mais do que desce do cavalo, arranca os cabelos e rola por terra, gritando: “O meu capitão! meu pobre capitão! É ele, não haja dúvida, estas são as suas armas...” Com efeito, estava no carro um caixão debaixo de um manto mortuário, em cima do manto mortuário uma espada com um cordão, e ao lado do caixão um padre com o breviário na mão e salmodiando. O carro seguia em frente. Jacques ia atrás, lamentando-se, o senhor seguia Jacques a praguejar, e os criados asseguravam a Jacques que o cortejo era mesmo o do seu capitão, falecido na cidade vizinha, de onde o trasladavam para a sepultura dos seus antepassados. Desde que este militar se vira privado, pela morte de outro militar seu amigo, da satisfação de se bater em duelo pelo menos uma vez por semana, caíra numa melancolia que o extinguiu ao fim de alguns meses. Jacques, depois de ter prestado ao seu capitão o tributo de elogios, saudades e lágrimas que lhe devia, pediu perdão ao seu senhor, voltou a montar a cavalo e seguiram em silêncio.



Mas, por Deus, diz-me o leitor, para onde é que eles iam?... Mas, por Deus, leitor, respondo-lhe eu, será que se pode saber para onde é que se vai? E vós, onde é que ides? Será preciso que lhe lembre a aventura de Esopo? O seu dono Xantippe disse-lhe num dia de Verão ou de Inverno, porque os gregos tomavam banho em todas as estações: “Esopo, vai aos banhos; se houver pouca gente tomaremos banho.” Esopo sai. No caminho encontra a patrulha de Atenas... “Onde é que vais?” - Onde é que vou?, responde Esopo, não faço a mínima ideia. - Não fazes a mínima ideia? Já para a prisão.” - “Então!, retomou Esopo, não é verdade que respondi bem quando disse que não fazia a mínima ideia para onde ia? Eu queria ir aos banhos, e afinal vou para a prisão.”

Jacques seguia o seu senhor como vós o vosso. O seu senhor seguia o seu como Jacques o seguia a ele. - Mas, quem era o senhor do senhor de Jacques? - Bom, haverá falta de senhores neste mundo? O senhor de Jacques tinha cem para um, tal como vós. Mas entre tantos senhores do senhor de Jacques não havia nenhum que fosse bom, porque mudavam de dia para dia. - Era homem. - Homem entusiasta como vós, leitor; homem curioso como vós, leitor; homem importuno como vós, leitor. - E porque perguntava ele? - Boa pergunta! Perguntava para aprender e para reflectir, como vós, leitor. - O senhor disse a Jacques: “Não me pareceis disposto a retomar a história dos teus amores.

JACQUES – Meu pobre capitão! Vai para onde iremos todos, e é muito extraordinário que não lhe tivesse acontecido mais cedo. Ai!... Ai!...

O SENHOR – Mas, Jacques, está a chorar, acho eu?... Chore sem constrangimento, porque pode chorar sem vergonha; a sua morte liberta-o das conveniências e escrúpulos que o limitariam durante a sua vida. Para esconder a sua pena, já não tem as mesmas razões que teria para esconder a sua felicidade. Ninguém daria às suas lágrimas a interpretação

que teria a sua alegria. Perdoa-se à infelicidade. E depois, neste momento é preciso ou mostrar-se sensível ou ser ingrato, e, vistas bem as coisas, é melhor mostrar uma fraqueza que deixar entrever um vício. Eu quero que o seu desgosto seja livre para ser menos doloroso, quero-o violento para que dure menos tempo. Lembre-se, exagere em si próprio o que ele era, a sua penetração a sondar as matérias mais profundas, a sua subtileza a discutir as mais delicadas, o gosto sólido que dedicava às mais importantes, a fecundidade que emprestava às mais estéreis; com que arte ele defendia os acusados, a sua indulgência dava-lhe mil vezes mais astúcia que o interesse ou o amor próprio dariam ao culpado; não era severo a não ser com ele próprio. Longe de procurar desculpas para os erros ligeiros que cometia, ocupava-se com toda a malvadez de um inimigo em exagerá-los, e com toda a acutilância de um invejoso a rebaixar o valor das suas virtudes por um severo exame dos motivos que talvez o tivessem determinado sem ele se dar conta. Não ponha aos seus queixumes nenhum prazo que não seja o próprio tempo a fixar. Submetamo-nos à ordem universal sempre que perdemos os nossos amigos, como nos submeteremos quando lhe aprouver dispor de nós. Aceitemos a sentença do destino que os condena, sem desespero, como a aceitaremos sem resistência quando se pronunciar contra nós. Os deveres da sepultura não são os últimos deveres dos amigos. A terra que se revolve neste momento fechar-se-á sobre o túmulo do seu amante, mas a sua alma guardará sempre o seu calor.

JACQUES – Meu senhor, tudo isso é muito bonito, mas a que diabo é que isso vem agora? Perdi o meu capitão, fiquei desolado, e atirais-me, como a um papagaio, a consolação de um homem ou de uma mulher a uma outra mulher que perdeu o seu amante.

O SENHOR – Creio que é de uma mulher.

JACQUES – Eu creio que é de um homem. Mas, que seja de um homem ou de uma mulher, mais uma vez, a que diabo é que isso vem agora? Será que me toma pela amante do meu capitão? O meu capitão, meu senhor, era um homem sério; e eu sempre fui um rapaz honesto.

O SENHOR – Jacques, e quem é que põe isso em causa?

JACQUES – Por que diabo é que voltais à vossa consolação de um homem ou de uma mulher a outra mulher? Tanto perguntarei que talvez acabe por mo dizer.

O SENHOR – Não, Jacques, isso é preciso que o descubra por si próprio.

JACQUES – Mesmo que pense nisso para o resto da vida, nem assim adivinharei, andarei nisto até ao Juízo Final.

O SENHOR – Jacques, acho que escutou com atenção o que lhe disse.

JACQUES – Pode-se recusá-la ao ridículo?

O SENHOR – Muito bem, Jacques.

JACQUES – Pouco faltou para que eu perdesse o decoro escrupuloso que me tolhia em vida do meu capitão e de que me livreí com a sua morte.

O SENHOR – Muito bem, Jacques. Consegui, então, aquilo a que me propus. Diga lá se era possível arranjar melhor maneira de o consolar? Chorava: se eu lhe falasse do objecto da sua dor, o que é que teria acontecido? Teria chorado ainda com mais força e eu teria acabado por o desolar. Fi-lo pensar noutras coisas pelo ridículo da minha oração fúnebre e pela pequena querela que se lhe seguiu. Concordemos agora que a recordação do seu capitão está tão longe de si como o carro funerário que o leva ao seu último domicílio. Portanto, acho que já pode prosseguir com a história dos seus amores.

JACQUES – Também acho.

“- Doutor, disse eu ao cirurgião, mora longe de aqui?

- A um bom quarto de légua, pelo menos.

- Os seus alojamentos são cómodos?

- Muito cómodos.

- Poderia dispor de uma cama?

- Não.

- O quê? Nem mesmo pagando, e pagando bem?

- Oh, pagando, e pagando bem, desculpe-me lá. Mas, meu amigo, não me parece nada em estado de pagar, e ainda menos de pagar bem.

- O problema é meu. E beneficiaria eu um pouco dos seus cuidados?

- Claro. Tenho a minha mulher que cuidou de doentes toda a sua vida; tenho a minha filha mais velha que corta o cabelo a todos os que chegam, e que vos faz um penso tão bem como eu.

- Quanto é que me levaria pelo alojamento, alimentação, e pelos seus cuidados?

O cirurgião disse, coçando a orelha:

- Pelo alojamento... a alimentação... os cuidados... Mas quem é que se responsabiliza pelo pagamento?

- Pagarei todos os dias.

- Isso é que é falar...”

Mas, senhor, creio que não me escutais.

O SENHOR – Não, Jacques; estava escrito lá em cima que desta vez tu falarias sem ser escutado, e que não seria a última vez.

JACQUES – Quando não se escuta aquele que fala, é porque não se pensa em nada, ou porque se pensa em coisa completamente diferente – qual era o caso?

O SENHOR – O último. Imaginava que um dos criados negros que seguiam o carro funerário te dizia que o teu capitão tinha sido privado, pela morte de um seu amigo, do prazer de se bater em duelo pelo menos uma vez por semana. Percebeste alguma coisa daquilo?

JACQUES – Com certeza.

O SENHOR – É para mim um enigma que te ficaria muito agradecido que me explicasses.

JACQUES – E que diabo é que tem a ver com isso?

O SENHOR – Pouca coisa, mas, quando falas, aparentemente queres que te escutem?

JACQUES – Não faz falta que o diga.

O SENHOR – Ora bem, em consciência não saberia responder-te enquanto esta frase incompreensível não me sair da cabeça. Livra-me dela, peço-te.

JACQUES – É para já, mas jure-me ao menos que desta vez não me volta a interromper.

O SENHOR – Seja lá como for, juro.

JACQUES – É que o meu capitão, bom homem, galante homem, homem de mérito, um dos melhores oficiais do regimento, mas homem um pouco heteróclito, tinha encontrado e feito amizade com outro oficial do mesmo

regimento, bom homem também, galante homem também, homem de mérito também, mas homem tão heteróclito como ele.

Jacques ia começar a história do seu capitão, quando ouviram uma tropa numerosa de homens e cavalos que seguiam atrás deles. Era o mesmo carro lúgubre que volvia atrás. Estava cercado... de guardas fiscais? - Não – De cavaleiros dos marechais de França?... - Talvez... O que quer que fosse, este cortejo vinha precedido por um padre em sotaina e sobrepeliz, as mãos atadas atrás das costas; do cocheiro negro, com as mãos atadas atrás das costas; e dos dois criados negros, com as mãos atadas atrás das costas. De quem foi a surpresa? Foi de Jacques, que gritou “Meu capitão, meu pobre capitão, não está morto! Deus seja louvado!” Isto fez Jacques. Depois Jacques vira as rédeas, pica de esporas, e avança a toda a pressa para a frente do pretenso cortejo. Ainda não chegara a trinta passos de distância, e já os guardas fiscais e os cavaleiros do marechal lhe apontam as armas e gritam “Pára, volta atrás ou morres...” Jacques parou imediatamente e consultou por um momento o destino na sua cabeça; achou que o destino lhe dizia “Volta atrás”, o que fez. O seu senhor disse-lhe: “Então, Jacques, que se passa?”

JACQUES – Palavra de honra, não faço ideia.

O SENHOR – E porquê?

JACQUES – Já não sei mais nada.

O SENHOR – Hás-de ver que são contrabandistas que tinham enchido o caixão com mercadorias proibidas e que foram denunciados à Fazenda pelos mesmos malandros que lhas venderam.

JACQUES – Mas então para quê a carruagem com as armas do meu capitão?

O SENHOR – Ou então foi um rapto. Teriam escondido no féretro, quem sabe, uma mulher, uma rapariga, uma religiosa. Não é o sudário que faz o morto.

JACQUES – Mas então para quê esta carruagem com as armas do meu capitão?

O SENHOR – Será o que tu quiseses; mas acaba-me a história do teu capitão.

JACQUES – Ainda não esqueceu esta história? Mas talvez que o meu capitão ainda esteja vivo.

O SENHOR – O que é que isso interessa?

JACQUES – Não gosto nada de falar dos vivos, porque de tempos a tempos fica-se sujeito a corar do bem ou do mal que deles se disse; do bem que eles estragam, do mal que remedeiam.

O SENHOR – Não sejas nem um panegirista insosso nem um censor amargo; diz as coisas como elas são!...

JACQUES – Isso não é assim tão fácil. Não tem cada um o seu carácter, os seus interesses, o seu gosto, as suas paixões, com as quais exagera ou atenua? Diz as coisas como elas são!... Isso talvez não aconteça nem duas vezes ao dia em toda uma grande cidade. E aquele que vos escuta estará mais disposto do que aquele que fala? Não. Onde é capaz de suceder que duas vezes no mesmo dia, em toda uma grande cidade, ouçam o que realmente foi dito.

O SENHOR – Que diabo, Jacques, essas são máximas para proibir o uso da língua e das orelhas; para não dizer nada, para não ouvir nada, e para não acreditar em nada! Todavia, fala como tu mesmo, que eu te escutarei como eu próprio, e acreditarei em ti da maneira que puder.

JACQUES – Se não se diz quase nada neste mundo que seja ouvido tal como foi dito, há ainda bem pior, é que não se faz quase nada que seja julgado tal como foi feito.

O SENHOR – Talvez não exista debaixo do céu outra cabeça que contenha tantos paradoxos como a tua.

JACQUES – E o que é isso teria de mal? Um paradoxo nem sempre é uma falsidade.

O SENHOR – É verdade.

JACQUES – Passávamos em Orléans, o meu capitão e eu. Só se falava na cidade de uma aventura recentemente acontecida a um cidadão chamado M. Le Pelletier, homem penetrado de uma tão profunda compaixão pelos infelizes, que depois de, à força de esmolas exageradas, ter reduzido uma fortuna bastante considerável ao mínimo do necessário, tinha ido de porta em porta pedir à bolsa dos outros as ajudas que já não estava em estado de extrair da sua.

O SENHOR – E tu crês que havia duas opiniões diferentes sobre a conduta desse homem?

JACQUES – Não entre os pobres, mas quase todos os ricos sem excepção o olhavam como uma espécie de louco, e pouco faltou para que os seus parentes o fizessem interditar como pródigo. Enquanto tomávamos qualquer coisa numa pousada, uma multidão de ociosos tinha-se junto em volta de uma espécie de orador, o barbeiro da rua, e diziam-lhe: “Você esteve lá, conte-nos como é que a coisa se passou”.

- De boa vontade – respondeu o orador lá do sítio, que não pedia mais do que perorar. - M. Aubertot, um dos meus clientes, na casa construída em frente à Igreja dos Capuchinhos, estava à porta. M. Le Pelletier aborda-o

e diz-lhe: “*Monsieur* Aubertot, não me daria nada para os meus amigos?”, porque é assim que ele chama aos pobres, como sabem.

“Hoje não, *monsieur* Pelletier.”

M. Le Pelletier insiste: “Se o senhor soubesse em favor de quem lhe solicito a sua caridade! É uma pobre mulher que acaba de dar à luz e que nem tem um farrapo para embrulhar o filho.

“Não sabia.”

“É um jovem e bela rapariga que não tem trabalho nem pão, e que a sua liberalidade salvará talvez da devassidão.”

“Não sabia.”

“É um servente de pedreiro que só tinha os braços para trabalhar e que acaba de partir uma perna ao cair de um andaime.”

“Não sabia, digo-lhe eu.”

“Vamos, *monsieur* Aubertot, tenha pena e esteja certo de que nunca poderá fazer uma acção mais meritória.”

“Não sabia, não sabia.”

“Meu bom, meu misericordioso *monsieur* Aubertot!...”

“*Monsieur* Le Pelletier, deixe-me em paz; quando quero dar, não é preciso que mo peçam...”

E dito isto, M. Aubertot volta-lhe as costas, vai da porta até ao seu armazém, onde M. Le Pelletier o segue, segue-o do armazém às traseiras da loja e das traseiras da loja ao seu apartamento. Ali, M. Aubertot, farto das insistências de M. Le Pelletier, dá-lhe uma bofetada.”

Então o meu capitão levanta-se bruscamente, e diz ao orador: “E ele não o matou?”

- Não, senhor. Então, mata-se por uma coisa dessas?

- Uma bofetada! Com os demónios, uma bofetada! E então o que é que ele fez?

- O que é que ele fez depois de receber a sua bofetada? Tomou um ar risonho e disse a M. Aubertot” “Essa era para mim, mas e para os meus pobres?...”

Todos os ouvintes expressaram a sua admiração por esta frase, excepto o meu capitão que lhes dizia; “O vosso M. Le Pelletier, senhores, não passa de um mendigo, um desgraçado, um cobarde, um infame, a que todavia esta espada teria feita pronta justiça se eu tivesse lá estado, e o vosso Aubertot teria tido muita sorte se eu lhe cortasse apenas o nariz e as duas orelhas.”

O orador replicou-lhe: “Vejo, senhor, que não teria dado tempo ao homem insolente de reconhecer o seu erro, de se deitar aos pés de M. Le Pelletier e de lhe entregar a sua bolsa.

- Com certeza que não.

- O senhor é um militar, e M. Le Pelletier é um cristão; não têm a mesma opinião a respeito de uma bofetada.

- A face de todos os homens honrados é a mesma.

- Não é exactamente esse o conselho dos Evangelhos.

- Os Evangelhos estão no meu coração e na bainha da minha espada, e não conheço outros.

Os vossos, meu senhor, estão não sei onde; o meu está escrito lá em cima; cada um aprecia a injúria e o favor à sua maneira, e pode ser que não tenhamos a mesma opinião em dois instantes da nossa vida.

O SENHOR – E depois?, maldito tagarela, e depois?

Quando o senhor de Jacques estava de mau humor, Jacques calava-se, começava a sonhar, e muitas vezes só rompia o silêncio com uma frase com ligação ao que pensava, mas tão descabida na conversa como a leitura de um livro a que saltámos várias páginas. Era precisamente o que lhe acontecia quando disse: “Meu caro amo...”

O SENHOR – Ah!, recuperaste por fim a palavra. Alegro-me pelos dois, porque já me começava a aborrecer de não te ouvir, e tu de não falar. Fala então.

JACQUES – Meu caro amo, a vida passa-se em quiproquós⁹. Há os quiproquós do amor, os quiproquós da amizade, os quiproquós da política, da finança, da igreja, da magistratura, do comércio, das mulheres, dos maridos.

O SENHOR – Eh!, deixa-te lá de quiproquós e tenta perceber que é má-criação embarcar num capítulo de moral, quando se trata de um facto histórico. E a história do teu capitão?

Jacques ia começar a história do seu capitão quando, pela segunda vez, o seu cavalo, atirando-se bruscamente para fora da estrada real, à direita, leva-o através de uma longa planície, a um bom quarto de hora de

9 Equívocos (N. do T.)

distância, e pára justamente entre colunas patibulares... Entre colunas patibulares? Era uma atitude singular do cavalo, essa de levar o seu cavaleiro ao cadafalso!...

“Que é que será que isto significa? - dizia Jacques. - Será um aviso do destino?”

O SENHOR – Meu amigo, não duvide. O seu cavalo está inspirado, e o aborrecido é que todos estes prognósticos, inspirações, avisos que vêm do alto através de sonhos, de aparições, não servem para nada, não é por isso que a coisa deixa de acontecer. Caro amigo, aconselho-o a aliviar a consciência, tratar dos seus pequenos assuntos, e de acabar o mais depressa que possa a história do seu capitão e a dos seus amores, porque ficarei aborrecido se o perder sem as ter ouvido. Mesmo que se preocupasse ainda mais, o que é que isso remediará? Nada. A sentença do seu destino, pronunciada duas vezes pelo seu cavalo, será cumprida. Veja lá, não tem nada para restituir a alguém? Confie-me as suas últimas vontades e tenha a certeza que serão fielmente cumpridas. Se me tirou alguma coisa, dou-lha, peça somente perdão a Deus, e durante o tempo mais ou menos curto que ainda temos para viver juntos, não me roube mais nada.

JACQUES – Por mais que remexa no passado, não vejo nada a contestar à justiça dos homens; não matei, nem roubei, nem violei.

O SENHOR – Tanto pior. Tomando tudo em consideração, preferia que o crime já estivesse cometido que ainda por cometer, e com razão.

JACQUES – Mas, meu senhor, talvez não seja por minha culpa mas por culpa de outro que eu serei enforcado.

O SENHOR – Pode acontecer.

JACQUES – Pode ser que só depois da minha morte me enforcem.

O SENHOR – Isso também pode acontecer.

JACQUES – Talvez nunca seja enforcado.

O SENHOR – Tenho as minhas dúvidas.

JACQUES – Talvez esteja escrito lá em cima que eu apenas verei a força de outro, e esse outro, senhor, sabe por acaso onde está, se está perto ou se está longe?

O SENHOR – Senhor Jacques, deixe-se enforcar, porque o destino o quer e o vosso cavalo lho diz, mas não seja insolente; acabe com as suas conjecturas impertinentes, e conte-me depressa a história do seu capitão.

JACQUES – Meu senhor, não se zangue, já enforcaram muita gente honesta; é um quiproquó da justiça.

O SENHOR – Esses quiproquós são deprimentes. Falemos de outra coisa.

Jacques, um pouco tranquilizado pelas interpretações diferentes das que tinha retirado do prognóstico do cavalo, disse:

“Quando fui incorporado no regimento, havia dois oficiais mais ou menos iguais em idade, em nascimento, em serviço e em mérito. O meu capitão era um deles. A única divergência que havia entre eles é que um era rico e o outro não. O meu capitão era o rico. Esta conformidade devia produzir a simpatia ou a antipatia mais fortes; produziu uma e outra...”

Aqui Jacques parou, e isso aconteceu-lhe várias vezes no decurso da narração, a cada movimento da cabeça do seu cavalo para a direita e para

a esquerda. Então, para continuar, retomava a última frase como se tivesse soluções.

JACQUES – Produziu uma e outra. Havia dias em que eram os melhores amigos do mundo, e outros em que eram inimigos mortais. Nos dias de amizade, visitavam-se, festejavam, abraçavam-se, partilhavam as suas penas, os seus prazeres, as suas necessidades, consultavam-se acerca dos seus assuntos mais secretos, sobre os seus interesses domésticos, as suas esperanças, os seus receios, os seus projectos de progressão na carreira. No dia seguinte, se se encontrassem?, olhavam-se desdenhosamente, tratavam-se de Senhor, dirigiam-se palavras duras, levavam a mão à espada e batiam-se em duelo; se acontecesse que um dos dois ficasse ferido, o outro precipitava-se sobre o seu camarada, chorava, desesperava-se, acompanhava-o a casa, e ficava ao lado da sua cama até que ficasse curado. Oito dias, quinze dias, um mês depois, recomeçavam, e dum momento para o outro, viam-se duas excelentes pessoas... duas excelentes pessoas, dois amigos sinceros, sujeitos a perecer à mão um ou do outro, e o morto não seria certamente dos dois o que meteria mais pena. Já lhes tinham falado várias vezes da bizarria da sua conduta; eu próprio, a quem o meu capitão dera licença para falar, disse-lhe: “Mas, meu senhor, e se por acaso o matar?...” A estas palavras punha-se a chorar, cobria os olhos com as mãos, corria no seu apartamento como um louco; duas horas depois, ou o seu camarada o trazia para casa, ferido, ou ele prestava o mesmo serviço ao seu camarada. Nem as minhas advertências... Nem as minhas advertências nem as dos outros serviam para nada; o único remédio era separá-los. O ministro da Guerra foi sabedor daquela mania de tal modo singular. com extremos de tal modo opostos, e o meu capitão foi nomeado para o comando de um quartel, com ordem expressa de se dirigir imediatamente para o seu posto e proibição de se afastar dele; uma outra proibição confinou o seu

camarada ao regimento... Creio que este cavalo ainda me deixa maluco... Mal chegaram as ordens do ministro, o meu capitão, sob o pretexto de que ia agradecer o favor que acabava de obter, partiu para a corte, argumentou que era rico, e que o seu camarada indigente tinha o mesmo direito às graças do rei; que o posto que acabavam de lhe conceder recompensaria os serviços do seu amigo, acresceria à sua pouca fortuna, e que ele ficaria, ele próprio, cheio de alegria. Como o ministro não tinha tido outra intenção senão a de separar estes dois homens bizarros, e como os procedimentos generosos tocam sempre a sensibilidade, foi decidido... Maldito animal! És capaz de manter a cabeça direita?... foi decidido que o meu capitão ficaria confinado ao regimento e que o seu camarada iria ocupar o comando do quartel.

Assim que foram separados, sentiram de imediato a falta que faziam um ao outro; caíram numa melancolia profunda. O meu capitão pediu uma licença semestral para poder ir respirar o ar da sua terra natal, mas, a duas léguas da guarnição, vende o cavalo, disfarça-se de camponês e encaminha-se para o quartel que o seu amigo comandava. Parece que tinha sido previamente concertado entre ambos. Chega... Vai então para onde quiseses! Haverá por lá ainda algum cadafalso que te apeteça visitar?... Ria-se à sua vontade, meu senhor, com efeito tem muita graça... Chega, mas estava escrito lá em cima que por mais precauções que tomassem para esconder a satisfação que tinham de se rever, e de só se abordarem com as marcas exteriores do respeito de um camponês para um comandante de quartel, sempre haveria soldados, alguns oficiais, que encontrariam por acaso durante a sua entrevista e que já saberiam da sua aventura, que suspeitariam e iriam prevenir o major do quartel.

Este, homem prudente, sorriu do aviso, mas não deixou de lhe dar toda a importância que o mesmo merecia. Pôs espiões a rondar o comandante. O

seu primeiro relatório foi que o comandante saía pouco e que o camponês nunca saía. Era impossível que estes dois homens estivessem juntos oito dias de seguida sem que retomassem a sua estranha mania; o que não deixou de acontecer.”

Vê, leitor, como sou respeitador; dependia só de mim dar uma chicotada aos cavalos que puxam a carruagem coberta de negro, de juntar à porta da próxima pousada Jacques, o seu senhor, os guardas-fiscais ou os cavaleiros do marechal com o resto do cortejo, interromper a história do capitão de Jacques e dar-lhes cabo da paciência até eu querer; mas para isso era preciso mentir e eu não aprecio a mentira, a menos que me seja útil, e mesmo assim de má vontade. O facto é que Jacques e o seu senhor nunca mais voltaram a ver a carruagem coberta, e que Jacques, sempre inquieto com as atitudes do seu cavalo, continuou o seu relato.

“Um dia, os espiões relataram ao major que tinha havido uma alteração muito viva entre o comandante e o camponês, que tinham saído em seguida, o camponês à frente, o comandante só o seguindo contra vontade, e que tinham entrado num banqueiro da cidade onde ainda estavam.

Soube-se de seguida que, sem esperanças de se voltarem a ver, tinham resolvido bater-se custasse o que custasse, e que, sensível aos deveres da mais terna amizade, no momento da mais inaudita ferocidade, o meu capitão, que era rico, como já lhe disse... espero, meu senhor, que não me condenará a acabar esta viagem neste bizarro animal... o meu capitão, que era rico, tinha exigido do seu camarada que aceitasse uma letra de câmbio de vinte e quatro mil libras que lhe permitisse viver no estrangeiro caso o matasse, protestando que nunca se bateria sem este

preliminar; o outro respondendo a esta oferta: “ Crês tu, meu amigo, que se te mato conseguirei sobreviver?...”

Saíam do banqueiro e encaminhavam-se para as portas da cidade quando se viram cercados pelo major e alguns oficiais. Embora este encontro tivesse o ar de um incidente fortuito, os nossos dois amigos, os nossos dois inimigos, como vos apeteça chamar-lhes, não disfarçaram. O camponês declinou a sua verdadeira identidade. Foram passar a noite numa casa afastada. Na manhã seguinte, logo ao despontar do dia, o meu capitão, depois de ter abraçado várias vezes o seu camarada, separou-se dele para não mais o ver. Mal chegou à sua terra, morreu.”

O SENHOR – E quem é que te disse ele estava morto?

JACQUES – E o caixão? E o carro funerário com as suas armas? O meu pobre capitão está morto, não me resta a menor dúvida.

O SENHOR – E esse padre, as mãos atadas atrás das costas, e aquelas pessoas, com as mãos atadas atrás das costas, e os guardas-fiscais, e os cavaleiros do marechal, e o regresso do cortejo à cidade? O teu capitão está vivo, não tenho dúvidas; e não sabes nada do seu camarada?

JACQUES – A história do seu camarada enche uma bela linha do grande rolo ou do que está escrito lá em cima.

O SENHOR – Espero...

O cavalo de Jacques não permitiu ao seu senhor que acabasse; parte como um relâmpago, não se desviando nem para a direita nem para a esquerda, seguindo a estrada real. Já não se vê Jacques, e o seu senhor, persuadido que o caminho levaria a mais colunas patibulares, agarrava-se às ilhargas de tanto rir. E já que Jacques e o seu senhor só têm valor

quando estão juntos e nada valem separados, tal como Don Quixote sem Sancho e Richardet sem Ferragus, o que os continuadores de Cervantes e o imitador de Ariosto, monsenhor Forti-Guerra, não perceberam bem, leitor, conversemos até que eles se voltem a encontrar.

Vai tomar a história do capitão de Jacques por um conto, e estará errado. Garanto que o que contou ao seu senhor foi tal qual a narração que ouvi nos Invalides, já não sei em que ano, no dia de São Luís, à mesa com um M. de Saint-Étienne, major da Prefeitura, e o historiador que falava na presença de vários outros oficiais da casa, que tinham conhecimento do facto, era um personagem grave que não tinha mesmo nada aspecto de humorista. Repito-lo, pois, agora e para sempre, seja circunspecto se não quiser tomar neste diálogo entre Jacques e o seu senhor o falso pelo verdadeiro. Ei-lo bem avisado, e lavo daí as minhas mãos. - Eis, dir-me-á, dois homens bem extraordinários! - E é isso que o faz desconfiar? Primeiro, a natureza é tão variada, sobretudo nos instintos e nos caracteres, que não existe nada na imaginação de um poeta que a experiência e a observação não vos ofereçam o modelo na natureza. Eu, que vos falo, encontrei a réplica do “Médico à Força”, que sempre tinha encarado até ali como a mais louca e a mais alegre das ficções. - Quê! A réplica do marido a quem a mulher diz “Tenho três filhos nos braços” e que lhe responde “Deita-os ao chão”... “Pedem-me pão”... Dá-lhes com o chicote”? - Precisamente. Eis o seu diálogo com a minha mulher.

“- Por aqui, *monsieur* Gousse?

- Não, minha senhora, está a tomar-me por outra pessoa.

- De onde vem?

- De onde fui.

- O que é foi lá fazer?
- Fui arranjar um moinho que estava avariado.
- A quem é que pertencia o moinho?
- Não sei. Não fui lá para arranjar o moleiro.
- Está muito bem vestido, ao contrário do que é seu hábito; porque é que debaixo desse fato, que está tão limpo, pôs uma camisa suja?
- É porque só tenho uma.
- E porque é que só tem uma?
- É porque só tenho um corpo de cada vez.
- O meu marido não está, mas isso não impede que jante aqui.
- Não, considerando que não lhe confiei nem o meu estômago nem o meu apetite.
- Como passa a sua mulher?
- Como lhe apetece; é assunto dela.
- E os seus filhos?
- Perfeitamente.
- E aquele que tem uns olhos tão bonitos, uma tão boa aparência e uma pele tão bonita?
- Muito melhor que os outros; já morreu.
- Ensina-lhes alguma coisa?
- Não, minha senhora.
- O quê? Nem a ler, nem a escrever, nem o catecismo?

- Nem a ler, nem a escrever, nem o catecismo.

- E isso porquê?

- É porque nunca me ensinaram nada e que nem por isso sou ignorante. Se forem inteligentes, farão como eu; se forem parvos, tudo o que lhes ensinasse só os faria mais parvos ainda...”

Se alguma vez encontrar este original, não é necessário conhecê-lo para o abordar. Leve-o a uma taberna, diga-lhe o que é que o traz ali, proponha-lhe que o acompanhe durante vinte léguas, ele seguiu-lo-á; depois de ter usufruído dos seus serviços, despeça-o sem um tostão; ele voltará satisfeito.

Por acaso ouviu falar de um certo Prémonval que dava em Paris aulas gratuitas de matemáticas? Era seu amigo... Mas Jacques e o seu senhor talvez já se tenham reencontrado: quer que vamos à sua procura ou prefere ficar na minha companhia?... Gousse e Prémonval dirigiam juntos a escola. Entre a multidão de alunos que a frequentavam, havia uma jovem rapariga chamada *Mlle* Pigeon, a filha do hábil artista que construiu os dois belos planiférios que foram levados do Jardim do Rei para as salas da Academia das Ciências. *Mlle* Pigeon ia lá todos os dias, com a sua carteira debaixo do braço e o seu estojo de matemáticas dentro do regalo. Um dos professores, Prémonval, apaixonou-se pela sua aluna, e sempre através dos teoremas sobre os sólidos inscritos na esfera, nasceu uma criança. O pai Pigeon não era homem para ouvir com paciência a verdade deste corolário. A posição dos amantes tornou-se embaraçosa e fizeram o ponto da mesma; mas não tendo nada, mesmo absolutamente nada, qual poderia ser o resultado das suas deliberações? Solicitaram a ajuda do seu amigo Gousse. Este, sem dizer palavra, vende tudo o que possui, roupa interior, fatos, máquinas, móveis, livros, obtém uma soma

em dinheiro, põe os dois apaixonados num carro de posta, acompanha-os a toda a brida até aos Alpes; ali chegados, esvazia a bolsa do pouco dinheiro que lhe sobejara, dá-lhes, abraça-os, deseja-lhes boa viagem, e regressa a pé pedindo esmola até Lyon, onde ganhou, a pintar as paredes de um claustro de monges, o dinheiro suficiente para regressar a Paris sem mendigar. - Isso é muito bonito. - Certamente; e depois desta acção heróica, vai achar que Gousse tem um grande fundo de moralidade? Ora, pois, desengane-se, tinha tanto como o que há numa cabeça de lúcio. - Isso é impossível. - É a verdade. Dei-lhe trabalho. Entrego-lhe uma ordem de pagamento de oitenta libras sobre os meus comitentes, a soma estava escrita em algarismos; que é que ele faz? Acrescenta-lhe um zero e faz-se pagar de oitocentas libras. - Ah!, que horror! - Ele não é mais desonesto quando me rouba que honesto quando se despoja por um amigo; é um original sem princípios. Os oitenta francos não lhe eram suficientes, só com um traço da pena conseguiu os oitocentos francos de que necessitava. E os livros preciosos que me oferece? - Que livros são? - Mas Jacques e o seu senhor? mas os amores de Jacques? Ah! leitor, a paciência com que me ouvis, prova-me o pouco interesse que tendes pelas minhas duas personagens, e fico tentado a deixá-los onde estão... Se eu tenho necessidade de um livro raro, ele traz-mo; algum tempo depois, tenho necessidade de outro livro raro, ainda mo traz; quero pagá-los, ele recusa. Tenho necessidade de um terceiro livro raro. “Quanto a esse, diz-me ele, não o vai conseguir. Falou demasiado tarde; o meu professor da Sorbonne morreu.

- E o que é que há de comum entre o seu professor da Sorbonne e o livro que procuro? Será que tirou os outros dois da sua biblioteca?

- De facto.

- Sem o seu consentimento?

- Eh lá!, precisava eu de consentimento para exercer uma justiça distributiva? Não fiz mais que deslocar estes livros para sítio melhor, transferindo-os de um lugar onde eram inúteis para outro onde seriam bem utilizados...

E depois fale sobre a atitude dos homens! Mas é a história de Gousse com a sua mulher que é excelente... Estou a ouvi-lo, já deve estar farto, e o seu conselho seria que nos fôssemos juntar aos nossos dois viajantes. Leitor, trata-me como se eu fosse um boneco, isso é falta de respeito; fale-me dos amores de Jacques; não me fale dos amores de Jacques; quero que me conte a história de Gousse; estou farto. Sem dúvida que é preciso que algumas vezes eu lhe satisfaça a fantasia. Mas é preciso que algumas vezes eu satisfaça a minha; sem contar que todo o auditor que me permite iniciar uma história, compromete-se a ouvi-la até ao fim.

Eu disse “primeiramente”; ora um “primeiramente” é anunciar pelo menos um “em segundo lugar”; “em segundo lugar”, por conseguinte... Ouça, não me escute, eu falarei sozinho... O capitão de Jacques e o seu camarada podiam estar atormentados por uma inveja violenta e secreta; é um sentimento que a amizade nem sempre apaga. Não há nada tão difícil de perdoar como o mérito. Não receariam eles uma injustiça que os tivesse igualmente ofendido aos dois? Sem uma hesitação, eles procuravam em primeiro lugar desembaraçar-se de um concorrente perigoso, sondavam-se à espera da primeira ocasião. Mas como pensar assim a respeito daquele que cede tão generosamente o seu comando ao seu amigo indigente? Ele cede-o, é verdade, mas se tivesse sido privado dele, talvez o tivesse reivindicado à ponta da espada. Uma injustiça entre militares, se não honra quem dela se aproveita, desonra o seu rival. Mas deixemos tudo isso e digamos que era a sua mania. Não tem cada um a sua? A dos nossos dois oficiais foi durante vários séculos a de toda a

Europa, chamavam-lhe espírito de cavalaria. Toda essa multidão brilhante, armada dos pés à cabeça, decorada com diversas marcas de amor, caracolando sobre os palafreiros, a lança empunhada, a viseira alta ou abaixada, olhando-se desdenhosamente, medindo-se a olho, ameaçando-se, mordendo o pó, juncando o campo do vasto torneio com o estilhaçar das armas quebradas, não eram mais que os amigos ciumentos do mérito de então. Estes amigos, no momento em que seguravam as lanças em riste, cada um num extremo do terreiro, e que tinham aguilhoado os flancos dos seus corcéis, tornavam-se os inimigos mais terríveis; caíam uns sobre os outros com o mesmo furor que exibiriam num campo de batalha. Ora bem, os nossos dois oficiais não eram senão dois paladinos, nascidos nos nossos dias com os hábitos dos antigos. Cada virtude e cada vício passam de moda à medida que se exibem. A força do corpo teve o seu tempo, a agilidade nos exercícios teve o seu. A bravura foi umas vezes mais, outras vezes menos considerada; quanto mais comum se torna, menos glória dá, menos elogios merece. Sigam as indicações dos homens, e reparareis que vieram ao mundo demasiado tarde, que são de um outro século. E quem é que os impediria de crer que os nossos dois militares tinham sido desafiados para combates diários e perigosos pelo simples desejo de encontrar o lado fraco do seu rival e de mostrar superioridade. Os duelos repetem-se na sociedade sob toda a espécie de formas, entre os padres, entre os magistrados, entre os literatos, entre os filósofos; cada estado tem a sua lança e os seus cavaleiros, e as nossas assembleias mais respeitáveis ou as mais divertidas nada mais são que pequenos torneios onde algumas vezes se trazem divisas de amor no fundo do coração, se não for mesmo ao ombro. Quantos mais assistentes, mais viva a discussão; a presença das mulheres faz subir o ardor e a obstinação até ao exagero, e a vergonha de ter sucumbido diante delas nunca mais se esquece.

E Jacques?... Jacques tinha franqueado as portas da cidade, atravessado as ruas por meio das aclamações das crianças, e atingido a extremidade do bairro em frente. O seu cavalo arremessou-se contra uma portinhola baixa. Houve entre o lintel desta porta e a cabeça de Jacques um choque terrível, no qual só faltava que o lintel se deslocasse ou Jacques fosse atirado para trás; como é bom de ver, foi a última coisa o que aconteceu. Jacques caiu, com a cabeça partida, e perdeu o conhecimento. Levantam-no, chamam-no à vida com álcool, creio mesmo que foi sangrado pelo dono da casa. - Sem dúvida que este homem era cirurgião? - Não. Entretanto, o seu amo chegara e perguntava por ele a todos os que encontrava. “Não haveis visto um homem alto, seco de carnes, montado num cavalo malhado?”

- Acaba de passar, ia como se o diabo o levasse; já deve ter chegado a casa do seu dono.

- E quem é o seu dono?

. O carrasco.

- O carrasco!

- Sim, porque o cavalo é dele.

- Onde é que mora o carrasco?

- Bastante longe, mas não se dê à maçada de lá ir, eis o seu pessoal que traz aparentemente o homem seco que procura e que tomámos por um dos seus criados.

E quem é que falava assim com o senhor de Jacques? Era um estalajadeiro à porta do qual tinha parado. Não tinha nada que enganar, era baixo e gordo como um tonel, camisa arregaçada até aos cotovelos, com um gorro de algodão na cabeça, um avental de cozinha à sua volta, e

um facalhão ao lado. “Depressa, depressa, uma cama para este infeliz – diz-lhe o amo de Jacques -, um cirurgião, um médico, um boticário...” Entretanto, tinham depositado Jacques a seus pés, a testa coberta por uma compressa enorme e espessa, e os olhos fechados. “Jacques? Jacques?”

- É o senhor, meu amo?

- Sim, sou eu, pois então olha para mim.

- Não seria capaz.

- O que é que te aconteceu?

- Ai, o cavalo! O maldito cavalo! Amanhã lhe contarei tudo, se não morrer durante a noite...

E enquanto o transportavam e o subiam para o seu quarto, o senhor orientava a marcha e gritava: “Tomem cuidado, devagarinho, devagarinho, com os demónios! Ainda o magoam. Tu, que lhe seguras as pernas, vira para a direita... tu, que o seguras pela cabeça, vira à esquerda...” E Jacques dizia em voz baixa: “Sempre estava escrito lá em cima!...”

Mal deitaram Jacques, este adormeceu profundamente. O seu senhor passou a noite à sua cabeceira, tomando-lhe o pulso e humedecendo sem cessar a compressa com água de vulnerária. Jacques surpreendeu-o, ao despertar, nestas funções, e disse-lhe: “Que faz aqui?”

O SENHOR – Trato de ti. Tu és o meu servidor, quer eu esteja doente quer esteja de saúde, mas eu sou o teu quando és tu quem está mal.

JACQUES – Fico muito satisfeito por ver que sois humano; não é assim que procede a maioria dos amos para com os seus criados.

O SENHOR – Como é que vai a cabeça?

JACQUES -Tão bem como a trave contra que lutou.

O SENHOR – Segura este trapo entre os dentes e sacode-o com força...
Que é que sentiste?

JACQUES – Nada. A bilha parece que não tem rachas.

O SENHOR – Tanto melhor... Queres-te levantar, acho eu?

JACQUES – E que quereis que eu faça?

O SENHOR – Quero que descanses.

JACQUES – A minha opinião é que almocemos e nos vamos.

O SENHOR – E o cavalo?

JACQUES – Deixei-o em casa do dono, homem honesto, homem galante, que o comprou por aquilo que nos tinha custado.

O SENHOR – E esse homem honesto e galante, sabes quem é?

JACQUES – Não.

O SENHOR – Só te direi quando já estivermos na estrada.

JACQUES - E por que não agora? Qual é o mistério?

O SENHOR – Mistério ou não, que necessidade é que tens de sabê-lo agora ou noutra altura?

JACQUES – Nenhuma.

O SENHOR – Mas precisas de um cavalo.

JACQUES – O dono desta estalagem talvez não queira melhor que ceder-nos um dos seus.

O SENHOR – Dorme mais um pouco, vou tratar disso.

O amo de Jacques desce, encomenda o almoço, compra um cavalo, sobe e encontra Jacques já vestido. Almoçaram e ei-los que partiram, Jacques protestando que era uma desonestidade partir sem fazer uma visita de cortesia ao cidadão à porta do qual por pouco morria e que tão delicadamente o socorrera; o seu amo tranquilizando-o em matéria de boa educação pela certeza de ter recompensado com largueza os guardacostas que o tinham transportado para a estalagem; Jacques pretendendo que o dinheiro dado aos servidores não o desobrigava para com o patrão deles, que era dessa maneira que se inspirava aos homens o desencanto pela bondade, e que se preferia passar por ingrato: “Meu senhor, ouço tudo o que esse homem diz de mim por aquilo que eu diria dele, se ele estivesse no meu lugar e eu no dele...”

Saíam da cidade quando encontraram um homem grande e vigoroso, chapéu agalado na cabeça, um trajo agalado em todas as costuras, seguindo só, se exceptuarmos dois grandes cães que o precediam. Jacques, mal se apercebeu dele, desceu do cavalo, gritando “É ele!”, e atirar-se-lhe ao pescoço foi obra de um instante. O homem dos dois cães pareceu ficar muito embaraçado com os afagos de Jacques, empurrava-o com brandura e dizia-lhe “Senhor, é muita honra .”

- Eh não! Devo-lhe a vida, e nunca lhe poderei agradecer como merece.

- Não sabe quem eu sou.

- Não é o cidadão solícito que me socorreu, que me sangrou, e que me pensou quando o meu cavalo...

- É certo.

- Não é o honesto cidadão que ficou com esse cavalo pelo mesmo preço por que mo venderam?

- Sou eu.

E Jacques a beijá-lo numa face e na outra, e o seu amo a sorrir, e os dois cães em pé, de nariz no ar, e como maravilhados por uma cena que viam pela primeira vez. Jacques, depois de ter junto às suas demonstrações de gratidão um grande número de reverências que o seu benfeitor não lhe devolveu, e grande número de votos que foram recebidos com frieza, monta novamente a cavalo e diz ao seu senhor: “Tenho a mais profunda gratidão por este homem que tem que me dizer quem é.

O SENHOR – E porquê, Jacques, por que é que é tão venerável aos seus olhos?

JACQUES – É porque, não ligando qualquer importância aos serviços que presta, é preciso que seja naturalmente prestável e que tenha um longo hábito de fazer o bem.

O SENHOR – E o que é que te faz pensar assim?

JACQUES – O ar indiferente e frio com que recebeu os meus agradecimentos. Não me saúda de modo nenhum, não me diz uma palavra, faz de conta que não me reconhece, e talvez neste momento diga para si próprio, com um sentimento de desprezo: É preciso que a bondade seja muito estranha a este viajante, e que o exercício da justiça lhe seja bem penoso, para ter ficado tão sensibilizado... Que é que há pois de tão absurdo no que digo para que ria com tanta vontade?... Qualquer que ele seja, diga-me o nome daquele homem para que o escreva nos meus registos.

O SENHOR – De boa vontade. Escreva.

JACQUES – Diga.

O SENHOR – Escreva: o homem ao qual dedico a mais profunda veneração...

JACQUES – A mais profunda veneração...

O SENHOR – É...

JACQUES – É...

O SENHOR – O carrasco de ***.

JACQUES – O carrasco!

O SENHOR – Sim, sim, o carrasco.

JACQUES – Poderíeis-me dizer qual é a graça desta brincadeira?

O SENHOR – Não estou nada a brincar. Siga as argolas desta pulseira. Precisa de um cavalo, a sorte fá-lo encontrar um passante, e este passante é um carrasco. Este cavalo condu-lo por duas vezes a colunas patibulares, à terceira deixa-o em casa do carrasco, onde cai sem sentidos; de lá, levam-no, para onde?, para uma estalagem, um abrigo, um asilo comum. Jacques, conhece a história da morte de Sócrates?

JACQUES – Não.

O SENHOR – Era um sábio de Atenas. Há muito tempo que o papel de sábio é perigoso quando se lida com os pobres de espírito. Os seus concidadãos condenaram-no a beber cicuta. Ora bem, Sócrates fez como acabou de fazer, tratou o carrasco que lhe trouxe a cicuta tão educadamente como você. Jacques, é uma espécie de filósofo, há que admiti-lo. Sei bem que é uma raça odiosa aos poderosos, diante da qual nunca dobram o joelho; aos magistrados, protectores por profissão dos preconceitos que eles atacam; aos padres, que os vêem raramente ao pé

dos seus altares; aos poetas, pessoas sem princípios e que vêem estupidamente a filosofia como a machadada nas belas-artes, sem contar que mesmo aqueles de entre eles que se exercitaram no género odioso da sátira não foram senão mestres da lisonja; aos povos, em todos os tempos escravos dos tiranos que os oprimem, dos bandidos que os enganam e dos bobos que os divertem. Como vê, estou a par de todos os perigos da sua profissão e de toda a importância do testemunho que lhe peço, mas não abusarei do seu segredo. Jacques, meu amigo, você é um filósofo, o que me preocupa, e se é permitido ler nas coisas presentes as que deverão acontecer um dia, e se o que está escrito lá em cima se desvenda algumas vezes aos homens muito antes do acontecimento, presumo que a sua morte será filosófica e que aceitará o laço com a mesma boa vontade com que Sócrates aceitou a taça de cicuta.

JACQUES – Meu senhor, um profeta não falaria melhor; mas felizmente...

O SENHOR – Não acredita muito nisso; o que acaba por dar força ao meu pressentimento.

JACQUES – E vós, meu senhor, acreditais?

O SENHOR – Acredito; mas se não acreditasse o resultado seria o mesmo.

JACQUES – E porquê?

O SENHOR – É que só há perigo para os que falam, e eu calo-me.

JACQUES – E quanto aos pressentimentos?

O SENHOR – Rio-me deles, mas confesso que a tremer cá por dentro. Existem alguns de um carácter tão impressionante, que lembram aqueles contos com que desde cedo fomos embalados. Se os seus sonhos se

tivessem realizado cinco ou seis vezes, e se lhe acontecesse sonhar que o seu amigo estava morto, iria logo de manhãzinha a sua casa para saber como estava. Mas os pressentimentos de que não nos podemos defender, são sobretudo aqueles que surgem no momento em que a coisa se passa longe de nós, e que têm um ar simbólico.

JACQUES – Às vezes, é tão profundo e sublime, que não percebo nada. Não mo poderíeis explicar com um exemplo?

O SENHOR – Nada mais fácil. Uma mulher vivia no campo com o seu marido octogenário e atacado de pedra nos rins. O marido deixa a mulher e vem à cidade para ser operado. Na véspera da operação escreve à mulher: “Quando receberes esta carta, estarei debaixo do bisturi do irmão Cosme...” Sabes como são estes anéis de casamento que se separam em duas partes, em cada uma das quais estão gravados os nomes do esposo e da mulher. Ora bem, esta mulher tinha um parecido no dedo quando abriu a carta do marido. Nesse mesmo instante, as duas metades do anel separam-se, e a que trazia o seu nome fica-lhe no dedo; a que trazia o nome do marido cai e parte-se em cima da carta que ela lia... Diz-me, Jacques, achas que exista espírito suficientemente forte, alma suficientemente firme para não ficar mais ou menos perturbada por um incidente do género? Assim, esta mulher pensou em morrer. Os seus transe duraram até ao próximo dia de correio, no qual o seu marido lhe escrevia que a operação tinha corrido bem, que estava fora de qualquer perigo e que pensava beijá-la antes do fim do mês.

JACQUES - E beijou-a de facto?

O SENHOR – Sim.

JACQUES – Fiz-lhe esta pergunta, porque reparei várias vezes que o destino é cauteloso. Diz-se-lhe no primeiro momento que mentiu, e

descobre-se no segundo momento que tinha dito a verdade. Assim pois, meu senhor, acha que o meu caso é o do pressentimento simbólico, e, contra a vossa vontade, acha que estou ameaçado com a morte do filósofo?

O SENHOR – Não seria capaz de to esconder; mas para afastar estas tristes ideias, não poderias tu?...

JACQUES – Retomar a história dos meus amores?...

Jacques retomou a história dos seus amores. Tínhamo-lo deixado, segundo creio, com o cirurgião.

O CIRURGIÃO – Receio que o trabalho que vou ter com o seu joelho dure mais que um dia...

JACQUES – Durará justamente todo o tempo que estiver escrito lá em cima; que é que isso importa?

O CIRURGIÃO – A tanto por dia pelo alojamento, a alimentação e os meus cuidados, vai ser uma despesa total!...

JACQUES – Doutor, não se trata da despesa por todo o tempo, mas o quanto será por dia.

O CIRURGIÃO – Vinte e cinco *sous*, seria demasiado?

JACQUES – Muito mesmo. Vamos, doutor, eu sou um pobre diabo, assim reduzamos a coisa a metade, e mande o mais rapidamente que puder que me transportem para vossa casa.

O CIRURGIÃO – Doze *sous* e meio não é muito; ponha-lhe bem os treze *sous*.

JACQUES – Doze *sous* e meio, treze *sous*... Aceito.

O CIRURGIÃO – E paga todos os dias?

JACQUES – É essa a condição.

O CIRURGIÃO – É que tenho o diabo de uma mulher que não é para graças, está a ver.

JACQUES – Eh!, doutor, mande-me transportar o mais depressa possível para junto do diabo da sua mulher.

O CIRURGIÃO – Um mês a treze *sous* por dia faz dezanove libras e dez *sous*. Ponha-lhe bem os vinte francos.

JACQUES – Vinte francos, seja.

O CIRURGIÃO – Quer ser bem alimentado, bem cuidado, rapidamente curado. Para além da alimentação, do alojamento e dos cuidados, haverá talvez os medicamentos, haverá ligaduras, haverá...

JACQUES – E depois?

O CIRURGIÃO – Palavra, tudo isso valerá bem vinte e quatro francos.

JACQUES – Vai para os vinte e quatro francos; mas sem mais acrescentos.

O CIRURGIÃO – Um mês a vinte e quatro francos; dois meses, fará quarenta e oito libras, três meses fará setenta e duas. Ah!, como a doutora ficaria contente se lhe pudesse avançar, logo à entrada, a metade destas setenta e duas libras.

JACQUES – De acordo.

O CIRURGIÃO – Ela ficaria ainda mais contente...

JACQUES – Se eu pagasse um trimestre adiantado? Eu pago.

Jacques acrescentou: “O cirurgião foi ter com os meus hospedeiros, preveniu-os do nosso acordo, e logo a seguir o homem, a mulher e os filhos juntaram-se à volta da minha cama com um ar sereno; foram perguntas sem fim sobre a minha saúde e sobre o meu joelho, elogios ao cirurgião seu compadre e à sua mulher, votos de melhoras a perder de vista, a mais bela afabilidade, um interesse!, um zelo em servir-me! O cirurgião ainda não lhes tinha dito que eu tinha algum dinheiro, mas eles conheciam o homem; levava-me com ele, e eles sabiam o que a casa gastava. Paguei o que devia àquelas pessoas; fiz aos filhos pequenas liberalidades que pai e mãe não deixaram por muito tempo nas suas mãos. Era pela manhã. O dono da casa partiu para os campos, a dona da casa pôs o cesto aos ombros e afastou-se, as crianças, tristes e descontentes por terem sido espoliadas, desapareceram; e quando foi questão de me levantar da cama, de me vestir e de me ajeitar na padiola, não se encontrou mais ninguém para além do médico, que se pôs a gritar que nem um doido, sem que ninguém o ouvisse.

O SENHOR – E Jacques, que gosta de falar com os seus botões, aparentemente dizia para si próprio: Nunca pagues adiantado, se não queres ser mal servido.

JACQUES – Não, meu senhor; não era tempo de moralizar, mas antes de me impacientar e de praguejar. Impacientei-me, praguejei, enchi-me de moral em seguida, e enquanto eu moralizava, o doutor, que me tinha deixado só, voltou com dois camponeses que alugara para o meu transporte, e à minha custa, o que não deixou que eu ignorasse. Estes homens prestaram-me todos os cuidados preliminares à minha instalação

sobre uma espécie de padiola que me fizeram, com um colchão estendido sobre varas.

O SENHOR – Deus seja louvado! Eis-te enfim em casa do cirurgião e apaixonado pela sua mulher ou pela filha do doutor.

JACQUES – Creio, meu senhor, que está enganado.

O SENHOR – E tu crês que eu vou passar três meses em casa do doutor sem ter ouvido a primeira palavra dos teus amores? Ah!, Jacques, isso não pode ser. Poupa-me, peço-te, a descrição da casa, o carácter do doutor, e os humores da doutora, e os progressos da tua cura; salta, salta por cima disso tudo. Factos, vamos aos factos. Eis que o teu joelho está mais ou menos curado, eis que estás bastante bem, e tu amas.

JACQUES – Então amo, já que tem tanta pressa.

O SENHOR – E quem é que tu amas?

JACQUES – Uma grande morena de dezoito anos, feita ao torno, grandes olhos negros, boquinha vermelha, belos braços, lindas mãos... Ah!, meu senhor, que mãos tão bonitas!... É que aquelas mãos...

O SENHOR – Parece que ainda as sentes.

JACQUES – É que o senhor as tocou e segurou mais que uma vez às escondidas e que só dependeu delas que não tenha feito delas o que lhe apetecesse.

O SENHOR – Palavra, Jacques, não estava à espera disso.

JACQUES – Eu também não.

O SENHOR – Por mais que imagine, não me lembro nem da grande morena, nem das mãos bonitas; trata de te explicar.

JACQUES – De acordo, mas com a condição de que voltaremos atrás e que entraremos na casa do cirurgião.

O SENHOR – Achas que é o que está escrito lá em cima?

JACQUES – Sois vós quem mo irá ensinar; mas está escrito aqui em baixo que quem *va piano va sano*.

O SENHOR – E que quem *va sano va lontano*; e a minha vontade era chegar.

JACQUES – Ora bem, o que é que resolveu?

O SENHOR – O que tu quiseses.

JACQUES – Nesse caso, eis que estamos novamente em casa do cirurgião, e que estava escrito lá em cima que voltaríamos. O doutor, a sua mulher e os seus filhos, concertaram-se tão bem para esvaziar a minha bolsa por toda a sorte de pequenas rapinas que o teriam conseguido em pouco tempo. A cura do meu joelho parecia bem avançada sem o estar, a ferida estava quase fechada de todo, podia sair com ajuda de uma muleta, e ainda me restavam dezoito francos. Não há gente que goste tanto de falar como os gogos, nem quem goste tanto de andar como os coxos. Num dia de Outono, era uma tarde de bom tempo, planeei uma boa caminhada; da aldeia onde morava até à aldeia vizinha eram coisa de duas léguas.

O SENHOR – E como é que se chamava essa aldeia?

JACQUES – Se eu lhe dissesse o nome, ficaria a saber tudo. Lá chegado, entrei numa taberna, descansei, restaurei as forças. O dia começava a declinar, dispunha-me a regressar a casa quando, da casa em que estava, ouvi uma mulher que soltava gritos dos mais agudos. Saí: as pessoas tinham-se junto à sua volta. Ela estava por terra, ela arrancava os cabelos;

dizia, mostrando os cacos de uma grande bilha: “Estou arruinada, fiquei sem dinheiro para todo o mês; durante este tempo quem irá alimentar os meus pobres filhos? Esse mordomo que tem a alma mais dura que uma pedra não será capaz de me fazer a esmola de um *sou*. Como sou infeliz! Perdi tudo! Perdi tudo!...” Toda a gente se apiedava dela, não ouvi mais nada à volta dela que: “Pobre mulher!”, mas ninguém levava a mão à bolsa. Aproximei-me de repente e disse-lhe: “Boa mulher, que é que lhe aconteceu? - O que me aconteceu! Então não vê? Tinham-me mandado comprar uma bilha de azeite, dei um passo em falso, caí, a bilha partiu-se, e eis o azeite de que ela vinha cheia...” Neste momento apareceram os filhinhos da mulher, estavam quase nus e os pobres vestidos da mãe mostravam toda a miséria da família; mãe e filhos começaram a chorar. Tal como me está a ver, bastaria dez vezes menos para me comover; as minhas entranhas emocionaram-se, as lágrimas vieram-me aos olhos. Perguntei à mulher, com uma voz entrecortada, quanto valia o azeite da sua bilha. “Quanto? - respondeu-me, levantando as mãos ao alto. - Nove francos, mais do que eu conseguiria ganhar num mês.” No mesmo instante, abrindo a minha bolsa e atirando-lhe dois grandes escudos, “Tome, boa mulher – disse-lhe eu -, tome lá doze...” e, sem esperar por agradecimentos, retomei o caminho da aldeia.

O SENHOR – Jacques, fez ali uma bela acção.

JACQUES – Fiz uma estupidez, se não me leva a mal. Mal estava a cem passos da aldeia quando mo disse a mim próprio; mal estava a meio caminho quando o repeti com mais força; chegado a casa do cirurgião, com a bolsa vazia, senti-o bem, mas por outro motivo.

O SENHOR – Poderias bem ter razão e o meu elogio ser tão descabido como a tua comiseração... Não, não, Jacques, persisto no primeiro juízo, e foi o esquecimento das tuas próprias necessidades que se torna o

principal mérito da tua acção. Já estou a ver o que se segue. Vais ficar sujeito à desumanidade do teu cirurgião e da sua mulher, expulsar-te-ão de casa; mas mesmo que tu devesse morrer à sua porta, numa estrumeira, nessa estrumeira tu irias sentir-te contente contigo próprio.

JACQUES – Meu senhor, eu não sou dessa força. Eu avançava aos tombos, e já que tenho de vo-lo confessar, lamentando os meus dois grandes escudos, que não deixavam de estar dados, e estragando com o meu arrependimento a obra que tinha feito. Estava a uma distância igual entre as duas aldeias e o sol pusera-se, quando três bandidos saem de entre o mato que ladeava o caminho, atiram-se a mim, deitam-me por terra, revistam-me e ficam espantados por me encontrar com tão pouco dinheiro. Tinham contado com um despojo maior; testemunhas da esmola que eu tinha feito na aldeia, tinham pensado que aquele que se se pode desfazer com tanta ligeireza de meio *louis* deveria ter pelo menos ainda uma vintena. Com a raiva de verem a sua esperança enganada e de se terem exposto a ficar com os ossos esmagados no cadafalso por um punhado de *sous* marcados, se eu os denunciasses, se fossem apanhados ou se eu os reconhecesse, hesitaram um momento em assassinar-me. Felizmente, ouviram barulho; fugiram, e eu fiquei quite com as contusões que fiz ao cair e as que me fizeram enquanto me roubavam. Os bandidos afastados, retirei-me e encaminhei-me para aldeia como pude; cheguei às duas horas da noite, pálido, desfeito, a dor do joelho que se agudizara e dorido em diversos sítios dos golpes que tinha encaixado. O doutor... Meu senhor, que tem? Rilhais o dente, agitaís-vos como se estivesse na presença do inimigo.

O SENHOR – E estou, com efeito, estou de espada na mão, caio sobre os ladrões e vingo-te. Diz-me, pois, como aquele que escreveu no grande rolo pode escrever que seria essa a recompensa de uma acção generosa?

Porque é que eu, que não passo de uma mísera mistura de defeitos, tomo a tua defesa, enquanto ele, que te viu, com toda a tranquilidade, a ser atacado, despojado, maltratado, espezinhado, ele de quem se diz ser a soma de toda a perfeição?...

JACQUES – Meu senhor, paz, paz, o que diz cheira a sacrilégio...

O SENHOR – Para onde é que estás a olhar?

JACQUES – Olho para ver se não há ninguém à nossa beira que vos tivesse ouvido... O doutor tomou-me o pulso e viu que tinha febre. Deitei-me sem falar da minha aventura, sonhando na minha cama, tendo que prestar contas a duas almas, Meu Deus!, e que almas!, já não tendo um tostão, e sem a menor dúvida que de manhã, ao despertar, me exigiriam o preço combinado por cada dia.

Nesta altura, o senhor abraçou o criado pelo pescoço, gritando: “Meu pobre Jacques, que vais fazer agora? Que vai ser de ti? A tua situação assusta-me.

JACQUES – Meu senhor, tranquilize-se. Estou aqui.

O SENHOR – Já me tinha esquecido. Estava nessa manhã, a teu lado, em casa do doutor, no momento em que despertas e em que te vêm pedir o dinheiro.

JACQUES – Meu senhor, não sabemos de que nos alegrar ou nos afligir nesta vida. O bem traz o mal, o mal traz o bem. Avançamos pela noite, por baixo do que está escrito lá em cima, igualmente insensatos nos nossos desejos, na nossa alegria e na nossa aflição. Quando choro, acho muitas vezes que é uma palermice.

O SENHOR – E quando ris?

JACQUES – Continuo a achar que é palermice; e no entanto não posso impedir-me nem de rir nem de chorar; e é isso que me mete raiva. Já tentei cem vezes... Não consegui pregar olho durante a noite...

O SENHOR – Não, não, diz-me o que é que tentaste.

JACQUES – Rir-me de tudo. Ah, se tivesse conseguido.

O SENHOR – De que é que te serviria?

JACQUES – Para me livrar das preocupações, para nunca mais ter necessidade de nada, para me tornar inteiramente senhor de mim próprio, para estar tão bem com a cabeça em cima de um marco, de uma esquina da rua ou de um travesseiro. Algumas vezes consigo, mas o diabo é que a coisa não dura, e que duro e firme como um rochedo nas grandes ocasiões, sucede muitas vezes que uma pequena contrariedade, uma bagatela me deixa fora de mim. É para me encher de bofetadas a mim próprio. Renunciei a tal, tomei o partido de ser como sou, e reparei, pensando um pouco, que ia dar ao mesmo, pouco acrescentando ao que se é. É uma outra resignação, mais fácil e mais cómoda.

O SENHOR – Mais cómoda é, de certeza.

JACQUES – Pela manhã, o cirurgião puxou as cortinas e disse-me: “Vamos, amigo, o seu joelho, porque ainda tenho que ir para longe.”

- Doutor – respondi-lhe eu, com um tom lamentoso -, tenho sono.

- Tanto melhor, é bom sinal.

- Deixe-me dormir, não me apetece que me faça o penso.

- Não há grande inconveniente nisso, durma...

Dito isso, fecha os cortinados; eu não durmo. Uma hora depois, a doutora puxa as cortinas e diz-me: “Vamos, amigo, tome as suas sopas de vinho com açúcar.”

- Senhora doutora – respondi-lhe num tom lamentoso -, não tenho apetite.

- Coma, coma, não é por isso que vai pagar nem mais nem menos.

- Não quero comer.

- Tanto melhor, fica para os meus filhos e para mim” – e, dito isto, chama os filhos e ei-los que se põem a despachar as minhas sopas de vinho com açúcar.

Leitor, se eu fizesse aqui uma pausa e retomasse a história do homem que tinha uma só camisa, porque não tinha senão um corpo de cada vez, gostaria bem de saber o que acharia disso? - Que me fui enfiar num “impasse” à Voltaire, ou, mais vulgarmente, num beco sem saída de onde não sei como sair, e que me meto num conto feito à medida para ganhar tempo e encontrar o meio de sair de onde me meti. Ora bem, leitor, está completamente enganado. Sei muito bem como é que Jacques será livre da sua aflição, e o que vos vou dizer de Gousse, o homem de uma só camisa de cada vez, porque só tinha um corpo de cada vez. Não é nenhum conto.

Era um dia de Pentecostes, pela manhã, quando recebi um bilhete de Gousse, em que me suplicava que o fosse visitar à prisão onde estava encerrado. Enquanto me vestia imaginava a sua aventura, e pensava que o seu alfaiate, o seu padeiro, o seu taberneiro ou o seu senhorio tinham obtido e mandado executar contra ele um mandado de detenção. Chego, e

encontro-o fazendo sala comum com outras personagens com cara de mau augúrio. Perguntei-lhe quem eram aquelas pessoas.

“O velho que vê ali com as lunetas sobre o nariz, é um homem engenhoso, que sabe superiormente de cálculo e que deseja mandar emoldurar as certidões que copia com as suas contas. Isso é difícil, já falámos nisso, mas não restam dúvidas de que conseguirá.

- E este outro?

- É um parvo.

- E além disso?

- Um parvo que tinha inventado uma máquina para fazer notas falsas, uma máquina defeituosa, que deita água por vinte buracos.

- E este terceiro que está vestido de libré e que imita um trombone?

- Só está aqui enquanto espera, ou esta tarde ou amanhã de manhã, porque o seu caso não é nada, que seja transferido para Bicêtre.

- E vós?

- Eu? O meu caso ainda é menos...

Depois desta resposta, levanta-se, pousa o gorro em cima da cama, e nesse mesmo instante os seus três camaradas de prisão desaparecem. Quando entrei, tinha encontrado Gousse em roupão, sentado a uma pequena mesa, traçando figuras geométricas e trabalhando tão tranquilamente como se estivesse em casa. Eis-nos a sós. “E vós, que fazeis aqui?”

- Eu? Eu trabalho, como vê.

- E quem é que vos pôs aqui?

- Eu.
- Como vós?
- Eu, eu, senhor.
- E como é que o conseguiu?
- Como teria conseguido com outro qualquer. Pus um processo a mim mesmo, ganhei, e em consequência da sentença que obtive contra mim e do decreto que se lhe seguiu, fui detido e conduzido aqui.
- Está maluco?
- Não, senhor, conto-lhe as coisas tal como foram.
- Não poderíeis instaurar um outro processo contra si, ganhá-lo, e em consequência de uma outra sentença e de um outro decreto, fazer-vos libertar?
- Não, senhor.

Gousse tinha uma criada bonita, e que lhe servia de cara metade mais vezes do que a sua. Esta partilha desigual tinha perturbado a paz doméstica. Embora nada fosse mais difícil do que apoquentar este homem, de todos aquele que menos se incomodava com rumores, tomou o partido de deixar a sua mulher e viver com a sua criada. Mas toda a sua fortuna consistia em móveis, máquinas, desenhos, utensílios e outros valores mobiliários, e ele preferia deixar a sua mulher completamente nua que abalar de mãos vazias; em consequência, eis o projecto que concebeu. Foi o de aceitar letras de câmbio à criada, que reclamaria o seu pagamento e obteria a penhora e venda dos seus bens, que iriam do Pont Saint-Michel para o alojamento onde fazia tenção de se instalar com ela. Encantado com a ideia, preencheu as letras, fixa-se um prazo a si próprio

para as pagar, tem dois procuradores. Ei-lo correndo de um para outro, perseguindo-se a si próprio com toda a vivacidade possível, atacando-se bem, defendendo-se mal; ei-lo condenado a pagar sob as penas cominadas por lei, apoderando-se em espírito de tudo o que poderia haver na casa. Mas as coisas não se passaram dessa maneira. Tinha pela frente uma velhaca muito manhosa, que em vez de lhe executar os móveis, visou antes a sua pessoa, fê-lo prender e meter na prisão; de modo que, algo bizarras que fossem as respostas enigmáticas que me tinha dado, nem por isso eram menos verdadeiras.

Enquanto vos relatava esta história que haveis tomado por um conto... - E aquela do homem que imita um trombone? - Leitor, prometo-lhe, palavra de honra, que não a perderá; mas permita-me que volte a Jacques e ao seu senhor. Jacques e o seu senhor tinham chegado ao local onde iriam passar a noite. Já era tarde, a porta da cidade estava fechada, e foram obrigados a parar nos subúrbios. Lá ouço uma algazarra... - Ouvem! Não estavam lá, não se trata de vocês. - É verdade. Ora bem, Jacques, o seu senhor... Ouve-se uma algazarra assustadora. Vejo dois homens... - Não vêem nada, não se trata de vocês, vocês não estavam lá. - É verdade. Estavam dois homens à mesa, conversando com toda a tranquilidade à porta do quarto que ocupavam; uma mulher, os dois punhos nas ancas, vomitava-lhes uma torrente de injúrias. E Jacques tentava apaziguar esta mulher que fazia tanto caso das suas advertências pacíficas como as duas personagens a quem ela se dirigia faziam caso das suas invectivas. “Vamos, boa mulher – dizia-lhe Jacques, paciência, acalme-se, vejamos, de que é que se trata? Estes senhores parecem-me pessoas honestas.”

- Eles, pessoas honestas? São é brutos, gente sem piedade, sem humanidade, sem quaisquer sentimentos. Eh!, mas que mal lhes fazia esta

pobre Nicole para a maltratarem desta maneira? É capaz de ficar estropiada para o resto da vida.

- O mal talvez não seja tão grande como pensa.

- O golpe foi terrível, digo-lho eu, ela vai ficar estropiada.

- Vamos a ver, ainda é preciso chamar o cirurgião.

- Já lá foram.

- Pô-la na cama.

- Já lá está e grita de maneira que se parte o coração. Minha pobre Nicole!...

No meio destas lamentações, batiam de um lado e gritavam: “Nossa patroa!, vinho...” Ela respondia: “Já vai.” Batiam de outro lado e gritavam: “Nossa patroa!, roupa branca...” Ela respondia: “Já vai.” - “As costeletas e o pato. - Já vai – Um vaso para beber e um bacio. - Já vai, já vai.” E doutro canto do alojamento, um homem fora de si; “Maldito fala-barato! Danado fala-barato! Porque é que te metes onde não és chamado? Resolveste fazer-me esperar até amanhã? Jacques? Jacques!”



A estalajadeira, um pouco recomposta da sua dor e da sua fúria, disse a Jacques: “Senhor, deixe-me, é demasiado generoso.”

- Jacques? Jacques?

- Vá lá depressa; ah!, se soubesse todas as desgraças daquela pobre criatura!...

- Jacques? Jacques?

- Vá lá, creio que é o seu amo que o chama.

- Jacques? Jacques?

Era com efeito o senhor de Jacques que se tinha despido sozinho, que morria de fome e que se impacientava por não estar já servido. Jacques subiu e, um momento depois de Jacques, a estalajadeira que tinha um ar verdadeiramente abatido. “Senhor – diz ela ao amo de Jacques , mil perdões; é que há mil coisas na vida difíceis de engolir. O que deseja?... Tenho frango, pombo, um excelente lombo de lebre, coelho, este cantão tem muito bom coelho. Gostaria mais de um passarinho da ribeira?”

Jacques encomendou a ceia do seu senhor e a sua própria, como era costume. Serviram-nas, e ao mesmo tempo que devorava, o senhor dizia a Jacques: “Eh, mas que diabo é que fazias lá em baixo?”

JACQUES - Talvez bem, talvez mal, quem é que o pode saber?

O SENHOR – E que bem ou que mal é que fazias lá em baixo?

JACQUES – Impedia esta mulher de levar uma tarefa de dois homens que estão lá em baixo e que pelo menos partiram um braço à sua serva.

O SENHOR – E talvez tivesse sido bom para ela levar uma tarefa.

JACQUES – Por dez razões, umas melhores que as outras. Uma das maiores felicidades que me aconteceram na minha vida, a mim que vos falo...

O SENHOR – Foi a de teres levado uma tarefa?... (À nossa.)

JACQUES – Sim, meu senhor, espancado, espancado na estrada real, à noite, ao voltar da aldeia, como lhe dizia, depois de ter feito o que para mim foi uma estupidez, e que para vós foi uma boa acção, a de ter dado o meu dinheiro.

O SENHOR – Estou-me a lembrar... (À nossa.) E a origem da querela que tu acalmavas lá em baixo, e dos maus tratos dados à filha ou à serva da estalajadeira?

JACQUES – Palavra, ignoro completamente.

O SENHOR – Ignoras o fundo de um caso, e mesmo assim te intrometes! Jacques, isso não se justifica nem à luz da prudência, nem da justiça, nem sequer dos teus princípios... (À nossa.)

JACQUES – Não sei o que são princípios, mas creio que são as regras que se prescrevem aos outros para seu benefício pessoal. Penso de uma

maneira, e nem por isso sou capaz de me impedir de agir de maneira diferente. Todos os sermões se parecem com os preâmbulos dos decretos do rei; todos os pregadores gostariam que praticássemos as suas lições, porque nos tornaríamos talvez melhores, mas eles com toda a certeza que não ligam ao que pregam. A virtude...

O SENHOR – A virtude, Jacques, é uma coisa boa, maus e bons estão nisso de acordo... (À nossa.)

JACQUES – Porque uns e outros já ajustaram as suas contas.

O SENHOR – E como é que foi para ti uma grande felicidade a de ter levado uma tarefa?

JACQUES – É tarde. Ceou bem e eu também, estamos os dois cansados, acredite, melhor que nos deitemos.

O SENHOR – Não pode ser, e a estalajadeira ainda ficou de nos trazer mais qualquer coisa. Enquanto esperamos, retoma a história dos teus amores.

JACQUES – Onde é que eu ia? Peço-lhe, meu senhor, por esta vez e por todas as outras, que me ponha onde eu tinha ficado.

O SENHOR – Encarrego-me disso, e para entrar na minha função de ponto, estavas na tua cama, sem dinheiro, terrivelmente embaraçado, enquanto a doutora e os filhos comiam as tuas sopas de vinho com açúcar.

JACQUES – Foi então que se ouviu uma carruagem parar à porta da casa. Um criado entra e pergunta: “Não é aqui que mora um pobre homem, um soldado que caminha com uma muleta, que regressou ontem da aldeia vizinha?”

- Sim – respondeu a doutora -, o que é que lhe quer?

- Pô-lo nesta carruagem e levá-lo connosco.

- Está nesta cama, puxe os cortinados e fale com ele.

Jacques ia nesse ponto quando a estalajadeira entrou e lhes disse: “Que quereis de sobremesa?”

O SENHOR – O que tiver.

A estalajadeira, sem se dar ao trabalho de descer, gritou do quarto: “Nanon, traz a fruta, os biscoitos, as compotas.”

A este nome de Nanon, Jacques disse em aparte: “Ah!, é a filha que maltrataram, qualquer um ficaria furioso por menos...”

E o senhor disse à estalajadeira: “Há pouco, estava bem zangada.

A ESTALAJADEIRA – E quem é que não se zangaria? A pobre criatura não lhes tinha feito mal nenhum. Mal ela entrou no quarto deles que eu a ouvi gritar, e que gritos!... Deus louvado, já estou um pouco mais descansada; o cirurgião acha que não será nada; ela tem, no entanto, duas enormes contusões, uma na cabeça, outra no ombro.

O SENHOR – Há muito tempo que a tem consigo?

A ESTALAJADEIRA – Há uma quinzena ou mais. Ela tinha sido abandonada na posta vizinha.

O SENHOR – Como abandonada?

A ESTALAJADEIRA – Eh!, Meu Deus, sim! É que há pessoas mais duras que as pedras. Ainda pensaram que se afogasse quando passaram o

rio que corre aqui perto; chegou aqui como por milagre, e recebi-a por caridade.

O SENHOR – Que idade é que ela tem?

A ESTALAJADEIRA – Dou-lhe mais de ano e meio...”

Ao ouvir esta frase, Jacques começou a rir às gargalhadas e exclamou: “É uma cadela?”

A ESTALAJADEIRA – O mais belo animal do mundo; não daria a minha Nicole nem por dez francos. Minha pobre Nicole!

O SENHOR – A senhora tem bom coração.

A ESTALAJADEIRA – É como diz. Afeiçoo-me aos meus animais e à minha gente.

O SENHOR – Faz muito bem. E quem são esses que tão rudemente maltrataram a sua Nicole?

A ESTALAJADEIRA – Dois burgueses da cidade próxima. Sussurram sem parar à orelha um do outro, imaginam que não sabemos de que falam, e que ignoramos a sua aventura. Ainda não há três horas que aqui estão e não perdi nem uma palavra de todo o seu caso. É engraçado e se não tiverem mais pressa de se deitar do que eu, eu vo-la contarei tal e qual os seus criados contaram à minha criada, que descobriu por acaso que era da terra deles, e que depois contou ao meu marido, que por sua vez ma contou. A sogra do mais jovem dos dois passou por aqui há não mais de três meses; ela ia muito contra vontade para um convento de província onde os ossos não lhe envelheceram, morreu lá, e eis a razão pela qual os nossos dois jovens estão de luto... Mas eis que sem me aperceber já lhes estou a contar a história. Boa noite, senhores, e uma noite descansada. O vinho estava bom?

O SENHOR – Muito bom.

A ESTALAJADEIRA – Ficaram contentes com a ceia?

O SENHOR – Muito contentes. Os espinafres estavam um pouco salgados.

A ESTALAJADEIRA – Algumas vezes vai-se-me a mão. Ficam bem deitados, e em lençóis lavados com lixívia, aqui nunca servem mais de duas vezes seguidas.

Dito isto, a estalajadeira retirou-se, e Jacques e o seu amo deitaram-se, rindo do quiproquó que os tinha feito tomar uma cadela pela filha ou pela criada da casa, e pela paixão da estalajadeira por uma cadela perdida que tinha em seu poder há quinze dias. Jacques disse ao seu senhor, atando as fitas do barrete de dormir: “Era capaz de apostar de que de todos os seres vivos que há nesta estalagem, esta mulher só gosta da Nicole.” O amo respondeu: “Pode bem ser, Jacques; mas vamos dormir.”

Enquanto Jacques e o seu senhor repousam, vou cumprir a minha promessa de contar a história do homem que imitava um trombone, ou antes da do seu camarada, o senhor Gousse.

“Este terceiro – diz-me ele -, é o mordomo de uma grande casa. Apaixonou-se por uma padeira da Rua de l’Université. O padeiro era um bom homem, que estava mais atento ao forno que à conduta da sua mulher. Não era pelos seus ciúmes mas sim pela sua contínua presença que incomodava os nossos dois amantes. Que é que eles fizeram para se livrar daquela contrariedade? O mordomo apresentou ao seu amo um memorial onde o padeiro era acusado como sendo um homem de maus costumes, um bêbado que nunca saía da taberna, um bruto que batia na

mulher, a mais honesta e a mais infeliz das mulheres. Com base no memorial, obteve um mandado com o carimbo do Rei e a assinatura de um secretário de Estado, e este mandado, que decidia sobre a liberdade do marido, foi entregue às mãos de um oficial de diligências, para ser executado sem demora. Sucede que por acaso, este oficial de diligências era amigo do padeiro. Iam de tempos a tempos a uma adega; o padeiro fornecia os bolinhos, o oficial pagava a garrafa. Este, munido do mandado passa diante da porta do padeiro e faz-lhe o sinal combinado. Ei-los aos dois ocupados a comer e a regar os bolinhos, e o oficial perguntando ao seu amigo como que é que iam os negócios?

- Muito bem.

- Se não tinha havido nenhum negócio que tivesse corrido mal?

- Nenhum.

- Se não tinha inimigos?

- Nenhum, que ele soubesse.

- Como é que se dava com os seus parentes, os seus vizinhos, a sua mulher?

- Em amizade e em paz.

- Então de onde é que pode vir – acrescentou o oficial -, a ordem que tenho de te prender? Se eu cumprisse o meu dever deitava-te a mão ao colarinho, teria ali uma carruagem já pronta, e conduzia-te ao local mencionado neste mandado. Toma, lê.

O confeitiro leu e empalideceu. O oficial disse-lhe: “Sossega, vejamos juntos o que é que temos de melhor a fazer para a minha segurança e para a tua. Quem é que frequenta a tua casa?

- Ninguém.
- A tua mulher é bonita e sedutora.
- Deixo-a fazer o que lhe apeteça.
- Há alguém que ande atrás dela?
- Palavra que não, ninguém a não ser que seja um certo mordomo que vem algumas vezes tomar-lhe as mãos nas suas e debitar-lhe lamechices, mas sempre dentro da loja, diante de mim, na presença dos meus filhos, e creio que não se passa nada entre eles que não seja coisa boa e honrada.
- És um bom homem.
- Pode ser, mas o melhor de tudo é acreditar que a sua mulher é honesta, e é o que faço.
- E este mordomo, em que casa trabalha?
- Na de M. de Saint-Florentin.
- E de que escritórios achas tu que vem o mandado de detenção?
- Dos escritórios de M. de Saint-Florentin, talvez?
- Tu o disseste.
- Oh! comer os meus bolos, fazer amor com a minha mulher e mandar-me para a prisão, tudo isto é demasiado tenebroso para ser possível.
- És um bom homem! De há uns dias para cá, como é que tens achado a tua mulher?
- Mais triste que alegre.
- E o mordomo, quando é que foi a última vez que o viste?
- Ontem, acho eu, foi ontem.

- Não reparaste em nada de especial?
- Sou pouco observador, mas pareceu-me que ao despedirem-se faziam alguns sinais com a cabeça, como quando um diz que sim e o outro diz que não.
- Qual era a cabeça que dizia que sim?
- A do mordomo.
- Ou estão inocentes ou são cúmplices. Escuta, meu amigo, não voltes para casa, esconde-te em algum sítio seguro, no Temple, na Abadia, onde tu quiseses, e entretanto deixa-me trabalhar. Sobretudo, não te esqueças de...
- De não aparecer e de me calar.
- Isso mesmo.

No mesmo momento a casa do padeiro foi cercada por espões. Bufos disfarçados de toda a maneira e feitio dirigem-se à padeira e perguntam-lhe pelo marido; ela responde a um que está doente, a outro que foi a uma festa, a um terceiro que foi a um casamento. Quando é que volta? Ela não sabe.

Ao terceiro dia, pelas duas horas da manhã, vêm avisar o oficial de diligências que tinham visto um homem, o nariz tapado por um manto, abrir lentamente a porta da rua e penetrar de mansinho na casa do padeiro. De imediato, o oficial, acompanhado por um comissário, um serralheiro, um fiacre e alguns alabardeiros, faz-se transportar até ao local. A porta é arrombada, o oficial de diligências e o comissário sobem discretamente. Batem à porta do quarto da padeira, nada de resposta; batem outra vez, nenhuma resposta; à terceira vez, perguntam de dentro: “Quem é?”

- Abra.

- Quem é?

- Abra, é da parte do rei.

- Bom – dizia o mordomo à padeira, com a qual estava deitado -, não há perigo nenhum, é o oficial de diligências que vem para executar o mandado. Abra, eu digo quem sou, ele vai-se embora e tudo ficará resolvido.

A padeira, em camisa, abre e volta para a cama.

O OFICIAL – Onde está o seu marido?

A PADEIRA – Não está cá.

O OFICIAL (afastando a cortina) – Então quem é este que está aqui?

O MORDOMO – Sou eu; sou o mordomo de M. de Saint-Florentin.

O OFICIAL – Você mente, você é o padeiro, porque o padeiro é aquele que dorme com a padeira. Levante-se, vista-se e venha comigo.

Foi preciso obedecer, conduziram-no para aqui. O ministro, sabedor da perfídia do seu mordomo aprovou a conduta do oficial de diligências, que o deverá vir buscar a esta prisão, lá para o fim da tarde, para o transferir para Bicêtre, onde, graças à economia dos administradores, há-de comer o seu quarto de pão que o diabo amassou, a sua onça de vaca, e fará de trombone de manhã à noite.”

E se eu fosse agora descansar a cabeça numa almofada, à espera que Jacques e o seu senhor despertem, que é que acham?

Na manhã seguinte, Jacques levantou-se cedinho, pôs a cabeça de fora da janela para ver o tempo que fazia, viu que estava um tempo detestável, voltou a deitar-se e deixou-nos dormir, ao seu amo e a mim, por todo o tempo que nos apetecesse.

Jacques, o seu senhor, e os outros viajantes que tinham ficado na mesma pousada, pensaram que o céu clareasse para a tarde; não foi o que aconteceu, e as fortes chuvadas fizeram transbordar o rio que separava os subúrbios e a cidade, a ponto que seria perigoso atravessá-lo. Todos os que seguiam para esse lado, tomaram o partido de perder o dia e de esperar. Uns puseram-se a conversar, outros a ir e vir de um lado para outro, a praguejar e a bater o pé, enfiar o nariz na porta, olhar o céu, e voltar para dentro, a praguejar e a bater o pé; vários a discutir o estado da coisa pública e a beber; muitos a jogar, o resto a fumar, a dormir e a não fazer nada. O senhor disse a Jacques: “Espero que Jacques retome a história dos seus amores, visto que o céu, que quer que eu tenha a satisfação de a ouvir, nos retém aqui por causa do mau tempo.”

JACQUES – Que é o céu que quer? Nunca se sabe o que é que o céu quer ou não quer, e se calhar nem ele próprio sabe. O meu pobre capitão, que já não está entre nós, repetiu-mo cem vezes, e quanto mais vivo mais reconheço que é uma grande verdade. À vossa, meu senhor.

O SENHOR – Entendo. Estavas na carruagem e no criado, a quem a doutora disse para abrir a cortina e falar contigo.

JACQUES – Esse criado aproxima-se da minha cama e diz-me: “Vamos, camarada, levante-se, vista-se e partamos.” Respondi-lhe, de dentro dos lençóis e da coberta que me cobriam a cabeça, sem ver nem ser visto:

“Camarada, deixe-me dormir e vá-se embora.” O criado replica que tem ordens do seu amo e que é preciso que as cumpra.

- E que ordena o seu amo de um homem que não conhece? Mandou ele pagar o que devo aqui?

- É coisa feita. Despache-se, toda a gente o espera no castelo onde lhe garanto que estará melhor que aqui, se os próximos capítulos corresponderem à curiosidade que lhes despertou.

Deixo-me persuadir; levanto-me, visto-me, amparam-me pelo braço. Já tinha dito adeus à doutora e ia subir para a carruagem, quando essa mulher, aproximando-se de mim, me puxa pela manga, e me pede que passe a um canto do quarto, porque tinha algo a dizer. “Bem, nosso amigo, não tem nenhuma razão de queixa de nós, segundo creio; o doutor salvou-lhe uma perna, eu, eu cuidei bem de si, e espero que no castelo não nos esqueça.

- O que é que poderei fazer por vocês?

- Pedir que seja o meu marido que lá vá para lhe fazer o penso; o que há lá de gente! É a melhor freguesia do cantão; o titular é um homem generoso, paga com largueza, só dependeria de si fazer a nossa fortuna. O meu marido bem tentou, e por várias vezes, meter-se lá, mas inutilmente.

- Mas, senhora doutora, não há cirurgião no castelo?

- Claro que sim.

- E se esse fosse o seu marido, gostaríeis que o prejudicassem e que fosse expulso?

- Esse cirurgião é um homem a quem não deve nada, e creio que deve alguma coisa ao meu marido; se anda com os dois pés, como se pode ver, é obra dele.

- E porque o seu marido me fez bem, isso é motivo para que eu faça mal a outro! Outra coisa seria se o lugar estivesse vago...

Jacques ia continuar, quando a estalajadeira entrou segurando nos braços Nicole enfaixada numa camisola, beijando-a, chorando-a, acariciando-a, falando-lhe como a um filho. “Minha pobre Nicole, em toda a noite só soltou um grito. E vós, meus senhores, dormistes bem?”

O SENHOR – Muito bem.

A ESTALAJADEIRA – Estamos cheios por todos os lados.

JACQUES – Ficámos muito aborrecidos.

A ESTALAJADEIRA – Os senhores vão para longe.

JACQUES – Não sabemos nada.

A ESTALAJADEIRA – Os senhores vão atrás de alguém?

JACQUES – Nós não vamos atrás de ninguém.

A ESTALAJADEIRA – Vão para onde param, segundo os negócios que tenham ao longo do caminho.

JACQUES – Não, não temos nenhum.

A ESTALAJADEIRA – Os senhores, então, viajam por prazer.

JACQUES – Ou por desgosto.

A ESTALAJADEIRA – Espero que seja o primeiro caso.

JACQUES – O seu desejo nada adianta, será o que estiver escrito lá em cima.

A ESTALAJADEIRA – Oh!, é um casamento?

JACQUES – Talvez sim, talvez não.

A ESTALAJADEIRA – Senhores, tenham cuidado. Esse homem que está lá em baixo, e que tão rudemente tratou a minha Nicole, fez uma bem disparatada. Vem, minha pobre bichinha, vem para te dar um beijinho; prometo que isso não voltará a acontecer. Olhem como ela treme com todas as patinhas!

O SENHOR – E o que é que tem de tão singular o casamento deste homem?

A esta pergunta do amo de Jacques, a estalajadeira disse: “Ouço barulho lá em baixo, vou dar as minhas ordens e já volto para vos contar tudo...” O seu marido, farto de lhe gritar: “Minha mulher? Minha mulher?” sobe, e com ele um compadre em que não reparara. O estalajadeiro diz à sua mulher: “Eh!, que diabo é que estás aqui a fazer?...” Depois, ao voltar-se e ao aperceber do seu compadre: “Trazes-me o dinheiro?”

O COMPADRE – Não, compadre, sabe bem que não tenho nenhum.

O ESTALAJADEIRO – Não tens nenhum? Eu saberia bem como ganhá-lo com a tua charrua, os teus cavalos, os teus bois, e a tua cama. Como, vadio!...

O COMPADRE – Não sou nenhum vadio.

O ESTALAJADEIRO – Então o que é que és? Estás na miséria, não sabes onde arranjar semente para os teus campos; o teu senhorio, farto de te dar mais tempo para pagar, já não te quer dar nada. Vens ter comigo,

esta mulher intercede, esta maldita tagarela que é a causa de todos os disparates da minha vida, incita-me a que te empreste, eu empresto, tu prometes pagar-me, e por dez vezes não cumpres. Oh!, eu é que te prometo que não vou faltar. Sai daqui.”

Jacques e o seu senhor preparavam-se para advogar a causa daquele pobre diabo, mas a estalajadeira, pondo o dedo na boca, fez-lhes sinal para se calarem.

O ESTALAJADEIRO – Sai daqui.

O COMPADRE – Tudo o que diz é verdade, é verdade que os meirinhos estão em minha casa e que dentro de um momento ficaremos reduzidos ao alforge, a minha filha, o meu rapaz e eu.

O ESTALAJADEIRO – É a sorte que mereces. Que é que vieste fazer aqui esta manhã? Acabo de envasilhar o meu vinho, e subir da minha cave, e não te encontrei. Sai daqui, é o que te digo.

O COMPADRE – Compadre, eu tinha já vindo; mas com receio da recepção que me está a fazer, dei a volta e fui-me embora.

O ESTALAJADEIRO – É o melhor que tens a fazer.

O COMPADRE – Eis então a minha pobre Margarida que é tão inteligente e tão bonita, e que irá servir para Paris.

O ESTALAJADEIRO – Servir! Em Paris! Queres então fazer dela uma infeliz?

O COMPADRE – Não sou eu quem quer, é o homem insensível a quem falo.

O ESTALAJADEIRO – Eu, um homem insensível? Não sou nada, nunca o fui, e tu sabes bem.

O COMPADRE – Já não estou em condições de alimentar a minha filha e o meu rapaz; a minha filha vai servir, o meu filho vai-se alistar no exército.

O ESTALAJADEIRO – E isso por minha culpa! Não pode ser. És um homem cruel, enquanto eu viver tu serás o meu suplício. Bem, vejamos de que é que precisas.

O COMPADRE – Não preciso de nada. Estou desolado por estar em dívida para consigo, e se pudesse nunca vos deveria nada na vida. Faz pior com as suas injúrias que o bem que faz com os seus serviços. Se eu tivesse dinheiro, deitar-lho-ia à cara, mas não tenho. A minha filha será tudo o que Deus quiser, o meu filho far-se-á matar se for preciso, e eu, eu mendigarei, mas não será à vossa porta. Nunca mais, nunca mais terei obrigações para um mau homem como vós. Guarde bem o dinheiro dos meus bois, dos meus cavalos e dos meus utensílios, grande bem vos faça. Nasceu para fazer de nós ingratos e eu não quero sê-lo. Adeus.

O ESTALAJADEIRO – Minha mulher, ele vai-se embora, não o deixes sair.

A ESTALAJADEIRA – Vamos, compadre, pensemos nos meios de o socorrer.

O COMPADRE – Não quero nenhum dos seus socorros, são demasiado caros.

O estalajadeiro repetia baixo à sua mulher: “Não o deixes sair, segura-o. A filha em Paris! O filho no exército! Ele à porta da paróquia! Eu não aguentaria uma coisa dessas.”

Entretanto a mulher fazia esforços inúteis; o camponês, que era teimoso, nada queria aceitar e era irredutível. O estalajadeiro, de lágrimas nos

olhos, dirigia-se a Jacques e ao seu senhor, e dizia-lhes: “Senhores, tratem de o convencer.” Jacques e o seu senhor juntaram-se ao grupo, todos ao mesmo tempo suplicavam ao camponês. Se vi alguma vez... Se alguma vez tivesse visto! - Mas você não estava lá. Diga antes, se alguma vez se viu! - Ora bem, seja. Se alguma vez se viu um homem confundido por uma recusa, exaltado por que não lhe aceitavam o dinheiro, era este estalajadeiro; beijava a sua mulher, beijava Jacques e o seu senhor, gritava: “Que vão bem depressa expulsar de sua casa esses execráveis meirinhos.

O COMPADRE – Mas deixe lá que também...

O ESTALAJADEIRO – Concordo que estrago tudo, mas, compadre, que queres tu?, o que eu sou é o que está à vista. A natureza fez de mim o homem mais duro e o mais meigo, não consigo nem dar nem recusar.

O COMPADRE – Não poderíeis ser de outra maneira?

O ESTALAJADEIRO – Já estou na idade em que não há correcção possível; mas se os primeiros que se me dirigiram me tivessem tratado tão mal como tu o fizeste, talvez me tivesse tornado melhor. Compadre, agradeço a tua lição, talvez me aproveite... Minha mulher, vai depressa, desce e dá-lhe o que precisar. Que diabo, mexe-te, com os demónios!, mexe-te, ainda vais!... Minha mulher, peço-te que te apresses um pouco e que não o faças esperar, virás em seguida ter com estes senhores com os quais me parece que gostas de estar...

A mulher e o compadre desceram, o estalajadeiro ainda ficou um momento e logo que se afastou, Jacques disse ao seu senhor: “Eis um homem singular! O céu que mandou este mau tempo que nos retém aqui, porque queria que vós ouvísseis dos meus amores, que é que quererá agora?”

O amo, estendendo-se no sofá, bocejando, batendo na tabaqueira, respondeu: “Jacques, ainda dispomos de um dia para viver juntos, a menos que...

JACQUES – Quer dizer que o céu quer que eu me cale por hoje ou que seja a estalajadeira a falar; é uma palradora que não pede melhor; pois que seja ela a falar.

O SENHOR – Estás de mau humor.

JACQUES – É porque também gosto de falar.

O SENHOR – A tua vez chegará.

JACQUES – Ou não chegará.

Estou a ouvi-lo, leitor; eis, diz, o verdadeiro desenlace do “Misanthropo Generoso”¹⁰. Penso que sim. Teria introduzido nesta peça, se fosse eu o autor, uma personagem que seria tomada por episódica, e que não o teria sido de nenhuma maneira. Esta personagem teria aparecido por várias vezes e haveria sempre um motivo para a sua presença. Na primeira vez, teria vindo pedir um favor; mas o receio de ser mal acolhido tê-lo-ia feito sair antes da chegada de Geronte. Coagido pela irrupção de meirinhos na sua casa, teria tido pela segunda vez a coragem de esperar por Geronte, mas este teria recusado recebê-lo. Por fim, tê-lo-ia levado ao epílogo onde teria feito o papel do camponês na estalagem. Tal como o camponês, teria uma filha que iria colocar numa loja de modas, um filho que iria retirar da escola para o pôr a servir, quanto a ele, estava determinado a mendigar até que se cansasse de viver. Teriam visto o “Misanthropo Generoso” a seus pés, teriam ouvido o “Misanthropo Generoso” repreendido como merecia, teria sido forçado a dirigir-se a

10 Peça de Carlo Goldoni, em francês “Le Bourru Bienfaisant”. (N. do T.)

toda a família ao seu redor, para aplacar o seu devedor e obrigá-lo a aceitar novas ajudas. O “Misanthropo Generoso” teria sido punido, teria prometido corrigir-se, mas no mesmo instante teria retomado o seu carácter ao impacientar-se contra todas as personagens em cena que teriam usado de gentilezas uns para com os outros para entrar novamente em casa, teria dito com brusquidão: *Que o diabo leve as cerimónias...* mas teria ficado a meio da palavra, e com um tom mais doce teria dito às sobrinhas: “Vamos, minhas sobrinhas, dai-me a mão e passemos.” - E para que esta personagem estivesse ligado ao enredo, teríeis feito dele um protegido do sobrinho de Geronte? - Muito bem. - E teria sido pelas súplicas do sobrinho que o tio teria emprestado o dinheiro? - Às mil maravilhas! - E este empréstimo teria sido uma ofensa do tio contra o sobrinho? - É isso mesmo. - E o epílogo desta agradável peça não teria sido um ensaio geral com toda a família a lançar-lhe em cara tudo o que fez com cada um deles em particular? - Tem razão. - E se alguma vez encontrar o sr. Goldoni, hei-de-lhe declamar a cena da estalagem. - E fará muito bem, é homem mais hábil do que é preciso para tirar disso um bom partido.

A estalajadeira voltou a subir, sempre com Nicole nos seus braços, e disse: “Creio que vão ter um bom jantar; o caçador furtivo acaba de chegar; o guarda do senhor não tardará...” E, enquanto assim falava, pegou numa cadeira. Ei-la sentada, e que a sua história começa.

A ESTALAJADEIRA – É preciso desconfiar dos criados, os amos não têm piores inimigos.

JACQUES – Minha senhora, não sabe o que diz, há bons e maus, e talvez se contem mais bons criados que bons amos.

O SENHOR – Jacques, não está a ouvir o que diz, e comete precisamente a mesma indiscrição que o chocou.

JACQUES – É que os senhores...

O SENHOR – É que os criados...

Ora bem, leitor, o que é que me impede que desencadeie uma violenta querela entre estas três personagens? que a estalajadeira não seja levantada pelos ombros e atirada para fora do quarto por Jacques; que Jacques não seja levantado pelos ombros e atirado para fora do quarto pelo seu senhor; que um vá para um lado e o outro para outro; e que nem ouça nem a história da estalajadeira, nem o seguimento dos amores de Jacques? Tranquelize-se, não farei nada disso. A estalajadeira retomou pois:

“É preciso ver que se há homens muito maus, também há mulheres muito más.

JACQUES – E que não é preciso ir muito longe para as encontrar.

A ESTALAJADEIRA – Porque é que se mete? Sou mulher, posso dizer das mulheres tudo o que quiser, não preciso da sua aprovação.

JACQUES – A minha aprovação vale tanto como outra qualquer.

A ESTALAJADEIRA – Tem aí, meu senhor, um criado que se arma em esperto e que lhe falta ao respeito. Também tenho criados, mas só gostaria que se atrevessem!...

O SENHOR – Jacques, cale-se e deixe falar a senhora.

A estalajadeira, encorajada por esta frase do senhor de Jacques, levanta-se, vira-se contra Jacques, leva os punhos às ancas, esquece que tem Nicole ao colo, deixa-a cair e eis Nicole sobre os ladrilhos, magoada e a

debater-se na sua camisola, ladrando como se a estivessem a matar, a estalajadeira juntando os seus gritos ao ladrar de Nicole, Jacques juntando as suas gargalhadas aos ladridos de Nicole e aos gritos da estalajadeira, e o senhor de Jacques abrindo a tabaqueira, tomando rapé e não conseguindo impedir-se de sorrir. Eis toda a hotelaria em tumulto. “Nanon? Nanon? depressa, depressa, traz-me a garrafa de aguardente... A minha pobre Nicole está morta... Tira-lhe a camisola... Que falta de jeito!

- Faço o melhor que posso.

- Como ela chora! Tirem-se daí e deixem trabalhar... Ela está morta! Ri-te para aí, grande parvo, não há aqui, com efeito, nada para rir... A minha pobre Nicole está morta!

- Não, minha senhora, não, creio que está a recuperar, ei-la que se mexe...

E Nanon a esfregar o nariz da cadela com aguardente e a fazer-lhe beber; e a hospedeira a carpir-se, a virar-se contra os criados impertinentes; e Nanon a dizer-lhe: “Veja, minha senhora, ela abre os olhos, ei-la que olha para nós.”

- Pobre animal! Parece que fala! Quem é que não ficaria enternecido?

- Minha senhora, faça-lhe uma festinha, diga-lhe qualquer coisa.

- Vem, minha pobre Nicole, chora, meu bebé, chora se isso te alivia. Há um destino para os animais como também há para as pessoas; envia a felicidade aos preguiçosos, aos quezilentos, aos que barafustam, aos gulosos; e a infelicidade a outra que será a melhor criatura do mundo.

- A minha senhora tem toda a razão, aqui em baixo não há justiça.

- Cale-se, agasalhe-a outra vez, ponha-la no meu travesseiro, e não esqueça que ao menor grito que ela dê terá a haver-se comigo. Vem, pobre bichinha, para te dar um beijinho antes que te levem; então aproximem-na, parvos que vocês são. Estes cãezinhos, isto é tão bom, isto vale muito mais...

JACQUES – Que pai, mãe, irmãos, irmãs, filhos, criados, esposos...

A ESTALAJADEIRA – Pois sim, nem pense em rir, aquilo é inocente, aquilo é-lhe fiel, aquilo nunca lhe fará mal, ao passo que o resto...

JACQUES – Vivam os cães! Não há nada de mais perfeito debaixo do céu.

A ESTALAJADEIRA – Se houver alguma coisa de mais perfeito, pelo menos o homem não é. Gostaria que conhecesse o cão do moleiro, é o apaixonado da minha Nicole; não há um dentre vós, por mais que vocês sejam, que ele não fizesse corar de vergonha. Vem, logo que amanhece, de mais que uma légua, planta-se diante desta janela, e ele são suspiros, e suspiros que dão pena. Seja qual for o tempo que faça, ele para ali fica, a chuva escorre-lhe pelo corpo, o corpo enterra-se-lhe na areia, mal se lhe vê as orelhas e a ponta do nariz. Seria capaz de fazer o mesmo pela mulher que mais amasse?

O SENHOR – Isso é muito romântico.

JACQUES – Mas também onde é que há uma mulher tão digna dessas atenções como a sua Nicole?...

A paixão da estalajadeira pelos animais não era no entanto a sua paixão dominante como se poderia imaginar, era sim a de falar. Quanto mais prazer e paciência tivessem de a ouvir, maior era o mérito; deste modo não se fez rogada para retomar a história interrompida do casamento fora

do comum, pôs como única condição que Jacques ficasse calado. O senhor prometeu o silêncio de Jacques. Jacques estendeu-se indolentemente a um canto, os olhos fechados, o gorro enterrado até às orelhas e as costas meio voltadas para a estalajadeira. O amo tossiu, escarrou, assoou-se, tirou o relógio, viu que horas eram, tirou a tabaqueira, bateu na tampa, tomou a sua dose de rapé; e a estalajadeira pôs-se a jeito para saborear o delicioso prazer de perorar.

A estalajadeira ia começar quando ouviu a cadela chorar.

- Nanon?, dê uma vista de olhos a esse pobre animal... Isso deixa-me baralhada, já não sei onde é que ia.

JACQUES – Ainda não disse nada.

A ESTALAJADEIRA – Esses dois homens com os quais me zanguei por causa da minha pobre Nicole quando vós chegasteis, meu senhor...

JACQUES – Diga meus senhores.

A ESTALAJADEIRA – E porquê?

JACQUES – É que até ao presente tratam-nos com essa delicadeza e já me acostumei. O meu senhor chama-me Jacques, os outros senhor Jacques.

A ESTALAJADEIRA – Eu não lhe chamo nem Jacques, nem senhor Jacques, não lhe falo de maneira nenhuma... (*Minha senhora? - Que é? - A conta do número cinco. - Vê ao canto da chaminé.*)

Estes dois homens são dois cavalheiros; vêm de Paris e vão para a terra do mais velho.

JACQUES – Quem é que pode saber uma coisa dessas?

A ESTALAJADEIRA – Eles, por que são eles que o dizem.

JACQUES – Boa razão!

O amo fez sinal à estalajadeira, o que a fez perceber que Jacques tinha o espírito toldado. A estalajadeira respondeu ao sinal do amo por um movimento compassivo dos ombros e acrescentou: “Na sua idade! É uma pena.”

JACQUES – É uma pena não saber nunca onde é que estávamos.

A ESTALAJADEIRA – O mais velho dos dois é o marquês des Arcis. É um homem que vive para o prazer, muito amável, crendo pouco na virtude das mulheres...

JACQUES – E com razão.

A ESTALAJADEIRA – Senhor Jacques, está a interromper-me.

JACQUES – Senhora Estalajadeira do *Grand-Cerf*, não estou a falar consigo.

A ESTALAJADEIRA – O senhor marquês encontrou no entanto uma suficientemente esquisita para lhe guardar ressentimento. Ela era Madame de La Pommeraye. Era uma viúva que tinha princípios, nascimento, fortuna e altivez. M. des Arcis rompeu com todos os seus conhecimentos, dedicou-se unicamente a Madame de La Pommeraye, fez-lhe a corte com a maior das assiduidades, esforçou-se através de todos os sacrifícios imagináveis para provar-lhe que a amava, propôs-lhe mesmo casar com ela; mas esta mulher tinha sido tão infeliz com o primeiro marido, que ela (*Minha senhora? - Que é? - A chave da arca da aveia. - Vê no buraco, e se não estiver lá, vê no cofre.*) que ela preferia sujeitar-se a toda a espécie de infelicidades que ao perigo de um segundo casamento.

JACQUES – Ah!, se isso estivesse escrito lá em cima.

A ESTALAJADEIRA – Esta mulher vivia muito retirada. O marquês era um velho amigo do seu marido, ela tinha-o recebido e continuava a recebê-lo. Se lhe perdoavam o gosto desenfreado pela galantaria é porque era um homem de honra. O assédio constante do marquês, secundado pelas suas qualidades pessoais, pela sua juventude, pela sua figura, pelas aparências da paixão mais sincera, pela solidão, pelo pendor para a ternura, numa palavra, tudo o que nos entrega à sedução dos homens... (*Minha senhora? - Que é? - É o correio. - Ponha-o na sala verde e sirva-lhe o prato do dia.*) teve o seu efeito, e Madame de La Pommeraye, depois de ter lutado várias vezes contra o marquês e contra ela própria, e de ter exigido, como era de uso, os juramentos mais solenes, tornou feliz o marquês que teria gozado da sorte mais doce, se tivesse conseguido conservar pela amante os sentimentos que lhe tinha jurado e que tinham por ele. Tome lá esta, senhor, só as mulheres é que sabem amar, os homens não percebem nada... (*Minha senhora? - Que é? - O Irmão Mendicante. - Dê-lhe doze sous por estes senhores que estão aqui, seis sous por mim, e que ele vá bater à porta dos outros quartos.*) Ao fim de alguns anos, o marquês começou a achar a vida de Madame de La Pommeraye demasiado unida à sua. Propôs-lhe dar-se a conhecer à sociedade, ela consentiu; a receber alguns homens e mulheres, e ela consentiu; ir a um jantar–ceia, e ela consentiu. A pouco e pouco, passou um, dois dias sem a ir ver; a pouco e pouco faltou ao jantar–ceia que tinha preparado; a pouco e pouco encurtou as suas visitas; teve negócios que o necessitavam; assim que chegava, dizia uma palavra, estendia-se num sofá, pegava numa brochura, deitava-a fora, falava ao cão ou adormecia. De noite, a sua saúde, que piorava, exigia que se retirasse cedo, era o conselho de Tronchin¹¹. “É um grande homem esse

11 Médico e colaborador da Enciclopédia. (N. do T.)

Tronchin! Palavra, não tenho dúvidas que me livra de problemas, minha amiga, onde todos os outros desesperariam.” E, falando assim, pegava na bengala e no chapéu e ia-se embora, esquecendo-se algumas vezes de beijar Madame de La Pommeraye... (*Minha senhora? - Que é? - O tanoeiro. - Que desça para a adega, e que veja as duas peças do canto.*) Mme de La Pommeraye pressentiu que deixara de ser amada, era preciso que tivesse a certeza, e eis como ela fez... (*Minha senhora? - Já lá vou. Já lá vou.*)

A estalajadeira, cansada com tantas interrupções, desceu e tomou, aparentemente, as providências para as fazer cessar.

A ESTALAJADEIRA – Um dia, depois de jantar, ela disse ao marquês: “Meu amigo, em que sonha?”

- Vós também sonhais, marquesa.

- É verdade, e mesmo com muita tristeza.

- Que é que tem?

- Nada.

- Não pode ser. Vamos, marquesa – disse ele, bocejando, conte-me tudo, isso a entreterá a si e a mim.

- Aborrece-se?

- Não; mas há dias...

- Em que as pessoas se aborrecem.

- Engana-se, minha amiga; juro-lhe que se engana; é que, na verdade, há dias!... Não se sabe qual é a causa.

- Meu amigo, há muito tempo que ando tentada a fazer-lhe uma confiança, mas receio afligi-lo.

- Vós, afligir-me, vós?

- Talvez, mas o Céu é testemunha da minha inocência... (*Minha senhora? Minha senhora? - Já os proibi que me chamassem fosse lá pelo que fosse, chamem o meu marido. - Não está cá.*) Meus senhores, peço-lhes perdão, num momento estarei à vossa disposição.

Eis a estalajadeira que desce, volta a subir e retoma a sua narração.

A ESTALAJADEIRA –

“Mas isto aconteceu sem eu querer, sem eu saber, por uma maldição à qual toda a espécie humana está aparentemente sujeita, porque nem eu própria escapei.”

- Ah, trata-se de si... Tive receio... De que se trata?

- Marquês, trata-se... estou desolada; vou desolá-lo, e tudo bem visto e ponderado, mais vale que me cale.

- Não, minha amiga, fale; terá no fundo do seu coração um segredo para mim? A primeira das nossas convenções não foi a de que as nossas almas se abriam uma para a outra sem reserva?

- É verdade, e é isso que me pesa; é uma censura que supera em muito outra que faça a mim própria. Ainda não se apercebeu que já não tenho a mesma alegria? Perdi o apetite, não bebo e não como a não ser porque é preciso; não consigo dormir. As nossas sociedades mais íntimas desagradam-me. À noite, interrogo-me e digo a mim própria: “Será que ele agora é menos amável? Não. Tens alguma razão de queixa? Não. Tens que lhe censurar alguma ligação suspeita? Não. A sua ternura

diminuiu? Não. Então porquê, o vosso amigo continuando o mesmo, será que o vosso coração mudou? Porque mudou, não o pode esconder. Já não o espera com a mesma impaciência, não tem o mesmo prazer em vê-lo, aquela inquietação quando ele tardava em chegar, aquela doce emoção ao ouvir a sua viatura, quando o anunciavam, quando ele aparecia, já não sente o mesmo.

- Como, Madame!...

Então a marquesa de La Pommeraye cobriu os olhos, baixou a cabeça e calou-se por um momento, depois do qual prosseguiu: “Marquês, estava à espera do seu espanto e de todas as coisas amargas que me iria dizer. Marquês! Poupe-me... Não, não me poupe, diga-mas, ouvi-las-ei com resignação porque as mereço. Sim, meu caro marquês, é verdade... sim, eu sou... mas não é já uma grande infelicidade que a coisa tenha acontecido, que tenha que lhe acrescentar ainda a vergonha, o desprezo de ser uma falsa ao dissimulá-la diante de si? Vós sois o mesmo, mas a vossa amiga mudou, a vossa amiga venera-vos, estima-o tanto ou mais que nunca; mas... mas uma mulher acostumada como ela a examinar de perto o que se passa nos recantos mais íntimos da sua alma e a não forçá-la por nada, não pode ignorar que o amor já lá não está. A descoberta é terrível, mas nem por isso é menos real. A marquesa de La Pommeraye, eu, eu, inconstante, ligeira!... Marquês, tenha uma fúria, procure os nomes mais odiosos, já os dei antecipadamente a mim própria, diga-mos, estou pronta a aceitá-los todos, todos excepto o de mulher falsa, que mo poupará, estou certa, porque na verdade não o sou... (*Minha mulher? - Que é? - Nada...*) - Não se pode ter um instante de repouso nesta casa, mesmo nos dias em que quase não temos gente e que se pensa que não se tem nada para fazer. Como é de lamentar uma mulher da minha classe, sobretudo com uma besta de marido!... Dito isto, Mme de La

Pommeraye recostou-se no sofá e pôs-se a chorar. O marquês precipitou-se, de joelhos, e disse-lhe: “É uma mulher encantadora, uma mulher adorável, uma mulher como não há outra. A vossa franqueza, a vossa honestidade confunde-me e deveria fazer-me morrer de vergonha. Ah!, que superioridade este momento vos dá sobre mim! Como a vejo grande e como me acho pequeno! Fostes vós quem falou primeiro, e eu fui o primeiro culpado. Minha amiga, a vossa sinceridade comove-me, seria um monstro se não me comovesse, e confesso-lhe que a história do vosso coração é palavra por palavra a história do meu. Tudo o que dissestes eu disse a mim próprio, mas calava-me, sofria, e não sei quando teria a coragem de falar.

- Verdade, meu amigo?

- Nada de mais verdadeiro, só nos resta felicitar-mo-nos reciprocamente de termos perdido ao mesmo tempo o sentimento frágil e enganador que nos unia.

- Com efeito, seria uma pena que o meu amor durasse quando o vosso já tinha acabado!

- Ou que fosse em mim que ele tivesse acabado primeiro.

- Tem razão, é o que sinto.

- Nunca me pareceu tão amável, tão bela como neste momento, e se a experiência do passado não me tivesse tornado circunspecto, acreditaria amá-la agora mais que nunca...

E o marquês, enquanto assim falava, tomava-lhe as mãos e beijava-as...
(Minha mulher? - Que é? - O vendedor de palha. - Vê no registo. - E onde é que está o registo? - Deixa, deixa, eu vou lá.)

Mme de La Pommeraye, disfarçando o despeito mortal que lhe rasgava o coração, retomou a palavra e disse ao marquês: “Mas, marquês, e o que é que iremos fazer?”

- Não estamos presos um ao outro; tem direito a toda a minha estima, creio não ter perdido inteiramente o direito que tinha à vossa; continuaremos a ver-nos, daremos largas à confiança da mais terna amizade. Seremos poupados a todos estes aborrecimentos, a todas estas perfídias, a todas estas censuras, a toda este mau humor que acompanham normalmente as paixões que acabam, seremos os únicos da nossa espécie. Recobrareis toda a vossa liberdade, devolvereis a minha; viajaremos pelo mundo fora, eu serei o confidente das vossas conquistas, não vos esconderei nada das minhas, se fizer algumas, do que muito duvido, porque me haveis tornado exigente. Será delicioso. Ajudar-me-á com os seus conselhos, não vos recusarei os meus nas circunstâncias perigosas em que achardes ter necessidade deles. Quem sabe o que poderá acontecer?

JACQUES – Ninguém.

O MARQUÊS – É muito verosímil que quanto mais longe eu vá, mais ganheis vós com as comparações, e que regressarei para junto de vós mais apaixonado, mais terno, mais convencido que nunca que Mme de La Pommeraye era a única mulher feita para a minha felicidade, e depois desse regresso, é garantido que vos ficarei fiel até ao fim da vida.

- E se acontecer que no vosso regresso já não me encontre? Porque, enfim, marquês, nem sempre somos justos, e não seria impossível que eu me tomasse de gosto, de fantasia, de paixão mesmo, por outro que não fosse melhor que vós.

- Ficaria seguramente desolado, mas não teria razões de queixa, só me revoltaria contra o destino que nos separou quando estávamos unidos e que nos reaproximaria quando já não pudéssemos estar separados...

Depois desta conversação, puseram-se a moralizar sobre a inconstância do coração humano, sobre a frivolidade dos compromissos, sobre os laços do casamento... (*Minha senhora? - Que é? - A diligência.*) Meus senhores – diz a estalajadeira -, tenho que os deixar. Esta noite, quando estiver tudo tratado, voltarei e acabarei de vos contar esta aventura, se tiverem curiosidade... (*Minha senhora? - Minha mulher? - Nossa patroa? - Já vai, já vai.*)

Partida a estalajadeira, o senhor disse ao seu criado: “Jacques, reparaste numa coisa?”

JACQUES – Qual?

O SENHOR – Que esta mulher conta as coisas muito melhor do que convém à dona de uma estalagem.

JACQUES – É verdade. As frequentes interrupções da gente da casa impacientaram-me algumas vezes.

O SENHOR – E a mim também.

E vós, leitor, falai sem dissimulação; já que estamos em maré de franqueza, quer que deixemos para lá esta elegante e prolixa e fala-barato de estalajadeira, e que retomemos os amores de Jacques? Para mim é indiferente. Assim que esta mulher suba outra vez, Jacques, o falador, não pede melhor que voltar ao seu papel e fechar-lhe a porta no nariz; ficará satisfeito por lhe dizer pelo buraco da fechadura: “Boa noite, minha senhora, o meu amo dorme, eu vou-me deitar: guarde o resto para quando voltemos a passar por cá.”

“A primeira promessa que se fizeram dois seres de carne e osso, foi ao pé de um rochedo que se desfazia em pó; tomaram como testemunho da sua constância um céu que nunca é o mesmo; tudo mudava neles e à volta deles, e eles acreditavam nos seus corações livres de vicissitudes. Ó crianças, sempre crianças!...” Não sei de quem são estas reflexões, de Jacques, do seu senhor, ou minhas, é certo que serão de algum dos três, e que foram precedidas e seguidas por outras que nos teriam levado, a Jacques, ao seu senhor e a mim, até à ceia, até ao regresso da estalajadeira, se Jacques não tivesse dito ao seu amo: “Olhe, meu senhor, todas essas grandes frases que acabais de debitar a propósito de botas não valem nem uma velha fábula das cabanas de vindimadores na minha aldeia.”

O SENHOR – E que fábula é essa?

JACQUES – É a fábula da Bainha e do Alfinete. Um dia a Bainha e o Alfinete zangaram-se; o Alfinete disse à Bainha: “Bainha, minha amiga, você é uma desavergonhada, porque todos os dias recebe novos Alfinetes... A Bainha respondeu ao Alfinete: Meu amigo Alfinete, você não tem vergonha na cara, porque todos os dias muda de Bainha. - Bainha, não era isso o que me tinha prometido. - Alfinete, o senhor enganou-me em primeiro lugar...” O debate tinha começado à mesa. O que estava sentado entre a Bainha e o Alfinete tomou a palavra e disse-lhes: “Vós, Bainha, e vós, Alfinete, fizeram bem em mudar, porque a mudança estava na vossa natureza, mas fizeram mal ao prometer que nunca mudaríeis. Alfinete, não vias tu que Deus te fez para acudir a várias bainhas; e tu, Bainha, para receberes mais de um Alfinete? Aham que são doidos alguns alfinetes que fazem o voto de desistir das bainhas, e como doidas algumas bainhas que fazem o voto de se fechar à entrada de todo e qualquer alfinete; e não pensaram que eram quase tão loucos

como eles quando juraste, tu, Bainha, de ficares só com um Alfinete; e tu, Alfinete, de te ficares por uma só Bainha...”

Se o amo não tivesse dito a Jacques: “A tua fábula não é lá muito moral, mas é divertida. Nem sabes a singular ideia que me passa pela cabeça. Caso-te com a nossa estalajadeira, e descubro como é que um marido teria feito, quando ele gosta de falar e a mulher nunca se cala”...

JACQUES – Como fiz nos meus primeiros doze anos de vida, que passei em casa do meu avô e da minha avó.

O SENHOR – Como é que se chamavam. Qual era a sua profissão?

JACQUES – Tinham um adelo. O meu avô Jasão teve muitos filhos. Toda a família era muito séria; levantavam-se, vestiam-se, iam para o trabalho; voltavam, jantavam e voltavam ao trabalho sem pronunciar palavra. À noite, sentavam-se nas cadeiras; a mãe e as filhas fiavam, coziam, tricotavam sem dizer palavra, os rapazes repousavam, o pai lia o Antigo Testamento.

O SENHOR – E tu? Que fazias tu?

JACQUES – Eu corria no quarto com uma mordança.

O SENHOR – Com uma mordança!

JACQUES – Sim, com uma mordança, e é por causa dessa maldita mordança que agora ando louco por falar. A semana passava-se algumas vezes sem que abrissem a boca na casa dos Jasão. Durante toda a sua vida, que foi longa, a minha avó só disse “Chapéus para vender”, e o meu avô, que se via nos leilões, direito, as mãos debaixo da sobrecasaca, apenas disse “um *sou*”. Havia dias em que ele estava tentado a não acreditar na Bíblia.

O SENHOR – E porquê?

JACQUES – Por causa dos refrões, que ele encarava como uma tagarelice indigna do Espírito Santo, Dizia que todos os autores de refrões são parvos que tomam por parvos aqueles que os escutam.

O SENHOR – Jacques, se para te compensar do longo silêncio que guardaste durante os doze anos de mordação em casa do teu avô, e enquanto a estalajadeira não começar a falar...

JACQUES – Eu continuasse com a história dos meus amores?

O SENHOR – Não, mas uma outra que me deixaste a meio... aquela do camarada do teu capitão.

JACQUES – Oh!, meu senhor, que memória cruel a que tendes!

O SENHOR – Meu Jacques!, meu Jacques pequenino!...

JACQUES – De que é que se está a rir?

O SENHOR – Do que ainda me fará rir mais que uma vez, a de te ver na tua juventude em casa do teu avô com a mordação.

JACQUES – A minha avó tirava-ma quando não estava ninguém, e quando o meu avô se dava conta, não ficava nada contente, e dizia-lhe: “Continua assim e esta criança ainda há-de ser o mais desenfreado tagarela que jamais existiu.” A sua profecia cumpriu-se.

O SENHOR – Vamos, meu Jacques, meu Jacques pequenino, a história do camarada do teu capitão.

JACQUES – Não a vou negar, mas não vai acreditar.

O SENHOR – É então muito prodigiosa?

JACQUES – Não é por isso, é porque já aconteceu a outra pessoa, a um militar francês chamado, segundo creio, M. de Guerchy¹².

O SENHOR – Ora bem, direi como um poeta francês que tendo feito um epigrama muito bom, dizia a outro que, na sua presença, se gabava de ser o autor: “Porque é que o senhor não o teria feito? Se até eu próprio o fiz, eu...” Porque é que a história de Jacques não teria acontecido ao camarada do seu capitão, se também aconteceu ao militar francês de Guerchy? Mas ao contar-ma-la matarás dois coelhos de uma cajadada, porque me contarás a aventura dessas duas personagens que eu ignoro.

JACQUES – Tanto melhor! Mas jure-me.

O SENHOR – Juro-te.

Leitor, estaria bem tentado de exigir de vós o mesmo juramento, mas apenas lhe chamarei a atenção para uma bizzarria no carácter de Jacques que herdara aparentemente do seu avô Jasão, o adelo silencioso. É que Jacques, ao contrário dos faladores, embora adorasse falar, tinha aversão aos refrões, a repetir-se. Assim, algumas vezes dizia ao seu senhor: “O meu senhor prepara-me o mais triste futuro, que será de mim quando não tiver mais nada para dizer?”

- Começas outra vez.

- Jacques a recomçar! O contrário é que está escrito lá em cima, e se me acontecesse recomçar, não poderia impedir-me de chorar: “Ah!, se o teu avô te ouvisse!...” e teria saudades da mordaga. - Queres dizer, daquele que ta punha?

12 Claude-Louis de Regnier, conde de Guerchy. (N. do T.)

JACQUES – No tempo em que se jogavam jogos de fortuna e azar nas feiras de Saint-Germain e de Saint-Laurent.

O SENHOR – Mas é em Paris, e o camarada do teu capitão era comandante de uma fortaleza na fronteira.

JACQUES – Por Deus, meu senhor, deixe-me contar... Vários oficiais entraram numa loja, e encontraram ali um outro oficial que conversava com a dona da loja. Um deles propôs a este último que jogassem ao passa-dez, porque é preciso que saiba que depois da morte do meu capitão o seu camarada, tornado rico, se tinha também tornado jogador. Portanto ele, ou M. de Guerchy, aceita. A sorte põe o corneto de papel nas mãos do seu adversário que passa, passa, passa que nunca mais acaba. O jogo tinha-se acalorado e já tinham jogado tudo, tudo de tudo, as metades pequenas, as metades grandes, o grande todo, o grande tudo de tudo, quando um dos assistentes se lembrou de dizer a M. de Guerchy, ou ao camarada do meu capitão, que era melhor ficar por ali e deixar de jogar, porque sabiam mais que ele. Ao ouvir esta proposta, que não era senão uma brincadeira, o camarada do meu capitão ou M. de Guerchy, pensou que estava a lidar com um batoteiro; levou subtilmente a mão à algibeira, tirou de lá uma faca bem aguçada, e mal o seu antagonista pôs a mão sobre os dados para os colocar no corneto, espeta-lhe a faca na mão e prende-a à mesa, dizendo-lhe: “Se os dados estiverem viciados, vós sois um malandro; se estiverem bons, enganei-me...” Os dados estavam bem, M. de Guerchy diz: “Estou muito envergonhado com isto e ofereço a reparação que quiserdes...” Não foi essa a conclusão que tirou o camarada do meu capitão, o que ele disse foi: “Perdi o meu dinheiro; atravessei a mão de um homem distinto; mas, em compensação, recuperei o prazer de me bater em duelo tanto quanto me apeteça...” O oficial ferido retira-se e vai para que lhe façam o penso. Mal está curado

vem-se encontrar com o oficial que o espetara e pedir-lhe explicações, o outro, ou M. de Guerchy, abraça-o e diz-lhe. “Esperava-o com uma impaciência que não seria capaz de vos exprimir...” Batem-se em duelo; o homem da faca, M. de Guerchy ou o camarada do meu capitão, recebe uma boa espadeirada que lhe atravessa o corpo, o espetado levanta-o do solo, manda transportá-lo para sua casa, e diz-lhe: “Senhor, voltaremos a ver-nos.” M. de Guerchy não responde nada; o camarada do meu capitão responde-lhe: “Senhor, conto com isso.” Batem-se em duelo uma segunda vez, uma terceira, até oito ou dez vezes, e é sempre o espetador que fica por terra. Eram ambos oficiais distintos, eram ambos pessoas de mérito, a sua aventura fez grande alarido, o ministro meteu-se no assunto. Retiveram um em Paris e confinaram o outro ao seu posto. M. de Guerchy submeteu-se às ordens da corte, o camarada do meu capitão ficou desolado, e este é o litígio entre estes dois homens bravos de carácter, mas dos quais um é sensato e o outro tem um grão de loucura.

Até aqui a aventura de M. de Guerchy e a do camarada do meu capitão são comuns, é a mesma, e eis a razão pela qual os nomeei aos dois, compreende, meu senhor? Agora vou separá-los, e só lhe falarei do camarada do meu capitão, porque o resto apenas a ele diz respeito. Ah!, meu senhor, é aqui que vai ver como somos tão pouco senhores dos nossos destinos e quantas coisas bizarras estão escritas no grande rolo.

O camarada do meu capitão, ou o espetador, solicita uma licença para fazer uma viagem na sua província, e obtém-na. O seu caminho passava por Paris, toma lugar numa viatura pública. Às três horas da manhã, esta viatura passa diante da Ópera, as pessoas saíam do baile. Três ou quatro jovens estroinas mascarados projectam ir tomar o pequeno almoço com os viajantes; chegam ao nascer do dia ao local onde iriam tomar o pequeno almoço. Quem é que ficou mais espantado? Foi o espetado ao

reconhecer o seu espetador. Este último estende-lhe a mão, abraça-o e testemunha-lhe o quanto está encantado com um encontro tão feliz; no mesmo instante, passam por detrás de um celeiro, põem a espada na mão, um de sobre-casaca, o outro em dominó; o espetador, ou o camarada do meu capitão, foi outra vez atirado ao chão. O seu adversário pede socorros, põe-se à mesa com os seus amigos e o resto dos passageiros, come e bebe alegremente. Uns dispunham-se a seguir o seu caminho, e os outros a voltar para a capital mascarados e em cavalos de muda, quando a estalajadeira reapareceu e pôs fim ao relato de Jacques.

Ei-la de regresso e previno-o, leitor, que já não está no meu poder mandá-la de volta. - Então, e porquê? - É que ela vem acompanhada com duas garrafas de champanhe, uma em cada mão, e que está escrito lá em cima que todo o orador que se apresente a Jacques com um tal exórdio será necessariamente escutado.

Ela entra, pouisa as duas garrafas na mesa e diz: “Vamos, senhor Jacques, façamos as pazes...” A estalajadeira já não estava na primeira juventude; era uma mulher grande e repleta, ágil, com bom aspecto, corpulenta, a boca um pouco grande mas com belos dentes, grandes bochechas, olhos à flor da cabeça, a testa quadrada, a pele das mais suaves, a fisionomia aberta, viva e alegre, um peito no qual se podia rolar por dois dias, os braços um pouco fortes, mas as mãos soberbas, mãos para a pintura ou para a escultura. Jacques tomou-a pelo meio do corpo e abraçou-a com força, o seu rancor não resistia contra o bom vinho e uma bela mulher; isso estava escrito lá em cima, de si, leitor, de mim e de muitos outros. “Senhor – disse ela ao amo -, será que nos ireis deixar sozinhos? Veja, mesmo que tivesse ainda cem léguas para percorrer, não beberia melhor que este em todo o caminho...” Assim falando, tinha colocado uma das garrafas entre os seus joelhos, e sacou a rolha; foi com uma singular

habilidade que ela tapou o gargalo com o polegar, sem deixar escapar uma gota de vinho. “Vamos – disse ela a Jacques, depressa, depressa, o seu copo.” Jacques aproxima o copo; a estalajadeira, afastando o polegar um pouco para o lado, sacode a garrafa, e eis o rosto de Jacques todo coberto de espuma. Jacques tinha-se prestado a esta brincadeira; e a estalajadeira a rir e Jacques e o seu amo a rir também. Beberam alguns copázios, uns a seguir aos outros, para se assegurarem que a garrafa ganhara juízo, depois a estalajadeira disse: “Deus louvado, está toda a gente na cama, já ninguém me irá interromper, e posso continuar a contar a história.” Jacques, olhando-a com olhos de que o vinho de Champagne tinha aumentado a vivacidade natural, diz-lhe a ela ou ao seu amo: “A nossa estalajadeira foi bela como um anjo, que é que acha, meu senhor?”

O SENHOR – Foi! Por Deus, Jacques, é que ela ainda o é.

JACQUES – Senhor, tem razão, só que eu não a estou a comparar a outra mulher, mas sim a ela própria quando era jovem.

A ESTALAJADEIRA – Agora já não valho grande coisa, deveriam ter-me visto quando me podiam agarrar entre os dois primeiros dedos de cada mão. Havia quem fizesse um desvio de quatro léguas para pernoitar aqui. Mas deixemos para lá as boas e as más cabeças a que dei a volta e regressemos à Mme de La Pommeraye.

JACQUES – E se bebêssemos primeiro um copo às más cabeças a que deu a volta, ou à minha saúde?

A ESTALAJADEIRA – De boa vontade; havia os que valiam a pena, contando ou sem contar com a vossa. Sabeis que fui durante dez anos o recurso dos militares, para o fardamento e para as honras¹³? Ajudei

13 Injustiça que se mantém nos tempos de hoje. Agentes da Polícia têm de pagar a sua farda, oficiais do exército também, os magistrados judiciais e do Ministério Público têm de pagar as

grande número deles que sem mim teriam tido muita dificuldade para entrar em campanha. São excelentes pessoas, não me posso queixar de nenhum deles nem eles de mim. Garantias nunca; algumas vezes fizeram-me esperar, mas ao fim de dois, três, quatro anos, o meu dinheiro foi-me devolvido.

E depois ei-la que se põe a enumerar os oficiais que lhe tinham feito a honra de recorrer à sua bolsa, ora o Sr. Tal, coronel do regimento de ****, ora o Sr. Tal, capitão no regimento de ****, ora o Sr. Tal, e é então que Jacques se põe a gritar: “O meu capitão! O meu pobre capitão! Conheceu-o?”

A ESTALAJADEIRA – Se o conheci! Um grande homem, bem feito, um pouco seco, o ar nobre e severo, os jarretes muito direitos, duas pequenas manchas vermelhas na têmpora direita. Então serviu com ele?

JACQUES – Se servi.

A ESTALAJADEIRA – Ainda gosto mais de si; devem-lhe ter ficado boas qualidades da sua primeira condição. Bebamos à saúde do vosso capitão.

JACQUES – Se é que ainda é vivo.

A ESTALAJADEIRA – Morto ou vivo, que é que isso faz? Um militar não foi feito para ser morto? Não é para ficar fora de si, depois de dez assédios e cinco ou seis batalhas, morrer no meio desta canalha de negro¹⁴?... Mas voltemos à nossa história, e bebamos mais um copo.

O SENHOR – Palavra, nossa estalajadeira, tem toda a razão.

respectivas becas do próprio bolso, e até os condecorados com ordens honoríficas têm de pagar a condecoração. Resquícios do Antigo Regime, em que os cargos públicos eram comprados.

14 Refere-se aos padres católicos, que vestem usualmente de negro.

A ESTALAJADEIRA – Fico muito contente que pense assim.

O SENHOR – Porque o seu vinho é excelente.

A ESTALAJADEIRA – Ah!, é do meu vinho que fala? Ora pois, continua a ter razão. Ainda se lembra onde é que nós íamos?

O SENHOR – Sim, na conclusão da mais pérfida das confidências.

A ESTALAJADEIRA – M. o marquês des Arcis e Mme de La Pommeraye abraçaram-se, encantados um com o outro, e separaram-se. Quanto mais a dama se tinha contido na sua presença, mais violenta foi a sua dor quando ele partiu. “Não é senão a pura da verdade – gritou ela , ele já não me ama!” Não vos farei em nada o detalhe de todas as nossas extravagâncias quando nos abandonam, ficaríeis muito vaidosos. Eu disse-lhes que ela era orgulhosa, mas além do mais também era vingativa. Assim que os primeiros furores se acalmaram e que ela usufruiu de toda a tranquilidade da sua indignação, pensou em como se vingar, mas vingar-se de uma forma cruel, de uma maneira a servir de exemplo a todos que alguma vez viessem a cair na tentação de seduzir e enganar uma mulher honesta. Ela vingou-se, ela vingou-se cruelmente, a sua vingança deu brado e não serviu a ninguém; não passámos a ser menos vilmente seduzidas e enganadas.

JACQUES – Está bem para as outras; mas para si!...

A ESTALAJADEIRA – Ai!, eu a primeira de todas. Oh!, que parvas que somos! Ainda se esses homens desonestos ganhassem com a troca! Mas deixemos isso. O que é que ela irá fazer? Ela ainda não sabe; ela pensará nisso, ela pensa nisso.

JACQUES – Então enquanto ela pensa nisso...

A ESTALAJADEIRA – Bem dito... Mas as duas garrafas estão vazias... (*Jean? - Minha senhora. - Duas garrafas, daquelas que estão ao fundo, por detrás dos feixes. - Já sei...*) À força de pensar, eis que lhe vem uma ideia. Mme de La Pommeraye tinha noutros tempos conhecido uma mulher da província que tinha sido chamada a Paris, com a filha, jovem, bela e bem educada, por causa de um processo. Ela soubera que esta mulher, arruinada pela perda do processo, ficara reduzida a abrir uma casa de jogo. Reuniam-se em casa dela, jogavam, ceavam, e normalmente um ou dois dos convivas ficavam e passavam a noite com a madame e a filha, à sua escolha. Ela pôs um dos seus serviçais à procura destas criaturas; encontraram-se, foram convidadas a vir visitar Mme de La Pommeraye de que mal se lembravam. Estas mulheres, que tinham tomado o nome de Mme e Mlle d'Aisnon, não se fizeram esperar; logo na manhã seguinte, a mãe dirigiu-se a casa de Mme de La Pommeraye. Depois dos primeiros cumprimentos, Mme de La Pommeraye perguntou à d'Aisnon o que é que tinha feito, e o que é que fazia depois da perda do seu processo.

“Para lhe falar com sinceridade – respondeu-lhe a d'Aisnon -, dedico-me a uma profissão perigosa, infame, pouco lucrativa, e que me desagrada, mas a necessidade é lei. Estava quase resolvida a pôr a minha filha na Ópera, mas ela só tem uma pequena voz de sala e nunca passou de uma dançarina medíocre. Levei-a durante e depois do meu processo a casa de magistrados, titulares, prelados, financeiros, que ficaram com ela por um tempo e que depois a deixaram. Não é que ela não seja bela como um anjo, que ela não tenha fineza nem graça, o que não tem é qualquer jeito para a libertinagem, nenhum desses talentos próprios a despertar a luxúria dos homens indiferentes. Dou de jantar e de cear, e à noite quem quiser ficar, fica. Mas o que mais nos aborreceu é que ela se encaprichou por um pequeno abade de qualidade, ímpio, descrente, dissoluto,

hipócrita, anti-filósofo, cujo nome não lho direi; mas é o último daqueles que para chegar ao episcopado seguem o caminho que é ao mesmo tempo o mais seguro e o que menos talento exige. Não sei o que é que ele dizia à minha filha, a quem vinha ler todas as manhãs os folhetos da sua rapsódia de retalhos escritos ao jantar e à ceia. Virá a ser bispo? Não virá? A minha filha, tendo-lhe perguntado um dia se conhecia aqueles contra os quais escrevia, e o abade respondendo-lhe que não; se tinha outros sentimentos para além daqueles que ridicularizava, e o abade respondendo-lhe que não, ela deixou-se empolgar pelo seu génio ardente e declarou-lhe que o seu papel era o do pior e do mais falso dos homens...”

Mme de La Pommeraye perguntou-lhe se eram muito conhecidas.

“Demasiado, infelizmente.”

- Pelo que vejo, não está feliz com a sua situação?

- Absolutamente nada, e a minha filha protesta-me todos os dias que a condição mais infeliz lhe parece preferível à sua; fica de uma tal melancolia que acaba por afastar dela...

- Se eu me decidisse a conseguir a uma e a outra a sorte mais brilhante, consentiria?

- Nem que fosse por menos.

- Mas trata-se de saber se me podeis prometer de seguir à risca os conselhos que vos darei.

- Pode contar com isso, quaisquer que eles sejam.

- E estarão às minhas ordens sempre que eu entenda?

- Esperaremos por elas com impaciência.

- Isso me basta, volte para casa, não tardareis a recebê-las. Enquanto esperais, desfaçam-se da vossa mobília, vendam tudo, não fiquem nem sequer com os vossos vestidos se forem muito vistosos, isso não conviria ao que tenho em vista.

Jacques, que se começava a interessar, disse à estalajadeira: “E se bebêssemos à saúde de Mme de La Pommeraye?”

A ESTALAJADEIRA – De muito boa vontade.

JACQUES – E à de Mme d’Aisnon?

A ESTALAJADEIRA – De acordo.

JACQUES – E não recusará também uma saúde a Mlle d’Aisnon, que tem uma linda voz de sala, pouco talento para a dança, e uma melancolia que a reduz à triste necessidade de aceitar um novo amante todas as noites?

A ESTALAJADEIRA – Não ria; é a mais cruel das coisas. Não imagina o suplício que é quando não se ama!...

JACQUES – A Mlle d’Aisnon, por causa do seu suplício.

A ESTALAJADEIRA – Embora.

JACQUES – Nossa estalajadeira, ama o seu marido?

A ESTALAJADEIRA – Nem por isso.

JACQUES – Pois então tenho pena de si; porque acho-o de boa saúde.

A ESTALAJADEIRA – Nem tudo o que brilha é ouro.

JACQUES – À boa saúde do nosso estalajadeiro.

A ESTALAJADEIRA – Beba sozinho.

O SENHOR – Jacques, Jacques, meu amigo, estás a ir depressa demais.

A ESTALAJADEIRA – Nada tema, senhor, ele é boa pessoa, e amanhã nem aparecerá por aqui.

JACQUES – Pois se amanhã não vai aparecer por aqui, e que esta noite não faço grande caso da minha razão, meu senhor, minha bela estalajadeira, mais uma saúde, uma saúde que me diz muito ao coração, a do Abade de Mlle d’Aisnon.

A ESTALAJADEIRA – Porra, senhor Jacques; um hipócrita, um ambicioso, um ignorante, um caluniador, um intolerante; porque é assim que se chamam aqueles que estrangulariam de boa vontade quem quer que não pense como eles.

O SENHOR – É porque não sabe, nossa estalajadeira, que este Jacques que aqui está é uma espécie de filósofo, e que faz um caso imenso destas pequenas imbecilidades que se desonram a elas próprias e à causa que tão mal defendem. Ele diz que o seu capitão lhes chamava o antídoto dos Huet, dos Nicole, dos Bossuet. Ele não percebia nada disso, tal como vós também não... O seu marido já se foi deitar?

A ESTALAJADEIRA – Há boas horas.

O SENHOR – E ele deixa-a ficar assim a conversar?

A ESTALAJADEIRA – Os nossos maridos são muito aguerridos... Mme de La Pommeraye sobe para a sua carruagem, corre os subúrbios mais afastados do bairro da d’Aisnon, aluga um pequeno apartamento numa casa honesta, na vizinhança da igreja, manda-a mobilar do modo mais sucinto possível, convida a d’Aisnon e a filha para jantar e instala-as na nova casa ou nesse mesmo dia ou nos dias seguintes, deixando-lhes instruções precisas da conduta que deveriam observar.

JACQUES – Nossa estalajadeira, esquecemos a saúde de Mme de La Pommeraye, a do cavaleiro des Arcis; ah, isso não me parece justo.

A ESTALAJADEIRA – Vá lá, vá lá, senhor Jacques, a adega não está vazia... Eis como eram as instruções, ou o que me lembro delas:

“Nunca frequentar os passeios públicos, porque é preciso que ninguém as reconheça.

Não receber ninguém, nem mesmo os vizinhos e as vizinhas, porque é preciso que afecteis o mais profundo isolamento.

Tomar a partir de amanhã o hábito de devotas, porque é preciso que assim as vejam.

Ter em casa apenas livros religiosos, porque é preciso que ninguém à vossa volta nos possa trair.

Ser da maior assiduidade aos ofícios da paróquia, dias de festa e dias úteis.

Intrigar para ter entrada no parlatório de algum convento; o falatório das reclusas não nos será inútil.

Fazer estreito conhecimento com o prior e os padres da paróquia, porque posso ter necessidade do seu testemunho.

Não receber habitualmente nenhum.

Confessarem-se e comungarem pelo menos duas vezes por mês.

Retomar o vosso apelido de família, porque é honesto, e cedo ou tarde irão à vossa província pedir informações.

Dar de tempos a tempos algumas pequenas esmolas e nada receber sob qualquer pretexto que seja. É preciso que não vos achem nem pobres nem ricas.

Fiar, coser, tricotar, bordar, e dar às damas de caridade as vossas obras para vender.

Viver na maior sobriedade, duas pensões mesquinhas, e é tudo.

A filha nunca sairá sem a mãe, nem a mãe sem a filha. Não negligenciar nenhum dos meios de dar provas de virtude por pouca despesa.

Sobretudo, nunca meter em casa, repito, nem padres, nem monges, nem devotos.

Andar nas ruas de olhos baixos; na igreja, ver apenas a Deus.

Concordo, esta vida é austera, mas não será para sempre, e prometo-vos a mais brilhante recompensa. Pensem bem, consultem-se entre si; se estas exigências vos parecem acima das vossas forças, digam-mo, não ficarei nem ofendida nem surpreendida. Esquecia-me de vos dizer que seria adequado que decorassem o vocabulário do misticismo, e que a história do Antigo e do Novo Testamento se vos torne familiar, a fim de que vos tomem por devotas de longa data. Passem por jansenistas ou molinistas, como mais vos agradar, mas o melhor será ser da opinião do vosso prior. Não esquecer nunca de, a torto e a direito, em qualquer ocasião, de vos indignardes contra os filósofos; de gritar que Voltaire é o Anti-Cristo, de conhecer de cor as obras do vosso pequeno abade e divulgá-las, se for preciso...”

Mme de La Pommeraye acrescentou: “Não irei nunca vê-las a vossa casa, não sou digna de me relacionar com tão santas mulheres, mas nada receeis, vireis aqui clandestinamente algumas vezes e tirareis desforra em

família do vosso regime de penitência. Mas, apesar de fingir devoção, não ide ao ponto vos impregnardes dela. Quanto às despesas da vossa casa, isso é comigo. Se o meu projecto tiver êxito, deixareis de ter necessidade de mim; se falhar sem ser por vossa culpa, sou suficientemente rica para vos assegurar um futuro honesto e melhor que a condição que me sacrificaram. Mas, acima de tudo, submissão, submissão absoluta, ilimitada às minhas vontades, sem o que não respondo em nada pelo presente e não me comprometo com nada para o futuro.”

O SENHOR, *batendo na tabaqueira, e vendo no relógio que horas eram* – Eis uma terrível cabeça de mulher. Deus me livre de encontrar uma igual.

A ESTALAJADEIRA – Paciência, paciência, ainda a não conhece.

JACQUES – Enquanto esperamos, minha bela, minha encantadora estalajadeira, e se disséssemos uma palavra à garrafa?

A ESTALAJADEIRA – Senhor Jacques, o meu champanhe torna-me mais bela aos vossos olhos.

O SENHOR – Há já tempo que ando com vontade de lhe fazer uma pergunta, talvez indiscreta, que não aguento por mais tempo.

A ESTALAJADEIRA – Pergunte.

O SENHOR – Tenho a certeza de que não nasceu na hotelaria.

A ESTALAJADEIRA – É verdade.

O SENHOR – Que foi aqui cair de uma condição mais elevada e por circunstâncias extraordinárias.

A ESTALAJADEIRA – É exacto.

O SENHOR – E se parássemos por um momento com a história de Mme de La Pommeraye...

A ESTALAJADEIRA – Não pode ser. Conto de boa vontade as aventuras dos outros, mas não as minhas. Saibam apenas que fui educada em Saint-Cyr, onde li pouco Evangelho e muitos romances. Da abadia real à estalagem que tenho vai uma grande distância.

O SENHOR – Isso me chega; faça de conta que não disse nada.

A ESTALAJADEIRA – Enquanto as nossas duas devotas edificavam, e que o odor da sua piedade e da santidade dos seus costumes se espalhava à sua volta, Mme de La Pommeraye dava ao marquês todas as demonstrações exteriores da estima, da amizade, da confiança mais perfeita. Sempre bem vindo, sem nunca receber um ralho nem mostras de indiferença, mesmo depois de longas ausências, ele contava-lhe todos as suas pequenas aventuras, e ela parecia divertir-se francamente com elas. Dava-lhe conselhos nas ocasiões de um sucesso difícil, algumas vezes dizia-lhe que devia casar, mas sempre num tom tão desinteressado que ninguém suspeitaria que falava por ela. Se o marquês lhe dirigia alguma daquelas frases ternas ou galantes que não se podem nunca dispensar com uma mulher que se conheceu, ela ou sorria ou não ligava importância. A crer nela, o seu coração estava tranquilo, e nunca teria imaginado descobrir que um amigo como ele era o suficiente para a alegria da sua vida; e depois ela já não estava na primeira juventude e os seus desejos tinham-se acalmado.

- Quê? Não tem nada para me confiar?

- Não.

- Mas o pequeno conde, meu amigo, que tanto a queria afastar de mim?

- Fechei-lhe a porta e já não o vejo.
- Mas que estranho! E porquê afastá-lo?
- É porque não me agrada.
- Ah!, senhora, parece que estou a adivinhar, ainda me ama.
- É possível.
- Contais com um regresso.
- Porque não?
- E vós medis todas as vantagens de uma conduta sem mácula.
- Creio que sim.
- E se eu tivesse a felicidade ou a infelicidade de regressar, teríeis pelo menos o mérito do silêncio que guardaríeis sobre os meus erros.
- Achais-me muito delicada e muito generosa.
- Minha amiga, depois do que fez, não há espécie nenhuma de heroísmo de que não seja capaz.
- Não estou tão zangada como vós pensais.
- Palavra, corro convosco o maior perigo, tenho a certeza.

JACQUES – E eu também.

A ESTALAJADEIRA – Havia já cerca de três meses que as coisas estavam neste ponto, quando Mme de La Pommeraye achou que era a altura de meter no jogo os seus grandes trunfos. Num dia de Verão em que fazia bom tempo e em que ela esperava o marquês para jantar, mandou recado à d'Aisnon e à filha de se dirigirem ao Jardim do Rei. O marquês veio, foram cedo para a mesa, jantaram, jantaram alegremente.

Depois do jantar, Mme de La Pommeraye propõe um passeio ao marquês, se por acaso não tiver nada de mais agradável para fazer. Nesse dia, não havia nem ópera nem comédia, como fez notar o marquês; e para substituir um espectáculo divertido por um espectáculo útil, quis o destino que fosse ele próprio a convidar a marquesa para ir ver o Cabinet du Roi. Como pensam bem, o pedido não foi recusado. Eis os cavalos atrelados, ei-los que partem, ei-los chegados ao Jardin du Roi e ei-los misturados na multidão, olhando para todo o lado e não vendo nada, tal como os outros...

Leitor, tinha-me esquecido de pintar a posição das três personagens de que aqui se trata, Jacques, o seu senhor e a estalajadeira; por causa dessa distracção, ouviram-nos falar mas nunca os viram; mais vale tarde que nunca. O amo, à esquerda, em barrete de noite e robe de quarto, tinha-se estirado preguiçosamente num grande sofá de tapeçaria, o lenço colocado no braço do sofá, e a tabaqueira na mão. A estalajadeira, ao fundo, de face para a porta, junto da mesa, o copo à sua frente. Jacques, sem chapéu, à sua direita, os cotovelos apoiados na mesa e a cabeça pendendo entre duas garrafas, outras duas estavam no chão, a seu lado.

Ao saírem do Cabinet, o marquês e a sua boa amiga passearam no jardim. Seguiam pela primeira alameda que está à direita quando se entra, quando Mme de La Pommeraye deu um grito de surpresa, dizendo: “Não me engano, creio que são elas; sim, são mesmo elas...” De imediato, deixa o marquês e avança ao encontro das nossas duas devotas. A d’Aisnon filha seduzia com o seu vestuário simples que, não atraindo o

olhar, concentra toda a atenção na própria pessoa. “Ah, sois vós, madame?”

- Sim, sou eu.

- E como tem passado, e que é de si desde há uma eternidade?

- Vós sabeis das minhas desgraças, foi preciso resignarmo-nos e viver retiradas como convém à nossa pouca fortuna, sair do mundo quando já não se lhe pode aparecer decentemente.

- Mas a mim, afastarem-se de mim, eu que não sou do mundo e que tenho tido sempre a inteligência suficiente para o achar tão aborrecido como de facto é!

- Um dos inconvenientes do infortúnio, é a desconfiança que ele inspira; os indigentes temem ser importunos.

- Vós, importunas para mim! Essa suspeita é uma grande injúria.

- Madame, estou completamente inocente, lembrei-vos dez vezes à mamã, mas ela dizia-me : Mme de La Pommeraye... já ninguém pensa em nós, minha filha.

- Que injustiça! Sentemo-nos e vamos conversar. Eis aqui M, o marquês des Arcis, é meu amigo e a sua presença não vos incomodará. Como a mademoiselle cresceu!, como está bonita desde a última vez que nos vimos!

- A nossa posição tem essa vantagem, priva-nos de tudo o que faz mal à saúde. Vede o seu rosto, vede os seus braços; eis o resultado de uma vida frugal e regulada, do sono, do trabalho, da consciência tranquila, e é alguma coisa...”

Sentaram-se e conversaram em boa amizade. A d'Aisnon mãe falou bastante, a d'Aisnon filha falou pouco. O tom da devoção foi o de uma e da outra, mas saía-lhes com facilidade e sem affectação. Muito antes do fim da tarde, as nossas devotas levantaram-se. Fizeram-lhes ver que ainda era cedo; a d'Aisnon mãe disse bem alto, ao ouvido de Mme de La Pommeraye, que ainda tinham um exercício de piedade para cumprir e que era-lhes impossível ficar por mais tempo. Já iam a alguma distância, quando Mme de La Pommeraye se censurou por não lhes ter perguntado a morada e de não lhes ter dado a sua; “É uma falta que não teria cometido noutros tempos.” O marquês correu para a reparar; elas aceitaram a direcção de Mme de La Pommeraye, mas apesar de todas as instâncias do marquês, não conseguiu obter a delas. Não ousou oferecer-lhes a sua viatura, confessando a Mme de La Pommeraye que estivera tentado.

O marquês não deixou de perguntar a Mme de La Pommeraye quem eram aquelas duas mulheres.

- São criaturas mais felizes que nós. Veja a boa saúde de que gozam! a serenidade que lhes reina nos rostos! a inocência e a decência que dita a sua conversa! Não se vê nada disso, não se ouve nada disso nos nossos círculos. Lamentamos os devotos, os devotos lamentam-nos a nós, e, vistas bem as coisas, fico tentada a acreditar que são eles que têm razão.

- Mas, marquesa, estaríeis tentada a tornar-vos devota?

- Porque não?

- Tomai cuidado, eu não queria que a nossa ruptura, se é que foi uma ruptura, vos levasse até esse ponto.

- E preferíeis vós que eu reabrisse a minha porta ao condezinho?

- Muito melhor.

- E vós mo aconselharíeis?

- Sem hesitar...

Mme de La Pommeraye contou ao marquês o que ela sabia do nome, da província, do estado anterior e do processo das duas devotas, pondo-lhe todo o interesse e todo o patético possível, depois acrescentou: “São duas mulheres de um mérito raro, a filha sobretudo. Imaginais que, com uma figura como a sua, não se tem aqui falta de nada quando se quer fazer dela uma fonte de rendimento; mas elas preferiram uma honesta austeridade a uma fartura vergonhosa; o que lhes resta é tão pouco que em verdade não sei como é que elas fazem para sobreviver. Noite e dia o mesmo problema. Suportar a indigência quando se nasceu nela é o que a maioria dos homens sabe fazer; mas passar da opulência à mais estrita necessidade, contentar-se com isso, encontrar aí a felicidade, é o que não posso compreender. Eis para que serve a religião; os nossos filósofos, digam o que disserem, a religião é uma boa coisa.

- Sobretudo para os infelizes.

- E quem é que o não é, ou mais ou menos?

- Eu que morra se não vos tornardes devota.

- Oh, a grande desgraça! Esta vida é tão pouca coisa quando a comparamos à eternidade que há-de vir!

- Mas se até já fala como um missionário.

- Falo como uma mulher convertida. Repare, marquês, diga-me a verdade, será que todas as nossas riquezas não passariam de pobres farrapos aos nossos olhos, se estivéssemos mais penetrados da espera

pelos bens e pelo temor das penas de uma outra vida? Corromper uma jovem ou uma mulher afeiçoada ao seu marido, com a certeza de que se pode morrer nos seus braços e cair de imediato em suplícios sem fim, concorde que seria do mais inacreditável delírio.

- E no entanto, isso faz-se todos os dias.

- É porque não têm nenhuma fé, é porque são levianos.

- É porque as nossas opiniões religiosas tem pouca influência nos nossos costumes. Mas, minha amiga, juro-lhe que caminha com todas as pernas em direcção ao confessorário.

- Era o que poderia fazer de melhor.

- Vamos, estais louca; ainda tem à sua frente uma boa vintena de anos para fazer belos pecados, não deixe de os cometer, e então depois é que vos arrependereis e que vos ireis arrojareis aos pés do padre, se tal vos convier... Mas esta é uma conversa que está a enveredar por caminhos muito sérios; a vossa imaginação leva-vos furiosamente ao pessimismo e é o efeito desta abominável solidão em que vos fechasteis. Acredite em mim, chame de volta o condezinho o mais rapidamente possível, não verá mais nem o diabo nem o inferno; e estareis encantadora como dantes. Tendes receio que eu a censure se não nos reconciliarmos, mas, em primeiro lugar, talvez nunca nos reconciliemos, e por causa de uma apreensão bem ou mal fundada, privais-vos do mais doce prazer; em verdade, a honra de valer mais do que eu não vale o sacrifício.

- O que diz é bem verdade, mas também não é isso o que me retém...”

Disseram ainda muitas outras coisas de que não me recordo.

JACQUES – Nossa estalajadeira, bebamos um gole. Refresca a memória.

A ESTALAJADEIRA – Bebamos um gole... Depois de algumas voltas pelas alamedas, Mme de La Pommeraye e o marquês subiram para a viatura. Mme de La Pommeraye diz: “Como aquela me envelhece! Quando chegou a Paris não era mais alta que uma couve.”

- Falais da filha da senhora que encontrámos no nosso passeio?

- Sim. É como um jardim onde as rosas fanadas dão lugar às rosas frescas; olhou bem para ela?

- Não deixei de o fazer.

- Que achou dela?

- A cabeça de uma Virgem de Rafael sobre o corpo da sua Galateia; e depois uma doçura na voz!

- Uma modéstia no olhar!

- Uma decência no porte!

- Uma decência na conversação que não me impressionou tanto noutra rapariga como nesta. O efeito da educação.

- Quando se está predisposto por uma boa natureza.

O marquês deixou Mme de La Pommeraye à sua porta, e Mme de La Pommeraye a primeira coisa que fez foi testemunhar às nossas duas devotas como estava satisfeita pela maneira como tinham desempenhado o seu papel.

JACQUES – Se continuarem como começaram, o senhor marquês des Arcis, fosse ele o diabo, não terá maneira de escapar.

O SENHOR – Gostaria bem de saber qual é o seu plano.

A ESTALAJADEIRA – Depois desse dia, o marquês torna-se mais assíduo em casa de Mme de La Pommeraye, que deu-se conta sem lhe perguntar qual a razão. Ela nunca era a primeira a falar das duas devotas, esperava que fosse ele a levantar o tema, o que o marquês fazia sempre com impaciência e com uma indiferença mal simulada.

O MARQUÊS – Já viu as suas amigas?

MADAME DE LA POMMERAYE – Não.

O MARQUÊS – Sabe que isso não está muito bem? Sois rica, elas estão na penúria, e vós nem as convidais uma vez que seja para comer.

MADAME DE LA POMMERAYE – Pensava que o senhor marquês me conhecia melhor. Dantes o amor enchia-me de virtudes, hoje a amizade enche-me de defeitos. Já as convidei por dez vezes a virem cá a casa, sem ter conseguido que cá viessem nem sequer uma vez. Recusam vir a minha casa por ideias singulares, e quando as visito é preciso que deixe a carruagem à entrada da rua e que vá sem fato, sem pó de arroz e sem diamantes. A sua circunspecção não é muito de espantar: um relatório falso bastaria para alienar o espírito de um certo número de benfeitores e privá-las da sua ajuda. Marquês!, aparentemente fazer o bem dá muito trabalho.

O MARQUÊS – Sobretudo aos devotos.

MADAME DE LA POMMERAYE – Porque o mais ligeiro pretexto seria o suficiente para fazê-las perder essas ajudas. Se soubessem que tenho interesse nelas, em breve diriam, Mme de La Pommeraye protege-as; elas não precisam de nada; e eis as caridades suprimidas.

O MARQUÊS – As caridades!

MADAME DE LA POMMERAYE – Sim, senhor, as caridades!

O MARQUÊS – São suas conhecidas e dependem da caridade?

MADAME DE LA POMMERAYE – Uma vez mais, marquês, vejo bem que já não me ama e que uma boa parte da sua estima foi-se juntamente com a sua ternura. E quem é que vos disse que se estas mulheres precisavam das esmolas da paróquia era por minha culpa?

O MARQUÊS – Perdão, madame, mil perdões, errei. Mas qual a razão para recusar a benevolência de uma amiga?

MADAME DE LA POMMERAYE – Ah!, marquês, estamos bem longe, nós, pessoas do mundo, de conhecer as delicadezas escrupulosas das almas timoratas. Elas acham que não podem aceitar os socorros de qualquer pessoa, indistintamente.

O MARQUÊS – É tirar-nos o melhor meio de expiar as nossas loucas dissipações.

MADAME DE LA POMMERAYE – De maneira nenhuma. Suponho, por exemplo, que se o senhor marquês des Arcis fosse tocado pela compaixão, não prestaria os seus socorros a mãos mais dignas?

O MARQUÊS – E menos certas.

MADAME DE LA POMMERAYE – Pode ser.

O MARQUÊS – Diga-me, se eu lhes enviasse uma vintena de *louis*, acha que os recusariam?

MADAME DE LA POMMERAYE – Tenho a certeza. E essa recusa parecer-lhe-ia deslocada numa mãe que tem uma filha encantadora?

MARQUÊS – Sabia que estive tentado a ir vê-las?

MADAME DE LA POMMERAYE – Acredito. Marquês!, marquês!, tenha cuidado consigo; eis um movimento de compaixão muito súbito e muito suspeito.

O MARQUÊS – Seja o que for, ter-me-iam recebido?

MADAME DE LA POMMERAYE – Não, com certeza que não. Com o esplendor da vossa viatura, dos seus fatos e os encantos da jovem, não faltaria muito para desencadear a maledicência dos vizinhos, das vizinhas: era perdê-las às duas.

O MARQUÊS – Entristece-me; porque, claro que não era esse o meu desejo. Será preciso então renunciar a socorrê-las e a vê-las?

MADAME DE LA POMMERAYE – Creio bem que sim.

O MARQUÊS – Mas se eu lhe entregasse a minha ajuda por vosso intermédio?

MADAME DE LA POMMERAYE – Não creio que essa ajuda seja assim tão pura que me possa encarregar dela.

O MARQUÊS – Essa foi cruel.

MADAME DE LA POMMERAYE – Sim, cruel é a palavra.

O MARQUÊS – Mas que opinião faz de mim! Marquesa está a brincar. Uma jovem que vi apenas uma vez.

MADAME DE LA POMMERAYE – Mas do pequeno número daquelas que não se esquecem uma vez que as vimos.

O MARQUÊS – É verdade que essas figuras nos perseguem.

MADAME DE LA POMMERAYE – Marquês, tenha cuidado consigo, está-se a preparar para um desgosto, e eu prefiro protegê-lo que ter que o

consolar. Não confunda estas agora com aquelas que conheceu: não há semelhança possível; não se deixam tentar, não se deixam seduzir, não deixam que ninguém se aproxime, não ouvem e ninguém lhes consegue vencer a resistência.”

Depois desta conversa, o marquês lembrou-se de repente que tinha um negócio urgente, levantou-se bruscamente e saiu pensativo.

Durante um intervalo de tempo bastante longo, o marquês não passou quase um dia sem vir ver Mme de La Pommeraye, mas chegava, sentava-se, mantinha-se em silêncio, Mme de La Pommeraye falava sozinha; o marquês, ao fim de um quarto de hora levantava-se e ia-se embora.

Em seguida fez um eclipse de cerca de um mês, ao fim do qual reapareceu, mas triste, mas melancólico, mas desfeito. A marquesa, ao vê-lo, disse-lhe: “Em que estado se encontra! De onde saiu? Passou todo este tempo no manicómio?”

O MARQUÊS – Quase, palavra. Com o desespero, precipitei-me numa libertinagem terrível.

MADAME DE LA POMMERAYE – Como desespero?

O MARQUÊS – Sim, desespero.

Depois destas palavras, pôs-se a passear ao longo e ao largo sem dizer palavra; ia até às janelas, olhava o céu, parava diante de Mme de La Pommeraye, ia até à porta, chamava pelos seus lacaios aos quais nada tinha a dizer, enviava-os de volta, reentrava, voltava para junto de Mme de La Pommeraye que trabalhava sem o notar, queria falar, não era capaz; enfim, Mme de La Pommeraye teve pena dele e disse-lhe: “Que é que tem? Está-se um mês sem o ver, reaparece com cara de enterro e vagueia como uma alma penada.

O MARQUÊS – Não posso mais escondê-lo, é preciso que vos diga tudo. Fiquei vivamente impressionado com a filha da vossa amiga, fiz tudo, mas tudo para a esquecer, e quanto mais faço mais me recordo dela. Esta criatura angélica obceca-me. Preste-me um serviço importante.

MADAME DE LA POMMERAYE – Qual?

O MARQUÊS – É absolutamente preciso que a reveja e que vos fique a dever esse favor. Pus os meus espias em campo. Todas as suas idas, todas as suas vindas, são de casa para a igreja e da igreja para casa. Por dez vezes me atravessei a pé no seu caminho, elas nem sequer se aperceberam da minha presença; plantei-me inutilmente à sua porta. Primeiro, fizeram de mim libertino como um macaco, depois devoto como um anjo, não faltei à missa nem uma vez desde há quinze dias. Ah!, minha amiga, que figura!, como é bela!

Mme de La Pommeraye sabia isso tudo. “Quer dizer – respondeu ela ao marquês -, que depois de ter feito tudo para o curar, não omitiu nenhuma maneira de endoidecer, e que foi a última hipótese que prevaleceu?”

O MARQUÊS – E prevaleceu até um ponto que não sei como vo-lo exprimir. Não vos compadecereis de mim e não ficarei eu a dever-vos a felicidade de a rever?

MADAME DE LA POMMERAYE – A coisa é difícil, e eu me ocupei dela, mas com uma condição, é a que deixe essas infelizes em paz e que deixe de as atormentar. Não vos esconderei de modo nenhum que elas me escreveram a contar da vossa perseguição com amargura, e aqui está a carta.

A carta que deu a ler ao marquês tinha sido concertada entre elas. Era a d’Aisnon filha que parecia ter escrito por ordem da mãe, e ali havia uma rapariga honesta, doce, tocante, elegante, espirituosa, tudo o que podia

virar a cabeça ao marquês; também acompanhava cada palavra com um ponto de exclamação; não houve frase que ele não relesse; chorava de alegria, dizia a Mme de La Pommeraye: “Reconheça, pois, Madame, que ninguém escreve melhor.”

- Concordo.

- E que a cada linha nos sentimos penetrados de admiração e de respeito por mulheres deste carácter.

- Assim deveria ser.

- Cumprirei a minha palavra, mas vede, suplico-vos, não falteis à vossa.

MADAME DE LA POMMERAYE – Em verdade, marquês, sou tão maluca como vós. É preciso que tenhais conservado um terrível império sobre mim; isso assusta-me.

O MARQUÊS – Quando é que a verei?

MADAME DE LA POMMERAYE – Isso agora já não sei. Será preciso ocuparmo-nos em primeiro lugar do meio de arranjar a coisa e de evitar toda a suspeita. Elas não podem ignorar os seus desígnios; vede a cor que a minha complacência tomaria a seus olhos, se elas imaginassem que agi de concerto convosco... Mas, marquês, aqui entre nós, que necessidade é que eu tenho de me meter nesse embaraço? Que me importa que vós ameis, que vós não ameis?, que delireis? Desembarace sozinho a meada que fez. O papel que quer que eu faça é demasiado esquisito.

O MARQUÊS – Minha amiga, se me abandonais, estou perdido! Não vos falarei de mim em nada, porque vos ofenderia; mas peço-lhe por estas interessantes e dignas criaturas que tão caras vos são. Vós conheceis-me!, poupe-lhes todas as loucuras de que sou capaz. Eu irei a casa delas, sim, irei, previno-a, arrombarei a sua porta, entrarei contra a vontade delas,

sentar-me-ei, não sei o que direi nem o que farei, porque o que é não podereis recear do estado violento em que me encontro?

- Tereis reparado, meus senhores – disse a estalajadeira -, que desde o começo desta aventura até este momento, o marquês des Arcis não tinha dito uma única palavra que não fosse uma punhalada dirigida ao coração de Mme de La Pommeraye. Ela sufocava de indignação e de raiva; deste modo, respondeu ao marquês com uma voz trémula e entrecortada:

- Mas tem razão. Ah!, se eu tivesse sido tão amada, talvez que... Passemos adiante... Não é por vós que agirei, mas pelo menos, marquês, faça-me o favor de me dar algum tempo.

O MARQUÊS – O menos, o menos possível.

JACQUES – Ah!, nossa estalajadeira, que diabo de mulher! Lúcifer não será pior. Tremo só de pensar, e é preciso que beba uma pinga para me tranquilizar... Vai deixar-me beber sozinho?

A ESTALAJADEIRA – Eu? Eu não tenho medo... Mme de La Pommeraye dizia: “Sofro, mas não sou a única a sofrer. Homem cruel! Ignoro qual será a duração do meu tormento, mas eternizarei o teu...” Ela manteve o marquês cerca de um mês à espera da entrevista que lhe prometera, quer dizer que ela deixou-lhe todo o tempo para penar, para se enlevar até ao infinito, e, com o pretexto de lhe adoçar a duração da espera, permitiu-lhe que falasse da sua paixão.

O SENHOR – E que a aumentasse, ao falar dela.

JACQUES – Que mulher! Que diabo de mulher! Nossa estalajadeira, redobram os meus receios.

A ESTALAJADEIRA – O marquês vinha portanto todos os dias conversar com Mme de La Pommeraye, que conseguia irritá-lo, endurecê-lo e perdê-lo com os discursos mais fingidos. Ele informava-se da terra natal, do nascimento, da fortuna e da ruína destas mulheres, voltava sempre a bater na mesma tecla, nunca se sentindo suficientemente informado e sensibilizado. A marquesa fazia-o reparar no progresso dos seus sentimentos e familiarizava-o com o desenlace, a pretexto de lhe inspirar o receio do mesmo. “Marquês – dizia-lhe ela , tome cuidado consigo, isso vai levá-lo longe demais. Poderia chegar o dia em que a minha amizade, de que abusa de uma forma estranha, não me desculpasse, nem a meus olhos nem aos vossos. Não é que todos os dias se não façam as maiores loucuras. Marquês, receio bastante que não obterá esta rapariga senão com condições que, até ao presente, nunca foram do seu agrado.

Assim que Mme de La Pommeraye achou o marquês bem preparado para o sucesso do seu plano, combinou com as duas mulheres que viessem jantar a casa dela; e com o marquês, que para aumentar as suas possibilidades, as surpreendesse vindo vestido em trajes do campo, o que foi executado.

Estavam no segundo prato quando anunciaram o marquês. Mme de La Pommeraye e as duas d’Aisnon fingiram superiormente o embaraço. “Madame – disse ele a Mme de La Pommeraye , acabo de chegar da minha terra, já é muito tarde para ir para casa, onde só me esperam logo à noite, e senti-me orgulhoso ao pensar que não me recusaria de jantar”; e, sempre falando, já tinha desviado uma cadeira e já se tinha sentado à mesa. Tinham disposto os talheres de maneira a que ele ficasse ao lado da mãe e em frente da filha. Agradeceu, com uma piscadela de olho, a Mme de La Pommeraye, esta atenção delicada. Depois da confusão dos

primeiros momentos, as nossas duas devotas tranquilizaram-se. Conversaram, mostraram-se mesmo alegres. O marquês teve as maiores atenções para com a mãe e a delicadeza mais reservada para com a filha. Era um divertimento secreto, bem agradável para as três mulheres, ver o escrúpulo do marquês em nada dizer, em nada se permitir que as pudesse intimidar. Tiveram a desumanidade de o fazer falar de devoção durante três horas seguidas, e Mme de La Pommeraye dizia-lhe: “Os seus discursos fazem maravilhosamente o elogio dos seus pais; as primeiras lições que se recebem nunca se desvanecem. Entende todas as subtilezas do amor divino como se tivesse tido São Francisco de Sales por único alimento. Não terá sido um pouco quietista?

- Não me recordo.

É inútil dizer que as nossas devotas puseram na conversação tudo o que tinham de graça, de espírito, de sedução e de subtileza. Passaram ao de leve pelo capítulo das paixões, e Mlle Duquênai (era o seu nome de família) pretendeu que não havia nem uma só que não fosse perigosa. O marquês foi da mesma opinião. Entre as seis e as sete horas, as duas mulheres retiraram-se, sem que fosse possível retê-las por mais um instante; Mme de La Pommeraye opinando a Mme Duquênai que era preciso dar preferência ao dever, sem o que não haveria quase uma hora do dia que não fosse estragada pelo remorso. Ei-las de partida, com grande pena do marquês, e o marquês frente a frente com Mme de La Pommeraye.

MADAME DE LA POMMERAYE – Ora bem, marquês, não é preciso que eu seja realmente muito boa? Encontre-me em Paris outra mulher que fosse capaz de fazer o mesmo.

O MARQUÊS, *caindo aos seus joelhos* – Estou de acordo, não existe uma sequer que se vos assemelhe: sois a única verdadeira amiga que existe no mundo.

MADAME DE LA POMMERAYE – Estais seguro de sentir sempre e da mesma maneira o que me custa o meu procedimento?

O MARQUÊS – Seria um monstro de ingratidão se lhe esquecesse o valor.

MADAME DE LA POMMERAYE – Mudemos de texto. Qual é o estado do seu coração?

O MARQUÊS – Será preciso que o confesse francamente? Tenho que possuir aquela rapariga, ou então dar cabo de mim.

MADAME DE LA POMMERAYE – Há-de tê-la, não tenho a menor dúvida, mas é preciso saber como.

O MARQUÊS – É o que vamos a ver.

MADAME DE LA POMMERAYE – Marquês! Marquês!, eu conheço-o e conheço-as. Está tudo visto.

O marquês esteve então dois meses sem aparecer em casa de Mme de La Pommeraye, e eis o que fez neste intervalo. Fez conhecimento com o confessor da mãe e da filha. Era um amigo do pequeno abade de que já lhes falei. Este padre, depois de ter colocado todas as dificuldades hipócritas que se podem pôr numa intriga desonesta, e vendido o mais caro que pôde a santidade do seu ministério, prestou-se a tudo o que o marquês desejou.

A primeira perfídia do homem de Deus, foi a de afastar a benevolência do prior e de convencê-lo que estas duas protegidas de Mme de La

Pommeraye obtinham da paróquia uma esmola de que privavam indigentes mais dignos de lástima do que elas. A sua finalidade era a de as sujeitar pela miséria.

De seguida, trabalhou no tribunal da confissão para lançar a divisão entre a mãe e a filha. Quando ouvia a mãe queixar-se da filha, agravava os erros desta última e irritava o ressentimento da outra. Se era a filha a queixar-se da mãe, insinuava-lhe que o poder dos pais e das mães sobre os seus filhos era limitado, e que se a perseguição da mãe fosse até um certo ponto, talvez não fosse impossível subtraí-la a uma autoridade tirânica. Depois dava-lhe por penitência voltar noutro dia para confessar-se.

Outra vez falou-lhe dos seus encantos, mas por alto; era um dos mais perigosos presentes que Deus tinha podido fazer a uma mulher; da impressão que ela tinha causado a um homem honesto cujo nome não iria dizer, mas que não era difícil adivinhar. Dali passava à misericórdia infinita do Céu e à sua indulgência pelas faltas que algumas circunstâncias tornavam indispensáveis; à fraqueza da carne, em que cada um encontra a desculpa em si próprio; à violência e à generalidade de algumas tentações de que os homens mais santos não estavam livres. Perguntava-lhe em seguida se ela não sentia nenhuns desejos, se o temperamento não lhe dizia nada em sonhos, se a presença dos homens não a perturbava. Em seguida, ventilava a questão de saber se uma mulher devia ceder ou resistir a um homem apaixonado, e deixar morrer e condenar aos infernos aquele por quem o sangue de Jesus Cristo foi derramado, e aqui não ousava fazê-la tomar partido. Depois soltava profundos suspiros, elevava os olhos ao céu, rezava pela tranquilidade das almas em provação... A jovem deixava-o prosseguir. A mãe e Mme

de La Pommeraye a quem ela relatava fielmente as frases do director, sugeriam-lhe confidências que todas tendiam para o encorajar.

JACQUES – A vossa Mme de La Pommeraye é uma mulher má.

O SENHOR – Jacques, isso é fácil de dizer. A sua maldade, de onde é que ela vem? Do marquês des Arcis. Recorda o que ele tinha jurado, e que era o que devia ser, e encontra-me algum defeito em Mme de La Pommeraye. Quando voltarmos à estrada, tu irás acusá-la e eu encarregome de a defender. Quanto a este padre vil e sedutor, deixo-o por tua conta.

JACQUES – É um homem tão mau que creio que, por causa disto, nunca mais me irei confessar. E a nossa estalajadeira?

A ESTALAJADEIRA – Cá por mim, eu continuarei as minhas visitas ao meu velho prior que não é nada curioso e que não ouve senão o que lhe dizemos.

JACQUES – E se bebêssemos à saúde do vosso prior?

A ESTALAJADEIRA – Por esta vez dou-lhe razão, porque é um bom homem que nos domingos e dias de festa, deixa dançar as raparigas e os rapazes, e que permite aos homens e mulheres de vir a minha casa, desde que não saiam daqui bêbados. Ao meu prior!

JACQUES – Ao vosso prior.

A ESTALAJADEIRA – As nossas mulheres não duvidavam que dentro em breve o homem de Deus se atrevesse a entregar uma carta à sua penitente, o que realmente aconteceu; mas com que cautelas! Não sabia de quem é que ela vinha; não duvidava nada de que fosse de alguma alma benfazeja e caridosa que tinha descoberto a sua miséria e que se propunha ajudá-la; ele próprio também às vezes remetia semelhantes.

“Quanto ao resto, vós sois sensata, a vossa mãe é prudente, e exijo que não a abra senão na sua presença.” Mlle Duquênói aceitou a carta e entregou-a à mãe que imediatamente a fez passar para a posse de Mme de La Pommeraye. Esta, munida do papel, mandou chamar o prior, cobriu-o das injúrias que merecia, e ameaçou denunciá-lo aos seus superiores se voltasse a ouvir falar dele.

Depois de ter dado esta lição ao padre, Mme de La Pommeraye chamou o marquês a sua casa, fez-lhe ver quanto a sua conduta era pouco digna de um homem digno, até ao ponto em que ela própria poderia ficar comprometida, mostrou-lhe a carta e protestou-lhe que, apesar da terna amizade que os unia, ela não podia deixar de a exhibir no tribunal das leis ou de a entregar a Mme Duquênói, se acontecesse alguma aventura escandalosa à sua filha: “Ah!, marquês – disse-lhe ela, o amor deu cabo de si, é mal nascido, porque o autor das grandes obras não vos inspira senão baixezas. E que vos fizeram estas pobres mulheres para juntar a ignomínia à miséria? Será preciso, lá porque a rapariga é bela e quer permanecer virtuosa, que se torne o seu maior perseguidor? É coisa vossa fazer-lhe detestar um dos mais belos presentes do céu? Por onde é que eu mereci, eu, ser a vossa cúmplice? Vamos, marquês, ajoelhe-se a meus pés, peça-me perdão e prometa-me deixar as minhas tristes amigas em paz...” O marquês prometeu-lhe nada mais empreender sem o seu consentimento; mas que era preciso que possuísse esta rapariga, fosse por que preço fosse.

O marquês não foi nada fiel à sua palavra. A mãe sabia de tudo, não hesitou em dirigir-se a ela. Confessou o crime que planeara, ofereceu uma soma considerável, deu esperanças que o tempo poderia trazer, e a carta levava em anexo um guarda-jóias de ricas pedrarias.

As três mulheres reuniram-se em conselho. A mãe e a filha inclinavam-se para aceitar, mas não era esse o cálculo de Mme de La Pommeraye. Esta insistiu na palavra que lhe tinham dado, ameaçou revelar tudo, e com grande desgosto das nossas duas devotas, a jovem retirou das orelhas os pendentes que lhe ficavam tão bem, e o guarda-jóias e a carta foram devolvidos com uma carta cheia de orgulho e de indignação.

Mme de La Pommeraye queixou-se ao marquês do pouco caso que ele fazia das suas promessas. O marquês desculpou-se com a impossibilidade de a encarregar de uma comissão tão indecente. “Marquês, marquês – disse-lhe Mme de La Pommeraye, já o avisei e volto a repetir-lhe, não está onde quereria; mas já não é tempo de lhe pregar moral, seriam palavras deitadas ao vento, não existe outro remédio.”

O marquês admitiu que pensava como ela, e pediu-lhe permissão de fazer ainda uma última tentativa, a de assegurar rendas consideráveis para as duas cabeças, partilhar a sua fortuna com as duas mulheres, e de as tornar usufrutuárias de uma das suas casas na cidade, e de outra no campo. “Faça-o – disse-lhe a marquesa -, só interdito é a violência; mas creia, meu amigo, que a honra e a virtude, quando são verdadeiras, não têm preço aos olhos de quem tem a felicidade de as possuir. As vossas novas ofertas não terão melhor sorte que as anteriores; conheço estas mulheres e sei o que irão decidir.”

Foram feitas as novas propostas. Outro conciliábulo das três mulheres. A mãe e a filha esperavam em silêncio a decisão de Mme de La Pommeraye. Esta andou de um lado para o outro, sem falar; “Não – disse ela -, isso não é suficiente para o meu coração ulcerado...” E de imediato decretou a recusa; e de imediato as duas mulheres desfizeram-se em lágrimas e fizeram-lhe ver o quanto era terrível para elas rejeitar uma fortuna imensa que sempre poderiam aceitar sem nenhuma consequência

embaraçosa. Mme de La Pommeraye respondeu-lhes secamente: “Imaginais por acaso que o que estou a fazer o faço por vós? Quem sois vós? O que é que lhes devo? O que é que me impede de as enviar, a uma e a outra, de volta para a vossa espelunca? Se o que se lhes oferece é demasiado para vós, é demasiado pouco para mim. Escreva, madame, a resposta que lhe vou ditar, e que ela seja enviada à minha vista...” Estas mulheres voltaram ainda assustadas do que tristes.

JACQUES – Esta mulher tem o diabo no corpo; e no fundo o que é que ela quer? Quê!, um esfriamento no amor não fica suficientemente castigado com o sacrifício de metade de uma grande fortuna?

O SENHOR – Jacques, nunca foi mulher, e ainda menos uma mulher honesta, e faz juízos de acordo com o seu carácter que não é o de Mme de La Pommeraye! Queres que te diga? Receio bem que o casamento do marquês des Arcis e de uma prostituta esteja escrito lá em cima.

JACQUES – Se estiver escrito lá em cima, é o que acontecerá.

A ESTALAJADEIRA – O marquês não tardou a reaparecer em casa de Mme de La Pommeraye. “Ora bem – diz-lhe ela -, que tal as vossas novas ofertas?”

O MARQUÊS – Feitas e rejeitadas. Estou desesperado. Gostaria de arrancar esta infeliz paixão do coração, e não sou capaz. Marquesa, responda-me; não acha que entre esta jovem e eu existem alguns traços semelhantes?

MADAME DE LA POMMERAYE – Não lhe tinha dito nada, mas sim, já me tinha apercebido. Mas agora não se trata disso. O que é que resolve?

O MARQUÊS – Não consigo resolver-me a nada. Dão-me ganas de meter-me numa viatura e de correr mundo até poder; um momento depois as forças abandonam-me, fico como prostrado, a minha cabeça fica confusa; fico estúpido, não sei o que será de mim.

MADAME DE LA POMMERAYE – Não o aconselho a viajar, não vale a pena ir a Villejuif para voltar.

Na manhã seguinte, o marquês escreveu à marquesa que partia para a sua terra, que ali ficaria enquanto pudesse, e que lhe suplicava que o ajudasse junto das suas amigas se se apresentasse ocasião. A sua ausência foi curta, voltou com a intenção de casar.

JACQUES – Este pobre marquês faz-me pena.

O SENHOR – A mim nem tanto.

A ESTALAJADEIRA – Desceu à porta de Mme de La Pommeraye. Ela tinha saído. Quando voltou, encontrou o marquês estirado num grande sofá, os olhos fechados, imerso na mais profunda meditação. “Ah!, marquês, aqui o temos. O campo não teve grandes encantos para vós.”

- Não – respondeu-lhe -, não me sinto bem em parte nenhuma, e regresso determinado a fazer o mais completo disparate que um homem da minha condição, da minha idade e do meu carácter pode fazer; mas mais vale casar que sofrer. Vou casar.

MADAME DE LA POMMERAYE – Marquês, o caso é grave, e exige reflexão.

O MARQUÊS – Não fiz mais que uma, mas é de peso, é a de que já não posso ser mais infeliz do que sou.

MADAME DE LA POMMERAYE – Pode estar enganado.

JACQUES – Traidora!

O MARQUÊS – Eis agora por fim, minha amiga, uma negociação que me parece de que a posso honestamente encarregar. Visite a mãe e a filha; interrogue a mãe, sonde o coração da filha, e fale-lhes nos meus propósitos.

MADAME DE LA POMMERAYE – Calma, marquês. Para o que tinha a fazer, penso conhecê-las o suficiente, mas agora, que se trata da felicidade do meu amigo, há-de-me dar licença de as examinar com mais pormenor. Vou tirar informações na sua província, e prometo segui-las passo a passo durante a sua permanência em Paris.

O MARQUÊS – Estas precauções parecem-me bastante supérfluas. Mulheres que estão na miséria e que resistem às armadilhas que lhes estendi não podem senão ser das criaturas mais raras. Com as minhas ofertas teria obtido uma duquesa. Além disso, não fostes vós quem me disse...

MADAME DE LA POMMERAYE – Sim, disse tudo o que quiser, mas com tudo isso, permita-me que fique satisfeita.

JACQUES – A cadela! A marota! A danada! E também para quê ligar-se a semelhante mulher?

O SENHOR – E também para quê seduzi-la e abandoná-la?

A ESTALAJADEIRA – E porquê deixar de amar sem rima nem razão?

JACQUES, *apontando o céu com o dedo* – Ah, meu senhor.

O MARQUÊS – Porquê, marquesa, também se vai casar?

MADAME DE LA POMMERAYE – Com quem, se faz favor?

O MARQUÊS – Com o pequeno conde; tem espírito, nascimento, fortuna.

MADAME DE LA POMMERAYE – E quem me responde pela sua fidelidade? Vós, talvez?

O MARQUÊS – Não; mas parece-me que coisa que se dispensa facilmente é a fidelidade de um marido.

MADAME DE LA POMMERAYE – De acordo, mas se o meu fosse infiel eu seria talvez bastante esquisita para me ofender, e sou vingativa.

O MARQUÊS – Pois bem, vingar-vos-eis, isso não se discute. Poderíamos viver no mesmo palácio e formaríamos os quatro a mais agradável das sociedades.

MADAME DE LA POMMERAYE – Tudo isso é muito bonito, mas não me casarei. O único homem com quem talvez estivesse tentada a casar...

O MARQUÊS – Sou eu?

MADAME DE LA POMMERAYE – Posso-lho agora confessar, sem consequências.

O MARQUÊS – E porque não mo disse?

MADAME DE LA POMMERAYE – Pelo que sucedeu depois!, foi o que fiz de melhor. Aquela que vai possuir convém-lhe de toda a maneira mais do que eu.

A ESTALAJADEIRA – Mme de La Pommeraye deu às suas informações toda a exactidão e celeridade que quis. Exibiu ao marquês os certificados mais elogiosos, uns tinham vindo de Paris, outros da província. Exigiu do marquês ainda uma quinzena, a fim que ele reflectisse uma segunda vez. Esta quinzena pareceu-lhe eterna; por fim a

marquesa foi obrigada a ceder às suas instâncias e às suas preces. A primeira entrevista ocorreu em casa das suas amigas; concordaram em tudo, publicaram-se os banhos; o contrato foi assinado; o marquês presenteeou Mme de La Pommeraye com um soberbo diamante, e o casamento consumou-se.

JACQUES – Que intriga e que vingança!

O SENHOR – É incompreensível.

JACQUES – Deixemos de lado as preocupações da noite de núpcias, e até ao presente não estou a ver nenhum grande mal.

O SENHOR – Cala-te, pateta.

JACQUES – Eu achava...

A ESTALAJADEIRA – Ache o que seu amo lhe acaba de dizer...

E, enquanto assim falava, e sorrindo, passou a mão pelo rosto de Jacques e apertou-lhe o nariz

- Mas foi na manhã seguinte...

JACQUES – A manhã seguinte não foi como a véspera?

A ESTALAJADEIRA – Não exactamente. Na manhã seguinte, Mme de La Pommeraye escreveu um bilhete que o convidava a dirigir-se a sua casa o mais cedo possível por um caso importante. O marquês não se fez esperar.

Receberam-no com uma cara onde a indignação se pintava em toda a força; o discurso que lhe guardavam não foi longo, foi como segue: “Marquês – disse-lhe ela -, aprenda a conhecer-me. Se as outras mulheres se respeitassem o suficiente para experimentar o meu ressentimento, as pessoas como o senhor seriam menos comuns. Conseguiu uma mulher

honestas que não soube conservar, essa mulher, que sou eu, vingou-se fazendo-vos desposar uma digna de vós. Saia da minha casa, e vá à Rua Traversière, ao palácio de Hambourg, onde vos contarão a suja actividade que a vossa mulher e a vossa sogra exerceram durante dez anos sob o nome de d'Aisnon.”

A surpresa e a consternação deste pobre marquês não se podem narrar. Não sabia o que pensar, mas a sua incerteza não durou mais que o tempo de ir de uma ponta à outra da cidade. Não regressou a casa em todo o dia, errou pelas ruas fora. A sogra e a mulher suspeitaram de que algo se tinha passado. À primeira pancada da aldraba, a sogra foi refugiar-se no seu quarto e fechou-se à chave, a mulher esperou-o sozinha. Quando o esposo se aproximou, leu-lhe no rosto o furor que o invadia. Atirou-se-lhe aos pés, a face colada ao soalho, sem dizer palavra. “Retire-se – disse-lhe ele -, infame!, para longe de mim...” Ela quis levantar-se mas voltou a cair de rosto, os braços estendidos por terra entre os pés do marquês. “Senhor – disse-lhe ela -, calque-me a seus pés, esmague-me, porque é o que mereço. Faça de mim tudo o que quiser, mas poupe a minha mãe.

- Retire-se – repetiu o marquês -, retire-se! Foi bastante a infâmia de que me cobriu, não deixe que eu cometa um crime.

A pobre criatura deixou-se ficar na atitude em que estava e nada respondeu. O marquês sentou-se num sofá, a cabeça escondida nos braços, e o corpo meio deitado aos pés da cama, gritando por intervalos, sem a olhar. “Retire-se!...” O silêncio e a imobilidade da infeliz surpreenderam-no, repetiu-lhe com uma voz ainda mais forte: “Que se retire!... será que não me ouve?...” De seguida, baixou-se, empurrou-a com brusquidão, e ao reconhecer que ela estava sem sentidos e quase sem vida, tomou-a pela cintura, estendeu-a num canapé, pousou sobre ela, um

momento, olhares onde se pintavam alternadamente a comiseração e a cólera. Tocou, os lacaios entraram; chamaram as mulheres, a quem ele disse: “Levantai a vossa ama, que se sentiu mal, levai-a para o seu quarto, e prestem-lhe socorros...” Poucos instantes depois, mandou secretamente saber notícias dela. Disseram-lhe que tinha recuperado do seu primeiro desmaio, mas que os desfalecimentos sucediam-se rapidamente, eram tão frequentes e tão longos que não se podia garantir nada. Uma ou duas horas depois, mandou outra vez, em segredo, saber do seu estado. Disseram-lhe que ela sufocava, e que lhe sobreviera uma crise de soluços que se fazia ouvir até nos pátios. À terceira vez, já de manhã, relataram-lhe que ela chorara muito, que os soluços se tinham acalmado, e que parecia ter adormecido.

No dia seguinte, o marquês mandou atrelar os cavalos à sua viatura coberta, e desapareceu durante quinze dias, sem que se soubesse o que lhe tinha acontecido. No entanto, antes de se afastar, tinha provido de tudo o que era necessário à mãe e à filha, com ordens de obedecer a madame como a ele próprio.

Durante este intervalo, estas duas mulheres ficaram na presença uma da outra, quase sem se falar, a filha soluçando, soltando gritos por vezes, arrancando os cabelos, torcendo os braços, sem que a mãe ousasse aproximar-se dela e consolá-la. Uma era a figura do desespero, a outra a figura da frieza. Por vinte vezes, disse a filha à mãe: “Mamã, vamos embora daqui, fujaamos.” Outras tantas a mãe foi de opinião contrária, respondendo: “Não, minha filha, temos que ficar, é preciso esperar pelos acontecimentos; este homem não nos irá matar...” “Eh!, prouvesse a Deus – respondia-lhe a filha -, que já o tivesse feito!...” A mãe replicava: “Era melhor que te calasses e não dissesses parvoíces.”

No regresso, o marquês fechou-se no seu gabinete, e escreveu duas cartas, uma à sua mulher, outra à sua sogra. Esta partiu nesse mesmo dia e dirigiu-se para o convento das Carmelitas da cidade próxima, onde morreu faz poucos dias. A filha vestiu-se e encaminhou-se para o quarto do marido onde aparentemente ele lhe tinha ordenado que viesse. Ao chegar à porta, caiu de joelhos. “Levante-se”, disse-lhe o marquês.

Em vez de se levantar, ela avançou até ele de joelhos, tremia com todos os membros, estava desgrenhada, o corpo um pouco inclinado, os braços caídos, a cabeça erguida, o olhar fixo no dele, e o rosto cheio de lágrimas. “Parece-me – disse-lhe ela, com um soluço a separar cada palavra – que o vosso coração justamente irritado se abrandou, e que talvez com o tempo obterei misericórdia. Senhor, por favor, não tenha pressa em perdoar-me. Tantas raparigas honestas se tornaram mulheres desonestas, que eu talvez eu seja exemplo do contrário. Ainda não sou digna que vos aproximeis de mim; esperai, deixai-me somente a esperança do perdão. Deixai-me longe de vós; observareis a minha conduta, julgá-la-eis, mil vezes extremamente feliz, extremamente feliz se alguma vez vos dignardes chamar-me! Designai-me o recanto obscuro da casa onde permitireis que habite, aí ficarei sem murmurar. Ah!, se pudesse arrancar-me o nome e o título que me fizeram usurpar e depois morrer, neste mesmo instante ficariais satisfeito! Deixei-me arrastar por fraqueza, por sedução, por autoridade, por ameaças, a uma acção infame, mas não acredite, senhor, que eu seja má, não o sou, já que não hesitei em comparecer perante vós quando me chamasteis e que ousou agora levantar os olhos para vós e falar-vos. Ah!, se pudésseis ler no fundo do meu coração, e ver o quanto as minhas faltas passadas estão longe de mim; quanto os costumes das minhas semelhantes me são já estranhos! A corrupção pousou sobre mim; mas não se tornou parte de mim. Conheço-me a mim própria, e faço-me a justiça que, pelos meus gostos, pelos

meus sentimentos, pelo meu carácter, nasci digna de vos pertencer. Ah!, se tivesse sido permitido ver-vos, bastaria dizer só uma palavra e creio que teria tido a coragem para tanto. Senhor, disponha de mim como vos agradar; mandai entrar os vossos lacaios, que me despojem, que me atirem de noite para a rua, estou de acordo com tudo. Submeto-me, qualquer que seja o destino que me preparais; o fundo de um campo, a obscuridade de um claustro, para ficar para sempre longe do vosso olhar, falai e eu vou. Tendes muitas maneiras de ser feliz e podereis esquecer-me...

- Levante-se – disse-lhe docemente o marquês , já lhe perdoei, no próprio momento da injúria respeitei em si a minha mulher, não saiu da minha boca uma palavra que a humilhasse, e se tal aconteceu peço perdão e garanto que ela não ouvirá mais nenhuma que a humilhe, se ela se lembrar que não se pode tornar um esposo infeliz sem se tornar infeliz também. Seja honesta, seja feliz e faça que eu o seja também. Levante-se, peço-lhe, minha mulher, levante-se e abrace-me; senhora marquesa, levante-se, não está no lugar que lhe compete; madame des Arcis, levante-se.

Enquanto ele assim falava, ela tinha-se mantido com o rosto escondido nas mãos e a cabeça apoiada nos joelhos do marquês; mas às palavras de “minha mulher” e de “madame des Arcis”, levantou-se bruscamente e precipitou-se sobre o marquês; abraçou-o, meio sufocada pela dor e pela alegria, depois separou-se dele, deitou-se por terra e beijou-lhe os pés.

- Ah! - dizia-lhe o marquês -, eu perdoei-lhe, já lhe disse, e vejo que ainda não acredita...

- É preciso – respondia-lhe ela -, que seja assim, e que eu nunca acredite.

O marquês acrescentava: “Na verdade, creio que não me arrependo de nada, e que esta Pommeraye, em vez de se vingar, prestou-me um grande serviço. Minha mulher, vá-se vestir enquanto eu me ocupo a fazer as suas malas. Partimos para a minha terra, onde ficaremos até que possamos reaparecer aqui sem consequências para si e para mim...

E passaram quase três anos de seguida ausentes da capital.

JACQUES – E apostava que esses três anos escoaram-se como um dia, e que o marquês des Arcis foi um dos melhores maridos e teve uma das melhores mulheres que já existiu no mundo.

O SENHOR – Aposto só pela metade; mas em verdade não sei porquê, pois não fiquei nada satisfeito com essa rapariga durante todo o tempo em que duraram os manejos da senhora de Pommeraye e da mãe. Nem um instante de receio, nem a menor sombra de dúvida, nem um remorso; vi-a prestar-se sem repugnância a este longo horror. Nunca hesitou em fazer tudo o que quiseram dela; confessa-se, comunga, brinca com a religião e os seus ministros. Acho-a tão falsa, tão desprezível, tão má como as outras duas... Nossa estalajadeira, conta muito bem; mas ainda não é profunda na arte dramática. Se quisesse tornar esta rapariga interessante, era preciso emprestar-lhe franqueza, e mostrá-la a vítima inocente da sua mãe e da La Pommeraye. Era preciso que os tratamentos mais cruéis a levassem, bem contra a sua vontade, a colaborar numa série de perversidades contínuas durante um ano inteiro: era preciso preparar também a reconciliação de esta mulher com o marido. Quando se introduz uma personagem em cena, é preciso que o seu papel seja único; ora, perguntar-lhe-ei, nossa encantadora estalajadeira, se a rapariga que conspira com duas celeradas é bem a mulher suplicante que vimos aos

pés do marido? Pecou contra as regras de Aristóteles, Horácio, Vida e Le Bossu¹⁵,

A ESTALAJADEIRA – Não conheço nem marreco nem direito, contei-lhe as coisas tal como se passaram, sem nada omitir e sem nada acrescentar. E quem sabe o que is lá dentro do coração desta jovem, e se nos momentos em que ela nos parecia agir mais levianamente não estaria secretamente roída pelo desgosto?

JACQUES – Nossa estalajadeira, por esta vez sou da opinião do meu amo, que mo perdoará, o que é coisa que raramente me acontece, e da do seu Bossu, que não conheço de lado nenhum, e dos outros senhores que citou, e que não conheço melhor. Se Mlle Duquênnoi, de ora em diante a d'Aisnon, fosse boa rapariga, isso teria dado nas vistas logo desde o princípio.

A ESTALAJADEIRA – Boa rapariga ou não, tanto é que se tornou uma excelente mulher que o seu marido está com ela contente como um rei, e que não a trocaria por outra.

JACQUES – Dou-lhe os meus parabéns, teve mais sorte que juízo.

A ESTALAJADEIRA – E eu desejo-lhes uma boa noite. Já é tarde, e é preciso que eu seja a última a deitar-me e a primeira a levantar-se. Maldita profissão! Boa noite, meus senhores, boa noite. Tinha-lhes prometido, já não recordo a propósito de quê, a história de um casamento inusitado; e creio ter cumprido a minha palavra. Senhor Jacques, creio que vai adormecer sem dificuldade, porque os seus olhos já estão meio fechados. Boa noite, senhor Jacques.

15 Corcunda, marreco. Refere-se ao poeta inglês Pope, que era corcunda. (N. do T.)

JACQUES – Ora bem, nossa estalajadeira, não há então meio de virmos a saber das suas aventuras?

A ESTALAJADEIRA – Não.

JACQUES – Tem um jeito tremendo para os contos.

O SENHOR – É verdade. Instruem e divertem. Um bom contista é um homem raro.

JACQUES – E é justamente por isso que não gosto de contos, a menos que seja eu a fazê-los.

O SENHOR – Gostas mais de falar mal do que calar-te.

JACQUES – É verdade.

O SENHOR – E quanto a mim, eu gosto mais de ouvir falar mal do que não ouvir nada.

JACQUES – O que nos deixa aos dois à vontade.

Não sei onde é que a estalajadeira, Jacques e o seu senhor tinham deixado o espírito, para não encontrarem por uma única vez coisas para dizer a favor de Mlle Duquênói. Será que a rapariga não percebeu nada dos artifícios da senhora de La Pommeraye antes do desenlace? Será que ela não teria preferido aceitar as ofertas em vez da mão do marquês, e tê-lo por amante em vez de o ter por esposo? Estaria ela continuamente sob o despotismo e as ameaças da marquesa? Poderemos censurá-la da sua horrível aversão por um estado infame? E se se toma o partido de a analisar de perto, poder-se-á exigir dela muita delicadeza e muito escrúpulo na escolha dos meios de se livrar da sua situação?

E achais vós, leitor, que a apologia de Mme de La Pommeraye é mais difícil de fazer? Talvez vos fosse mais agradável de ouvir lá em cima Jacques e o seu senhor; mas eles tinham tantas outras coisas mais interessantes para falar, que o mais verosímil seria que tivessem esquecido aquela. Permitam-me que seja eu a ocupar-me do assunto.

Ficais enfurecidos ao ouvir o nome de Mme de La Pommeraye, e exclamais: “Ah!, que mulher horrível! A hipócrita! A celerada !” Ponto de exclamação, ponto de indignação, ponto de parcialidade: raciocinemos. Todos os dias se praticam as acções mais sinistras, sem nada de genialidade. Podeis odiar, podeis temer Mme de La Pommeraye: mas não a desprezareis. A sua vingança à atroz, mas não está manchada por nenhum motivo interesseiro. Não lhes disseram que ela atirou à cara do marquês o belo diamante que este lhe oferecera, mas ela fê-lo, sei-o pelas fontes mais seguras. Não se trata nem de aumentar a sua fortuna, nem conquistar quaisquer títulos honoríficos. Quê!?, se esta mulher tivesse feito outro tanto para obter para um marido a recompensa dos seus serviços, se ela se tivesse prostituído a um ministro ou mesmo a um primeiro secretário para uma condecoração ou para uma comissão no exército; ao depositário da folha dos Benefícios para uma rica abadia, isso iria parecer-lhe inteiramente normal. A vantagem seria a vossa. E assim que ela se vinga de uma perfídia, é contra ela que vos revoltais em vez de ver que o seu ressentimento só vos indigna porque não sois capazes de sentir um realmente profundo, ou que praticamente não fazeis caso da virtude das mulheres. Haveis pensado um pouco nos sacrifícios que Mme de La Pommeraye tinha feito ao marquês? Não vos direi que ela já em várias ocasiões lhe abrira a sua bolsa, nem que durante vários anos ele não tinha tido outra casa nem outra mesa que a dela, isso fá-los-ia acenar com a cabeça; mas ela tinha-se sujeitado a todas as suas fantasias, a todos os seus gostos, para lhe agradar ela tinha virado de

pernas para o ar o seu modo de vida. Ela gozava da mais alta consideração no mundo pela pureza dos seus costumes; e tinha-se rebaixado ao nível comum. Disseram dela, logo que aceitou receber as homenagens do marquês des Arcis: “Enfim, esta maravilhosa Mme de La Pommeraye tornou-se mais uma como nós...” Tinha reparado nos sorrisos irónicos à sua volta; tinha ouvido os gracejos e muitas vezes tinha corado e baixado o olhar; tinha engolido todo o cálice de amargura preparado para as mulheres cuja conduta regrada alimentou por muito tempo a sátira dos maus costumes daquelas que a rodeavam; tinha suportado toda a estridência escandalosa pela qual se vingam das imprudentes pudibundas que apregoam a sua honestidade. Ela era vaidosa, e preferia morrer de dor a exhibir ao mundo, depois da vergonha da virtude abandonada, o ridículo de uma desprezada. Ela chegava à hora em que a perda de um amante já não tem remédio. Tal era o seu carácter, que este acontecimento condenava ao enfado e à solidão. Um homem apunhala outro por causa de um gesto, por um desmentido; e não será permitido a uma mulher honesta perdida, desonrada, traída, de atirar o traidor para os braços de uma cortesã? Ah!, leitor, sois muito leviano nos elogios e muito severo na culpabilização. Mas, dir-me-eis, o que censuro à marquesa é mais ainda o modo do que a vingança propriamente dita. Não consigo imaginar um ressentimento de tão longa duração, um desenrolar de velhacarias, de mentiras durante cerca de um ano. Nem eu tão pouco, nem Jacques, nem o seu senhor, nem a estalajadeira. Mas perdoareis tudo a um primeiro impulso e eu direi que se o primeiro impulso dos outros é curto, o de Mme de La Pommeraye e das mulheres com o seu carácter é longo. A sua alma fica algumas vezes para toda a vida como no primeiro momento da injúria; e que inconveniente ou que injustiça é que isso tem? Não vejo aí senão traições menos comuns e aprovaria entusiasticamente uma lei que condenasse às cortesãs aquele

que tivesse seduzido e abandonado uma mulher honesta; o homem comum para as mulheres comuns.

Enquanto eu disserto, o amo de Jacques ressona como se me tivesse ouvido, e Jacques, cujos músculos das pernas se recusavam a servi-lo, erra pelo quarto, em camisa e descalço, derruba tudo o que encontra e acorda o seu amo, que lhe diz de entre as cortinas:

- Jacques, estás bêbado.

- Ou pouco falta.

- A que horas é que resolveste ir-te deitar?

- Já imediatamente, meu senhor, mas é que ainda há... é que ainda há...

- O que é que há?

- Nesta garrafa um resto que se pode azedar... Tenho horror às garrafas que não estão cheias; essa ideia não me sairia da cabeça quando me deitasse; é o suficiente para não pregar olho. A nossa estalajadeira é uma excelente mulher, palavra, e o seu champanhe é um excelente vinho; era uma pena deixar-lho azedar... ei-lo que em breve estará a salvo... e nunca mais azedará...

E sempre a balbuciar, Jacques, em camisa e descalço, bebera de um trago dois ou três copázios sem pontuação, tal como se exprimia, quer dizer, da garrafa para o copo e do copo para a boca. Há duas versões sobre o que se seguiu depois que as luzes foram apagadas. Uns pretendem que ele andou a tactear ao longo das paredes sem conseguir encontrar a sua cama, e que dizia: “Palavra, já cá não está, ou, se está, está escrito lá em cima que não a encontrarei; num e noutro caso, terei de passar sem ela”;

e que tomou o partido de se estender em cima das cadeiras. Outros dizem que estava escrito lá em cima que tropeçaria nas cadeiras, cairia no soalho e aí se deixaria ficar. Destas duas versões, amanhã, depois de amanhã, escolherá de cabeça fria a que mais lhe convier.

Os nossos dois viajantes, que se tinham deitado tarde e com a cabeça aquecida pelo vinho, dormiram até tarde. Jacques no chão ou em cima das cadeiras, segundo a versão que escolheu, o seu senhor mais à vontade na sua cama. A estalajadeira subiu e anunciou-lhes que o dia não estava bom; mas quando o tempo lhes permitisse continuar o seu caminho, arriscariam a vida ou seriam detidos pelas cheias do rio que tinham de atravessar, e que vários homens a cavalo que não tinham querido acreditar, tinham sido forçados a arrepiar caminho.



O senhor disse a Jacques: “Jacques, que é que havemos de fazer?” Jacques respondeu: “Jantaremos primeiro com a nossa estalajadeira, e

depois decidimos.” A estalajadeira garantiu que era bem pensado. Serviram o jantar. A estalajadeira não pedia mais do que alegria, o senhor de Jacques não se opunha, mas Jacques começava a sofrer, comeu de má vontade, bebeu pouco, calou-se; este último sintoma era o mais aborrecido; era a sequência da má noite que tinha passado e da má cama que tivera. Queixava-se de dores nos membros, a sua voz rouca anunciava dores de garganta. O amo aconselhou-o a ir deitar-se; ele não tinha vontade para nada. A estalajadeira propôs-lhe uma sopa de cebola. Pediu que acendessem o lume no quarto, porque sentia arrepios, que lhe preparassem uma tisana e que lhe trouxessem uma garrafa de vinho branco, o que foi satisfeito de imediato. Eis a estalajadeira saída, e Jacques frente a frente com o seu amo. Este ia até à janela, dizia “Que diabo de tempo!”, via as horas no seu relógio, que era o único em que confiava, tomava uma pitada de rapé, recomeçava a mesma coisa de hora a hora, exclamando a cada vez “Que diabo de tempo!”, virava-se para Jacques e acrescentava: “Agora é que era uma boa ocasião para retomar e acabar a história dos teus amores! mas é mau falar de amor ou de outra coisa quando se sofre. Vá lá, vê se tens febre; se puderes continuar, continua, senão bebe a tisana e dorme.”

Jacques afirmou que o silêncio era doentio, que ele era um animal falador, e que a principal vantagem da sua condição, aquela que mais lhe agradava, era a liberdade de se compensar dos doze anos de mordação que tinha passado em casa do avô que Deus tivesse na sua misericórdia.

O SENHOR – Então fala, porque isso dá prazer a nós ambos. Estavas em qualquer proposta desonesta da mulher do cirurgião; tratava-se, segundo creio, de expulsar o que servia no castelo e de lá colocar o marido dela.

JACQUES – Já lá vou; mas um momento, se faz favor. Molhemos a boca.

Nota do Tradutor

AI, COITADINHO DO YORICK

Sei que é uma imitação servil do *Tristram Shandy*, de Sterne, mas não resisto a colocar aqui, sensivelmente, indecentemente, incapazmente, canhestramente, desajeitadamente, oportunisticamente, pessoalmente, a meio do livro, o meu

AI, COITADINHO DO YORICK

PREFÁCIO

ou então, como é a meio

INTERFÁCIO

ou

VIDA E OPINIÕES DE DENIS DIDEROT

ou

**OPINIÕES A RESPEITO DO MUNDO, DIABO, ROUPA
INTERIOR, CARNE, BATATAS E DO PROBLEMA DA
DISTANCIAMENTO SOCIAL**

ou

OPINIÕES A RESPEITO DE JACQUES, O FATALISTA

ou

OBRIGADO, CATARINA, SE NÃO FOSSES TU

Indo beber à inesgotável e muito querida IRENE LISBOA, direi, com a devida vénia, que

TÍTULO QUALQUER SERVE

AI, COITADINHO DO YORICK

Denis Diderot nasceu em Langres, no dia 5 de Outubro de 1713, ainda Luís XIV reinava em França.

Estudou no Colégio dos Jesuítas de Langres, e depois em Paris, tendo concluído o mestrado em Artes em 1732. Seguiu estudos de Teologia na Sorbonne até 1735.

Mas todos os aspectos da cultura o interessaram, não só a filosofia como as ciências e as matemáticas. Aspirava a um conhecimento enciclopédico, o saber ao serviço da libertação do homem.

Para o impedir de casar com Anne-Toinette Champion, modista de roupa branca, o pai internou-o num convento, de que Diderot conseguiu fugir, casando-se com Anne-Toinette em 6 de Novembro de 1743.

Era, portanto, um grande conhecedor dos meios religiosos, das intrigas e das discussões teológicas. E completamente hostil à religião. O que era uma atitude altamente perigosa. Viviam-se tempos de intolerância, como os de agora, com a única diferença de não se tratar de uma intolerância tão altamente científica e sistematizada como a actual. Era uma altura em que os caprichos e as protecções contavam muito, mas os castigos eram muito dolorosos; ao contrário de agora, em que caprichos e protecções continuam a contar muito, família, políticos e amigos continuam a entrar na distribuição dos benefícios, mas em que os castigos destinados aos que erram são muito mais brandos, não indo além, muitas vezes, da perda do emprego ou do posto de trabalho (a conhecida *lista negra*), só em casos contados se recorrendo ao assassínio. Nunca foi tão fácil dar-se cabo da vida de uma pessoa com o lançamento de uma simples suspeita. Nunca, desde o Santo Ofício e o Tribunal Revolucionário de Fouquier-Tinville, foi tão fácil condenar com base numa suspeita. Durante o Terror, acusar era guilhotinar. Basta agora, como no caso de um conhecido tenor, que uma senhora venha dizer que há trinta anos foi para a cama com ele, para que as salas de concerto se lhe fechem estrondosamente na cara. Esquece-se que há que separar o profissional e a sua vida privada. Quando se chama um canalizador, que é mais importante – que nunca tenha enganado a mulher, ou que perceba de sanitas? Um bom tenor tem é de cantar bem. Se a sua vida privada não tem cheiro de santidade, o que é que temos a ver com isso? Não somos Deus, somos homens apenas. O mundo está cheio de gente boa que desafina. Atacar um homem (no sentido geral de ser humano) pela sua sexualidade, é um primeiro passo para o criticar pelo corte de cabelo, pela escolha das gravatas ou dos brincos que não condizem com os sapatos. Afinal, se o sexo não existe para o prazer, para que serve afinal? Para dar maçadas? Para fornecer títulos aos jornais? Como arma política?

Deus nos livre das pessoas boas.

Volvamos al grano.

A moral e os bons costumes do século das luzes conservam a crueldade das guerras religiosas e da Santa Inquisição. Ainda em 1766, estava a Enciclopédia em fase de publicação, quando o cavaleiro de la Barre foi executado por impiedade e detenção de obras proibidas.

Também Diderot sentiu na pele as consequências da ousadia de pensar.

Classificado como “libertino”, nas diversas acepções da palavra, esteve encarcerado no Forte de Vincennes entre 24 de Julho e 3 de Novembro de 1749, só sendo libertado depois de assinar uma declaração escrita em que se comprometia a não publicar nada que desagradasse às autoridades ou aos seus adversários.

Mas, como já disse, ainda não era o actual totalitarismo científico, em que algumas empresas dominam o mundo e criam uma moral à sua altura, ou seja, muito reles e baixinha, em que o grande pecado é o sexo; e matar, roubar e torturar são coisas perfeitamente normais, saudáveis, justificadas, patrióticas e até cristãs.

O de antes era um despotismo ainda pouco científico, cortado aqui e ali por alguns lampejos de razão.

Sim, Diderot criou muitos inimigos, os que ele próprio classifica como anti-filósofos, e de que é exemplo nesta obra o pequeno abade que procura seduzir Mlle d'Aisnon.

Mas dispõe também de amizades. Para além dos outros Enciclopedistas, como d'Alembert, Rousseau, Voltaire, Montesquieu, goza da protecção de Madame de Pompadour, favorita do rei Luís XV, e, por incrível que pareça, do próprio Director da Censura, Malesherbes, que é

declaradamente anti-filósofo mas que admira a obra de Diderot. Quando o Parlamento de Paris ordenou, em 1752, que os sete volumes já publicados da Enciclopédia fossem confiscados e queimados, Malesherbes avisou Diderot, comunicando-lhe a data em que a diligência seria levada a cabo.

- Mas os meus documentos são tantos. Onde é que os poderei esconder?

- Mande-os para minha casa. Ficarão em boas mãos.

Além do mais, Diderot teve a sorte de encontrar uma protectora em Catarina II da Rússia, o protótipo da déspota esclarecida. Em 1765, a soberana compra-lhe a biblioteca mediante o pagamento de quinze mil libras e uma pensão de trezentas pistolas, ficando Diderot com o usufruto.

No entanto, só em 1773 é que Diderot viaja para a Rússia, passando pela Holanda. E é em 8 de Outubro desse ano, que conhece a czarina em São Petersburgo, falando-se inclusivamente num projecto de Enciclopédia em língua russa.

Que tem a Grande Catarina a ver com este Jacques, o Fatalista?

Muito. Na verdade, a czarina fez parte do grupo muito restrito dos primeiros leitores desta obra singular.

Jacques, o Fatalista foi publicado numa revista que era inteiramente manuscrita, a “Corrèspondance Littéraire” e que era enviada pelo correio para um pequeno grupo de assinantes, principalmente príncipes alemães, como a duquesa de Saxe-Gotha, e Catarina II, a grande imperatriz russa que era também de origem alemã. É este reduzido número de assinantes, e a sua especial qualidade, que permite passar pelas malhas da Censura as ideias proibidas que são cada vez mais aceites nos círculos do poder.

Na verdade, a Censura sempre se preocupou mais com jornais de grande difusão do que com jornais de público fiel mas mais restrito. Em Portugal, na Ditadura que vigorou de Maio de 1926 a Maio de 1974, o jornal A BOLA, periódico integralmente desportivo, era mais visado pela Comissão de Censura do que o jornal A REPÚBLICA, retintamente republicano e democrata.

Coisas da repressão.

O nosso Jacques foi publicado em quinze fascículos entre Novembro de 1778 e Junho de 1780, mais alguns suplementos que foram sendo publicados até 1786.

O editor, Meister, suprimiu deliberadamente algumas partes do texto, que poderiam ser mais controversas. Mas é a própria Catarina que pede a Diderot que lhe envie o texto completo, com as lacunas devidamente preenchidas pelo texto original. É esse manuscrito, enriquecido por suplementos, em que as duas últimas linhas são autografadas pelo autor, que é enviado à czarina, encontrando-se actualmente na Rússia, onde é conhecido como o Manuscrito de São Petersburgo, o qual ainda hoje serve de base a todas as modernas edições de “Jacques le fataliste et son maître”.

Após a morte do escritor e filósofo, ocorrida em 1784, cinco anos antes da Revolução Francesa, a filha procedeu, em 1785, ao envio da biblioteca e dos manuscritos de seu pai para a Rússia.

E agora que o grande Denis Diderot repousa na Paz e na Glória, que poderemos, nós, eu que não tenho formação em Letras, mas tão somente em Direito, dizer a seu respeito que não tenha sido já dito por vozes infinitamente mais sabedoras e capazes?

Posso dar o que tenho, ou seja, as minhas opiniões, que valem como opiniões que são, salvo sempre melhor opinião, que era uma frase sacramental nos pareceres que dava a quem me pagava o ordenado.

Tenho para mim que Diderot faz parte de uma linhagem de criadores que não tiveram medo nem da verdade nem da fantasia. Respeito sim, e muito, medo não.

O próprio Denis os menciona – Rabelais, Cervantes e Lawrence Sterne. Ou seja, não renega a família, o que é muito bonito.

Só Sterne (1713 – 1768) vive num país e numa época em que há liberdade de pensamento e de expressão q.b. Embora nascido na Irlanda, em Clonmel, foi vigário na cidade de Sutton-on-the-Forest, perto de York, na Inglaterra.

Iniciou a publicação dos vários volumes de “Life and opinions of Tristram Shandy, Gentleman” em 1759. A popularidade alcançada acompanha-o nas viagens que faz à Europa, para restaurar a saúde abalada. Foi assim que Diderot, em 1762, o conheceu nos salões do barão d’Holbach, também colaborador da Enciclopédia. Nesse mesmo ano, Sterne envia a Diderot os seis primeiros volumes do Tristram Shandy.

É visível, e o próprio Diderot o declara, a influência de Sterne no desenrolar da história do nosso Jacques. Este último corresponde a certos aspectos do cabo Trim, também ferido no joelho, e ordenança do Tio Toby, ferido no escroto, ambos vítimas das guerras na Flandres. Este Tio nenhuma semelhança tem com o senhor de Jacques. As personagens de Sterne têm uma paixão dominante, *a ruling passion or a hobby-horse*¹⁶

16 Este hobby-horse refere-se ao Dr. Edward Jenner, o descobridor da vacina contra a varíola. Sterne atribui-lhe um gosto por cavalgar, mas não especifica nem onde nem de que maneira, e portanto, ignoro em que consistiria o hobby-horse do Dr. Jenner. E tão pouco me importa. O que

– a guerra e as fortificações, que recriam num quintal confinante com as terras da Viúva Wadman; esta apaixonou-se pelo Tio Toby, mas a situação não pode ir para a frente, por a ferida sofrida impedir a concretização prática do amor, ou seja, as vias de facto.

A linguagem de Sterne é mais livre que a de Diderot, e a sua imaginação mais desbordante ainda. Mas guarda-se todavia, como clérigo que é, de ser demasiado franco a respeito do corpo humano e do prazer. Refugia-se nas reticências, nas páginas em branco, nas páginas a negro, nas histórias de duplo sentido, mudando o nome às coisas, como a história de Margarida de Navarra, no I Capítulo do Volume V do *Tristram Shandy*, em que a palavra “patilhas” substitui a perigosa palavra “testículos”. Não resisto a recorrer ao meu pobre Inglês para tentar traduzir um pequenino excerto desta jóia.

“... e cada letra da palavra *patilhas* foi direita ao ouvido da Rainha de Navarra – Patilhas! gritou a rainha, dando grande relevo à palavra, como se desconfiasse dos próprios ouvidos – Patilhas; respondeu *La Fosseuse*, repetindo a palavra pela terceira vez – Não existe um só cavaleiro, senhora, da sua idade, neste reino de Navarra, continuou a dama de honor, aumentando o interesse da rainha pelo pagem, que tenha um par tão galante – De quê?, gritou Margarida, sorridente – De patilhas, disse *La Fosseuse*, com infinita modéstia.”

De todos, é Rabelais quem fala com mais liberdade do corpo humano e das suas funções – além de padre, era médico, e gabava as virtudes do cânhamo. As suas personagens arrotam, ressonam, mijam, cagam, têm comichões, têm pénis e vaginas, têm erecções, sentem o aguilhão do cio,

interessa é o bem que nos deixou, uma vacina que salva vidas. As suas características pessoais são, como o nome indica, pessoais, não nos dizem respeito. (N. do T.)

e dispõem de cem maneiras diferentes para limpar o cu. A história do anel de Hans Carvel não poderia ser contada agora, cinco séculos depois, sem grande escândalo e ranger de dentes. Mas que se lixe, vou dizer tudo em duas linhas. Hans Carvel queria assegurar-se que a esposa lhe era fiel, mesmo quando ele dormia. Então, o remédio que lhe prescreveram foi o de dormir com o dedo dentro da vagina da sua mulher. Indecente, não é? E todavia publicou-se, porque Rabelais, graças a Deus, contava com protecções de peso – Francisco I, o vencedor de Marignan, Henrique II, Guillaume du Bellay e Odet de Coligny, cardeal de Châtillon.

Outros não tiveram a mesma sorte – o humanista Étienne Dolet foi queimado na fogueira em 1546, na Place Maubert, em Paris.

Cervantes. Falemos de Cervantes que só nos faz é bem. Tem tudo contra. A Espanha dos séculos XVI / XVII, com toda a sua intolerância, a ferida sofrida em Lepanto, o cativo no norte de África, a pobreza. E apesar de tudo cria um monumento à imaginação, ao idealismo primo da loucura, uma libertação de fantasia acumulada, sempre com pequenas notas a dizer, mesmo quando fala da expulsão dos mouros de Espanha, que o rei tem razão, que é mesmo assim, e que a Inquisição é uma coisa excelente e muito bem achada. Tinha que o fazer, se queria ser publicado e preservar a sua pobre vida.

Enfim, era só isto o que tinha para dizer. Volto a dar a palavra, com a devida vénia, ao grande Denis Diderot.

.....

Jacques encheu uma grande caneca de tisana, deitou-lhe um pouco de vinho branco, e bebeu. Era uma receita que tinha do seu capitão e que M. Tissot, que a obtivera de Jacques, recomenda no seu tratado das *Doenças Populares*. O vinho branco, dizem Jacques e M. Tissot¹⁷, faz mijar, é diurético, melhora a insipidez da tisana, e mantém o bom funcionamento do estômago e dos intestinos. Bebida a sua tisana, Jacques continuou:

- Eis-me saído da casa do cirurgião, subido na viatura, chegado ao castelo e rodeado por todos os que o habitavam.

O SENHOR – Eras conhecido da casa?

JACQUES – Com toda a certeza. Ainda se lembra de uma certa mulher com uma bilha de azeite?

O SENHOR – Muito bem.

JACQUES – Essa mulher fazia recados para o mordomo e para a criadagem. Jeanne tinha enaltecido no castelo o acto de caridade que tinha praticado para com ela; a minha boa acção tinha chegado aos ouvidos do dono; não o deixaram ignorar os socos e pontapés com que tinha sido recompensada à noite, na estrada real. Ele ordena que descobrissem o meu paradeiro e que me transportassem para sua casa. Já lá estou. Olham-me, interrogam-me, admiram-me. Jeanne beijava-me e agradecia. “Que o alojem comodamente – dizia o senhor ao seu pessoal , e que nada lhe falte”; ao cirurgião da casa: “Írá vê-lo com assiduidade...” Tudo foi executado ponto por ponto. Ora bem, meu senhor, quem sabe o que é que estaria escrito lá em cima? Que venham agora dizer se é bem ou se é mal feito dar o seu dinheiro, que é uma desgraça levar uma tarefa.

17 Médico suíço, que publicou em 1761, o livro “Conselhos ao povo sobre saúde”, em que gaba as virtudes do vinho branco sobre o vinho tinto. (N. do T.)

Sem esses dois acontecimentos, M. Desglands jamais teria ouvido falar de Jacques.

O SENHOR – M. Desglands, o senhor de Miremont! Foi no castelo de Miremont que tu estiveste? em casa do meu velho amigo, o pai de M. Desforges, o Intendente da minha província?



JACQUES – Justamente. E a jovem morena de cintura fina, com olhos negros...

O SENHOR – É Denise, a filha de Jeanne?

JACQUES – Ela própria.

O SENHOR – Tens razão; é uma das mais belas e honestas criaturas que existem vinte léguas em redor. Eu e a maior parte dos que frequentavam o castelo de Desglands tinham feito de tudo, inutilmente, para a seduzir, e não havia um só entre nós que não tenha feito grandes disparates por ela, na esperança de que ela fizesse um pequeno por ele.

Deixando Jacques de falar, disse-lhe o seu senhor: “Em que pensas? Que fazes?”

JACQUES – Rezo.

O SENHOR – Tu rezas?

JACQUES – Algumas vezes.

O SENHOR – E que dizes tu?

JACQUES – Digo: “Tu que fizeste o grande rolo, sejas tu quem fores, e cujo dedo traçou todos os escritos que estão lá em cima, soubeste desde sempre de que é que eu precisava; que a tua vontade seja feita. Ámen.”

O SENHOR – Não seria melhor que te calasses?

JACQUES – Talvez sim, talvez não. Rezo em qualquer caso, e aconteça o que acontecer, não me regozijaria nem me queixaria se fosse o dono de mim próprio; mas o que se passa é que sou inconsequente e violento, que esqueço os meus princípios ou as lições do meu capitão, e que choro e rio como um palerma.

O SENHOR – O teu capitão não chorava nem ria?

JACQUES – Raramente... Jeanne levou-me a sua filha uma manhã, e dirigindo-se primeiro a mim, disse-me: “Senhor, ei-lo num belo castelo onde estará um pouco melhor que em casa do seu cirurgião. Sobretudo no princípio, oh!, sereis tratado de maravilha; mas eu conheço os criados; há muito tempo que sou uma deles, pouco a pouco irão diminuindo de zelo. Os patrões não pensarão mais em si, e se a sua doença dura, sereis esquecido, mas tão perfeitamente esquecido, que se tivésseis a fantasia de morrer de fome, conseguiríeis sem a menor dificuldade...” Depois, virando-se para a filha: “Escuta, Denise – disse-lhe ela, quero que

venhas ver aquele homem honesto quatro vezes ao dia: de manhã, ao jantar, às cinco horas e à hora da ceia. Quero que lhe obedeças como se fosse eu própria. Está tudo dito e não faltes.”

O SENHOR – Sabes o que aconteceu àquele pobre Desglands?

JACQUES – Não, meu senhor, mas se os votos que fiz pela sua felicidade se não cumpriram, não foi por falta de sinceridade. Foi ele que me deu ao Comendador de La Boulaye, que pereceu ao passar para Malta; foi o comendador de La Boulaye que me deu ao seu irmão mais velho, o capitão que talvez já tenha morrido de uma fístula; foi este capitão que me deu ao seu irmão mais novo, o advogado geral de Toulouse, que enlouqueceu e teve que ser internado pela família. Foi M. Pascal, advogado geral de Toulouse que me deu ao conde de Tourville, que gostava mais de deixar crescer a barba sobre o seu hábito de capuchinho do que arriscar a vida. Foi o conde de Tourville que me deu à marquesa de Belloy, que fugiu para Londres com um estrangeiro. Foi a marquesa de Belloy que me deu a um dos seus primos, que se arruinou com mulheres e que emigrou para as ilhas. Foi aquele primo que me deu a um M. Hérissart, usurário de profissão, que fazia valer o dinheiro de M. de Rusai, doutor da Sorbonne, que me fez entrar em casa de Mlle Isselin, que estava por vossa conta, e que me colocou em vossa casa, a quem ficarei a dever o meu pedaço de pão na velhice, porque mo prometeu se continuasse ao seu serviço; e não é de esperar que nos separemos. Jacques foi feito para vós, assim como vós fostes feito para Jacques.

O SENHOR – Mas, Jacques, tu correstes muitas casas em muito pouco tempo.

JACQUES – É verdade. Algumas vezes despediram-me.

O SENHOR – Porquê?

JACQUES – É que eu nasci falador, e toda aquela gente queria que me calasse. Não é como vós, que me agradeceríeis amanhã se eu me calasse. Tinha justamente o vício que vos convinha. Mas que é que aconteceu a M. Desglands? Conte-me enquanto preparo uma tisana.

O SENHOR – Viveste no seu castelo e nunca ouviste falar do seu emplastro?

JACQUES – Não.

O SENHOR – Essa aventura ficará para o caminho; a outra é curta. Ele tinha feito fortuna ao jogo. Ligou-se a uma mulher que terás podido ver no seu castelo, mulher espirituosa, mas séria, taciturna, original e dura. Esta mulher disse-lhe um dia: “Ou me ama mais que o jogo, e nesse caso dê-me a sua palavra de honra em como não voltará a jogar; ou gosta mais do jogo do que de mim, e nesse caso não me fale mais da sua paixão e jogue tanto quanto lhe der na vontade.” Desglands deu a sua palavra de honra que não jogaria nunca mais. - Nem muito nem pouco? - Nem muito nem pouco. Havia já cerca de dez anos que viviam juntos no castelo que tu conheces, quando Desglands, chamado à cidade por um negócio importante, teve a má sorte de encontrar no seu notário um dos seus antigos conhecimentos de jogos de cartas, que o levou a jantar num casino onde numa única sessão perdeu tudo o que possuía. A sua amante foi inflexível. Ela era rica, estabeleceu a Desglands uma pensão módica e separou-se dele para sempre.

JACQUES – Tenho pena dele, era bom homem.

O SENHOR – Como vai a tua garganta?

JACQUES – Mal.

O SENHOR – É porque falas muito e não bebes o suficiente.

JACQUES – É porque não gosto de tisana e gosto mais de falar.

O SENHOR – Ora bem, Jacques, eis-te em casa de Desglands, junto de Denise, e Denise autorizada pela sua mãe a fazer-te pelo menos quatro visitas por dia. A marota! Preferir um Jacques!

JACQUES – Um Jacques! Um Jacques, meu senhor, é um homem como outro qualquer.

O SENHOR – Jacques, estás enganado, um Jacques não é um homem como outro qualquer.

JACQUES – Algumas vezes é melhor que outro.

O SENHOR – Jacques, está-se a esquecer. Retome a história dos seus amores e lembre-se que não é nem será nunca mais que um Jacques.

JACQUES – Se na espelunca em que encontrámos os bandidos, Jacques não tivesse valido um pouco mais que o seu senhor...

O SENHOR – Jacques, é um insolente, abusa da minha bondade. Se eu fiz o disparate de o tirar do seu lugar, saberei fazê-lo voltar para lá. Jacques, pegue na sua garrafa e na chaleira, e vá levá-los lá abaixo.

JACQUES – É fácil para si dizê-lo, meu senhor; estou bem aqui e não vou descer lá abaixo.

O SENHOR – Digo-te que vais descer.

JACQUES – Estou certo que não diz a verdade. Como, meu senhor, depois de me ter acostumado durante dez anos a viver de igual para igual...

O SENHOR – Agradeço que isso acabe.

JACQUES – Depois de ter suportado todas as minhas impertinências...

O SENHOR – Não tenho disposição de as suportar mais.

JACQUES – Depois de me ter feito sentar à mesa a seu lado, de me ter chamado vosso amigo...

O SENHOR – Não compreende o que significa o nome de amigo dado por um superior ao seu subalterno.

JACQUES – Quando se sabe que todas as vossas ordens não passam de palavras ao vento se não forem ratificadas por Jacques; depois de ter tão bem alinhado o seu nome com o meu, de tal maneira que um não vai sem o outro, e que toda a gente diz Jacques e o seu senhor, agora de repente apetece-lhe separá-los! Não, meu senhor, isso não pode ser. Está escrito lá em cima que enquanto Jacques for vivo, enquanto o seu senhor for vivo, e mesmo depois de os dois estarem mortos, falarão em Jacques e o seu senhor.

O SENHOR – E eu digo, Jacques, que vai descer, e que vai descer imediatamente, porque sou eu que lhe ordeno.

JACQUES – Senhor, ordene outra coisa qualquer, se quiser que lhe obedeça.

Aqui, o senhor de Jacques levantou-se, agarrou Jacques pelo colarinho, e disse-lhe gravemente:

- Desça.

Jacques respondeu friamente.

- Não desço.

O senhor sacudiu-o com força, e disse-lhe:

- Desça, velhaco!, obedeça-me.

Jacques replicou-lhe com maior frieza ainda:

- Velhaco, tudo o que quiser, mas o velhaco não vai descer. Tome, senhor, o que tenho na cabeça, como se diz, não o tenho no calcanhar. Exalta-se para nada, Jacques ficará onde está e não vai descer.

Depois de até aí se terem moderado, Jacques e o seu senhor exaltam-se ao mesmo tempo e põem-se a gritar a plenos pulmões:

- Desce.

- Não desço.

- Desce.

- Não desço.

Ao ouvir todo aquele alvoroço, a estalajadeira subiu e perguntou o que é que se passava; mas não foi logo no primeiro momento que lhe responderam; continuaram a gritar: “Desce. Não desço.” De seguida, o senhor, de coração pesado, passeando-se no quarto, dizia resmungando: “Já alguma vez se viu algo semelhante?” A estalajadeira, espantada e de pé: “Ora bem, meus senhores, de que se trata?”

Jacques, sem se comover, à estalajadeira: “É o meu amo que está de cabeça perdida, está maluco.”

O SENHOR – Será “parvo” o que tu queres dizer?

JACQUES – Tudo o que preferir.

O SENHOR, *à estalajadeira* – Ouviu-o?

A ESTALAJADEIRA – Ele não tem razão, mas agora paz, paz; falai ou um ou o outro, para que eu perceba do que se trata.

O SENHOR, *a Jacques* – Fala, velhaco.

JACQUES, *ao seu senhor* – Fale o senhor.

A ESTALAJADEIRA, *a Jacques* – Vamos, senhor Jacques, fale, é o seu patrão que lhe ordena; no fim de contas, um patrão é um patrão.

Jacques explicou a coisa à estalajadeira. A estalajadeira, depois de ter escutado, disse-lhes: “Senhores, querem-me aceitar por árbitro?”

JACQUES E O SEU SENHOR, *ambos ao mesmo tempo* – De muito boa vontade, de muito boa vontade, nossa estalajadeira.

A ESTALAJADEIRA – E dão-me a vossa palavra de honra que cumprirão a minha sentença?

JACQUES E O SEU SENHOR – Palavra de honra, palavra de honra...

Então a estalajadeira, sentando-se em cima da mesa e tomando o tom e as graves maneiras de um magistrado, disse:

“Ouvida a declaração do senhor Jacques, e ponderados os factos tendentes a provar que o seu senhor é um bom, um muito bom, um demasiado bom senhor, e que Jacques também não é em nada um mau servidor, ainda que um pouco sujeito a confundir a posse absoluta e inamovível com a concessão passageira e gratuita, anulo a igualdade que se estabeleceu entre eles pelo decurso do tempo, e imediatamente a reinstalo. Jacques descera, e depois de ter descido, voltará a subir e retomará todas as prerrogativas de que gozou até este dia. O seu amo estender-lhe-á a mão e dir-lhe-á com sinais de amizade: “Bom dia, Jacques, alegro-me muito por voltar a vê-lo...” Jacques responderá: “E eu, meu senhor, estou encantado por o encontrar...” E proíbo que alguma vez voltem a falar deste assunto e que se volte a discutir no futuro a prerrogativa de patrão e trabalhador. Que um mande e que o outro

obedeça, cada um o melhor que souber, e que seja mantida entre o que um pode e o que o outro deve, a mesma incerteza que até agora.”

Terminando a decisão que ela pilhara de qualquer obra do tempo, publicada por ocasião de uma querela muito semelhante, e onde se tinha ouvido, de uma das extremidades do reino à outra, o amo gritar ao seu servidor: “Desce!” e o servidor gritar por seu lado: “Não desço!”; “vamos – disse ela a Jacques -, o senhor, dê-me o braço e deixe-se de parlamentar...”

Jacques lamentou-se doloridamente; “ Estava portanto escrito lá em cima que eu desceria!...”

A ESTALAJADEIRA, *a Jacques* – Estava escrito lá em cima que no dia em que se arranja patrão, começa-se a descer, a subir, a avançar, a recuar, a ficar, e isso sem que nunca os pés sejam livres de se recusar às ordens da cabeça. Que me dêem o braço, e que a minha ordem se cumpra.

Jacques deu o braço à estalajadeira, mas mal tinham ainda passado o umbral da porta, o senhor precipitou-se para Jacques, abraçou-o, largou Jacques para abraçar a estalajadeira, e abraçando-os a um e a outro, dizia: “Está escrito lá em cima que nunca me desfarei deste original, e que, enquanto viva, ele será o meu senhor e eu serei o seu servidor...” A estalajadeira acrescentou: “E que à vista da terra natal não estejais pior os dois.”

A estalajadeira, depois de ter apaziguado esta querela que tomou pela primeira, e que não era senão a centésima do mesmo género, e reinstalado Jacques no seu lugar, foi à sua vida e o senhor disse a Jacques: “Agora que estamos com sangue frio e em estado de julgar em consciência, não admitirás?”

JACQUES – Admito que, quando se dá a palavra de honra, é preciso cumpri-la, e já que prometemos ao juiz, sob palavra de honra, de não remexer neste caso, que já não devemos falar dele.

O SENHOR – Tens razão.

JACQUES - Mas sem dar voltas ao caso, não poderíamos prevenir outros cem através de algum acordo razoável?

O SENHOR – Estou de acordo.

JACQUES – Estipulemos: 1º., que, considerando que está escrito lá em cima que eu vos sou imprescindível e que sinto, que sei, que não podeis passar sem mim, abusarei desta vantagem todas e quantas vezes que a ocasião se apresente.

O SENHOR – Mas, Jacques, nunca estipulámos nada de semelhante.

JACQUES – Estipulado ou não estipulado, isto fez-se em todos os tempos, faz-se hoje e far-se-á enquanto o mundo durar. Crê que outros não tenham pretendido, como vós, subtrair-se a este decreto? Deixe-se dessas ideias e submeta-se à lei da necessidade que não está em seu poder evitar.

Estipulemos: 2º., que, considerando que, tal como é impossível a Jacques desconhecer o seu ascendente e a sua força sobre o seu senhor, como ao seu senhor desconhecer a sua fraqueza e despojar-se da sua indulgência, é preciso que Jacques seja insolente e que, para manter a paz, o seu senhor faça menção de não se aperceber. Tudo isto se resolveu a nosso favor, tudo foi selado lá no alto, no momento em que a natureza fez Jacques e o seu senhor. Foi decidido que vós teríeis o direito, e que eu teria a coisa. Se se quer opor à vontade da natureza, é o mesmo que fazer a água transparente.

O SENHOR – Mas com essas contas, o teu lote valeria mais do que o meu.

JACQUES – Quem é que diz o contrário?

O SENHOR – Mas com essas contas, só me resta tomar o teu lugar e tu pores-te no meu.

JACQUES – Sabeis o que vos aconteceria? Perderíeis o direito e não teríeis a coisa. Fiquemos tal como estamos, estamos tão bem os dois, e que o resto da nossa vida seja empregue a fazer um provérbio.

O SENHOR – Que provérbio?

JACQUES – *Jacques manda no seu senhor*. Seremos os primeiros de quem tal se diga, mas o mesmo será repetido a propósito de outros mil que valem mais que vós e eu.

O SENHOR – Parece-me duro, muito duro.

JACQUES – Meu senhor, meu querido senhor, ireis escoucinar contra um agulhão que picará ainda com mais força. Eis o que fica combinado entre nós.

O SENHOR – E que falta faz o nosso consentimento a uma lei da natureza?

JACQUES – Muita. Acha que seja inútil saber de uma vez para sempre, nitidamente, claramente, com o que se pode contar? Todas as nossas querelas até ao presente só aconteceram porque ainda não nos tínhamos bem dito, vós, que teríeis o nome de meu senhor, e que seria eu verdadeiramente o vosso. Mas, agora está tudo decidido entre nós, e nada mais nos resta que proceder em consequência.

O SENHOR – Mas onde diabo é que aprendeste tudo isso?

JACQUES – No grande livro. Ah!, meu senhor, por mais que se reflita, medite, estude em todos os livros do mundo, não passamos de um pequeno escriturário quando ainda não lemos o grande livro.

De tarde, o sol reapareceu. Alguns viajantes garantiram que o rio se podia atravessar. Jacques desceu, o seu senhor pagou regamente à estalajadeira. Eis à porta da estalagem um número bastante grande de passageiros que o mau tempo ali retivera, preparando-se para seguir viagem; entre estes passageiros, Jacques e o seu senhor, o homem do casamento extravagante e o seu companheiro. Os peões pegaram nos seus varapaus e nos seus alforges, os outros acomodam-se nos seus carros ou nas suas viaturas; os cavaleiros montam os seus cavalos e bebem o vinho da despedida. A amável estalajadeira traz uma garrafa na mão, distribui os copos e enche-os, sem esquecer o seu; dirigem-lhe amabilidades, ela responde com delicadeza e alegria. Picam esporas, saúdam-se e afastam-se.

Sucedeu que Jacques e o seu senhor, o marquês des Arcis e o seu jovem companheiro de viagem iriam seguir pelo mesmo caminho. Destas quatro personagens, só o último é que vos é desconhecido. Mal cumprira os vinte e dois ou os vinte e três anos. Era de uma timidez que se lhe desenhava na face; trazia a cabeça um pouco inclinada para o ombro esquerdo; se fazia alguma reverência, inclinava a parte superior do corpo sem mover as pernas. Sentado, tinha o tique de segurar as abas do seu fato e de as cruzar sobre as coxas, de meter as mãos nas rachas, e de escutar, com os olhos fechados, aqueles que falavam. Jacques decifrou esta atitude singular; e acercando-se do ouvido do seu amo, disse-lhe: “Aposto que este jovem já trouxe o hábito de monge.”

- E isso porquê, Jacques?

- Vai ver.

Os nossos quatro viajantes iam de companhia, falando da chuva, do bom tempo, da estalajadeira, do estalajadeiro, da querela do marquês des Arcis, da questão de Nicole. Esta cadela esfomeada e suja, vinha continuamente enxugar-se nas suas meias; depois de a ter inutilmente afastado várias vezes com o guardanapo, perdera a paciência e dera-lhe um pontapé bastante violento... E logo de imediato a conversação gira para esta afeição singular das mulheres pelos animais. Cada um deu a sua opinião. O senhor de Jacques, dirigindo-se a Jacques, disse-lhe: “E tu, Jacques, o que é que achas disto?”

Jacques perguntou ao seu senhor se não reparara que qualquer que fosse a miséria dos pobres, se não tinham pão para eles próprios, todos eles tinham cães? Se não reparara que estes cães, estando todos ensinados a dar voltas, caminhar sobre duas patas, dançar, trazer de volta, saltar pelo rei, pela rainha, fazer de morto, esta educação tinha feito deles os animais mais infelizes do mundo? Donde concluiu que todo o homem gosta de mandar noutro, e que, encontrando-se o animal na sociedade imediatamente abaixo da classe dos últimos cidadãos obedientes a todas as outras classes, eles tomavam um animal para mandar também em alguém. “Ora bem – disse Jacques -, cada um tem o seu cão. O ministro é o cão do rei, o primeiro secretário é o cão do ministro, a mulher é o cão do marido, ou o marido o cão da mulher. Favorito é o cão desta, e Thibaud é o cão do homem do canto. Se o meu senhor me manda falar quando o que eu queria era calar-me, o que na verdade só me acontece raramente – continuou Jacques -, quando me faz calar quando me apetecia falar, o que é muito difícil; quando ele me pede a história dos meus amores e depois me interrompe, que sou eu outra coisa que não o seu cão? Os homens fracos são os cães dos homens fortes.

O SENHOR – Mas, Jacques, essa afeição pelos animais não a noto somente nos pobres, conheço grandes damas cercadas por uma matilha de cães, sem contar com os gatos, os papagaios, os pássaros.

JACQUES – É a sua descrição e a de quem está à sua volta. Elas não gostam de ninguém; ninguém gosta delas; e dedicam aos cães um sentimento de que não sabem que fazer com ele.

O MARQUÊS DES ARCIS – Amar os animais ou deitar o seu coração aos cães, isso está invulgarmente bem observado.

O SENHOR – O que se dá àqueles animais bastaria para alimentar dois ou três infelizes.

JACQUES – É coisa que o surpreenda agora?

O SENHOR – Não.

O marquês des Arcis desviou o olhar para Jacques, sorriu das suas ideias, depois, dirigindo-se ao seu senhor, disse-lhe: “Tem aí um servidor que não é vulgar.”

O SENHOR – Um servidor! É muita bondade sua, mas eu é que sou o dele; e pouco faltou esta manhã, nem mais nem ontem, para que mo tivesse provado segundo todas as regras.”

Sempre conversando chegou o pôr do sol e fizeram casa comum. O senhor de Jacques e o marquês des Arcis cearam juntos. Jacques e o jovem foram servidos à parte. O senhor esboçou em quatro palavras ao marquês a história de Jacques e das suas ideias fatalistas. O marquês falou do jovem que o acompanhava. Tinha sido frade premontrino. Tinha abandonado o convento por uma aventura bizarra. Os seus amigos tinham-no recomendado e tinha-o nomeado seu secretário enquanto esperava por melhor. O senhor de Jacques disse: “Isso é engraçado.”

O MARQUÊS DES ARCIS – E o que é que acha nisso de engraçado?

O SENHOR – Falo de Jacques. Mal entrámos nesta casa que acabamos de deixar, Jacques disse-me em voz baixa: “Meu senhor, olhe bem para este jovem; aposto que já foi monge.”

O MARQUÊS DES ARCIS – Acertou em cheio, não sei como. Costumais deitar-vos cedo?

O SENHOR – Normalmente não, e esta noite ainda menos pressa tenho, uma vez que só fizemos meia jornada.

O MARQUÊS DES ARCIS – Se não tem nada que o ocupe mais útil ou mais agradavelmente, contar-vos-ei a história do meu secretário; não é vulgar.

O SENHOR – Ouvirei de muito boa vontade.

Já ouvi, leitor, está-me a dizer: “E os amores de Jacques?...” Acha que não tenho tanta curiosidade como o senhor? Já esqueceu que Jacques gostava de falar, e acima de tudo de falar dele próprio, mania generalizada nas pessoas da sua condição, mania que os tira da sua abjecção, que os coloca na tribuna, e que os transforma de repente em pessoas interessantes? Na sua opinião, qual o motivo que atrai a população às execuções públicas? A desumanidade? Engana-se. O povo não é desumano; se pudesse, arrancaria às mãos da justiça o infeliz à volta de cujo cadafalso se reúne. Vai procurar na Praça de Grève uma cena que possa contar quando regressar aos subúrbios, aquela ou outra. Isso é-lhe indiferente desde que tenha um papel, que junte à volta os vizinhos e que se faça ouvir por estes. Dêem na avenida uma festa divertida, e vereis que a praça das execuções ficará vazia. O povo anda ávido de espectáculo e

corre para lá, porque se diverte quando dele disfruta, e que ainda se diverte com a narração que faz quando regressa. O povo é terrível no seu furor, mas este não dura. A sua própria miséria tornou-o compassivo, desvia o olhar do espectáculo de horror que foi procurar, entenece-se, e regressa a chorar... Tudo o que aqui lhe debito, leitor, sei-o de Jacques, confesso, porque não gosto de receber honras à custa do espírito de outros. Jacques não conhecia nem o nome de vício nem o nome de virtude. Afirmava que se tinha nascido feliz ou infeliz. Quando ouvia pronunciar as palavras recompensa ou castigo, sacudia os ombros. Segundo ele, a recompensa era o encorajamento dos bons, o castigo o pavor dos maus. Que outra coisa poderia ser, dizia ele, se a liberdade não existe e se o nosso destino está escrito lá em cima? Achava que um homem caminhava tão necessariamente para a glória ou para o ignomínia, como uma bola que tenha consciência de si própria cai pela vertente de uma montanha, e que se o encadeamento de causas e efeitos que formam a vida de um homem desde o primeiro instante do nascimento até ao último suspiro nos fosse conhecido, continuaríamos convencidos que não fez senão o que era necessário fazer. Contradiisse-o várias vezes, mas sem vantagem nem fruto. Com efeito, que é que se há-de replicar àquele que lhe diz: “Qualquer que seja a soma dos elementos de que sou composto, sou apenas um; ora uma única causa só pode ter um único efeito; sempre fui uma única causa, e só tenho um efeito para produzir, a minha duração não é pois mais que uma sucessão de efeitos necessários...” Era assim que Jacques raciocinava, citando o seu capitão. A distinção de um mundo físico e de um mundo moral parecia-lhe sem sentido. O seu capitão tinha-lhe metido na cabeça todas estas opiniões que tinha ido buscar ao seu Espinoza que sabia de cor. Segundo este sistema, poder-se-ia supor que Jacques não se alegrava nem se afligia por nada; no entanto, tal não era verdadeiro. Comportava-se mais ou menos

como vós e eu. Agradecia ao seu benfeitor, para que este lhe continuasse a fazer bem; encolerizava-se contra o homem injusto, e quando lhe objectavam que ele então se parecia com o cão que morde a pedra que o atingiu: “Não, dizia ele, a pedra mordida pelo cão não se emenda; o homem injusto modifica-se com o pau”. Muitas vezes era inconsequente, como vós e eu, e sujeito a esquecer os seus princípios, excepto nalgumas circunstâncias em que a sua filosofia evidentemente o dominava; era então que ele dizia: “Era preciso que assim fosse, porque estava escrito lá em cima.” Tentava prevenir o mal; era prudente com o maior desprezo pela prudência. Quando o acidente acontecia, voltava ao seu refrão e consolava-se com ele. De resto, bom homem, franco, honesto, bravo, dedicado, fiel, muito teimoso, ainda mais falador, e aflito, como vós e eu, por ter começado a história dos seus amores e com pouca esperança de a terminar. Assim, leitor, aconselho-o a tomar partido e, à falta dos amores de Jacques, contentar-se com as aventuras do secretário do marquês des Arcis. Aliás, estou a vê-lo, esse pobre Jacques, o pescoço envolto num grande lenço, a sua cabaça, agora cheia de bom vinho, já sem nenhuma tisana, tossindo, praguejando contra a estalajadeira que tinham deixado, e contra o seu vinho de Champagne, o que não teria feito se se lembrasse que tudo está escrito lá em cima, até a sua constipação.

E depois, leitor, sempre contos de amor; um, dois, três, quatro contos de amor que já vos contei; mais três ou quatro contos de amor que ainda faltam, já é muita história de amor. Por outro lado, é verdade que apesar de escrever para si, é preciso ou dispensar o seu aplauso, ou servi-lo a seu gosto, dado que já tomou a sua decisão quanto aos contos de amor. Todas as suas novelas em verso ou em prosa são contos de amor; quase todos os seus poemas, elegias, éclogas, idílios, canções, epístolas, comédias,

tragédias, óperas, são histórias de amor. Quase todas as suas pinturas e esculturas não passam de histórias de amor. Tem as histórias de amor por único alimento desde que existe, e nunca se cansa delas. Têm-no a esse regime e assim o terão por muito tempo ainda, homens e mulheres, jovens e crianças, sem que se cansem. Na verdade, isso é maravilhoso. Bem gostaria que a história do secretário do marquês des Arcis ainda fosse uma história de amor, mas receio que não seja nada disso e que se aborreça. Tanto pior para o marquês des Arcis, para o amo de Jacques, para si, leitor, e para mim.

“Chega um momento em que quase todas as raparigas e rapazes caem na melancolia; atormenta-os uma inquietação vaga que se estende sobre tudo e que não encontra nada que a acalme. Procuram a solidão, choram, o silêncio dos claustros parece chamá-los, são seduzidos pela imagem da paz que parece reinar nos conventos. Tomam pela voz de Deus que os chama, os primeiros esforços de um temperamento que se desenvolve, e é precisamente quando a natureza os solicita que abraçam um modo de vida contrário ao apelo da natureza. O erro não dura; a vontade da natureza torna-se mais clara, torna-se facilmente reconhecida, e o ser agrilhado lança-se nos lamentos, na languidez, nos vapores, na loucura ou no desespero...” Tal foi o preâmbulo do marquês des Arcis. Desgostado do mundo com a idade de dezassete anos, Richard, é este o nome do meu secretário, fugiu da casa paterna e tomou o hábito de premontrino.

O SENHOR – De premontrino? Estou-lhes grato. São brancos como cisnes, e São Norberto, que os fundou, só esqueceu uma coisa nas suas regras...

O MARQUÊS DES ARCIS – De arranjar uma viatura de dois lugares para cada um dos seus religiosos?

O SENHOR – Se não fosse costume dos Amores o de andarem sempre nus, eram capazes de se disfarçar de premontrinos. Reina nesta ordem uma política muito peculiar. Permitem-lhes a duquesa, a marquesa, a condessa, a presidente, a conselheira, mesmo a financeira, mas nada de burguesas; por mais bonita que seja a vendedora, raramente se verá um premontrino numa loja.

O MARQUÊS DES ARCIS – Foi o que Richard me disse. Richard teria feito os seus votos depois dos seus dois anos de noviciado, se os seus pais se não tivessem oposto. O pai exigiu que voltasse para casa, e que lá lhe seria permitido pôr à prova a sua vocação observando todas as regras da vida monástica durante um ano, acordo que foi fielmente observado de parte a parte. Decorrido o ano de prova sob o olhar da família, Richard pediu para fazer os seus votos. O pai respondeu-lhe: “Concedi-lhe um ano para tomar uma resolução definitiva, espero que não me recuse outro para a mesma coisa; somente consinto que o vá passar onde lhe agradar.” À espera do fim do segundo prazo, o abade da ordem tomou um interesse pessoal na questão. Foi nesse intervalo que foi implicado numa das aventuras que só acontecem nos conventos. Estava então à cabeça de uma das casas da ordem um superior de um carácter extraordinário; chamava-se o padre Hudson. O padre Hudson tinha a mais interessante das figuras: uma testa alta, um rosto oval, um nariz aquilino, grandes olhos azuis, grande e bela face, bela boca, belos dentes, um sorriso dos mais subtis, cabeça coberta por uma floresta de cabelos brancos, que acrescentavam a dignidade ao interesse da sua figura, espírito, conhecimentos, alegria, a postura e as frases mais honestas, o amor pela ordem, além do trabalho; mais as paixões mais fogosas, mais o gosto

mais desenfreado pelos prazeres e pelas mulheres, mais o génio da intriga elevado ao mais alto grau, mais os costumes mais dissolutos, mais o despotismo mais absoluto na sua casa. Assim que lhe deram a administração da casa, estava esta infectada por um jansenismo ignorante, os estudos eram negligenciados; os negócios temporais estavam em desordem, os deveres religiosos tinham caído em desuso, os ofícios divinos celebravam-se com indecência, os quartos vagos eram ocupados por hóspedes dissolutos. O padre Hudson converteu ou expulsou os jansenistas, presidiu ele próprio aos estudos, restabeleceu o património temporal, repôs as regras em vigor, expulsou os hóspedes escandalosos, introduziu na celebração dos ofícios a regularidade e a decência, e tornou a sua comunidade uma das mais edificantes. Mas esta austeridade à qual submetia os outros não era para ele, o jugo de ferro com que sujeitava os seus subalternos, não era tão parvo que a ele se sujeitasse. Assim estavam todos animados contra o padre Hudson de um furor contido, que não era senão mais violento e mais perigoso. Cada um era seu inimigo e seu espião, cada um ocupava-se em segredo a sondar as trevas da sua conduta; cada um registava os seus desregramentos escondidos, cada um tinha resolvido ser a sua perdição; ele não dava um passo que não fosse seguido, as suas intrigas eram conhecidas mal tinham sido tecidas.

O abade da ordem tinha uma casa junto do mosteiro. Esta casa tinha duas portas, uma que abria para a rua, outra que abria para o claustro; Hudson tinha mudado as fechaduras, a abadia tornara-se o reduto das suas cenas nocturnas, e o leito do abade o dos seus prazeres. Era pela porta da rua, quando era já noite cerrada, que ele mesmo introduzia nos apartamentos do abade mulheres de todas as condições: era lá que se serviam ceias delicadas. Hudson tinha um confessionário, e tinha corrompido todas aquelas, dentro das suas penitentes, que valiam a pena. Entre estas

penitentes havia uma pequena doceira que armava escândalo no bairro pela sua sedução e pelos seus encantos; Hudson, que não a podia ir visitar a casa, fechou-a no seu serralho. Esta espécie de rapto não se fez sem despertar suspeitas aos parentes e ao marido. Visitaram-no. Hudson recebeu-os com um ar consternado. Quando esta boa gente estava em vias de lhe expor o seu desgosto, tocou o sino, eram seis horas da tarde; Hudson impôs-lhes silêncio, tirou o chapéu, levantou-se, fez um grande sinal da cruz, e disse com um tom afectuoso e compenetrado: *Angelus Domini nuntiavit Mariae*¹⁸... E eis o pai da doceira e os seus irmãos envergonhados pelas suas suspeitas, que dizem, ao descer as escadas, ao marido: “Meu filho, é um tonto... Meu irmão, não tem ponta de vergonha? Um homem que diz o *Angelus*! um santo!”

Uma noite, no Inverno, em que regressava ao convento, foi abordado por uma das criaturas que solicitam os passantes, pareceu-lhe bonita, seguiu-a; mal tinha entrado quando intervém a patrulha. Esta aventura teria perdido qualquer outro, mas Hudson era um homem de cabeça, e este acidente granjeou-lhe a benevolência e a protecção do magistrado de polícia. Conduzido à sua presença, eis como lhe falou: “Chamo-me Hudson, sou o superior do meu convento. Quando cheguei estava tudo em desordem, não havia nem sabedoria, nem disciplina, nem costumes; o espiritual era negligenciado até ao escândalo, o desgaste do temporal ameaçava a casa de uma próxima ruína. Pus tudo em ordem; mas sou homem, e preferi dirigir-me a uma mulher corrompida que dirigir-me a uma mulher honesta. Podeis agora dispor de mim como quiserdes...” O magistrado recomendou-lhe que, de futuro, fosse mais circunspecto, prometeu-lhe segredo sobre esta aventura, e testemunhou-lhe o desejo de o conhecer mais intimamente.

18 O Anjo do Senhor anunciou a Maria (N. do T.)

Entretanto, os inimigos de que estava cercado tinham, cada um por seu lado, enviado ao geral da ordem memoriais onde expunham tudo o que sabiam do mau comportamento de Hudson. O confronto destes memoriais aumentava-lhes a força. O geral era jansenista, e consequentemente disposto a vingar-se da espécie de perseguição que Hudson tinha exercido contra os aderentes às suas opiniões. Ficaria encantado por pôr a nu os costumes corrompidos de um único defensor da bula, e da moral de toda a seita. Em consequência, colocou os diferentes memoriais dos factos e gestos de Hudson nas mãos de dois comissários que despachou secretamente com ordem de proceder à sua verificação e de a constatar juridicamente; exortando-os sobretudo a pôr na condução do caso a maior circunspecção, o único meio de esmagar rapidamente o culpado e de o subtrair à protecção da corte e de Mirepoix, aos olhos de quem o jansenismo era o maior de todos os crimes e a submissão à bula *Unigenitus*¹⁹ a primeira das virtudes. Richard, o meu secretário, foi um dos dois comissários.

Eis estes dois homens, saídos do noviciado, instalados na casa de Hudson, e recolhendo informações em segredo. Em breve recolheram uma lista de mais perversidades do que as necessárias para pôr cinquenta monges no *in-pace*²⁰. A sua estada tinha sido longa, mas os seus manejos tão hábeis que nada tinha transpirado. Hudson, apesar de tão inteligente, estava a encaminhar-se para a sua perda sem que tivesse a menor suspeita. No entanto, a pouca pressa que os recém-chegados demonstravam em fazer-lhe a corte, o segredo da sua viagem, as suas frequentes conferências com outros religiosos, as suas saídas, tanto juntos

19 A bula “Unigenitus”, datada de 1713, condenava o jansenismo. (N. do T.)

20 Vem de “Vade in pace” e refere-se aos monges que se colocavam num cárcere e que, em certos casos mais graves, aí deixavam morrer à fome. (N. do T.)

como separados, a espécie de pessoas que visitavam e por quem eram visitados, causaram-lhe alguma inquietação. Espiou-os, fê-los espiar, e em breve o objecto da sua missão tornou-se-lhe evidente. Não se desconcertou, ocupou-se profundamente da maneira, não de impedir a tempestade que o ameaçava, mas de a fazer recair sobre a cabeça dos dois comissários, e eis aqui o partido tão extraordinário que ele decidiu tomar:

Tinha seduzido uma jovem que tinha escondido num pequeno apartamento dos subúrbios de Saint-Médard. Corre a casa dela e faz-lhe o discurso que segue: “Minha filha, foi tudo descoberto, estamos perdidos; dentro de oito dias sereis presa, e ignoro o que será feito de mim. Nada de desespero, nada de gritos, recomponha-se do susto. Escute-me, faça o que lhe digo, faça-o como deve ser, eu encarrego-me do resto. Amanhã parto para o campo. Durante a minha ausência, vá ter com dois religiosos que lhe vou dizer quem são (e nomeou os dois comissários). Peça para lhes falar em segredo. Quando estiver a sós com eles, ajoelhe-se, implore o seu auxílio, implore pela sua justiça, implore a sua mediação junto do geral da ordem sobre quem eles têm tanta influência, como é sabido; chore, soluçe, arranque os cabelos, e enquanto chora, soluça e arranca os cabelos, conte-lhes toda a nossa história e conte-a da melhor maneira para inspirar comiseração por si e horror contra mim...

- Como, meu senhor, vou-lhes dizer...

- Sim, vai dizer-lhes quem é, a quem pertence, que a seduzi no tribunal da confissão, que a arranquei do braço dos seus pais e que a relegatei para a casa onde está agora. Diga-lhes que depois de a desonrar e a precipitar no crime, a deixei na miséria; diga-lhes que já não sabe o que há-de fazer.

- Mas, Padre...

- Execute tudo o que lhe prescrevi e o que ainda tenho para prescrever, ou então decida a sua perda e a minha. Estes dois monges não deixarão de se apiedar de si, de lhe assegurar a sua assistência, e de vos marcar um segundo encontro que lhes irá conceder. Eles informar-se-ão de si e dos seus parentes, e como não lhes disse nada que não seja verdade, não poderão suspeitar de nada. Depois desta primeira e da segunda entrevista, eu lhe direi o que é que terá de fazer na terceira. Tente somente desempenhar bem o seu papel.

Tudo se passou como Hudson tinha imaginado. Fez uma segunda viagem. Os dois comissários informaram-se e ela voltou à casa. Voltaram-lhe a pedir que contasse a sua infeliz história. Enquanto ela contava a um, o outro tomava notas nos seus cadernos. Geceram com a sua sorte, contaram-lhe da desolação dos seus parentes, que não era senão muito real, e prometeram-lhe segurança para a sua pessoa e pronta vingança contra o seu sedutor, mas com a condição que ela assinasse a sua declaração. Esta proposta pareceu primeiro revoltá-la, insistiram, ela consentiu. Só faltava marcar o dia, a hora e o local onde se realizaria o acto, que exigia tempo e comodidade... “Onde estamos não é possível; se o prior voltasse e me visse aqui... Não ousaria propor-lhes a minha casa...” A jovem e os comissários separaram-se, concedendo-se reciprocamente tempo para resolver as dificuldades.

No próprio dia, Hudson foi informado do que se tinha passado. Ei-lo no cúmulo da alegria, está a chegar o momento do seu triunfo; em breve mostrará a esses fedelhos que homem têm pela frente. “Tome a pena - disse à jovem - , e marque-lhes encontro no sítio que lhe vou indicar. Este encontro vai-lhes convir, tenho a certeza. A casa é honesta e a mulher que lá mora goza na vizinhança e mesmo nos outros locatários, da melhor reputação.”

Esta mulher era, no entanto, uma das intrigantes dissimuladas que fingem devoção, que se insinuam nas melhores casas, que falam com doçura, num tom afectuoso, lisonjeiro e que surpreendem a confiança das mães e das filhas para as levar à perdição. Era o uso que Hudson lhe dava, era a sua alcoviteira. Meteu ou não a intrigante no caso, isso agora é o que eu não sei.

Com efeito, os dois enviados do geral da ordem aceitaram o encontro. Eilos que chegam. A intrigante retira-se. Começam a redigir o auto, quando se ouve um grande barulho na casa.

“Senhores, a quem procuram? - Procuramos a senhora Simion. (Era este o nome da intriguista.) - Esta é a sua porta.”

Batem violentamente à porta. “Senhores, diz a jovem aos dois religiosos, respondo?”

- Responda.

- Abro?

-Abra.

Aquele que batia à porta era um comissário com o qual Hudson estava em boas relações, e quem é que ele não conhecia? Tinha-lhe revelado o perigo em que estava e tinha-lhe atribuído o seu papel. “Ah! Ah! - disse o comissário ao entrar - , dois religiosos com uma rapariga! Ela não é nada má!” A jovem estava tão indecentemente vestida, que era impossível alguém enganar-se acerca da sua profissão e do que é que ela poderia ter a tratar com dois monges, dos quais o mais velho ainda não fizera trinta anos. Estes protestavam a sua inocência. O comissário troçava, passando com a mão pelo queixo da jovem que se deitara a seus pés e que pedia perdão. “Estamos num lugar honesto, diziam os monges.”

- Sim, sim, num lugar honesto – dizia o comissário.
- Viemos aqui por um caso importante.
- O caso importante que conduz aqui já sabemos qual é. Fale, Menina.
- Senhor comissário, o que estes senhores lhe dizem é a pura verdade.

Entretanto era agora a vez do comissário redigir um auto, e como nada constava no seu auto que não fosse a expressão pura e simples dos factos, os dois monges foram obrigados a assinar. Ao descer, encontraram todos os locatários nos patamares dos seus apartamentos, à porta da casa uma população numerosa, um fiacre, beleguins que os meteram dentro do fiacre, no meio do ruído confuso das invectivas e dos apupos. Tinham coberto o rosto com os capuzes, desolados. O pérfido comissário exclamava: “Então, porquê, meus Padres, frequentar estes sítios e estas criaturas? No entanto, isto não vai dar em nada, tenho ordens da polícia de os depositar nas mãos do vosso superior, que é um homem educado e indulgente; não lhe vai dar mais importância do que a que tem; acho que não fazem nos vossos conventos como nos cruéis capuchinhos; se se tivessem a ver com capuchinhos, palavra, até eu tinha pena .”

Enquanto o comissário lhes falava, o fiacre aproximava-se do convento, a multidão engrossava, precedia-o e seguia-o à força de pernas. Ouvia-se por aqui “O que é? Ora, são monges. O que é que fizeram? Encontraram-nos numa casa de putas. Premontrinos nas putas? Pois sim; fazem como os carmelitas e os franciscanos... Ei-los que chegam. O comissário desce, bate à porta, volta a bater, bate uma terceira vez, ela abre-se por fim. Vão avisar o superior Hudson, que se faz esperar pelo menos meia hora, a fim de dar ao escândalo todo o relevo possível. Aparece por fim. O comissário fala-lhe ao ouvido, parece estar a interceder e Hudson parece rejeitar duramente a sua intervenção; enfim, este, tomando uma

expressão severa e um tom firme, disse-lhe: “Não tenho religiosos dissolutos na minha casa, essas pessoas são dois estranhos que desconheço, talvez dois malandros disfarçados, dos quais pode fazer o que quiser.”

Com estas palavras, a porta fecha-se. O comissário volta a subir para a sua viatura e diz aos nossos dois pobres diabos mais mortos que vivos: “Fiz tudo o que podia, nunca supus que o padre Hudson fosse tão duro. Mas por que diabo é que foram às putas?”

- Se aquela com que nos encontrou é uma delas, não foi de modo nenhum a libertinagem que nos levou a casa dela.

- Ah! Ah! meus padres, e é a um velho comissário que vêm com essa? Quem são vocês?

- Somos religiosos e o hábito que trazemos é o nosso.

- Saibam que amanhã é preciso que o vosso caso fique esclarecido; digam-me a verdade, talvez lhes possa ser útil.

- Dissemos-lhe a verdade... Mas para onde é que vamos?

- Para o Petit Châtelet.

- Para o Petit Châtelet! Para a prisão!

- Tenho muita pena.

Foi lá, com efeito, que Richard e o seu companheiro foram depositados; mas o desígnio de Hudson não era o de os lá deixar. Tinha subido para uma cadeirinha de posta, já tinha chegado a Versailles. Falara ao ministro, e apresentara-lhe o caso conforme lhe era mais conveniente. “Eis, monsenhor, ao que estamos sujeitos quando se introduz a reforma num convento dissoluto e quando se expulsam os heréticos. Um

momento mais tarde e eu estaria perdido, estaria desonrado. A perseguição não ficará por aqui, escutareis todos os horrores com que é possível denegrir um homem de bem; mas espero, monsenhor, que se lembrará que o nosso geral...

- Eu sei, eu sei, e lamento. Os serviços que prestou à Igreja e à vossa ordem não serão esquecidos. Os eleitos do Senhor foram em todos os tempos expostos à desgraça e souberam suportá-las; é preciso saber imitar a sua coragem. Contai com o favor e a protecção do rei. Frades! Frades! Também fui um deles e sei por experiência do que é que são capazes.

- Se a felicidade da Igreja e do Estado quiser que Vossa Eminência me sobreviva, perseverarei sem receio.

- Não tardarei a tirá-lo de embarços. Pode ir.

- Não, monsenhor, não, nunca me afastarei sem ordem expressa...

- De libertação desses maus religiosos? Vejo que a honra da religião e do vosso hábito o comove a ponto de esquecer as injúrias pessoais; isso é inteiramente cristão, e fico edificado sem ficar surpreso por se tratar de um homem como vós. Este caso não dará nenhum escândalo.

- Ah, monsenhor, vós encheis a minha alma de alegria! De momento era o que mais temia.

- Vou fazer por isso.

Nessa própria noite, Hudson obteve a ordem de libertação, e na manhã seguinte Richard e o seu companheiro, estavam, ao romper do dia, a vinte léguas de Paris, conduzidos por um oficial de diligências que os entregou no convento. Era também portador de uma carta que exortava o geral da

ordem de parar com manobras semelhantes e a impor a pena claustral aos nossos dois religiosos.

Esta aventura lançou a consternação sobre os inimigos de Hudson; não havia nem um monge na sua casa a que o seu olhar não fizesse tremer. Alguns meses depois foi provido numa rica abadia. O geral da ordem dedicou-lhe um despeito mortal. Estava velho, e tinha tudo para recear que lhe sucedesse o abade Hudson. Gostava ternamente de Richard. “Meu pobre amigo – disse-lhe um dia - , que será de ti se caís sob a autoridade do malvado Hudson? É o que me dá medo. Tu ainda não proferiste os teus votos, se me fizesses caso tirarias o hábito...” Richard seguiu este conselho, e regressou à casa paterna, que não estava afastada da abadia de que Hudson era titular.

Hudson e Richard, frequentando as mesmas casas, era impossível que não se reencontrassem e com efeito voltaram-se a ver. Richard estava um dia em casa da senhora de um castelo situado entre Châlons e Saint-Dizier, mas mais perto de Saint-Dizier que de Châlons, e a um tiro de espingarda da abadia de Hudson. A senhora disse-lhe: “Temos aqui o vosso antigo prior, é muito amável, mas lá no fundo que tipo de homem é que é?”

- O melhor dos amigos e o mais perigoso dos inimigos.

- Não estaria tentado a vê-lo?

- Absolutamente nada...

Mal Richard tinha dado esta resposta quando se ouviu o barulho de um *cabriolet* que entrava nos pátios, e se viu Hudson descer com uma das mais belas mulheres do cantão. “Vai vê-lo apesar de tudo – disse-lhe a senhora do castelo - , porque é ele.”

A senhora do castelo e Richard vão ao encontro da senhora do *cabriolet* e do abade Hudson. As senhoras beijam-se; Hudson, aproximando-se de Richard e ao reconhecê-lo, exclama: “Eh!, mas sois vós, meu caro Richard? Quis perder-me, eu perdoo-lhe, perdoe-me a sua visita ao Petit Châtelet, e não pensemos mais nisso.

- Há-de concordar, senhor abade, que foi um grande canalha.

- Não digo que não.

- Que se lhe tivessem feito justiça, a visita ao Châtelet não teria sido eu mas vós quem a tinha feito.

- Pode ser. Creio que é devido ao perigo que corro agora que devo os meus novos costumes. Ah!, meu caro Richard, como isso me fez reflectir, e como eu mudei!

- Esta mulher com quem veio é encantadora.

- Já não tenho olhos para esses atractivos.

- Que corpo!

- Isso agora para mim é completamente indiferente.

- Que formas!

- Mais tarde ou mais cedo deixamo-nos de um prazer que é como andar no topo de um telhado, sempre com o risco de partir o pescoço.

- Ela tem as mais belas mãos do mundo.

- Renunciei ao uso daquelas mãos. Uma cabeça ajuizada lembra sempre ao espírito qual a sua condição e qual a verdadeira felicidade.

- E estes olhares que ela vos deita às ocultas, há-de concordar que o senhor, em bom conhecedor, não poderia ter atraído mais brilhantes e

mais doces. Que graça, que leveza e que nobreza no seu andar, na sua postura!

- Já não penso nessas vaidades; leio a Escritura, medito nos doutores da Igreja.

- E de tempos a tempos nas perfeições de esta dama... Será que ela mora longe de Moncets? O marido será jovem?

Hudson, irritado por todas estas perguntas, e bem convencido de que Richard nunca o tomaria por um santo, disse-lhe bruscamente: “Meu caro Richard, está-me a querer foder, e tem razão.”

Meu caro leitos, perdoe-me a propriedade da expressão e há-de concordar que aqui, como numa infinidade de bons contos, tais como, por exemplo, o da conversa entre Piron e o falecido abade Vatry, a palavra honesta estragaria tudo. - Como é que foi essa conversa de Piron e do abade Vatry? - Vá pedi-la ao editor das suas obras, que não se atreveu a escrevê-la, mas não seria preciso puxar-lhe as orelhas para que vo-la dissesse.

As nossas quatro personagens juntaram-se no castelo; jantaram bem, jantaram alegremente, e, para a noite, separaram-se com a promessa de se voltarem a ver... Mas enquanto o marquês des Arcis conversava com o amo de Jacques, Jacques, por seu turno, não estava mudo com o senhor secretário Richard, que o achava um autêntico original, o que aconteceria mais vezes com os homens, se a educação, em primeiro lugar, e depois os hábitos mundanos, não os desgastassem como moedas de prata que, à força de circular, perdem o brilho. Já era tarde. O relógio avisou amos e lacaios que eram horas de ir dormir, e eles seguiram o seu conselho.

Jacques, ao despir o seu senhor, disse-lhe: “Meu senhor, gosta de quadros?”

O SENHOR – Sim, mas em descrição, porque no que toca a cores sobre a tela, ainda que eu dê a minha opinião tão decididamente como um apreciador, confesso que não percebo rigorosamente nada; que ficaria bem embaraçado se tivesse de distinguir uma escola de outra; que me impingiriam um Boucher por um Rubens ou por um Rafael; que tomaria uma má cópia por um sublime original; que avaliaria em mil escudos um quadro de seis francos, e em seis francos uma tela de mil escudos; do que só me apercebi na ponte de Notre Dame, em casa de um certo Tremblin, que era no meu tempo o recurso da miséria ou da libertinagem, e a ruína dos jovens alunos de Vanloo.

JACQUES – Como foi?

O SENHOR – E tu que tens a ver com isso? Descreve-me o teu quadro e sê conciso, porque estou a cair de sono.

JACQUES – Colocai-vos diante da fonte dos Inocentes ou junto da porta Saint-Denis; são dois belos acessórios que enriquecerão a composição.

O SENHOR – Já lá estou.

JACQUES – Veja no meio da rua um fiacre, a barra partida, e caído para um lado.

O SENHOR – Estou a ver.

JACQUES – Saem lá de dentro um monge e duas raparigas. O monge foge a toda a velocidade. O cocheiro tenta descer do seu lugar. Um caniche saído do fiacre corre atrás do monge e prende-o pelo casaco. O monge faz todos os esforços para se desembaraçar do cão. Uma das raparigas, descomposta, a garganta a descoberto, segura-se às coxas à

força de rir; a outra rapariga, que fez um galo na cabeça, apoia-se contra a portinhola e segura na cabeça com as duas mãos. Entretanto, vai-se juntando a população; os devassos acorrem e soltam gritos, os vendedores e as vendedeiras postaram-se à soleira das suas lojas, e há outros espectadores às janelas.

O SENHOR – Como diabo!, Jacques, a tua composição está bem ordenada, rica, agradável, variada e cheia de movimento. Quando regressarmos a Paris leva esse tema a Fragonard e verás o que ele é capaz de fazer.

JACQUES – Depois do que me confessou das suas luzes em pintura, posso aceitar o seu elogio sem baixar os olhos.

O SENHOR – Aposto que é uma das aventuras do abade Hudson.

JACQUES – É verdade.

Leitor, enquanto esta boa gente dorme, tenho uma pequena questão a propor-lhe para discutir com o seu travesseiro, é ela: como teria sido o filho nascido do abade Hudson e de Madame de La Pommeraye. - Talvez um homem honesto. - Talvez um refinado malandro. - Amanhã logo me dirá.

Eis que chega a manhã e que os nossos viajantes se separam, porque o marquês des Arcis não seguia o mesmo caminho que Jacques e o seu senhor. - Vamos então retomar a continuação dos amores de Jacques? - Assim espero; mas o que temos de mais certo é que o amo vê as horas que são, tomou a sua pitada de rapé e disse a Jacques: “Ora bem, Jacques, os teus amores?”

Jacques, em vez de responder a esta questão, dizia: “Mas não é diabólico!?, dizem mal da vida de manhã à noite, e não se conseguem resolver a matar-se. Será porque a vida presente não é, vistas bem as coisas, uma coisa assim tão má, ou porque receiam que a próxima seja pior?”

O SENHOR – É uma coisa e outra. A propósito, Jacques, acreditas na vida eterna?

JACQUES – Não acredito nem deixo de acreditar, nem sequer penso nisso. Gozo o melhor que posso desta que nos foi concedida por conta da herança.

O SENHOR – Por mim, eu vejo-me como uma crisálida, e gosto de me convencer que a borboleta ou a minha alma, chegando um dia a perfurar a casca, voará para a justiça divina.

JACQUES – A vossa imagem é encantadora.

O SENHOR – Não é minha. Li-a, segundo creio, num poeta italiano chamado Dante, que fez uma obra intitulada: A Comédia do Inferno, do Purgatório e do Paraíso.

JACQUES – Eis um belo assunto para uma comédia.

O SENHOR – Por Deus, tem coisas belas, sobretudo no seu Inferno. Encerra os heresiarcas em túmulos de fogo que vomitam chamas que levam ao longe a destruição; os ingratos em nichos onde derramam lágrimas que lhes congelam no rosto; e os preguiçosos noutros nichos, e diz destes últimos que o sangue se lhes escapa das veias e é recolhido por vermes repugnantes. Mas a que propósito é que foi a tua saída contra o nosso desprezo por uma vida que tememos perder?

JACQUES – A propósito do que o secretário do marquês des Arcis me contou da bela mulher do *cabriolet*.

O SENHOR – Ela é viúva?

JACQUES – Perdeu o marido numa viagem que fez a Paris, e o diabo do homem não queria ouvir falar em sacramentos. Foi a senhora do castelo onde Richard encontrou o abade Hudson que se encarregou de o reconciliar com a touca.

O SENHOR – O que é que queres dizer com a tua “touca”?

JACQUES – A touca é o barrete que se põe aos recém-nascidos para o baptizado.

O SENHOR – Percebo. E como é que ela se arranjou para o convencer?

JACQUES – Juntaram-se em círculo à volta do lume. O médico, depois de ter tomado o pulso ao doente, que achou muito fraco, veio sentar-se ao lado dos outros. A senhora de que se trata aproximou-se da cama dele e fez-lhe várias perguntas, mas sem elevar a voz mais do que era preciso para que este homem não perdesse uma palavra do que queriam que ele ouvisse, depois do que a conversação prosseguiu entre a senhora, o médico e alguns dos outros assistentes, como vo-la vou relatar.

A SENHORA – Ora bem, doutor, tem notícias de Mme de Parme?

O MÉDICO – Saio agora de uma casa onde me asseguraram que estava tão mal, que já não havia nenhuma esperança.

A SENHORA – Esta princesa sempre deu provas de piedade. Assim que se sentiu em perigo, pediu logo para se confessar e receber os sacramentos.

O MÉDICO – O cura de Saint-Roch leva-lhe hoje uma relíquia de Versailles, mas já chegará demasiado tarde.

A SENHORA – A senhora infanta não é a única que dá destes exemplos. O senhor duque de Chevreuse que esteve muito doente, não esperou que lhe sugerissem os sacramentos, foi ele próprio quem os pediu, o que deu um grande prazer à família...

O MÉDICO – Está muito melhor.

UM DOS ASSISTENTES – É certo que é uma coisa que não provoca a morte, antes pelo contrário.

A SENHORA – Na verdade, desde que exista um perigo, deviam-se logo satisfazer aqueles deveres. Os doentes aparentemente não se apercebem o quanto é duro para aqueles que estão em seu redor, e o quanto, apesar de tudo, é indispensável sugeri-los.

O MÉDICO – Saio de casa de um doente que me diz, há dois dias: “Doutor, como é que me acha?”

- Meu senhor, a febre está alta, e as repetições frequentes.

- Mas acha que vou ter mais uma em breve?

- Não, receio apenas por esta noite.

- Sendo assim, vou mandar avisar um certo homem com o qual tenho um pequeno negócio particular, a fim de o concluir enquanto tenho ainda todo o meu conhecimento.

Confessou-se, recebeu todos os sacramentos. Volto à noite, nada de repetições. Ontem estava melhor. Hoje está fora de perigo. Já vi por várias vezes, ao longo da minha prática clínica, aquele efeito dos sacramentos.

O DOENTE, *para o seu criado* – Traz-me um frango.

JACQUES – Servem-lhe o frango, quer trinchá-lo e não consegue; cortam-lhe a asa em bocadinhos, ele pede pão, agarra-o, faz esforços para mastigar um pedaço que não conseguiria engolir, e que volta a pôr no guardanapo; pede vinho puro, molha as bordas dos lábios e diz: “Estou bem.” Sim, mas meia hora depois já cá não estava.

O SENHOR – No entanto, esta senhora tentou tudo o que podia... e os teus amores?

JACQUES – E a condição que vós aceitastes?

O SENHOR – Estou a ouvir... Tu estás instalado no castelo de Desglands, e a velha dos recados, Jeanne, ordenou à sua filha Denise de te visitar quatro vezes por dia e de te tratar. Mas antes de irmos mais adiante, diz-me, Denise ainda era virgem?

JACQUES, *tossindo* – Creio que sim.

O SENHOR – E tu?

JACQUES – A minha virgindade já há muito tempo que corria pelos campos.

O SENHOR – Então já não estavas nos teus primeiros amores?

JACQUES – E então porquê?

O SENHOR – É porque se ama aquela a quem a damos, como se é amado por aquela a quem a tiramos.

JACQUES – Umas vezes sim, outras vezes não.

O SENHOR – E como é que tu a perdeste?

JACQUES – Não a perdi, troquei-a muito bem trocada.

O SENHOR – Conta-me como é que foi essa troca.

JACQUES – Isto vai ser o primeiro capítulo de São Lucas, uma ladainha de *genuit* que nunca mais acaba, desde a primeira até à Denise, a última.

O SENHOR – Que pensava que a ia ter e que não a teve.

JACQUES – E antes da Denise, as duas vizinhas da nossa cabana.

O SENHOR – Que pensavam tê-la e que não a tiveram.

JACQUES – Não.

O SENHOR – Perder a virgindade com duas, não é lá muito fácil.

JACQUES – Tome, meu senhor, adivinho no canto direito dos vossos lábios que se ergue, e na vossa narina esquerda que se crispa, que é melhor que eu faça a coisa de boa vontade, que à força de insistências, para mais que sinto aumentar a minha dor de garganta, que a continuação dos meus amores será longa, e que só tenho coragem para uma ou duas pequenas histórias.

O SENHOR – Se Jacques quisesse dar-me um grande gosto...

JACQUES – O que é que ele teria de fazer?

O SENHOR – Começaria pela perda da sua virgindade. Queres que te diga? Sempre fui um grande apreciador da narração deste grande acontecimento.

JACQUES – E porquê, se faz favor?

O SENHOR – É que de todos os do mesmo género é o único interessante, os outros não passam de insípidas e comuns repetições. De todos os belos pecados de uma jovem penitente, tenho a certeza que o confessor só tem ouvidos para esse.

JACQUES – Meu senhor, meu senhor, creio que o vosso espírito é corrupto, e que na vossa agonia o diabo poderia aparecer-lhe sob a mesma forma de parêntesis com que apareceu a Ferragus.

O SENHOR – Pode ser. Mas aposto que foi alguma velha impudica da tua aldeia que te tirou a inocência?

JACQUES – Não aposte que perde.

O SENHOR – Foi a criada do prior?

JACQUES – Não aposte, que volta a perder.

O SENHOR – Então, foi a sobrinha?

JACQUES – A sobrinha rebentava pelas costuras de tanto mau humor e de tanta devoção, duas qualidades que vão bem uma com a outra, mas que não se dão bem comigo.

O SENHOR – Desta vez, acho que acertei.

JACQUES – Eu não acho nada.

O SENHOR – Num dia de feira ou de mercado.

JACQUES – Não foi nem num dia de feira nem num dia de mercado.

O SENHOR – Ias à cidade.

JACQUES – Não ia nada à cidade.

O SENHOR – E estava escrito lá em cima que encontrarias numa taberna algumas daquelas criaturas prestáveis, que apanharias uma bebedeira...

JACQUES – Estava em jejum, e o que estava escrito lá em cima era que na hora em que vos esgotásseis em falsas conjecturas, e que ficásseis com

um defeito de que me corrigistes, a mania de adivinhar e sempre ao contrário. Tal como me vê, senhor, fui baptizado uma vez.

O SENHOR – Se a tua ideia é começar a perda da tua virgindade pela saída da pia baptismal, não chegaremos lá tão cedo.

JACQUES – Tive então um padrinho e uma madrinha. Mestre Bîgre, o mais famoso carpinteiro de carroças da aldeia, tinha um filho. Bîgre pai foi o meu padrinho, e Bîgre filho era meu amigo. Na idade de dezoito para dezanove anos apaixonámo-nos os dois ao mesmo tempo por uma pequena costureira chamada Justine. Ela passava por ser cruel nestas coisas, e julgou conveniente exhibir primeiro o seu desdém; a sua escolha caiu sobre mim.

O SENHOR – Eis um dos caprichos das mulheres que ninguém entende.

JACQUES – Todo o alojamento do carpinteiro de carroças Mestre Bîgre consistia numa loja e num sótão. A sua cama era ao fundo da loja. Bîgre filho, o meu amigo, dormia no sótão, para o qual se subia por uma pequena escada, situada mais ou menos a igual distância da cama do pai e da porta da loja.

Assim que Bîgre, o meu padrinho, estava ferrado no sono, Bîgre, o meu amigo, abria a porta devagarinho, e Justine subia para o sótão pela pequena escada. Pela manhã, ao nascer do sol, antes que Bîgre pai despertasse, Bîgre filho descia do sótão, reabria a porta, e Justine escapulia-se como tinha entrado.

O SENHOR – Para ir ainda visitar outro sótão, o seu ou um outro.

JACQUES – Porque não? A relação de Bîgre e de Justine era muito carinhosa, mas era preciso que fosse perturbada, era o que estava escrito lá em cima; e foi o que aconteceu.

O SENHOR – Pelo pai?

JACQUES – Não.

O SENHOR – Pela mãe?

JACQUES – Não; já tinha morrido.

O SENHOR – Por um rival?

JACQUES – Eh!, não, não, por todos os diabos! Não. Meu senhor, está escrito lá em cima que já tem para o resto dos seus dias; enquanto viva, vai-se deitar a adivinhar, e repito-lhe, adivinhará ao contrário...

Uma manhã em que o meu amigo Bîgre, mais fatigado do que o normal, ou pelo trabalho da véspera, ou pelos prazeres da noite, repousava docemente entre os braços de Justine, quando eis que uma voz formidável se faz ouvir aos pés da pequena escada: “Bîgre? Bîgre? Maldito preguiçoso!, já tocaram o *Angelus*, são quase cinco horas e meia, e eis-te ainda no teu sótão! Resolveste ficar aí até ao meio dia? Queres que eu suba e te faça descer mais depressa do que gostarias? Bîgre? Bîgre?

- Meu pai?

- E este eixo de que aquele velho intratável de lavrador está à espera; queres que ele volte aqui outra vez recomeçar a gritaria?

- O eixo está pronto, e antes de um quarto de hora já o terá...”

Agora deixo-o a imaginar os transe de Justine e do meu amigo Bîgre filho.

O SENHOR – Tenho a certeza que Justine prometeu a si própria nunca mais ir ao sótão, e que voltou lá nessa mesma noite. Mas como é que ela há-de sair esta manhã?

JACQUES – Se se deita a adivinhar, eu calo-me... Entretanto, Bîgre filho saíra rapidamente da cama, pernas nuas, as calças na mão e o casaco no braço. Enquanto se veste, Bîgre pai resmunga entre dentes: “Desde que se embeçou por aquela levianazinha anda tudo ao contrário. Isso vai acabar; quanto mais dura mais me começa a cansar. Ainda se fosse uma rapariga que valesse a pena; mas uma criatura! Deus sabe que criatura. Ah!, se a pobre defunta, que era honrada até à ponta das unhas, visse uma coisa dessas, já há muito tempo que ela teria dado uma sova de pau a um e arrancado os olhos a outro, ao sair da missa, debaixo do pórtico, e diante de toda a gente; porque ninguém a conseguia impedir; mas eu fui demasiado bom até ao presente, e se pensam que vou continuar assim, enganam-se.”

O SENHOR – E estas palavras, Justine ouvia-as do sótão?

JACQUES – Não tenho a menor dúvida. Entretanto, Bîgre filho tinha ido a casa do lavrador, com o eixo às costas, e Bîgre pai tinha começado a trabalhar. Depois de alguns golpes de plaina, o nariz pede-lhe uma pitada de rapé. Procura a tabaqueira nas algibeiras, na cabeceira da cama, não a encontra. “Foi este malandro – disse - , que ma tirou como é costume; vejamos se não a terá deixado lá em cima...” E ei-lo que sobe ao sótão. Um instante depois, apercebe-se que lhe faltam o cachimbo e o canivete, e volta a subir ao sótão.

O SENHOR – E Justine?

JACQUES – Ela tinha recolhido a sua roupa à pressa, metera-se debaixo da cama, onde se estendera de barriga para baixo, mais morta que viva.

O SENHOR – E o teu amigo Bîgre filho?

JACQUES – Entregue o eixo, montado e pago, correu para minha casa e expôs-me o terrível embaraço em que se encontrava. Depois de me ter

divertido um pouco, “Escuta, digo-lhe, Bîgre, vai passear para a aldeia, onde tu quiseses, eu vou livrar-te do sarilho. Só te peço é uma coisa, é que me dês o tempo suficiente...” Vós sorris, meu senhor, porquê?

O SENHOR – Por nada.

JACQUES – O meu amigo Bîgre sai. Visto-me, porque ainda não me tinha levantado. Vou a casa do pai dele, que, mal que se apercebe da minha presença, e soltando um grito de surpresa e de alegria, me diz: “Eh!, afilhado, tu por cá! de onde vens e que vens fazer aqui logo de manhãzinha?...” O meu padrinho Bîgre tinha verdadeira amizade por mim, assim respondi-lhe em confiança: “Não se trata de saber de onde venho, mas como é que voltarei a casa.

- Ah!, afilhado, estás-te a tornar libertino; tenho muito medo que Bîgre e tu façam parelha. Passaste a noite fora.

- E o meu pai não aceita desculpas nesse ponto.

- O teu pai tem razão, afilhado, de não aceitar desculpas para isso. Mas comecemos por almoçar, a garrafa será nossa conselheira.”

O SENHOR – Jacques, esse senhor tinha bons princípios.

JACQUES – Respon-di-lhe que não tinha necessidade nem vontade de beber ou de comer, e que caía de fadiga e de sono. O velho Bîgre, que nos seus tempos não ficava a dever a ninguém, acrescentou, trocista: “Afilhado, ela era bonita e tu deste tudo o que tinhas. Escuta, Bîgre não está, sobe ao sótão e deita-te na cama dele... Mas uma palavra, antes que ele volte. É teu amigo; quando se encontrem frente a frente, diz-lhe que estou descontente, muito descontente. É uma pequena que dá pelo nome de Justine que o desencaminhou; deves conhecê-la, qual é o rapaz da aldeia que não a conhece? Prestavas-me um grande serviço se o

afastasses dessa criatura. Antes era o que se chama um bom rapaz, mas desde que fez este infeliz conhecimento... Já não me ouves, tens os olhos a fechar; sobe e vai descansar.”

Subo, dispo-me, levanto a colcha e os lençóis, e apalpo por todo o lado: nada de Justine. Entretanto, Bîgre, o meu padrinho, dizia: “Miúdos! Os malditos miúdos! Então não temos nós aqui ainda outro para dar desgostos ao pai?...” Uma vez que Justine não estava dentro da cama, não tive dúvidas de que estaria por baixo. Não se via nada. Baixo-me, passeio as mãos, encontro um dos seus braços, agarro-o, puxo-o para mim; ela sai de baixo da cama a tremer. Beijo-a, tranquilizo-a, faço-lhe sinal para se deitar: ela junta as duas mãos, atira-se aos meus pés, aperta os meus joelhos. Não teria resistido a esta cena muda se o dia a tivesse iluminado, mas uma vez que as trevas não dão timidez, tornam-nos ousados. Além disso, guardava os seus anteriores desprezos no meu coração. Por única resposta, arrastei-a para a escada que baixava para a loja. Ela soltou um grito de susto. Bîgre, que o ouviu, disse: “Está a sonhar...” Justine desfaleceu, os joelhos caem debaixo dela; no seu delírio, ela dizia numa voz abafada: “Ele vem aí... ele vem... ouço-o a subir... estou perdida!...” “Não, não, respondi-lhe eu em surdina, recomponha-se, cale-se e deite-se...” Ela persiste na sua recusa, eu mantenho-me firme, ela resigna-se, e eis-nos ao lado um do outro.

O SENHOR – Traidor! Celerado! sabes que crime é que vais cometer? Vais violar essa rapariga, senão pela força pelo menos pela intimidação. Acusado no tribunal das leis, experimentarias todo o rigor reservado para os raptos.

JACQUES – Não sei se a violei, mas sei bem que não lhe fiz nenhum mal, e que ela também não mo fez a mim. Primeiro, ao desviar a boca dos meus beijos, aproximou-a da minha orelha e disse-me baixinho:

“Não, não, Jacques, não...” Ao ouvir essas palavras, fiz menção de sair da cama e de avançar para a escada. Ela retém-me e diz-me ainda ao ouvido: “Nunca teria pensado que fosses tão mau, vejo que não posso alcançar de ti nenhuma piedade; mas ao menos promete-me, jura-me...”

- O quê?

- Que Bîgre não saberá nada.”

O SENHOR – Prometeste, juraste, e tudo correu muito bem.

JACQUES – E ainda melhor.

O SENHOR – E ainda melhor?

JACQUES – É precisamente como se vós lá tivésseis estado. Entretanto, Bîgre, o meu amigo, impaciente, preocupado e farto de andar às voltas da casa sem me encontrar, volta a casa de seu pai que lhe diz de mau humor: “Demoraste muito para nada...” Bîgre respondeu-lhe mais mal-humorado ainda: “Então não é que ainda foi preciso lixar pelos dois lado esse diabo de eixo que se verificou ser demasiado grosso?”

- Tinha-te avisado, mas tu não fazes senão o que te apetece.

- É que mais fácil tirá-lo que pôr-lhe outro novo:

- Pega nesta jante e vai terminá-la à porta.

- À porta, porquê?

- Porque o barulho das ferramentas acordaria Jacques, o teu amigo...

- Jacques!...

- Sim, Jacques, que repousa lá em cima, no sótão. Ah, como há que ter pena dos pais; se não é por uma coisa é por outra! Ora bem, és capaz de te mexer? Enquanto ficas aí parado como um imbecil, de cabeça baixa,

boca aberta e braços pendentes, o trabalho não se faz sozinho...” Bîgre, o meu amigo, furioso, corre para a escada; Bîgre, o meu padrinho, retém-no e diz-lhe: “Mas onde é que tu vais? deixa dormir esse pobre diabo, que está estoirado de fadiga. No lugar dele, gostarias tu que não te deixassem descansar?”

O SENHOR – E Justine ouvia tudo isso?

JACQUES – Como me está a ouvir agora.

O SENHOR – E que fazias tu?

JACQUES – Eu ria.

O SENHOR – E Justine?

JACQUES – Ela tinha arrancado a sua touca, puxava os cabelos, levantava os olhos ao céu, pelo menos é o que presumo, e torcia os braços.

O SENHOR – Jacques, és um selvagem, tens um coração de bronze.

JACQUES – Não, meu senhor, tenho sensibilidade mas reservo-a para melhor ocasião. Os dissipadores dessa riqueza gastam-na tanto quando a deviam economizar, que já não têm quando é preciso gastá-la prodigamente. Entretanto, visto-me e desço. Bîgre pai diz-me: “Estavas a precisar, fez-te bem; quando chegaste trazias cara de desenterrado, e eis-te agora rosado e fresco, como um bebé que acaba de mamar. Dormir faz bem!... Bîgre, desce à cave, e traz uma garrafa para almoçarmos. Agora, afilhado, já tens apetite para jantar? - Bastante apetite...” A garrafa chegou e foi posta em cima da bancada. Pomo-nos à volta, de pé. Bîgre pai enche o seu copo e o meu, Bîgre filho, afastando o seu, diz com um tom feroz: “Para mim ainda é cedo para ter tanta sede.

- Não queres beber?

- Não.

- Ah!, sei o que é; olha, afilhado, deve tratar-se de Justine, terá passado pela casa dela onde não a terá encontrado, ou então apanhou-a com outro; esta zanga com a garrafa não é natural, é o que te digo.

EU – Se calhar acertou em cheio.

BÎGRE FILHO – Jacques, dá tréguas às graças, cabidas ou descabidas, não as aprecio.

BÎGRE PAI – Porque ele não quer beber, não será isso que nos vai impedir. À tua saúde, afilhado.

EU – À sua, padrinho; Bîgre, meu amigo, bebe com a gente. Afliges-te demasiado por pouca coisa.

BÎGRE FILHO – Já disse que não bebo.

EU – Ora bem, se o teu pai adivinhou, que diabo, voltarás a vê-la, darão explicações, e tu concordarás que erraste.

BÎGRE PAI – Eh!, deixa-o à vontade. Afinal de contas, não é justo que essa criatura o mortifique pelos desgostos que me causa? Vamos, mais uma pinga, e voltemos ao teu caso. Acho preferível que te leve a casa do teu pai; e que queres que lhe diga?

EU – Tudo o que quiser, tudo o que já lhe ouviu dizer cem vezes quando ele lhe veio trazer o seu filho.

- Vamos...”

Ele sai, vou atrás dele. Curioso de ouvir a conversa entre o meu pai e Bîgre pai, escondo-me num recanto, atrás de um tabique, de onde não perco uma palavra.

BÎGRE PAI – Vamos, compadre, é preciso perdoar-lhe ainda desta vez.

- Perdoar-lhe?, e o quê?

- Fazes de ignorante.

- Não faço, ignoro completamente.

- Estás zangado, e tens razão para estar.

- Não estou nada zangado.

- Estás, digo-te eu.

- Se queres que esteja, não peço melhor; mas que antes do mais saiba qual o disparate que ele fez.

- De acordo, três vezes, quatro vezes; mas não é costume. Encontra-se um bando de rapazes e raparigas; bebe-se, ri-se, dança-se; as horas passam depressa, e entretanto a porta de casa fecha-se...

Bîgre, baixando a voz, acrescentou: “Eles não nos ouvem, mas, agora de boa fé, será que nós tivemos mais juízo na idade deles? Sabes quem são os maus pais? Os maus pais são aqueles que esqueceram os erros da sua juventude. Diz-me, será que nós nunca dormimos fora de casa?

- E tu, Bîgre, meu compadre, diz cá, será que nunca nos apaixonámos por quem desagradava aos nossos pais?

- Eu também choro mais alto do que sofro. Faz da mesma maneira.

- Mas tenho a certeza que Jacques não dormiu fora de casa, pelo menos esta noite.

- Ora bem, se não foi nesta, foi noutra. De maneira que não estás zangado com o teu rapaz?

- Não.

- E quando eu me for embora, não o vais maltratar?

- De maneira nenhuma.

- Dás-me a tua palavra?

- Palavra de honra.

- Está tudo dito, e vou de volta...”

Estando o meu padrinho Bîgre à porta, o meu pai, batendo-lhe suavemente no ombro, dizia-lhe: “Bîgre, meu amigo, aqui há qualquer enguia debaixo da rocha; o teu rapaz e o meu são dois maraus muito sabidos; e receio bem que hoje nos tenham pregado uma grande mentira, mas com o tempo tudo se descobrirá. Adeus, compadre.”

O SENHOR – E como é que foi o fim da aventura entre Bîgre, o teu amigo, e Justine?

JACQUES – Como tinha de ser. Ele zangou-se, ela zangou-se ainda mais alto; ela chorou, ele enterneceu-se; ela jurou-lhe que eu era o melhor amigo que ele tinha, eu jurei-lhe que ela era a rapariga mais honesta da aldeia. Ele acreditou, pediu perdão, e amou-nos e estimou-nos ainda mais aos dois. E eis o começo, o meio e o fim da perda da minha virgindade. Agora, meu senhor, gostaria bem que me ensinásseis a finalidade moral desta impertinente história.

O SENHOR – A conhecer melhor as mulheres.

JACQUES – E tínheis necessidade desta lição?

O SENHOR – A conhecer melhor os amigos.

JACQUES – E alguma vez acreditou que exista um único que respeite a vossa mulher ou a vossa filha, se ela já decidiu render-se?

O SENHOR – A conhecer melhor os pais e os filhos.

JACQUES – Vá lá, senhor, é de todos os tempos, e serão para sempre alternativamente enganados uns pelos outros.

O SENHOR – O que tu dizes são outras tantas verdades eternas, mas sobre as quais nunca será de mais insistir. Qualquer que seja a história que me prometeste para depois desta, está certo que não estará vazia de sentido a não ser para um tolo; e continua.”

Leitor: vem-me agora um escrúpulo, o de ter feito Jacques ou o seu mestre brilharem com algumas reflexões que são vossas por direito; se assim é, podeis retomá-las sem que eles se formalizem. Penso ter-me apercebido que a palavra “Bigre”²¹ vos desagrade. Bem gostaria de saber porquê. É o verdadeiro nome de família do meu carpinteiro de carroças; as certidões de baptismo, as certidões de óbito, os contratos de casamento estão assinados “Bigre”. Os descendentes de Bigre que hoje ocupam a sua loja chamam-se Bigre. Quando os seus filhos, que são bonitos, passam na rua, dizem “Eis os pequenos Bigres”. Quando pronunciais o nome de *Boule*, recordais-vos do maior marceneiro que jamais existiu. Ainda ninguém pronuncia na região de Bigre o nome de Bigre sem se recordar do maior carpinteiro de carroças de que há

21 A palavra “Bigre” soa parecida com “bougre”, que era uma palavra ofensiva por ser o nome dado aos búlgaros que seguiam a heresia do pope Bogomil, e que eram acusados de toda a espécie de perversões sexuais, entre as quais a sodomia. (N. do T.)

memória. O Bigre de que lêem o nome no fim de todos os livros dos ofícios sacros do começo do século, foi um dos seus parentes. Se alguma vez um sobrinho neto de Bigre se assinala por um grande feito, o nome pessoal de Bigre não será menos solene para vós do que César ou Condé. É que há Bigre e Bigre, tal como Guilherme e Guilherme. Se digo Guilherme e mais nada, não será nem o conquistador da Grã-Bretanha, nem o mercador de tecidos do “Mestre Patelin”; o nome de Guilherme sem mais nada não será nem heróico nem burguês. O mesmo com Bigre. Bigre sem mais nada não é nem Bigre, o famoso carpinteiro de carroças, nem nenhum dos seus vulgares antepassados ou dos seus vulgares descendentes. Em boa fé, um nome pessoal pode ser de bom ou de mau gosto? as ruas estão cheias de mastins que se chamam Pompeia. Livrai-vos da vossa falsa delicadeza e eu farei convosco como *milord* Chatham com os membros do Parlamento; disse-lhes: “Açúcar, açúcar, açúcar, em que é que isso dá vontade de rir?²² ...” E eu dir-lhes-ei: “Bigre, Bigre, Bigre; porque é que uma pessoa não se há-de chamar Bigre?” É, como dizia um oficial ao seu general, o grande Condé, que há um famoso Bigre, como Bigre o carpinteiro de carroças, um bom Bigre, como vós e eu; e Bigres vulgares, como uma infinidade de outros.

JACQUES – Era um dia de núpcias; o irmão João tinha casado a filha de um dos nossos vizinhos. Eu era o rapaz da festa. Tinham-me sentado à mesa, entre os dois trocistas da paróquia; eu tinha cara de um grande pateta, embora não fosse tanto como eles pensavam. Fizeram-me algumas perguntas sobre a noite de núpcias, eu respondi o mais

22 O primeiro-ministro inglês, William Pitt, propôs na House of Commons, em 1759, um projecto de lei visando o aumento do imposto sobre o açúcar. Sempre que Pitt começava por “O açúcar, Senhor Presidente...” ouviam-se risos abafados. Depois disso se ter repetido por mais duas vezes, Pitt aproveitou uma pausa e recomeçou: “Açúcar, açúcar, açúcar, quem é que acha agora que o açúcar é assunto para rir?” A graça está em que “Sugar, Mr.President” poderia significar “Sr.Presidente, meu torrãozinho de açúcar”. (N. do T.)

parvamente que pude; e ei-los que se desatam a rir, e as mulheres destes dois folgazões a gritar do outro lado: “Que é que se passa aí? Estão muito divertidos aí em baixo... - É que é tremendamente engraçado, respondeu um dos nossos maridos à sua mulher; conto-te tudo esta noite.” A outra, que não era menos curiosa, fez a mesma pergunta ao marido, que lhe deu a mesma resposta. Continua a refeição e as perguntas e as minhas respostas parvas e as gargalhadas e a surpresa das mulheres. Depois da refeição foi a dança, depois da dança o deitar dos esposos, a oferta da liga, eu na minha cama e os nossos folgazões nas deles, contando às suas mulheres a coisa incompreensível, inacreditável, que, já com vinte e dois anos, grande e vigoroso como eu era, bastante bem de figura, esperto e nada parvo, estava ainda tão inocente, mas tão inocente como saíra do ventre da minha mãe; e as suas duas mulheres tão maravilhadas como os seus maridos. Mas logo pela manhã, Suzanne fez-me sinal e disse-me: “Jacques, não tens nada para fazer?

- Não, vizinha; que é que posso fazer para a servir?

- Eu queria... eu queria...”, e ao dizer que queria, apertava-me a mão e olhava-me de um modo singular, “queria que trouxesses a foice e que viesses comigo ao baldio, ajudar-me a cortar dois ou três feixes de lenha, porque é um trabalho muito pesado para mim sozinha.

- De muito boa vontade, senhora Suzanne...”

Pego na foice e vamos. Pelo caminho, Suzanne encostava a cabeça ao meu ombro, apertava-me o queixo, puxava-me pelas orelhas, beliscava-me as coxas. Chegamos. O sítio é um declive. Suzanne deita-se por terra a todo o comprimento, no lugar mais elevado, os pés afastados um do outro, e os braços cruzados debaixo da cabeça. Eu estava em cima dela, manejando a foice na mata, e Suzanne recuava as pernas, aproximando os

calcanhares das nádegas, e os seus joelhos elevados tornavam as suas saias muito curtas, e eu manejava sempre a foice na mata, quase não olhando onde cortava e cortando muitas vezes ao lado. Por fim, Suzanne diz-me: “Jacques, ainda te falta muito para terminares?” E eu respondi: “Quando quiser, senhora Suzanne...”

- Não vês, diz ela a meia voz, que eu quero que tu acabes?...” Acabei, tomei fôlego, e acabei outra vez; e Suzanne...

O SENHOR – Tirou-te a virgindade que já não tinhas?

JACQUES – É verdade; mas Suzanne não se confundiu, e vá de sorrir e de me dizer: “Enganaste bem o meu marido, e és um malandro.

- Que é que quer dizer com isso, senhora Suzanne?

- Nada, nada; tu me entendes. Engana-me ainda mais umas vezes da mesma maneira, e eu perdoo-te...”

Enfaixei os molhos, pu-los às costas e voltámos, ela para a sua casa, eu para a minha.

O SENHOR – Sem fazerem uma pausa pelo caminho?

JACQUES – Não.

O SENHOR – A distância do baldio à aldeia não era muita?

JACQUES – Não mais que da aldeia ao baldio.

O SENHOR – Ela não mereceu a pena?

JACQUES – Mereceu talvez ainda mais para outro, noutro dia: cada momento tem o seu preço.”

Algum tempo depois, a senhora Marguerite, era a mulher do nosso outro folgazão, tinha grão para mandar moer, e não tinha tempo para ir ao

moinho; foi pedir ao meu pai um dos seus rapazes que fosse lá por ela. Como eu era o mais velho, não duvidou que a escolha do meu pai recaísse sobre mim, o que não deixou de acontecer. A senhora Marguerite sai, eu sigo-a; carrego a saca no meu burro, e conduzo-o só, para o moinho. Eis o seu grão moído, e regressamos, o burro e eu bastante tristes, porque pensava que não iria ganhar nada pela maçada. Estava enganado. Entre a aldeia e o moinho havia que passar por um bosque; foi aí que encontrei a senhora Marguerite sentada à borda do caminho. O dia começava a declinar. “Jacques, diz-me ela, eis-te por fim! Sabes que há mais de uma longa hora que estou à tua espera?...”

Leitor, também sois muito picuinhas. De acordo, a longa hora era para as damas da cidade e a grande hora para a senhora Marguerite.

JACQUES – É que a água ia baixa, o moinho girava devagar, o moleiro estava bêbado, e que, por mais diligência que eu tivesse empregado, não conseguiria regressar mais cedo.

MARGUERITE – Senta-te aí e conversemos um pouco.

JACQUES – Senhora Marguerite, é o que mais me apetece...

MARGUERITE – É que ainda estou a pensar no que o meu marido me disse de ti.

JACQUES – Não acredite em nada do que o seu marido lhe disse; gosta de troçar dos outros.

MARGUERITE – Disse-me que nunca estiveste com uma mulher.

JACQUES – Ah, nisso disse a verdade.

MARGUERITE- Quê! Nunca na vida?

JACQUES – Nunca na vida.

MARGUERITE – Como!, na tua idade ainda não saberás o que é uma mulher?

JACQUES – Desculpe, senhora Marguerite.

MARGUERITE – E o que é que é uma mulher?

JACQUES – Uma mulher?

MARGUERITE – Sim, uma mulher.

JACQUES – Uma mulher... Espere... É um homem que tem um saiote, uma touca e grandes tetas.

O SENHOR – Ah!, celerado!

JACQUES – A outra não se tinha enganado e eu queria que esta se enganasse. Ao ouvir a minha resposta, a senhora Marguerite começou às gargalhadas que nunca mais acabavam, e eu, completamente estarrecido, perguntava-lhe porque é que ria tanto. A senhora Marguerite disse-me que ria da minha simplicidade. “Como, grande como tu és, de verdade que não sabes mais que isso?

- Não, senhora Marguerite.

Nesse ponto, a senhora Marguerite calou-se, e eu também. “Mas, senhora Marguerite, disse-lhe eu ainda, sentámo-nos para conversar e eis que não diz uma única palavra e que não conversamos. Senhora Marguerite, que tem? Parece sonhar.

MARGUERITE – Sim, sonho... sonho... sonho...”

Enquanto pronunciava estes “sonho”, o seu peito elevava-se, a voz enfraquecia, os membros tremiam-lhe, fechara os olhos, a boca estava entreaberta, soltou um profundo suspiro, desfaleceu, e eu fingi pensar que ela estava morta, e pus-me a gritar assustado: “Senhora Marguerite! senhora Marguerite! fale-me por amor de Deus; senhora Marguerite, encontra-se mal?”

MARGUERITE – Não, meu filho; deixa-me descansar por um momento... Não sei o que é que me deu... Foi uma coisa que me deu de repente.

O SENHOR – Ela mentia.

JACQUES – Sim, mentia.

MARGUERITE – É que sonhava...

JACQUES – Sonhais dessa maneira à noite, ao lado do vosso marido?

MARGUERITE – Algumas vezes.

JACQUES – Se calhar, fica assustado.

MARGUERITE – Não, já está habituado...”

Marguerite recuperou pouco a pouco do seu desfalecimento, e disse: “Sonhava que na boda, há oito dias, o nosso homem e o de Suzanne se divertiram à tua custa; isso fez-me pena, e fiquei toda nem sei como.

JACQUES – Sois demasiado boa.

MARGUERITE – Não gosto que se troce das pessoas. Sonhava que à primeira ocasião eles recomeçariam com mais gana, e que eu ficaria muito zangada.

JACQUES – Mas não depende senão de vós que não vos zangueis mais por causa disso.

MARGUERITE – E como?

JACQUES – Ensinando-me...

MARGUERITE – E o quê?

JACQUES – O que eu ignoro, e que tanto fazia rir o vosso homem assim como o de Suzanne, que assim já não ririam.

MARGUERITE – Oh!, não, não. Sei bem que és bom rapaz, e que não irias contar a ninguém; mas eu não seria capaz.

JACQUES – E porquê?

MARGUERITE – Porque não seria capaz.

JACQUES – Ah, senhora Marguerite, ensine-me, peço-lhe, ficarei para sempre em dívida para consigo, ensine-me...” Ao suplicar-lhe, apertava-lhe as mãos e ela mas apertava também: beijei-lhe os olhos e ela beijou-me a boca. Entretanto, ia-se fazendo noite. Então, eu disse-lhe: “Vejo bem, senhora Marguerite, que não me quer tanto bem como para me ensinar, todo eu sou tristeza. Vamos, levantemo-nos e regressemos...” A senhora Marguerite calou-se; voltou a pegar numa das minhas mãos e não sei onde é que ela a meteu, mas o facto é que comecei a gritar “Não tem lá nada! Não tem lá nada!”

O SENHOR – Celerado! Duplo celerado!

JACQUES – O facto é que ela estava muito despida e eu também; o facto é que eu tinha sempre a mão onde ela nada tinha, e que ela pusera a sua mão onde eu tinha coisas que ela não tinha; o facto é que eu me encontrava em cima dela e, em consequência, ela estava debaixo de mim.

O facto é que, não a aliviando de nenhuma fadiga, era preciso que ela recebesse por inteiro os frutos da minha; o facto é que ela seguia as minhas instruções com tão boa vontade, que chegou um momento onde pensei que ela iria morrer. O facto é que, tão desorientado como ela, e não sabendo o que dizia, gritei: “Ah!, senhora Suzanne, que gozo que me dá!”

O SENHOR – Queres dizer “senhora Marguerite”.

JACQUES – Não, não. O facto é que troquei um nome pelo outro, e que em vez de dizer senhora Marguerite disse senhora Suzon. O facto é que confessei à senhora Marguerite que aquilo que ela acreditava estar-me a ensinar naquele dia, a senhora Suzon já mo tinha revelado, de modo um pouco diferente, é verdade, havia três ou quatro dias. O facto é que ela me disse: “O quê!, foi a Suzon e não eu?...” O facto é que eu respondi: “Não foi nem uma nem outra.” O facto é que, sempre troçando dela própria, de Suzon, dos dois maridos, e dirigindo-me injúrias insignificantes, encontrei-me em cima dela e que, admitindo que lhe tinha dado muito prazer, mas não tanto como de outra maneira, ela encontrou-se em cima de mim e, em consequência, eu debaixo dela. O facto é que após algum tempo de repouso e de silêncio, não nos encontrámos nem ela por baixo nem ela por cima, porque estávamos os dois de lado, que ela tinha a cabeça caída para a frente e as suas duas nádegas coladas contra as minhas coxas. O facto é que se eu tivesse sido menos sábio, a boa senhora Marguerite ter-me-ia ensinado tudo o que se pode aprender. O facto é que custou-nos bastante voltar para a aldeia. O facto é que a minha dor de garganta aumentou bastante, e que não há esperanças de que possa voltar a falar nos próximos quinze dias.

O SENHOR – E não voltaste a ver essas mulheres?

JACQUES – Desculpe, mais de uma vez.

O SENHOR – As duas?

JACQUES – As duas.

O SENHOR – Elas não se zangaram uma com a outra?

JACQUES – Sendo úteis uma à outra, ainda mais amigas ficaram.

O SENHOR – As nossas também teriam feito outro tanto, mas cada uma com o seu...Estás-te a rir.

JACQUES – Todas as vezes que me lembro do homenzinho gritando, insultando, espumando, batendo com a cabeça, com os pés, com as mãos, com todo o corpo, e disposto a atirar-se do palheiro abaixo, em risco de se matar, não seria capaz de conter o riso.

O SENHOR – E esse homenzinho quem é? O marido da senhora Suzon?

JACQUES – Não.

O SENHOR – O marido da senhora Marguerite?

JACQUES – Não... Sempre a mesma coisa; é para toda a vida.

O SENHOR – Então quem é?

Jacques não respondeu nada a essa pergunta, e o senhor juntou: “Diz-me só quem era o homenzinho.”

JACQUES – Um dia, uma criança, sentada ao pé do balcão de uma loja de roupa branca, chorava com todas as forças. Uma vendedora, incomodada com os seus gritos, disse-lhe: “Amigo, porque chora?

- É porque me querem obrigar a dizer A.

- E porque é que não quer dizer A?

- É porque ainda mal eu tenha dito A, vão logo obrigar-me a dizer B.”

É que mal lhe diga o nome do homenzinho, vai ser logo preciso que lhe conte o resto.

O SENHOR – Talvez.

JACQUES – De certeza.

O SENHOR – Vamos, amigo Jacques, diz-me o nome do homenzinho. Tu morres de vontade, não é? Então dá um gosto a ti próprio.

JACQUES – Era uma espécie de anão, corcunda, nariz adunco, gago, zarolho, ciumento, devasso, apaixonado e talvez amado por Suzon. Era o vigário da aldeia...

Jacques parecia o menino da loja de roupa branca como duas gotas de água, com a diferença que depois da sua dor de garganta era difícil obrigá-lo a dizer A, mas uma vez engrenado, ia de boa vontade até ao fim do alfabeto.

JACQUES – Estava na quinta de Suzon, sozinho com ela.

O SENHOR – E não estavas lá para nada?

JACQUES – Não. Quando o vigário chega, fica zangado, ralha, pergunta imperiosamente a Suzon o que é ela está a fazer junto do mais debochado dos rapazes da aldeia, no sítio mais escondido do celeiro.

O SENHOR – Já tinhas a tua reputação, pelo que vejo.

JACQUES – E bem merecida. Ele estava mesmo zangado; a este propósito ainda acrescentou outras palavras ainda menos educadas. É a minha vez de me zangar. De injúria em injúria, passamos a vias de facto. Saco de uma forquilha, passo-lha entre as pernas, dente aqui, dente ali, e atiro-o para a palheiro, não mais nem menos como um feixe de palha.

O SENHOR – E o palheiro era alto?

JACQUES – Coisa de dez pés, pelo menos, e o homenzinho não conseguiria descer sem partir o pescoço.

O SENHOR – E depois?

JACQUES – Depois, afasto o lenço do pescoço de Suzon, seguro-lhe a garganta, acaricio-a; ela defende-se como pode. Havia ali um selim de burro cuja comodidade já conhecíamos; empurro-a para o selim.

O SENHOR – Levantas-lhe as saias?

JACQUES – Levanto-lhe as saias.

O SENHOR – E o vigário via?

JACQUES – Como o estou a ver.

O SENHOR – E calava-se?

JACQUES – Isso não, por favor. Já não conseguindo conter a raiva, pôs-se a gritar: “Assa... assa... assassino! fo... fo... fogo! La... la... ladrão...” E eis o marido, que pensávamos que estava longe, que acorre.

O SENHOR – Fico aborrecido; não gosto de padres.

JACQUES – Ficaríeis encantado só de ver os olhos daquele.

O SENHOR – Admito que sim.

JACQUES – Suzon tinha tido tempo para se levantar; eu componho-me e escapo, e foi Suzon que me contou o que se seguiu. O marido que viu o vigário, empoleirado no palheiro, pôs-se a rir. O vigário dizia-lhe: “Ri... ri... ri bem... to... to... tolo que tu és...” O marido obedece-lhe e ainda ri com mais vontade, e pergunta-lhe quem é que o pôs ali. - O vigário: “Põe... põe... põe-me no... no... no chão.” O marido continua a rir, e

pergunta-lhe como é que vai fazer para descer. - O vigário: “Co... co... como su... su... subi, com... com... com a for... for... forquilha... - Por São Goulão, acho que tem razão; o que é ter estudado!...” O marido pega na forquilha, chega-a ao vigário e apanha-o como como eu o apanhara. O marido obriga-o a dar uma ou duas voltas à quinta, pendurado na ponta do utensílio de capoeira, acompanhando o passeio por uma espécie de canto em baixo contínuo, e o vigário gritando: “Des... des... desce-me... ma... ma... marau... és... és... és ca... ca... capaz de me... me...me... des... des... descer?...” E o marido dizia-lhe: “Porque é que não hei-de, senhor vigário, mostrá-lo assim por todas as ruas da aldeia? Nunca se terá visto uma tão bela procissão...” Entretanto, o vigário foi solto por estar tão assustado, e o marido pô-lo em terra. Não sei o que é que ele disse então ao marido, porque Suzon se tinha escapulido, mas ouvi: “In... in... infeliz... ba... ba... bates num... num... num pa... pa... padre; exco... exco... exco... co... mungo-te; se... se... serás da... da... danado...” Era o homenzinho que falava e era o marido que o perseguia a golpes de forquilha. Chego com muitos outros; quando o marido me apercebe de longe, pondo a forquilha em riste: “Aproxima-te, aproxima-te”, diz-me ele.

O SENHOR – E Suzon?

JACQUES – Escapou.

O SENHOR – Mal?

JACQUES – Não, as mulheres escapam sempre bem quando não são surpreendidas em flagrante delito... De que ri?

O SENHOR – Do que me fará rir, como tu, todas as vezes que me lembre do pequeno padre pendurado da forquilha do marido.

JACQUES – Foi pouco tempo depois desta aventura, que chegou aos ouvidos do meu pai e que também se riu, que eu me alistei, como já vos tinha dito...”

Depois de alguns momentos de silêncio ou de tosse por parte de Jacques, como dizem uns, ou por ainda se ter rido, como dizem outros, o senhor, dirigindo-se a Jacques, diz-lhe: “E a história dos teus amores?” - Jacques acenou com a cabeça e não respondeu.

Como pode um homem sensato, com moral, que se enche de filosofia, divertir-se a debitar contos de uma tal obscenidade?... Primeiramente, leitor, não são contos, é uma história, e não me sinto mais culpado, e porventura menos, quando escrevo acerca dos disparates de Jacques, do que Suetónio quando nos transmite as orgias de Tibério. E no entanto lê Suetónio e não lhe dirige nenhuma censura. Porque não franze o sobrolho a Catulo, Marcial, a Horácio, a Juvenal, a Petrónio, a La Fontaine e a tantos outros? Porque é que não diz ao estóico Séneca: “Que necessidade é que nós temos do crápula do vosso escravo dos espelhos côncavos?” Porque é que apenas somos indulgentes com os mortos? Se reflectisse um pouco nessa parcialidade, veria que ela nasce de algum princípio vicioso. Se é inocente, não me lerá; e se já estiver corrompido, ler-me-á sem consequências. E depois, se o que lhe digo não o satisfaz, abra o prefácio de Jean-Baptiste Rousseau e aí encontrará a minha apologia. Qual de entre vós ousou censurar Voltaire por ter composto “A virgem”? Nenhum. Tendes então duas balanças para as acções dos homens? “Mas, direis, a Virgem de Voltaire é uma obra-prima. - Tanto pior, porque não é por isso que será mais lida. - E o seu Jacques não passa de um insípida rapsódia de factos, uns reais, os outros imaginados, escritos sem graça e espalhados em desordem. - Tanto melhor, assim o meu Jacques será mais

lido. Para qualquer lado que se vire, está enganado. Se a minha obra é boa, dar-lhe-á prazer; se é má, não lhe fará nenhum mal. Não existe livro mais inocente do que um mau livro. Divirto-me a escrever, a coberto de nomes emprestados, os disparates que fazeis; os disparates fazem-me rir, a minha escrita deixa-o de mau humor. Leitor, para falar francamente, acho que o pior de nós dois não sou eu. Como ficaria satisfeito se fosse tão fácil para mim livrar-me das suas melancolias como para si livrar-se do aborrecimento e do perigo das minhas obras! Vis hipócritas, deixem-me em paz. Vão foder como burros sem albarda, mas permitam-me que diga Foda-se; deixo-lhes a acção, deixem-me a palavra. Pronuncia corajosamente palavras como matar, roubar, atraiçoar, e a outra só consegue dizê-la entre dentes? Quanto menos exale estas pretensas impurezas em palavras, mais elas ficam no seu pensamento? E que é que tem contra a acção genital, tão natural, tão necessária e tão justa, para lhe excluir o nome das suas conversas, e para imaginar que a sua boca, os seus olhos e as suas orelhas ficariam por ele contaminadas? É bom que as expressões menos vulgares sejam as mais escritas, e as mais repetidas sejam as mais sabidas e as mais geralmente conhecidas; assim é; também a palavra *futuo*²³ não é menos familiar que a palavra pão; nenhuma idade a ignora, nenhum idioma se privou dela, tem mil sinónimos em todas as línguas, intromete-se em cada uma delas sem se exprimir, sem ter voz nem figura, e o sexo que mais a usa é o que mais o cala. Ainda o ouço, está agora a gritar: “Fora, cínico! Fora impudente! Fora, sofista!...” Coragem. Insulte com gana um autor estimável que está sempre nas suas mãos, e de que aqui não passo do tradutor. A licença do seu estilo quase

23 Eu fodo.

que me garante a pureza dos seus costumes – é Montaigne. *Lasciva est nobis pagina, vita proba*²⁴.



24 Se a minha página é lasciva, a minha vida é pura.

Jacques e o seu senhor passaram o resto da jornada a descerrar os dentes. Jacques tossia, e o seu amo dizia: “Mas que tosse tão má!”, via no relógio que horas eram sem reparar nas mesmas, abria a tabaqueira sem hesitar e tomava a sua pitada de rapé sem a sentir. A prova é que ele fazia estas coisas três ou quatro vezes de seguida e pela mesma ordem. Um momento depois, Jacques tossia ainda e o seu amo dizia: “Que diabo de tosse; meteste-te no vinho da estalajadeira até ao nó da garganta; ontem à noite, com o secretário, também não te poupaste; quando subiste, cambaleavas, não sabias o que dizias, e hoje fizeste dez paragens, e aposto que nem te resta uma gota de vinho na tua cabaça?...” Depois resmungava entre dentes, via o relógio e regalava as narinas.

Esqueci-me de lhe dizer, leitor, que Jacques nunca andava sem uma cabaça bem cheia até acima; vinha suspensa do arção da sela. Cada vez que o seu amo interrompia a sua narração com alguma pergunta mais longa, pegava na cabaça, bebia regaladamente uma pinga e só voltava a colocá-la no seu lugar quando o amo deixava de falar. Também me esqueci de vos dizer que nos casos que exigiam reflexão, o seu primeiro movimento era o de interrogar a cabaça. Era preciso resolver uma questão de moral, discutir um facto, preferir um caminho a outro, começar, continuar ou abandonar um negócio, pesar as vantagens e desvantagens de uma operação de política, de uma especulação comercial ou financeira, a sabedoria ou estupidez de uma lei, a sorte de uma guerra, a escolha de uma estalagem, numa estalagem a escolha de um quarto, num quarto a escolha da cama, a sua primeira frase era: “Perguntemos à cabaça.” E a última era: “É a opinião da cabaça e também a minha.” Quando o destino emudecia na sua cabeça, explicava-se através da cabaça; era uma espécie de Pítia portátil, que se calava mal ficava vazia.

Em Delfos, a Pítia, com as saias arregaçadas, sentada com o cu despido em cima do tripé, recebia a sua inspiração do baixo para cima; Jacques, a cavalo, a cabeça erguida para o céu, a sua cabaça desrolhada e o gargalo inclinado para a boca, recebia a sua inspiração do alto para baixo. Quando a Pítia e Jacques pronunciavam os seus oráculos, ambos estavam bêbados. Ele pretendia que o Espírito Santo tinha descido sobre os apóstolos numa cabaça; chamava ao Pentecostes a festa das cabaças. Elaborou um pequeno tratado sobre todas as espécies de adivinhação, tratado profundo no qual deu preferência à adivinhação de Bacbuc²⁵, ou pela cabaça. Acusou de falsidade, apesar de toda a veneração que lhe dedicava, o cura de Meudon²⁶ que interrogava a diva Bacbuc apertando-a contra a pança. “Gosto de Rabelais, diz ele, mas prefiro a verdade a Rabelais.” Chama-lhe o herético *Engastrimythe*²⁷, e prova por cem razões, umas melhores que as outras, que os verdadeiros oráculos de Bacbuc, os verdadeiros inspirados pela cabaça nestes últimos séculos, Rabelais, La Fare, Chapelle, Chaulieu, La Fontaine, Molière, Panard, Gallet, Vadé, Platon e Jean-Jacques Rousseau, que enalteceram o bom vinho sem o beber, são, na sua opinião, dois falsos confrades da cabaça. A cabaça teve em tempos alguns santuários célebres: a Pomme de Pin, o Temple de la Guinguette, santuários de que escreveu a história separadamente. Faz a pintura mais magnífica do entusiasmo, do calor, do fogo que se apoderava e ainda nos nossos dias se apodera dos Bacbucioanos ou Perigordenses quando, no fim da refeição, os cotovelos apoiados na mesa, lhes aparecia a diva Bacbuc ou a cabaça sagrada.

25 No capítulo I do “Quarto livro dos feitos e ditos heróicos do bom Pantagruel”, de Rabelais, Pantagruel embarca numa viagem para consultar o oráculo da diva Bacbuc. O nome é uma onomatopeia, que imita o som da garrafa quando a esvaziam. (N. do T.)

26 Rabelais foi cura de Meudon. (N. do T.)

27 Os que aparentavam falar pelo ventre e não pela boca. (N. do T.)

Ficava no meio deles, assobiava, atirava a rolha para longe dela e cobria os seus adoradores com uma espuma profética. O seu manuscrito está ilustrado com dois retratos, em baixo dos quais se lê: *Anacreonte e Rabelais, um por entre os antigos, o outro por entre os modernos, soberanos pontífices da cabaça.*

E Jacques ter-se-á servido do termo *engastrimythe*?... Porque não, leitor? O capitão de Jacques era Bacbuciano; podia portanto conhecer esta expressão, e Jacques, que recolhia tudo o que ele dizia, recordar-se dela; mas a verdade é que *Engastrimythe* é palavra minha, e o que se lê no texto original é “Ventríloquo”.

Tudo isso é muito bonito, dirá, mas então e os amores de Jacques? - Os amores de Jacques, só Jacques é que sabe deles e ei-lo que está atormentado por uma dor de garganta que não deixa ao amo outra saída que o relógio e a tabaqueira, indigência que o aflige tanto a ele como a si. - Que vai ser de nós? Palavra de honra, não sei. Era boa altura agora para interrogar a diva Bacbuc ou a cabaça sagrada; mas o seu culto vai-se perdendo, os seus templos estão desertos. Assim como à data do nascimento do nosso divino Salvador os oráculos do paganismo cessaram, à data da morte de Gallet os oráculos de Bacbuc emudeceram; assim nada de grandes poemas, nada desses extractos de uma eloquência sublime, nada dessas produções, marcadas no canto com a embriaguez e o génio; tudo é sensato, compassado, académico e chato. Ó diva Bacbuc! Ó cabaça sagrada! Ó divindade de Jacques! voltai para o meio de nós!... Dá-me vontade, leitor, de lhe contar o nascimento da diva Bacbuc, dos prodígios que o acompanharam e que se lhe seguiram, as maravilhas do seu reino e os desaires da sua derrota; e se a dor de garganta do nosso amigo Jacques se eternizar e se o seu amo tomar o partido de se manter

em silêncio, tereis de vos contentar com este episódio que tentarei prolongar até que Jacques se cure e retome a história dos seus amores...

Há aqui uma lacuna verdadeiramente deplorável na conversação entre Jacques e o seu senhor. Qualquer dia, talvez a preencha um descendente de Nodot, do presidente de Brosses, de Freinshémius, ou do padre Brottier, e os descendentes de Jacques ou do seu amo, proprietários do manuscrito, dela rirão com vontade.

Parece que Jacques, reduzido ao silêncio pela sua dor de garganta, suspendeu a história dos seus amores e que o amo começou a história dos dele. Isto não passa de uma conjectura que vos vendo pelo mesmo preço a que ma venderam. Depois de algumas linhas pontilhadas que anunciam a lacuna, pode-se ler: “Nada é tão triste neste mundo como ser parvo...” Terá sido Jacques a proferir este apotegma²⁸? Terá sido o seu senhor? Daria assunto para uma longa e espinhosa dissertação. Se Jacques fosse bastante insolente para dirigir estas palavras ao seu amo, este último era suficientemente franco para as dirigir a si próprio. Fosse como fosse, é agora evidente, é muito evidente, que é agora o senhor que continua.

O SENHOR – Era na véspera do seu aniversário e eu não tinha dinheiro nenhum. O cavaleiro de Saint-Ouin, meu amigo íntimo, nunca se embaraçava com ninharias. “Não tens mesmo nenhum dinheiro? - diz-me ele.”

- Nenhum.

- Ora bem, então tem que se arranjar.

- E tu sabes como arranjá-lo?

28 Frase curta e célebre de personalidade histórica. Como “O Estado sou eu” de Louis XIV, ou “Obviamente demito-o.”, do General Delgado. (N. do T.)

- Sem dúvida.

Veste-se, saímos, e ele conduz-me, através de várias ruas desertas, a uma pequena casa obscura, onde subimos por uma escada suja e apertada até ao terceiro andar, onde entro num apartamento bastante espaçoso e singularmente mobilado. Havia entre outras coisas três cómodas altas, todas as três de formas diferentes, por detrás da do meio, um grande espelho em capitel, demasiado alto para o tecto, de maneira que uma boa metade deste espelho estava escondida pela cómoda; sobre as cómodas mercadorias de toda a espécie, dois tabuleiros de gamão; a toda a volta do apartamento cadeiras muito belas, nenhuma sendo igual às outras; ao pé de uma cama sem cortinas uma soberba cadeira de repouso, contra uma das janelas uma gaiola sem pássaros, mas novinha em folha; na outra janela, um lustre suspenso pelo cabo de uma vassoura, e o cabo da vassoura segurando pelos dois lados cadeiras de palha em mau estado; e mais, à direita e à esquerda, quadros, uns pendurados na parede, outros empilhados.

JACQUES – Isso cheira a negociante vigarista a uma légua em redor.

O SENHOR – Adivinhaste. E eis o cavaleiro e M. Le Brun, é o nome do nosso antiquário e agiota, que se precipitam nos braços um do outro. “Sois vós, senhor cavaleiro?”

- Pois sim, sou eu, meu caro Le Brun.

- Mas que é feito de si? Há uma eternidade que ninguém o vê. Os tempos vão bem tristes, não é verdade?

- Muito tristes, meu caro Le Brun. Mas não se trata disso; ouça-me, tenho uma coisa a dizer-lhe...”

Sento-me. O cavaleiro e M. Le Brun retiram-se para um canto e conversam. Da sua conversação só te posso reproduzir algumas palavras que apanhei no ar...

- E ele é bom?

- Excelente.

- Maior?

- Completamente.

- É o filho?

- O filho.

- Sabe que os nossos dois últimos negócios?...

- Fale mais baixo.

- E o pai?

- Rico.

- Velho?

- E caduco.

Le Brun em voz alta: “Olhe, senhor cavaleiro, eu não quero meter-me em nada, isso traz sempre consequências aborrecidas. É seu amigo, parabéns! O senhor tem mesmo cara de um homem sério; mas...

- Meu caro Le Brun!...

- Eu não tenho dinheiro.

- Mas tem conhecimentos.

- São todos uns velhacos, uns refinados larápios. Senhor cavaleiro, não está cansado de tratar com essa gente?

- A necessidade não tem lei.

- A necessidade que o instiga é uma necessidade agradável, dívidas de jogo, alguma rapariga...

- Caro amigo!...

- Sou sempre assim, sou fraco como uma criança; e depois vós, não sei a quem é que vós não seríeis capazes de fazer quebrar um juramento. Vamos, toquem lá, para eu saber se Fourgeot está em casa... Não, não toquem, Fourgeot vai levá-los a casa de Merval.

- E porque não vós mesmo?

- Eu! Jurei que esse abominável Merval não trabalharia nunca mais nem para mim nem para os meus amigos. É preciso que respondais pelo senhor, que talvez, que é sem dúvida um homem honesto, que eu respondo por vós a Fourgeot, e que Fourgeot responde por mim a Merval...

Entretanto a criada tinha entrado a dizer: “É para casa de M. Fourgeot?”

Le Brun à criada: “Não, não é para ninguém... Senhor cavaleiro, eu não saberia absolutamente, eu não saberia...”

O cavaleiro abraça-o, faz-lhe festas: “Meu caro Le Brun! meu caro amigo!...” Eu aproximo-me, junto as minhas instâncias às do cavaleiro: “Senhor Le Brun! Meu caro senhor!...”

Le Brun deixa-se persuadir.

A criada, que sorria de toda esta palhaçada, parte e num abrir e fechar de olhos, reaparece com um homenzinho coxo, vestido de preto, bengala na

mão, gago, o rosto seco e enrugado, o olhar muito vivo. O cavaleiro volta-se para ele e diz-lhe: “Vamos, Senhor Mathieu de Fourgeot, não temos um momento a perder, leve-nos depressa...”

Fourgeot, sem parecer que o ouvira, desatava uma pequena bolsa de camurça.

O cavaleiro para Fourgeot: “Troça de nós, isso agora diz-nos respeito...” Aproximo-me, tiro um escudo que faço deslizar para o cavaleiro que o dá à criada, passando-lhe a mão sob o queixo. Enquanto Le Brun dizia a Fourgeot: “Proíbo-lhe; não leve lá estes senhores.”

FOURGEOT – Senhor Le Brun, e então porquê?

LE BRUN – É um velhaco, é um larápio.

FOURGEOT – Sei muito bem que M. de Merval... mas a todo o pecado misericórdia; e para mais é a única pessoa que sei que tem dinheiro nesta altura.

LE BRUN – Senhor Fourgeot, faça como quiser; meus senhores, lavo daí as minhas mãos.

FOURGEOT, *a Le Brun* – Senhor Le Brun, não quer vir connosco?

LE BRUN – Eu! Deus me livre! É um infame que, enquanto viva, não quero voltar a ver.

FOURGEOT – Mas sem vós, não chegaremos a lado nenhum.

O CAVALEIRO – É verdade. Vamos, meu caro Le Brun, trata-se de me prestar um serviço, trata-se de servir um homem sério que está aflito, não me vai recusar uma coisa dessas, tem de vir connosco.

LE BRUN – Ir a casa de um Merval! Eu! Eu!

O CAVALEIRO – Sim, vós, vireis para me servir.

À força de solicitações, Le Brun deixa-se levar, e eis-nos a caminho, ele, Le Brun, o cavaleiro, Mathieu de Fourgeot, o cavaleiro batendo amigavelmente na mão de Le Brun, e dizendo-me: “É o melhor dos homens, o homem mais prestável, o mais útil dos conhecimentos.”

LE BRUN – Creio que o senhor cavaleiro seria capaz de me obrigar a cunhar moeda falsa...

Eis-nos em casa de Merval.

JACQUES – Mathieu de Fourgeot.

O SENHOR – Ora bem, o que é que queres dizer com isso?

JACQUES – Mathieu de Fourgeot... Quero dizer que o senhor Cavaleiro de Saint-Ouin conhece aquelas pessoas por nome e apelido; e que é um malandro, conluiado com toda essa canalha.

O SENHOR – És bem capaz de ter razão... É impossível conhecer um homem mais carinhoso, mais cortês, mais honesto, mais educado, mais humano, mais compassivo, mais desinteressado que M. de Merval. A minha maioridade e a minha solvência bem verificadas, M. de Merval tomou um ar simultaneamente afectuoso e triste, e disse-nos com um ar compungido que estava desesperado, que esta mesma manhã se vira obrigado a socorrer um dos seus amigos, aflito com as mais urgentes necessidades, e que estava completamente a seco. Depois, dirigindo-se a mim, acrescentou: “Senhor, não lastime o não ter vindo mais cedo, eu teria ficado desolado por ter de vos recusar, mas tê-lo-ia feito à mesma, a amizade acima de tudo...”

Eis-nos a todos estupefactos; eis o cavaleiro, o próprio Le Brun e Fourgeot aos pés de Merval, e M. de Merval que lhes dizia: “Senhores,

todos me conhecem; gosto de fazer favores e tento não estragar os serviços que presto fazendo-os solicitar, mas, à fé de homem de honra, não há sequer quatro *louis* em casa...

Eu, eu parecia, no meio daquelas pessoas, um padecente que acaba de ouvir a sua sentença. Dizia ao cavaleiro: “Cavaleiro, vamo-nos embora, porque estes senhores não podem fazer nada...” E o cavaleiro, atraindo-me à parte: “Nem penses, é a véspera do seu aniversário. Já a preveni, aviso-te, e ela está à espera de uma galantaria da tua parte. Tu conhece-la, sabes que não é interesseira, mas ela é como todas as outras que não gostam de esperar e ser enganadas. Ela já se terá gabado ao pai, à mãe, às tias, às amigas; e depois de tudo isso, não ter nada para mostrar, é mortificante...” E depois regressou para junto de Merval, pressionando-o ainda mais vivamente. Merval, depois de se ter deixado bem pressionar, diz: “Tenho a alma mais parva do mundo, não sou capaz de ver as pessoas a sofrer. Penso, e veio-me uma ideia.”

O CAVALEIRO – E que ideia?

MERVAL – Porque não haveríeis de levar mercadorias?

O CAVALEIRO – E onde é que as tem?

MERVAL – Não tenho; mas conheço uma mulher que as pode fornecer; uma excelente mulher, uma mulher honesta.

LE BRUN – Sim, mas que nos fornecerá farrapos que nos venderá a peso de ouro, e que não aproveitaremos para nada.

MERVAL – Nada disso, serão belíssimos estofos, jóias em ouro e em prata, sedas de toda a espécie, pérolas, algumas pedrarias; com esses activos, há muito pouco a perder. É uma boa criatura, que se contenta com pouco, desde que tenha garantias; são mercadorias entregues em

penhor que ficam para ela a um preço muito baixo. De resto, só tem é que vê-as, e por vê-las não paga nada.

Fiz ver a Merval e ao cavaleiro que a minha condição social não me permitia vender e mesmo que esse arranjo não me repugnasse, a minha posição não me deixaria tempo livre para tirar daí o menor partido. Os prestáveis Le Brun e Mathieu de Fourgeot disseram os dois ao mesmo tempo: “Lá por isso, deixe que nós vendemos por sua conta; é maçada para meio dia...” E a sessão foi adiada para a tarde, em casa de M. de Merval que, batendo-me docemente no ombro, me dizia de um tom untuoso e penetrado: “Senhor, encantado por lhe ser útil; mas acredite-me, poucas vezes contraia empréstimos deste género; acabam sempre por arruinar. Só por milagre é que neste país teríeis a sorte de tratar com pessoas tão honestas como os senhores Le Brun e Mathieu de Fourgeot...”

Le Brun e Fourgeot de Mathieu ou Mathieu de Fourgeot agradeceram-lhe com uma vénia e dizendo que era muita bondade sua, que eles tinham sempre tentado, até ao presente, fazer o seu pequeno comércio em consciência, e que nada tinham que merecesse elogios.

MERVAL – Enganam-se, senhores, porque quem é que tem consciência nos tempos de hoje? Perguntem-no ao cavaleiro de Saint-Ouin, que deve saber alguma coisa disso...

Eis-nos saídos da casa de Merval, que nos pergunta, do alto da escada, se pode contar connosco e mandar avisar a comerciante. Respondemos-lhe que sim e vamos os quatro jantar a uma hospedaria vizinha, enquanto esperávamos pela hora do próximo encontro.

Foi Mathieu de Fourgeot que encomendou o jantar, e que bem o encomendou. À sobremesa, duas raparigas aproximaram-se da nossa

mesa com as suas sanfonas; Le Brun mandou-as sentar. Fizeram-nas beber, fizeram-nas tagarelar, fizeram-nas brincar. Enquanto os meus três convivas se divertiam a amarfanhar a roupa de uma, a companheira, que se sentara ao meu lado, diz-me baixinho: “Senhor, está aqui em muito má companhia: nem existe nem um só deles que não tenha o nome no livro vermelho.”²⁹”

Deixámos a hospedaria à hora indicada, e dirigimo-nos a casa de Merval. Esqueci-me de te dizer que este jantar esgotou a bolsa do cavaleiro e da minha, e que pelo caminho Le Brun disse ao cavaleiro, que mo repetiu, que Mathieu de Fourgeot exigia seis *louis* pela sua comissão, que era o mínimo que se lhe podia dar; que se ele ficasse satisfeito connosco, conseguiríamos as mercadorias pelo melhor preço, e que facilmente recuperaríamos essa soma com a venda.

Eis-nos em casa de Merval, onde a sua agente comercial nos tinha precedido com as suas mercadorias. Mlle Bridoie, é o seu nome, cumulou-nos de delicadezas e de reverências, e expôs-nos estofos, tecidos, rendas, anéis, diamantes, caixas em ouro. Escolhemos de tudo. Foram Le Brun, Mathieu de Fourgeot e o cavaleiro que fixaram o preço das coisas, e era Merval quem fazia de secretário. O total ascendia a dezanove mil setecentos e setenta e cinco libras de que ia assinar uma nota de dívida quando Mlle Bridoie me diz, fazendo uma reverência, porque ela nunca se dirigia a ninguém sem a reverenciar: “Meu senhor, o vosso propósito é o de pagar as vossas dívidas nas datas de vencimento?”

- Com certeza – respondi-lhe eu.

29 Cadastro policial. Hoje dir-se-ia certificado do registo criminal. (N. do T.)

- Nesse caso, replicou ela, é-lhe indiferente entregar-me uma nota de dívida ou letras de câmbio.

A palavra “letra de câmbio” fez-me empalidecer. O cavaleiro apercebeu-se e disse a Mlle Bridioie: “Letras de Câmbio, *mademoiselle*! mas essas letras de câmbio circularão e nunca se sabe a que mãos é que poderão ir parar.”

“Está a brincar, senhor cavaleiro, conhecemos um pouco das atenções que são devidas às pessoas da sua classe...” e mais uma reverência... “Esses papéis guardam-se na carteira, só se saca deles quando é tempo. Tomem, reparem...” e depois de uma reverência, ela tira a carteira da algibeira; lê uma quantidade de nomes de todos os estados e de todas as condições. O cavaleiro tinha-se aproximado de mim e dizia-me: “Letras de câmbio! isso é diabolicamente sério! Vê lá o que é que fazes. Esta mulher parece-me honesta; e depois, antes do vencimento, tu disporás de fundos ou então disporei eu.

JACQUES – E assinásteis as letras de câmbio?

O SENHOR – É verdade.

JACQUES – É costume dos pais, quando os filhos partem para a capital, o de lhes fazerem um pequeno sermão. Nunca frequentes más companhias; torna-te agradável aos teus superiores pelo rigor com que cumpres os teus deveres; mantém a tua religião; fuge das raparigas de má vida, dos cavalheiros de indústria, e sobretudo nunca assines letras de câmbio.

O SENHOR – Que queres, fiz como os outros, a primeira coisa que esqueci foram as lições do meu pai. Eis-me carregado de mercadorias para vender, mas o que eu precisava era de dinheiro. Havia alguns pares de punhos de renda muito bonitas: o cavaleiro apoderou-se delas ao preço

de custo, dizendo-me: “Eis que já tens uma parte das tuas compras sobre a qual não perderás nada.” Mathieu de Fourgeot apoderou-se de um relógio e de duas caixas em ouro, que foi imediatamente tratar de me obter o valor; Le Brun levou o remanescente em depósito para a casa dele. Meti na algibeira uma soberba guarnição com punhos, era uma das flores do *bouquet* que eu ia oferecer. Mathieu de Fourgeot regressou num abrir e fechar de olhos com sessenta *louis*: desses sessenta *louis*, reteve dez para ele, e eu recebi os outros cinquenta. Disse-me que não tinha vendido nem o relógio nem as duas caixas, mas que as dera em penhor .

JACQUES – Em penhor?

O SENHOR – Sim.

JACQUES – Já sei onde.

O SENHOR – Onde?

JACQUES – Em casa da *mademoiselle* das reverências, a Bridoie.

O SENHOR – É verdade. Com o par de punhos e a sua guarnição, levei ainda um lindo anel com uma caixa de moscas³⁰ com banho de ouro. Tinha cinquenta *louis* na minha bolsa, e estávamos, o cavaleiro e eu, na maior das boas disposições.

JACQUES – Até aqui tudo muito bem. Há em tudo isso apenas uma coisa que me intriga, é o desinteresse do senhor Le Brun; será que não teve nenhuma parte nos despojos?

O SENHOR – Então, Jacques, vamos, está a brincar; não conhece o senhor Le Brun. Propus-me recompensá-lo pelos seus bons ofícios.

30 As “moscas” eram pequenos círculos negros, em tecido, que homens e mulheres colavam no rosto a imitar sinais. Quem viu o filme “Barry Lyndon” deve-se lembrar. (N. do T.)

Zangou-se, respondeu-me que aparentemente eu o tomava por um Mathieu de Fourgeot, a quem nunca apertara a mão. “Eis aqui o meu caro Le Brun, gritou o cavaleiro, é sempre igual a si próprio, mas ficaríamos envergonhados se fosse mais honesto do que nós...” E nesse mesmo instante, ele retirou de entre as mercadorias duas dezenas de lenços e uma peça de musselina que o obrigou a aceitar para a sua mulher e para a sua filha. Le Brun pôs-se a considerar os lenços, que lhe pareceram tão belos, a musselina que lhe pareceu tão fina, era-lhe oferecido com tão boa vontade, ele tinha agora uma tão boa ocasião de lucrar, e nós com ele, pela venda dos activos que ficavam nas suas mãos, que se deixou convencer. E eis-nos partidos, caminhando a toda a velocidade das nossas pernas para a morada daquela que eu amava, e a quem a guarnição, os punhos e o anel eram destinados. O presente teve um grande sucesso. Foi encantadora. Experimentou logo a guarnição e os punhos, o anel parecia ter sido feito para o seu dedo. Ceámos, e alegremente, como bem calculas.

JACQUES – E dormiu lá?

O SENHOR – Não.

JACQUES – Então foi o cavaleiro?

O SENHOR – Creio que sim.

JACQUES – Da maneira como o levavam, os vossos cinquenta *louis* não duraram muito.

O SENHOR – Não. Ao fim de oito dias, fomos a casa de Le Brun para ver o que é que o resto dos nossos activos tinha rendido.

JACQUES – Ou nada ou pouca coisa. Le Brun estava triste, enfureceu-se contra o Merval e a *demoiselle* das reverências, chamou-lhes vigaristas,

infames, gatunos, jurou nunca mais se meter com semelhantes pessoas, e entregou-lhe coisa de setecentos a oitocentos francos.

O SENHOR – Mais ou menos: oitocentas e dez libras.

JACQUES – Assim, se consigo mais ou menos calcular, oitocentas e dez libras de Le Brun, cinquenta *louis* de Merval ou de Fourgeot; a guarnição, os punhos e o anel, vamos, mais cinquenta *louis*, e eis tudo o que recuperou das vossas dezanove mil setecentas e setenta e cinco libras em mercadorias. Diabo! É honesto. Merval tinha razão, não é todos os dias que se encontram pessoas assim tão dignas.

O SENHOR – Esqueces os punhos comprados ao preço de custo pelo cavaleiro.

JACQUES – É porque o cavaleiro nunca mais lhe falou disso.

O SENHOR – É verdade. E das duas caixas em ouro mais o relógio dados em penhor por Mathieu, não dizes nada.

JACQUES – É que não sei que diga.

O SENHOR – Entretanto, venceram-se as letras de câmbio.

JACQUES – E não chegaram os vossos fundos, nem os do cavaleiro.

O SENHOR – Fui obrigado a esconder-me. Informaram os meus parentes. Um dos meus tios veio a Paris. Apresentou um memorial à Polícia contra aqueles velhacos. Este memorial foi reenviado a um dos comissários. Este comissário era um protector por conta de Merval. Responderam que estando o assunto nos tribunais, a polícia nada podia fazer. O credor a quem Mathieu tinha confiado as duas caixas, faz citar Mathieu. Intervenho no processo. As custas judiciais foram tão enormes,

que depois da venda do relógio e das caixas, ainda faltavam quinhentos ou seiscentos francos que não deram para pagar na totalidade.

O leitor não acreditará em nada disto. E se eu lhe disser que o proprietário de uma casa de limonadas, falecido há tempos na minha vizinhança, deixou dois órfãos de tenra idade? O comissário vai a casa do defunto, apõe-lhe os selos à porta. Quebram os selos, fazem um inventário, uma venda; a venda produz oitocentos a novecentos francos. Desses novecentos francos, descontadas as custas judiciais, restam dois tostões para cada órfão. Põem a cada um os dois tostões na mão e conduzem-nos ao orfanato.

O SENHOR – É horroroso.

JACQUES – E continua a fazer-se.

O SENHOR – O meu pai morreu durante este processo. Recuperei as letras de câmbio e saí do meu retiro, onde, para honra do cavaleiro e da minha amiga, reconheço que me fizeram fiel companhia.

JACQUES – E eis-vos tão enganado como dantes pelo cavaleiro e pela vossa bela, a vossa bela a fazer-se pagar mais cara que nunca.

O SENHOR – E isso porquê, Jacques?

JACQUES – Porquê? É que senhor da sua pessoa e possuidor de uma fortuna honesta, era preciso fazer de vós um parvo completo, um marido.

O SENHOR – Palavra, creio que era o seu projecto, mas não conseguiram.

JACQUES – Ou sois muito feliz, ou eles foram muito desajeitados.

O SENHOR – Mas parece-me que a tua voz está menos rouca e que falas com mais à-vontade.

JACQUES – É o que lhe parece, mas não é a realidade.

O SENHOR – Não poderias retomar a história dos teus amores?

JACQUES – Não.

O SENHOR – E a tua opinião é que eu continue a história dos meus?

JACQUES – A minha opinião é a de fazermos uma pausa e sacar da cabaça.

O SENHOR – Como!, com a tua dor de garganta, mandaste encher a cabaça?

JACQUES – Sim, mas por todos os diabos, foi com tisana; assim, estou sem ideias, estou idiota, e enquanto na cabaça só houver tisana, continuarei idiota.

O SENHOR – Que fazes?

JACQUES – Deito a tisana para o chão, receio que ainda nos dê azar.

O SENHOR – Estás maluco.

JACQUES – Sábio ou louco, nem uma lágrima ficará na cabaça.

Enquanto Jacques esvazia a cabaça, o seu senhor vê as horas no relógio, abre a tabaqueira, e dispõe-se a retomar a história dos seus amores. E eu, leitor, estou tentado a calar-lhe a boca, mostrando-lhe ao longe um velho militar a cavalo, as costas curvadas, e seguindo a trote; ou uma jovem camponesa com um pequeno chapéu de palha, com saias vermelhas, fazendo o seu trajecto a pé ou num burrico. E porque é que o velho

militar não seria o capitão de Jacques ou o camarada do seu capitão? - Mas está morto. - Acha que sim? Porque é que a jovem camponesa não seria ou a senhora Suzon, ou a senhora Marguerite, ou a estalajadeira do “Grand Cerf”, ou a mãe Jeanne ou mesmo Denise, a sua filha? Um fabricante de romances não perderia uma oportunidade destas, mas eu cá não gosto de romances, a não ser dos de Richardson. Eu faço a história; essa história interessará ou não interessará: é a menor das minhas preocupações. O meu desejo é o de ser verdadeiro, foi o que fiz. Deste modo, não farei o irmão João regressar de Lisboa. Esse gordo prior que vem agora num *cabriolet*, ao lado de uma jovem e bonita mulher, não será o abade Hudson. - Não me diga que o abade Hudson morreu! - Acha que sim? Assistiu às suas exéquias? - Não – Viu o enterro? - Não. - Então ou está morto ou está vivo, será como me der na real gana. Só depende de mim parar este *cabriolet* e de fazer sair dele, com o prior e a sua companheira de viagem, toda uma série de acontecimentos na sequência dos quais não conheceríeis nem os amores de Jacques, nem os do seu senhor; mas eu desprezo esses subterfúgios, quero apenas um pouco de imaginação e de estilo, nada de mais cómodo para tecer um romance. Fiquemo-nos pela verdade, e, enquanto esperamos que passem as dores de garganta de Jacques, deixemos falar o seu amo.

O SENHOR – Era uma manhã, quando me aparece o cavaleiro muito triste; tínhamos passado a véspera no campo, o cavaleiro, a sua ou minha amiga, ou talvez dos dois, o pai, a mãe, as tias, as primas e eu. Ele perguntou se eu não teria cometido alguma indiscrição que tivesse esclarecido os pais acerca da minha paixão. Informou-me que o pai e a mãe, alarmados com as minhas assiduidades, tinham feito perguntas à filha; que, se as minhas intenções fossem honestas, nada era mais simples que confessá-las, que teriam toda a honra de me receber nessas condições; mas que se eu não me explicasse claramente dentro de quinze

dias, pediam-me que acabasse com as minhas visitas que já davam nas vistas, sobre as quais já se falava, e que prejudicavam a sua filha ao afastarem dela partidos vantajosos que se poderiam apresentar, só pelo receio de uma recusa.

JACQUES - Ora bem, meu senhor, Jacques teve faro para a coisa?

O SENHOR – O cavaleiro acrescentou: “Numa quinzena! O prazo é muito curto. Ama e é amado; que poderá fazer em quinze dias?” Respondi ao cavaleiro que me afastaria.

“Se retiraria? Então não a ama?

- Amo e muito, mas tenho parentes, um nome, uma condição, pretensões, e nunca me resolveria a enterrar todos esses privilégios na arrecadação de uma pequena burguesa.

- E é isso o que lhe irei declarar?

- Se quiser. Mas, cavaleiro, a súbita e escrupulosa delicadeza daquelas pessoas espanta-me. Permitiram à filha que aceitasse os meus presentes; deixaram-me por vinte vezes frente a frente com ela; ela vai a todos os bailes, festas, espectáculos, passeios ao campo e à cidade, com o primeiro que lhe proporcione uma boa equipagem com tudo o que é necessário para viajar; dormem profundamente quando há música ou conversação em casa dela; tu frequentas a casa sempre que queres, e entre nós, cavaleiro, quando tu és admitido numa casa também podem admitir outro. A filha tem má nota. Não acreditarei nem negarei tudo o que se diz, mas hás-de concordar que aqueles pais podiam-se ter lembrado mais cedo de ser ciosos da honra da filha. Queres que eu diga a verdade? Tomaram-me por uma espécie de pateta que juraram levar pelo nariz até ao cura da paróquia. Enganaram-se, acho Mlle Agathe encantadora; fiquei de cabeça perdida, e creio que a prova está nas despesas medonhas

que fiz por causa dela. Não me recuso a continuar, mas ainda é preciso que seja com a certeza de a encontrar menos severa daqui em diante. O meu desejo não é o de perder um tempo sem fim aos seus pés, perder uma fortuna e suspiros que poderia empregar mais utilmente noutro lado. Dirás estas últimas palavras a Mlle Agathe, e as anteriores aos pais. É preciso que a nossa ligação acabe ou que eu seja admitido noutros termos, e que Mlle Agathe faça de mim algo de melhor do que o que tem feito até agora. Quando me apresentou em sua casa, cavaleiro, concorde que me fez esperar facilidades que não encontrei. Cavaleiro, quase que me levou lá à força.

O CAVALEIRO – Palavra, fui eu o primeiro a forçar-me a mim próprio. Quem diabo teria jamais imaginado que com aquele ar de esperteza, o tom livre e alegre, esta jovem seria um dragão de virtude?

JACQUES – Como, diabo! Meu senhor, essa é muito forte. Então foi valente pelo menos uma vez na vida?

O SENHOR – Há dias assim. Ainda tinha na lembrança a aventura com os usurários, o retiro em São João de Latrão, lembrança mais forte que a menina Bridoie, e, acima de tudo, os rigores de Mlle Agathe. Estava um pouco farto de ir em conversas.

JACQUES – E depois deste corajoso discurso, dirigido ao vosso caro amigo, o cavaleiro de Saint-Ouin, que fez?

O SENHOR – Mantive a minha palavra, terminei com as minhas visitas.

JACQUES – *Bravo! Bravo! mio caro maestro!*

O SENHOR – Passaram-se quinze dias sem que ouvisse falar de nada se não fosse pelo cavaleiro, que me informava fielmente dos efeitos da minha ausência na família e que me encorajava a manter-me firme.

Dizia-me ele: “Já andam admirados, olham uns para os outros, interrogam-se sobre que motivos tenham dado para o teu descontentamento. A rapariga finge dignidade; diz com uma indiferença afectada através da qual se vê perfeitamente que se sente vexada: “Já não se vê aquele senhor; é porque aparentemente não quer que o vejam; parabéns, o problema é dele...” E depois faz uma pirueta, põe-se a cantarolar, vai até à janela, volta, mas com os olhos vermelhos, toda a gente se apercebe de que chorou.

- Que ela chorou!

- Em seguida senta-se, pega no seu bordado, quer trabalhar mas não trabalha. Falam, ela cala-se; tentam distraí-la, fica mal humorada; propõem-lhe um jogo, um passeio, um espectáculo, aceita e, quando tudo já está pronto, apetece-lhe outra coisa que depois deixa de lhe apetecer... Oh!, não queria preocupar-te! Não digo mais nada...

- Mas, cavaleiro, crês então que se eu voltasse a aparecer por lá...

- Creio que serias um palerma. É preciso persistir, é preciso ter coragem. Se tu voltares sem que te convidem, estás perdido. É preciso aprender a viver com a plebe.

- Mas, e se não me convidarem?

- Hão-de convidar.

- E se demoram muito para convidar-me?

- Vão-te convidar em breve. Irra! Um homem como tu não é fácil de encontrar. Se tu voltares por ti próprio, vão-se mostrar indiferentes, vão-te fazer pagar muito caro a tua afronta, imporão a lei que muito bem entenderem; terás de te submeter; terás de vergar o joelho. Queres ser o senhor ou queres ser o escravo, e ainda por cima o escravo mais mal

tratado? Escolhe. A falar verdade, o teu comportamento foi um pouco leviano, não é o de um homem apaixonado, mas o que está feito está feito, e o que há a fazer é tirar dele o melhor partido possível, não é preciso mudar agora de ideias.

- Ela chorou!

- Pois bem, chorou mesmo. É preferível que seja ela a chorar do que tu.

- Mas, e se não me voltam a convidar?

- Convidam, digo-te eu. Quando entro, nunca falo de ti, é como se não existisses. Tentam tirar nabos da púcara, deixo que os tirem; por fim, perguntam-me se te vi, respondo indiferentemente tanto sim como não; depois fala-se de outra coisa, mas não tardam em voltar ao teu eclipse. A primeira palavra vem ou do pai, ou da mãe, ou da tia, ou de Agathe, e dizem: “Depois de todas as atenções que tivemos para com ele! o interesse que todos tomámos pelo seu último negócio!... as provas de amizade que a minha sobrinha lhe deu! as gentilezas que lhe prodigalizei!... tantos protestos de afeição que recebemos!... e vá-se lá fiar dos homens!... Depois desta, abram a vossa casa a quem queira entrar!... Acreditem nas amizades!...”

- E Agathe?

- Vê-se a consternação nos seus olhos, sou eu quem to garante.

- E Agathe?

- Agathe leva-me para um sítio à parte, e diz-me: “Cavaleiro, percebe alguma coisa do seu amigo? Assegurou-me tantas vezes que era amada; com certeza que o acreditava, e porque é que não haveria de acreditá-lo? Eu também o acreditava, eu...” E depois cala-se, a sua voz altera-se, os olhos humedecem... Ora bem, então não és tu agora que fazes o mesmo?

Não te digo mais nada, está decidido. Vejo o que desejas, mas isso é absolutamente impossível. Porque fizeste tu o disparate de te retirares sem rima nem razão, não quero que o dupliques atirando-te de cabeça.. . É preciso tirar partido deste incidente para fazer avançar o teu caso com Mlle Agathe; é preciso que ela se apercebe que o poder que tem sobre ti não é assim tão grande e que ela corre o risco de te perder, a menos que ela se esforce mais para te conservar. Depois de tudo o que fizeste, ir-lhe ainda por cima beijar a mão! Mas aí, palavra de cavaleiro, a mão na consciência, somos amigos; e tu podes, sem indiscrição, explicar-te comigo; é a sério, é verdade que nunca obtiveste nada dela?

- Nada.

- Mentas, estás a ser educado.

- Talvez o fizesse, se tivesse razões para isso, mas juro-te que neste caso não tenho a sorte de mentir.

- Isso é inconcebível, porque, enfim, tu não és desajeitado. Quê, nem sequer conseguiste o menor momentinho de fraqueza?

- Não.

- Se calhar até conseguiste, e não te apercebeste ou estavas distraído. Receio que tenhas sido um pouco pateta; as pessoas honestas, delicadas e meigas como tu estão sujeitas a isso.

- Mas vós, cavaleiro, digo-lhe eu, que fazeis lá em casa?

- Nada.

- Não tendes pretensões?

- Perdoa-me, se fazes favor, até as tive por muito tempo. Mas tu chegaste, viste e venceste. Dei-me conta de que olhavam muito para ti e que já não

olhavam para mim, foi como se mo tivessem dito por palavras. Continuámos bons amigos; confiam-me os seus pequenos pensamentos, seguem algumas vezes os meus conselhos, e, à falta de melhor, aceitei o papel de subalterno a que me reduziste.”

JACQUES – Meu senhor, duas coisas; uma, é que nunca consegui continuar a minha história sem que um diabo ou outro me interrompesse, e que a vossa vai toda seguida. Assim é o caminho da vida, um corre através dos espinhos sem se picar, outro, por mais que olhe por onde mete o pé, sempre encontra espinhos no melhor dos caminhos, e chega a casa todo esfolado.

O SENHOR – Já esqueceste o teu refrão, e o grande rolo, e a escritura lá em cima?

JACQUES – Outra coisa, é que persisto na ideia que o vosso cavaleiro de Saint-Ouin é um grande velhaco, e que depois de ter repartido o vosso dinheiro com os usurários Le Brun, Merval, Mathieu de Fourgeot ou Fourgeot de Mathieu, e a Bridioie, procura atirar-lhe para cima com a sua amante, a bem e honradamente, claro, diante de notário e cura, a fim de partilhar convosco a vossa mulher... Ai, a garganta!...

O SENHOR – Sabes o que estás a fazer? Uma coisa muito vulgar e muito impertinente.

JACQUES – Sou bem capaz.

O SENHOR – Queixas-te que te interrompem, e agora és tu a interromper.

JACQUES – É o efeito dos maus exemplos que me deu. Uma mãe quer ser galante e quer que a filha seja ajuizada; um pai quer ser gastador, e quer que o seu filho seja económico; um amo quer...

O SENHOR – Interromper o seu criado, interrompê-lo sempre que quiser, e não ser interrompido.

Leitor, não receia ver aqui outra vez a cena da estalagem em que um gritava: “Desce.”, e o outro: “Não desço.”? O que é que lhe importa que eu agora faça ouvir: “Interromperei, não interromperás”? É certo que por pouco que eu atice Jacques ou o seu amo, temos a querela começada, e se eu a começo uma vez, quem saberá como é que acaba? Mas a verdade é que Jacques respondeu modestamente ao seu senhor: “Senhor, não é uma questão de o interromper, mas sim de conversar convosco, como já me deu permissão.”

O SENHOR – Desta vez passa, mas não é tudo.

JACQUES – Que mais outra incongruência posso eu ter cometido?

O SENHOR – Antecipas-te ao narrador, e tiras-lhe o prazer que ele esperava da tua surpresa, de maneira que tendo, por uma ostentação de sagacidade bem descabida, adivinhado o que eu ia dizer, não me resta mais do que calar-me e assim me calo.

JACQUES – Ah!, meu senhor!

O SENHOR – Malditas sejam as pessoas espirituosas!

JACQUES – De acordo; mas não terá a crueldade...

O SENHOR – Concorda pelo menos que a merecias.

JACQUES – De acordo, mas com tudo isso ainda vai ver no seu relógio a hora que é, tomar a sua pitada de rapé, o mau humor acabará, e continuará a sua história.

O SENHOR – Este malandro faz de mim o que quer...”

Alguns dias depois desta conversa com o cavaleiro, reapareceu em minha casa com o ar triunfante. “Ora bem, amigo, diz-me ele, ainda vai acreditar outra vez nas minhas profecias? Eu bem lhe tinha dito, somos os mais fortes, e aqui está uma carta da pequena; sim, uma carta, uma carta dela...”

Era uma carta muito branda; censuras, queixas, *et caetera*; e eis-me reinstalado na casa.

Leitor, suspendeu aqui a leitura; o que é que se passa? Ah, creio que compreendo, queríeis ver a carta. Mme Riccoboni não teria deixado de a mostrar. E aquela que Mme de La Pommeraye ditou às duas devotas, tenho a certeza que sente a falta dela. Ainda que ela fosse tão difícil de fazer como a de Agathe, e que eu não me vanglorie infinitamente do meu talento, creio que conseguiria desempenhar-me razoavelmente da tarefa, mas não teria sido nada de original; teria sido como essas sublimes arengas de Tito Lívio na sua “História de Roma” ou do Cardeal Bentivoglio nas suas “Guerras da Flandres”. Lêem-se com prazer, mas destroem a ilusão; um historiador que atribua às suas personagens discursos que nunca proferiram, pode também atribuir-lhes acções que não praticaram. Suplico-lhe que dispense estas duas cartas e que continue a leitura.

O SENHOR – Perguntaram-me qual a razão do meu eclipse, eu disse-lhes o que quis, contentaram-se com o que lhes disse, e tudo retomou o seu modo costumeiro.

JACQUES – Quer dizer que continuou as suas despesas, e que nem assim os seus negócios sentimentais ficaram mais avançados.

O SENHOR – O cavaleiro pediu-me notícias e parecia que estava a perder a paciência.

JACQUES – E talvez se impacientasse mesmo a sério.

O SENHOR – E isso porquê?

JACQUES – Porquê? Porque ele...

O SENHOR – Termina tu.

JACQUES – Nem por sombras; é preciso deixar ao narrador...

O SENHOR – Muito me alegra que aproveites as minhas lições... Um dia o cavaleiro propôs-me um passeio juntos. Fomos passar o dia ao campo. Saímos cedo. Jantámos na estalagem, lá ceámos; o vinho era excelente, bebemos bastante, falando do governo, da religião e de mulheres. Nunca o cavaleiro me tinha dado tantas provas de confiança, de amizade; contara-me todas as aventuras da sua vida com a mais inacreditável das franquezas, não me escondendo nem o bem nem o mal. Bebia, abraçava-me, chorava de ternura; eu bebia, abraçava-o, e chorava por minha vez. Não havia na sua conduta passada senão uma única acção de que se arrependia, e levaria os remorsos até ao túmulo.

“Cavaleiro, confesse-se ao seu amigo, isso o aliviará. Ora bem, de que é que se trata? de qualquer pecadilho de que a sua delicadeza exagera a gravidade?”

- Não, não, gritava o cavaleiro, descansando a cabeça nas mãos e cobrindo o rosto de vergonha, é uma perfídia, uma perfídia imperdoável. Será capaz de acreditar?, que eu, o cavaleiro de Saint-Ouin, uma vez enganou, sim, enganou o seu amigo!

- E como é que isso foi?

- Ai! nós frequentávamos os dois a mesma casa, como vós e eu. Havia uma jovem rapariga, como Mlle Agathe, ele estava apaixonado e era ela quem me amava; ele arruinava-se em despesas por causa dela, e era eu quem gozava dos seus favores. Nunca tive coragem para lhe confessar, mas se voltarmos a estar juntos, contar-lhe-ei tudo. Este terrível segredo que trago no fundo do meu coração, oprime-o, é um fardo de que é absolutamente preciso que me livre.

- Cavaleiro, é o melhor que tem a fazer.

- É o seu conselho?

- Certamente, é o que lhe aconselho.

- E como é que acha que o meu amigo tomará a coisa?

- Se é mesmo seu amigo, se é justo, descobrirá a desculpa nela própria, ficará emocionado com a sua sinceridade e o seu arrependimento, deitar-lhe-á os braços ao pescoço, fará o que eu faria no seu lugar.

- Acha?

- Acho.

- E era assim que vós faríeis?

- Sem a menor dúvida...”

Nesse instante, o cavaleiro levanta-se, avança para mim, as lágrimas nos olhos, os dois braços abertos e diz-me: “Meu amigo, então abrace-me”.

- O quê!, cavaleiro, digo-lhe eu, éreis vós?, era eu?, era essa marota da Agathe?

- Sim, meu amigo, ainda lhe devolvo a sua palavra, sois dono de agir para comigo como bem entenderdes. Se, como eu, pensais que a minha ofensa

não tem desculpa, levantai-vos, deixai-me, e não volteis a ver-me sem desprezo, a abandonai-me à minha dor e à minha vergonha. Ah!, meu amigo, se soubésseis todo o império que a pequena celerada tomou sobre o meu coração! Nasci honesto, julgue o quanto tive de sofrer do papel indigno a que me prestei, quantas vezes desviei o olhar dela, para o pousar sobre vós, gemendo da sua traição e da minha! É inaudito que nunca vos tenhais apercebido...”

Entretanto, eu ficara imóvel como um busto em pedra, mal escutava o discurso do cavaleiro. Gritei: “Ah!, indigno! Ah!, cavaleiro!, vós, vós, meu amigo?”

- Sim, era e ainda o sou, porque disponho, para que possa cortar laços com essa criatura, de um segredo que é mais seu que meu. O que me desespera é que nunca tenhais obtido nada que vos compense de tudo o que fizestes por ela.” (*Aqui Jacques pôs-se a rir e a assobiar.*)

Mas é “A Verdade no Vinho”, de Collé... Leitor, não sabe o que diz; à força de se querer mostrar espirituoso, não é senão uma besta. É tão pouca a verdade que sai do vinho, que, exactamente ao contrário, é a falsidade que sai do vinho. Chamei-lhe um nome feio, estou arrependido e peço que me perdoe.

O SENHOR – A minha cólera acalmou-se pouco a pouco. Abracei o cavaleiro, ele voltou a sentar-se, os cotovelos apoiados na mesa, os punhos fechados sobre os olhos. Não ousava olhar para mim.

JACQUES – Ele estava tão contristado e vós tivésteis a bondade de o consolar. (*E Jacques continua a assobiar.*)

O SENHOR – O partido que me pareceu melhor, foi o de levar a coisa para a brincadeira. A cada frase alegre, o cavaleiro, confundido, dizia-me: “Não há outro homem como vós, sois único, valeis cem vezes mais do que eu. Duvido que eu tivesse a generosidade ou a força de vos perdoar semelhante injúria, e vós brincais. Não há exemplo de uma coisa assim. Meu amigo, que poderei fazer que possa reparar?... Ah!, não, não, isso nunca se pode reparar. Nunca, mas nunca poderei esquecer nem o meu crime nem a vossa indulgência, são dois golpes profundamente gravados... Lembrar-me-ei de um para me detestar, e do outro para vos admirar, para redobrar de afeição por vós.

- Vamos, cavaleiro, não pense mais nisso, exagera a sua acção e a minha. Bebamos. À sua saúde. Cavaleiro, então à minha, já que não pode beber à sua....” O cavaleiro pouco a pouco retomou coragem. Contou-me todos os detalhes da sua traição, insultando-se a si mesmo com os epítetos mais duros. Fez em pedacinhos ora a filha, ora a mãe, ora o pai, ora as tias, ora toda a família que me mostrou como uma cambada de canalhas indigna de mim, mas bem dignas dele próprio. Foram as suas próprias palavras.

JACQUES – E eis a razão pela que aconselho às mulheres que nunca se deem com pessoas que se embriaguem. Quase que não desprezo tanto o vosso cavaleiro pela sua indiscrição em matéria de amor como pela sua perfídia em matéria de amizade. Que diabo! Bastava... ser um homem honesto e dizer-vos primeiro... Mas repare, meu senhor, persisto na minha; é um velhaco, um refinadíssimo velhaco. Já não sei como é que isso vai acabar, mas receio que ao desenganar-vos vos engane uma vez mais. Tire-me, tire-me bem depressa dessa estalagem e da companhia desse homem...

Aqui Jacques voltou à sua cabaça, esquecendo que já não tinha nem tisana nem vinho. O seu amo pôs-se a rir. Jacques tossiu um quarto de

hora de seguida. O amo puxou do relógio e da tabaqueira e continuou a sua história que eu interromperei, se for da sua conveniência, nem que seja só para enraivecer Jacques provando-lhe que não estava escrito lá em cima, como ele pensava, que ele seria sempre interrompido e o seu amo nunca.

O SENHOR, *ao cavaleiro* – Depois do que me contou, espero que não os voltará a ver.

- Eu, voltar a vê-los! O que me desespera é ir-me sem me vingar. Terão traído, manejado, ultrajado, despojado um homem sério, terão abusado da paixão e da fraqueza de outro homem sério, porque ousou ainda encarar-me como tal, para o levar por uma senda de horrores; puseram dois amigos em perigo de se odiar e talvez de se estrangularem reciprocamente, porque enfim, meu caro, concorde que se tivesse descoberto os meus indignos manejos, como é um homem valente, teria talvez concebido um tal ressentimento...

- Não, as coisas nunca teriam ido a um tal ponto. E por quê? E por quem? Por uma falta que ninguém está livre de cometer? Ela é minha mulher? E mesmo que fosse? É minha filha? Não, é uma putazinha; e acha que por causa de uma putazinha... Vamos, meu amigo, deixemos isso e bebamos. Agathe é jovem, viva, branca, gorda, rechonchuda; são as carnes mais firmes, não são? e a pele mais macia? O gozo dessas maravilhas deve ser delicioso, e imagino que foi bastante feliz nos seus braços para não pensar mais nos seus amigos.

- É certo que se os encantos da pessoa e o prazer pudessem atenuar a falta, ninguém debaixo do céu seria menos culpado do que eu.

- Ah, então, cavaleiro, assim volto atrás; retiro a minha indulgência, e quero pôr uma condição para esquecer a sua traição.

- Fale, meu amigo, ordene, diga; será preciso atirar-me da janela abaixo, enforcar-me, afogar-me, espetar um punhal no peito?...

E nesse mesmo instante o cavaleiro pegou numa faca que estava na mesa, abre o colarinho, abre a camisa, e, de olhos esgazeados, coloca com a mão direita a ponta da faca na covinha da clavícula esquerda, e faz menção de só esperar as minhas ordens para tratar de si à moda dos clássicos.

- Não se trata disso, cavaleiro, tire daí esse facalhão.

- Não tiro, é o que mereço; dê sinal.

- Deixe lá esse facalhão, digo-lhe eu, não lhe peço uma expiação a tão alto preço... - entretanto, a ponta da faca continuava sempre suspensa sobre a covinha da clavícula esquerda; agarrei-lhe a mão, arranquei-lhe a faca que atirei para longe de mim, depois, aproximando a garrafa do seu copo, e enchendo-o até à borda, disse-lhe: “Bebamos primeiro; e depois logo saberá de que terríveis condições depende o meu perdão. Agathe é então bem succulenta, bem voluptuosa?

- Ah, meu amigo, e como o sabe ainda melhor que eu!

- Mas, espera, é preciso que nos tragam uma garrafa de champanhe, e depois logo me contas a história de uma das tuas noites. Querido traidor, a tua absolvição está no fim dessa história. Vamos, começa, ou não me ouves?

- Ouço.

- A minha sentença parece-te muito severa?

- Não.

- Sonhas?

- Sonho!

- Que é que eu te pedi?

- A história de uma das minhas noites com Agathe.

- É isso...

Entretanto, o cavaleiro media-me da cabeça aos pés, e parecia falar sozinho: “É da mesma altura, mais ou menos a mesma idade, e mesmo que houvesse alguma diferença, nada de luz, a imaginação já estará preparada para que sou eu, ela não suspeitará de nada...

- Mas, cavaleiro, em que pensas tu então? O teu copo continua cheio e tu sem começar.

- Penso, meu amigo, já pensei, está tudo dito; abrace-me, ficaremos vingados, sim, vingados. É uma velhacaria da minha parte, e se é indigna de mim, não é indigna dessa desavergonhada. Pede-me a história de uma das minhas noites?

- Sim, será exigir muito?

- Não, mas se, em vez da história, eu lhe conseguisse arranjar a noite?

- Isso ainda seria melhor.” (*Jacques pôs-se a assobiar.*)

De imediato o cavaleiro tira duas chaves da sua algibeira, uma pequena e outra grande. “A pequena, diz-me ele, é a chave-mestra da porta da rua, a grande é a da antecâmara de Agathe; ei-las, as duas estão ao seu serviço. Eis como fazemos todos os dias, desde há cerca de seis meses, e é como também deve fazer. As suas janelas dão para a rua, como sabe. Passeio pela rua até as ver iluminadas. Um vaso de manjerico na parte de fora é o sinal combinado; então, aproximo-me da porta da entrada, abro-a, entro, volto a fechá-la, subo o mais silenciosamente que posso. Viro para o

pequeno corredor à direita; a primeira porta à esquerda do corredor é a dela, como sabe. Abro esta porta com a chave grande, passo pelo quarto de vestir, que está à direita, onde está uma lamparina de noite, à luz da qual me dispo à minha vontade. Agathe deixa a porta do quarto entreaberta, entro, e vou encontrá-la na cama. Percebeu?

- Muito bem.

- Como há gente à nossa volta, o melhor é calarmo-nos.

- E depois creio que será muito melhor fazer do que falar.

- Em caso de acidente posso saltar da cama e fechar-me no quarto de vestir; no entanto, foi coisa que nunca aconteceu. Normalmente separamo-nos pelas quatro horas da manhã. Quando o prazer ou o descanso nos levam mais longe, saímos juntos da cama; ela desce, eu fico no quarto de vestir, visto-me, leio, descanso, espero que sejam horas de aparecer. Desço, cumprimento, e beijo-a como se tivesse acabado de chegar.

- E esta noite, ela está à vossa espera?

- Está à minha espera todas as noites.

- E sériéis capaz de me ceder o lugar?

- De todo o coração. Que prefira a noite à narração, não me dá pena nenhuma; mas o que eu gostava era que...

- Acabe, há pouca coisa que eu não seja capaz de fazer para o obsequiar.

- É que ficasse nos seus braços até ser dia. Eu chegava e surpreendia-os.

- Oh não, cavaleiro, isso já era ser muito mau.

- Muito mau? Não sou tanto como pensa. Primeiro, dispo-me no quarto de vestir.

- Vamos, cavaleiro, tem o diabo no corpo. E depois, isso não é possível; se me der as chaves, fica sem elas.

- Ah, meu amigo, como és palerma!

- Mas não demasiado, ao que parece.

- E porque é que não entraríamos os dois juntos? Iria procurar a Agathe, e eu ficaria no quarto de vestir até que me fizesse um sinal a combinar.

- Palavra, isso é tão agradável, tão louco, que estou quase a consentir. Mas, cavaleiro, tudo bem considerado, gostaria mais de reservar essa facécia para outra das noites seguintes.

- Ah, percebo, o seu projecto é o de nos vingar mais que uma vez.

- Se estiver de acordo?

- Completamente.”

JACQUES – O vosso cavaleiro baralha todas as minhas ideias. Pensava eu...

O SENHOR – Pensavas?

JACQUES – Não, meu senhor, pode continuar.

O SENHOR – Bebemos, dissemos cem loucuras, ora sobre a noite que se aproximava, ora sobre as noites seguintes, ora sobre aquela em que Agathe se encontraria entre o cavaleiro e eu. O cavaleiro voltara a ser de uma alegria encantadora, e o texto da nossa conversação não era sobre tristezas. Ele aconselhava-me sobre preceitos de conduta nocturna que não eram todos igualmente fáceis de seguir, mas depois de uma longa

sucessão de noites bem empregues, eu poderia defender a honra do cavaleiro logo na primeira, por mais extraordinário que isso fosse; e foram detalhes que nunca mais acabavam acerca dos talentos, perfeições, comodidades de Agathe. O cavaleiro misturava, com uma arte incrível, a embriaguez da paixão à do vinho. O momento da aventura ou da vingança parecia-nos que demorava a chegar; entretanto, levantámo-nos da mesa. O cavaleiro pagou, foi a primeira vez que isso lhe acontecia. Subimos para a nossa viatura, estávamos bêbados; o cocheiro e os criados ainda estavam pior que nós...

Leitor, quem é que me impediria agora de atirar aqui o cocheiro, os cavalos, a viatura, os amos e os criados, para uma cova? Se a cova os assusta, quem é que me impediria de os trazer sãos e salvos até à cidade, onde faria chocar a sua viatura contra outra na qual poria outros jovens igualmente bêbados? Haveria palavras ofensivas, ditos, uma querela, espadas desembainhadas, uma zaragata em todas as regras. Quem é que me impediria, se não aprecia as zaragatas, de substituir os jovens por Mlle Agathe e uma das suas tias? Mas nada disso se passou. O cavaleiro e o amo de Jacques chegaram a Paris. Este envergou o traje do cavaleiro. É meia noite. Estão debaixo das janelas de Agathe, a luz apaga-se, o vaso de manjerico está no seu lugar. Dão ainda uma volta de uma ponta a outra da rua, o cavaleiro recordando a lição ao seu amigo. Aproximam-se da porta, o cavaleiro abre-a, introduz o amo de Jacques, guarda a chave-mestra da rua, dá-lhe a chave do corredor, fecha a porta da entrada, afasta-se; e depois deste pequeno pormenor descrito com laconismo, o amo de Jacques retomou a palavra e disse:

“O local era-me conhecido. Subo na ponta dos pés, abro a porta do corredor, fecho-a atrás de mim, entro no quarto de vestir onde se

encontrava a lamparina de noite, dispo-me; a porta do quarto estava entreaberta, entro, vou até à alcova onde Agathe não dormia. Abro as cortinas e nesse mesmo instante sinto dois braços nus que me abraçam e me atraem; deixo-me ir, deito-me, sou coberto de carícias, e também as dou. Eis-me o mortal mais feliz que existe no mundo; ainda o sou, quando...”

Quando o senhor de Jacques se apercebeu de que Jacques dormia ou parecia dormir: “Tu dormes, disse-lhe ele, dormes, marau, no momento mais interessante da minha história!...” e era este o momento que Jacques esperava do amo... “Acordarás tu?”

- Não creio.

- E porquê?

- Porque se acordar a minha dor de garganta poderia acordar também, e porque penso que mais vale que descansemos os dois...”

E eis que Jacques deixa cair a cabeça para a frente.

- Vais partir o pescoço.

- De certeza, se for isso o que está escrito lá em cima. Não estava bem entre os braços de Mlle Agathe?

- Sim.

- Não estavam lá bem os dois?

- Muito bem.

- Deixe-se ficar.

- Deixo-me ficar, isso é fácil de dizer.

- Pelo menos até que eu saiba a história do emplastro de Desglands,

O SENHOR – É a tua vingança, traidor.

JACQUES – E mesmo que assim fosse, meu senhor, depois de ter cortado a história dos meus amores com mil questões e outras tantas fantasias, sem o menor murmúrio da minha parte, não poderia eu suplicar-vos que interrompais a vossa para me contar a história do emplastro desse bom Desglands, a quem devo tantas obrigações, que me tirou de casa do cirurgião no momento em que, faltando-me o dinheiro, já não sabia o que iria ser de mim, e em casa de quem conheci Denise, Denise sem a qual não lhe teria dito uma só palavra em toda a viagem? Meu senhor, meu querido senhor, a história do emplastro de Desglands; sereis tão breve quanto quiserdes, e entretanto a sonolência que me invade e sobre a qual nada posso, dissipar-se-á e podereis contar com toda a minha atenção.

O SENHOR, *disse, encolhendo os ombros* – Havia na vizinhança de Desglands uma viúva encantadora que tinha várias características semelhantes às de uma célebre cortesã do século passado; sábia por razão, libertina por temperamento, desolando-se amanhã do disparate da véspera. Passou toda a vida com idas e vindas do prazer ao remorso e do remorso ao prazer, sem que o hábito dos prazeres tenha abafado os remorsos, e sem que o hábito dos remorsos tenha abafado o gosto do prazer. Conheci-a nos seus últimos momentos, e ela dizia que até que enfim que escapava aos seus dois maiores inimigos. O seu marido, indulgente para com o único defeito que tinha a censurar-lhe, lamentou-a enquanto viveu e sentiu a sua falta por muito tempo após a sua morte. Pretendia que teria sido tão ridículo da sua parte impedir a sua mulher de amar como impedi-la de beber. Perdoava-lhe a variedade das suas conquistas, atendendo à escolha criteriosa que ela fazia das mesmas. Ela nunca aceitava a homenagem de um estúpido ou de um malvado, os seus

favores eram sempre a recompensa ou do talento ou da probidade. Dizer de um homem que era ou que tinha sido seu amante, era uma garantia de se tratar de um homem de mérito. Como estava ciente da sua leviandade, nunca se comprometia a ser fiel. “Não fiz, dizia ela, senão um falso juramento em toda a minha vida, foi o primeiro.” Fosse por que se perdesse o sentimento que se tinha tido por ela, fosse por que ela perdesse aquele que lhe tinham inspirado, ficava-se amigo dela. Nunca houve exemplo mais flagrante da diferença entre a probidade e a moral. Não se podia dizer que ela tivesse moral, mas a voz comum era a de que era difícil encontrar criatura mais honesta. O seu cura via-a raramente aos pés dos altares, mas a todo o tempo encontrava a sua bolsa aberta para os pobres. Ela dizia com graça da religião e das leis, que eram um par de muletas que não se deviam tirar a quem tinha as pernas fracas. As mulheres, que temiam a sua convivência com os seus maridos, desejavam-na para os seus filhos.

JACQUES, *depois de ter dito entre dentes: “Hás-de-me pagar esse maldito retrato”*, acrescentou. - Esteve louco por essa mulher?

O SENHOR – Certamente que ficaria, se Desglands não tivesse sido mais rápido que eu. Desglands apaixonou-se por ela...

JACQUES – Meu senhor, será que a história do emplastro de Desglands e a dos seus amores estão de tal modo ligadas entre si que é impossível separá-las?

O SENHOR – Pode-se separá-las; o emplastro é um incidente, a história é a narração de tudo o que se passou enquanto se amavam.

JACQUES – E passaram-se muitas coisas?

O SENHOR – Muitas.

JACQUES – Nesse caso, se der a cada uma delas a mesma extensão que ao retrato da heroína, só sairemos daqui lá para o Pentecostes, e os vossos amores e os meus estão feitos.

O SENHOR – Também, Jacques, porque é que me desencaminhaste?... Não viste em casa de Desglands um rapazinho?

JACQUES – Mau, teimoso, insolente e enfermiço? Sim, vi.

O SENHOR – É um filho natural de Desglands e da bela viúva.

JACQUES – Aquela criança ainda lhe vai dar desgostos. É filho único, boa desculpa para não ser outra coisa senão um grande malandro.

O SENHOR – E como é enfermiço, não lhe ensinam nada; não o aborrecem, não o contradizem por nada, terceira boa razão para não passar de um malandro.

JACQUES – Uma noite o maluquinho pôs-se a soltar gritos inumanos. Eis toda a casa alarmada, acorrem a ver o que é. Ele quer que o seu papá se levante.

- O vosso papá ainda está a dormir.

- Não importa, quero que ele se levante, quero, quero, quero...

- Ele está doente.

- Não importa, quero que ele se levante, quero, quero, quero...

Acordam Desglands, ele cobre os ombros com o robe de quarto, chega.

“Ora bem, meu pequeno, já cá estou, que queres tu?

- Quero que os mandem vir.

- Quem?

- Todos os que estão no castelo...”

Mandam-nos vir: amos, criados, estrangeiros, comensais, Jeanne, Denise, eu com o meu joelho doente, todos excepto uma velha porteira inválida, à qual tinham concedido abrigo numa cabana a cerca de um quarto de hora do castelo. Quer que a vão buscar.

“Mas, meu filho, já é meia noite.

- Eu quero, eu quero.

- Sabe que ela mora muito longe.

- Eu quero, eu quero.

- Que ela já é velha e não seria capaz de andar.

- Eu quero, eu quero...”

É preciso que venha a pobre porteira: trazem-na, porque para vir ela por sua conta seria mais fácil que comesse o caminho. Quando já estamos todos reunidos, quer que o levistem e o vistam. Ei-lo levantado e vestido. Quer que passemos todos para o grande salão e que o coloquem ao meio, no grande sofá do seu papá. Já está feito. Quer que nos demos todos a mão. Já está feito. Quer que dancemos todos em roda, e pomonos todos a dançar em roda. Mas o resto é que é incrível...

O SENHOR – Espero que me pouparás o resto.

JACQUES – Não, não, senhor, tem de ouvir o resto. Acha que me pode fazer impunemente um retrato da mãe com quatro varas de comprido...

O SENHOR – Jacques, eu estrago-o.

JACQUES – Tanto pior para vós.

O SENHOR – Ainda tem na lembrança o longo e fastidioso retrato da viúva, mas creio que me devolveu esse aborrecimento, e com juro, com a longa e fastidiosa história da fantasia do filho.

JACQUES – Se é dessa opinião, retome a história do pai; mas chega de retratos, meu senhor; tenho pelos retratos um ódio de morte.

O SENHOR – E porque é que odeia os retratos?

JACQUES – É porque são tão pouco parecidos, que se por acaso encontrássemos os originais, não os reconheceríamos. Conte-me os factos, reproduza fielmente as conversas, e logo saberei quem é a pessoa com que lido. Uma palavra, um gesto, algumas vezes ensinaram-me mais que a tagarelice de toda uma cidade.

O SENHOR – Um dia, Desglands...

JACQUES – Quando está ausente, entro algumas vezes na vossa biblioteca, escolho um livro e é quase sempre um livro de história.

O SENHOR – Um dia, Desglands...

JACQUES – Leio com o polegar todos os retratos.

O SENHOR – Um dia, Desglands...

JACQUES – Perdão, meu senhor, a máquina estava montada, e era preciso que fosse até ao fim.

O SENHOR – E já lá chegou?

JACQUES – Já lá está.

O SENHOR – Um dia, Desglands convidou para jantar a bela viúva com alguns cavalheiros dos arredores. O reinado de Desglands declinava, e entre os convidados havia um para quem a inconstância da viúva se

começava a inclinar. Estavam à mesa, Desglands e o seu rival colocados ao lado um do outro e em frente da bela viúva. Desglands gastava tudo o que tinha de espírito para animar a conversação, dirigia à viúva as frases mais galantes, mas ela, distraída, não ouvia nada, e tinha os olhos fixos no seu rival. Desglands tinha um ovo fresco na mão; um movimento convulsivo, ocasionado pelo ciúme, aperta o punho, e eis que o ovo expulso da casca se espalha no rosto do seu vizinho. Este faz um gesto com a mão. Desglands agarra-lhe o pulso, imobiliza-o, e diz-lhe ao ouvido: “Senhor, tomo-a por recebida...” Faz-se um profundo silêncio, a bela viúva sente-se mal. A refeição foi triste e curta. Ao levantar-se da mesa, ela manda chamar Desglands e o seu rival a um quarto separado; fez tudo o que uma mulher pode decentemente fazer para os reconciliar, suplicou, chorou, desmaiou, mas tudo debalde; ela apertava as mãos de Desglands, ela virava os seus olhos inundados de lágrimas para o outro: Ela dizia a este último: “E vós amais-me!...” e àquele: “E vós que já me amastes!”, e aos dois: “E agora querem perder-me, e querem fazer de mim um motivo de troça, o objecto do ódio e do desprezo de toda a província! Qualquer que seja o que tire a vida ao seu inimigo, nunca mais o voltarei a ver, nem poderá ser nem meu amigo, nem meu amante, e votar-lhe-ei um ódio que só terminará com a minha morte.” Depois desfalecia, e enquanto ia desfalecendo, dizia: “Cruéis! Desembainhem as espadas e espetem-nas no meu seio; se, ao expirar, os vir abraçados, expirarei sem pena.” Desglands e o seu rival ficam imóveis ou socorrem-na, e algumas lágrimas se escaparam dos seus olhos. Entretanto, tinham de se separar. Levaram a viúva para casa dela, mais morta que viva.

JACQUES – Ora bem, meu senhor, que falta é que me fazia o retrato que me fez dessa mulher? Não saberia eu agora tudo o que me disse antes?

O SENHOR – No dia seguinte, Desglands foi visitar a sua encantadora infiel; estava lá o seu rival. Quem é que ficou bem espantado? Foram um e outro ao ver Desglands com a face direita coberta por um grande círculo de tafetá preto. “Que é isso?, diz-lhe a viúva.

DESGLANDS – Não é nada.

O SEU RIVAL – Algum abcesso?

DESGLANDS – Há-de passar...”

Depois de uns momentos de conversa, Desglands saiu e, ao sair, fez ao seu rival um aceno que foi muito bem percebido. Este desceu; caminharam, um por um lado da rua, o outro pelo lado oposto, encontraram-se atrás dos jardins da bela viúva, bateram-se, e o rival de Desglands ficou estendido no chão, gravemente mas não mortalmente ferido. Enquanto o levam para sua casa, Desglands regressa a casa da viúva, sentam-se, falam ainda do acidente da véspera. Ela pergunta-lhe o que significa aquela enorme e ridícula “mosca” que lhe cobre a face. Ele levanta-se e vê-se ao espelho: “Com efeito, diz-lhe ele, acho-a demasiado grande.” Pega nas tesouras da senhora, diminui-a numa ou duas linhas, volta a colocá-la e diz à viúva: “E agora, como é que me acha?

- Uma linha ou duas menos ridículo que antes.

- Sempre é alguma coisa.”

O rival de Desglands curou-se. Segundo duelo onde a vitória foi para Desglands, assim como nas cinco ou seis vezes que se lhe seguiram, e Desglands, a cada combate, recortando ao seu círculo de tafetá uma pequena orla e recolocando o resto na face.

JACQUES – E como é que acabou essa aventura? Quando me levaram para o castelo de Desglands parece-me que já não tinha o círculo negro.

O SENHOR – Não. O fim desta aventura foi o fim da vida da bela viúva. O grande desgosto que ela sentiu acabou de arruinar a sua saúde fraca e vacilante.

JACQUES – E Desglands?

O SENHOR – Um dia em que passeávamos juntos, recebe um bilhete, abre-o e diz: “Era um homem excelente, mas não seria capaz de me afligir com a sua morte...” E nesse mesmo instante, arrancou da face o resto do círculo negro, quase reduzido, pelos frequentes cortes em seu redor, ao tamanho de uma “mosca” vulgar.

Era esta a história de Desglands. Estará Jacques satisfeito e posso esperar que agora ouça a história dos meus amores ou que ele retome a história dos seus?

JACQUES – Nem uma coisa nem outra.

O SENHOR – E qual a razão?

JACQUES – É que faz calor, que estou cansado, que este sítio é encantador, que estaremos à sombra naquelas árvores, e que ao tomar o fresco à beira daquele ribeiro, descansaremos.

O SENHOR – De acordo; mas a tua constipação...

JACQUES – É do calor, e os médicos dizem-se que os contrários curam-se pelos contrários.

O SENHOR – O que é verdade tanto em moral como no físico. Reparei numa coisa muito singular, é que quase não há máximas de moral de que se não possa fazer um aforismo em medicina, e, reciprocamente, poucos aforismos em medicina de que se não possa fazer uma máxima de moral.

JACQUES – Deve ser.

Apeiam-se dos cavalos, estendem-se na erva, Jacques diz ao seu senhor: “Fica acordado? Dorme? Se ficar acordado, eu durmo; se dormir, fico acordado...” O amo disse-lhe: “Então dorme.

- Posso ter a certeza de que fica acordado? É que desta vez poderemos perder os dois cavalos.”

O amo sacou do relógio e da tabaqueira; Jacques preparou-se para dormir, mas a cada instante acordava em sobressalto e batia no ar as mãos uma contra a outra. O amo disse-lhe: “Estás irritado com quem?

JACQUES – Odeio as moscas e os mosquitos. Muito gostaria que me explicassem para que servem esses incómodos animais.

O SENHOR – E por que tu o ignoras, achas que não servem para nada? A natureza nada fez de inútil nem de supérfluo.

JACQUES – Acho, porque já que uma coisa existe, é bom que sirva para alguma coisa.

O SENHOR – Quando tens demasiado sangue ou mau sangue, que é que fazes? Chamas um cirurgião que te tira dois ou três vasos. Ora bem!, estes mosquitos de que te queixas, são uma nuvem de pequenos cirurgiões alados que vêm com as suas pequenas lancetas picar-te e tirar-te sangue gota a gota.

JACQUES – Sim, mas a torto e a direito, sem saber se tenho muito ou pouco. Mandem vir aqui um tísico, e vereis se os pequenos cirurgiões alados não o picam. Só pensam é neles, e tudo na natureza pensa em si e só pensa em si. Que isso faça mal aos outros que importa, desde que se tenham todas as comodidades?...”

Em seguida, voltou a bater no ar com as duas mãos, dizendo: “Ao diabo, os pequenos cirurgiões alados!

O SENHOR – Conheces a fábula de Garo?

JACQUES – Sim.

O SENHOR – Como é que a achas?

JACQUES – Má.

O SENHOR – Isso foi dito sem pensar.

JACQUES – E prova-se muito rapidamente. Se em vez de bolotas o carvalho desse abóboras, essa besta do Garo teria adormecido debaixo de um carvalho? E se não adormeceu debaixo de um carvalho, que lhe importa à salvação do nariz que caíam abóboras ou bolotas? Dê isso a ler aos seus filhos.

O SENHOR – Um filósofo que tem o teu nome não quer uma coisa dessas.

JACQUES – É porque cada cabeça sua sentença, e Jean-Jacques não é Jacques.

O SENHOR – Tanto pior para Jacques.

JACQUES – Quem é que o pode saber antes de ter chegado à última palavra da última linha da página que está a ser preenchida no grande rolo?

O SENHOR – Em que pensas?

JACQUES – Penso que, enquanto me fala e eu respondo, fala-me sem o querer, e eu respondo-lhe sem o querer.

O SENHOR – E depois?

JACQUES – Depois? E que nós éramos duas verdadeiras máquinas vivas e pensantes.

O SENHOR – Mas, no momento presente, o que é tu queres?

JACQUES – Palavra, é sempre a mesma coisa. Não há nas duas máquinas senão uma mola a mais a funcionar.

O SENHOR – E essa mola?

JACQUES – Que o diabo me leve se concebo que possa funcionar sem uma causa. O meu capitão dizia: “Ponham uma causa; segue-se um efeito; de uma causa fraca, vem um efeito fraco; de uma causa momentânea, o efeito de um momento; de uma causa intermitente um efeito intermitente; de uma causa contrariada um efeito lento; de uma causa cessante, um efeito nulo.”

O SENHOR – Mas parece que sinto dentro de mim mesmo que sou livre, tal como sinto que penso.

JACQUES – O meu capitão dizia: “Sim, é verdade que agora não quereis nada; mas quereríeis precipitar-vos do vosso cavalo?”

O SENHOR – Ora bem!, eu precipitava-me.

JACQUES – Alegrementemente, sem repugnância, sem esforço, como quando vos apetece descer à porta de uma estalagem?

O SENHOR – Não exactamente, mas isso que importa, desde que me precipite e prove que sou livre?

JACQUES – O meu capitão dizia: “O quê! Não vêem que sem a minha contradição nunca lhes viria a fantasia de partir o pescoço? Fui portanto eu que os agarrei pelo pé e que os atirei para fora da sela. Se a vossa queda prova qualquer coisa, não é portanto que sejam livres, mas que são malucos.” O meu capitão dizia ainda que o gozo de uma liberdade que se

poderia exercer sem motivo seria a verdadeira característica de um maníaco.

O SENHOR – Essa é demasiado forte para mim, mas a despeito de ti e do teu capitão, creio que quero quando quero.

JACQUES – Mas se sois e se sempre haveis sido senhor de querer, porque não haveis agora de amar um camafeu, e não deixar de amar Agathe todas as vezes que lhe apetecer? Meu senhor, passamos três quartos da vida a querer sem fazer.

O SENHOR – É verdade.

JACQUES – E a fazer sem querer.

O SENHOR – E tu me demonstrarás tudo isso?

JACQUES – Se assim o consentir.

O SENHOR – Consinto.

JACQUES – Fica para mais tarde, e falemos de outra coisa...”

Depois destas conversas da treta e de mais outras frases da mesma importância, calaram-se e Jacques, tirando o seu enorme chapéu, que também servia de guarda-chuva no mau tempo e de guarda-sol no tempo quente, e sempre servia de chapéu, o tenebroso santuário debaixo do qual um dos melhores cérebros que jamais existiram consultava o destino nas grandes ocasiões; as abas deste chapéu levantadas, colocavam-lhe a cabeça mais ou menos a meio do corpo; rebaixadas, mal via dez passos diante dele, o que lhe dera o hábito de levar o nariz ao vento, e era então que podiam dizer do seu chapéu:

Os illi sublime dedit, coelumque tueri

*Jussit, et erectos ad sidera tollere vultus*³¹.

Jacques, então, tirando o seu enorme chapéu e passeando o olhar ao longe, apercebeu-se de um lavrador que moía inutilmente com pancada um dos dois cavalos que tinha atrelado à charrua. Este cavalo, jovem e vigoroso, deitara-se sobre o rego, e por mais que o lavrador o sacudisse pelas rédeas, que lhe pedisse, que o acariciasse, que o ameaçasse, que o insultasse, que lhe batesse, o animal mantinha-se imóvel e recusava-se obstinadamente a levantar.

Jacques, depois de ter meditado algum tempo sobre esta cena, disse ao seu amo, o qual também estava atento à mesma: “Sabeis, senhor, o que se passa ali?”

O SENHOR – E o que é que tu queres que se passe ali para além do que eu vejo?

JACQUES – Não adivinha nada?

O SENHOR – Não. E tu o que é que adivinhas?

JACQUES – Adivinho que este parvo, orgulhoso, calaceiro cavalo, é um habitante da cidade que, vaidoso da sua primitiva condição de cavalo de sela, despreza a charrua, e, para dizer tudo numa só palavra, que é o vosso cavalo, o símbolo de Jacques aqui presente e de tantos outros cobardes malandros como ele, que deixaram os campos para andarem de libré pela capital, e que gostariam mais de mendigar o seu pão pelas ruas,

31 Deu-lhe um rosto virado para o céu, ordenou-lhe que olhasse o céu, e que elevasse o seu olhar para as estrelas – Ovídio, “Metamorfoses”. N. do T.

ou morrer de fome, que de voltar à agricultura, o mais útil e o mais honroso dos misteres.”

O amo pôs-se a rir, e Jacques, dirigindo-se ao lavrador que o não podia ouvir, dizia: “Pobre diabo, dá-lhe, dá-lhe com toda a gana que quiseses: ele tem os seus hábitos e poderás pôr mais uma ponta no teu chicote sem que consigas inspirar a esse marau um pouco de verdadeira dignidade e algum gosto pelo trabalho...” O amo continuava a rir. Jacques, meio impaciente, meio compadecido, levanta-se, avança, e ainda não fez duzentos passos que se volta para o seu senhor, e se põe a gritar: “Meu senhor, meu senhor, é o vosso cavalo, é o vosso cavalo.”

Era, com efeito. Mal o animal reconheceu Jacques e o seu senhor, levantou-se de moto próprio, sacudiu a crina, relinchou, empinou-se, e aproximou ternamente o focinho do focinho do seu camarada. Entretanto, Jacques, indignado, dizia entre dentes: “Bandido, malandro, preguiçoso, quem é que me impede de te dar vinte pontapés...” O amo, ao contrário, beijava-o, passava-lhe a mão no flanco, batia-lhe docemente na garupa do outro lado, e, quase chorando de alegria, gritava: “Meu cavalo, meu pobre cavalo, até que enfim que te encontro!”



O lavrador não percebia nada daquilo. “Vejo, meus senhores, que este cavalo vos pertenceu, mas eu não o possuo com menos legitimidade, comprei-o na última feira. Se quereis retomá-lo por dois terços do que me custou, prestar-me-iam um grande serviço, porque não consigo fazer nada dele. Logo para o fazer sair do estábulo é o diabo, quando é preciso atrelá-lo ainda é pior. Quando chega ao campo deita-se, e mais facilmente se deixaria abater que pôr-se a caminho ou aguentar um saco no lombo. Meus senhores, teriam a caridade de me desembaraçar daquele maldito animal? É bonito, mas só serve para fazer piafê debaixo de um cavaleiro, e isso não é para mim...” Propuseram-lhe uma troca com aquele dos dois outros que mais lhe conviesse; ele consentiu, e os nossos dois viajantes regressaram lentamente ao lugar onde tinham repousado, e donde puderam ver com satisfação o cavalo que tinham cedido ao lavrador prestar-se sem repugnância à sua nova condição.

JACQUES – Ora bem, senhor?

O SENHOR – Ora bem, nada mais certo que estás inspirado: por Deus, pelo diabo? Ignoro. Jacques, meu querido amigo, temo que tenha o diabo no corpo.

JACQUES – E porquê o diabo?

O SENHOR – É porque faz prodígios e a sua doutrina é altamente suspeita.

JACQUES – E que é que haverá de comum entre a doutrina que se professa e os prodígios que se operam?

O SENHOR – Vejo que não leu dom la Taste.

JACQUES – E esse tal dom la Taste, que aliás não li, o que é que ele diz?

O SENHOR – Diz que Deus e o diabo fazem milagres por igual.

JACQUES – E como é que ele distingue os milagres de Deus dos milagres do diabo?

O SENHOR – Pela doutrina. Se a doutrina é boa, os milagres são de Deus; se é má, os milagres são do diabo.

Aqui, Jacques pôs-se a assobiar, depois acrescentou:

- E quem é que me ensinará a mim, pobre ignorante, se a doutrina do autor dos milagres é boa ou má? Vamos, meu senhor, montemos de novo nos nossos animais. Que importa que tenha sido por Deus ou por Belzebu que se tenha encontrado o seu cavalo? Andará ele pior?

O SENHOR – Não. No entanto, Jacques, se estiver possesso...

JACQUES – Que remédio é que há para isso?

O SENHOR – O remédio seria, enquanto esperasse pelo exorcismo... seria a de ter água benta por única bebida.

JACQUES – Eu, meu senhor, a águas! Jacques a beber água benta! Preferia que me ficassem no corpo mil legiões de diabos que beber uma gota de água, benta ou não benta. Ainda vos não apercebeste que sou hidrófobo?”

Ah!, *hidrófobo*! Jacques disse *hidrófobo*?... Não, leitor, não; confesso que a palavra não é dele; mas com essa severidade de crítico, desafio-o a ler uma cena de comédia, de tragédia, um único diálogo, por melhor que esteja escrito, sem surpreender a palavra do autor na boca da sua personagem. Jacques disse: “Meu senhor, ainda não vos apercebeste que fico raivoso à simples vista da água³²?...” Ora bem, dizendo de maneira diferente da dele fui menos verdadeiro mas mais curto.

Subiram para os cavalos, e Jacques disse ao amo: “Ia nos seus amores no momento em que, depois de ter sido feliz por duas vezes, se dispunha a ser feliz talvez por uma terceira.

O SENHOR – Quando de repente se abre a porta do corredor. Eis o quarto cheio de uma multidão de pessoas que caminham tumultuosamente, apercebo-me de luzes, ouço vozes de homens e de mulheres que falam todos ao mesmo tempo. As cortinas são violentamente corridas, e apercebo-me do pai, da mãe, das tias, dos primos, das primas, e de um comissário que lhes dizia gravemente: “Meus senhores, minhas senhoras, nada de barulho; o delito é flagrante, o senhor é um homem de respeito: existe apenas um meio de reparar o mal, e o senhor preferirá prestar-se a ele de boa vontade, do que ser a tal obrigado pelas leis...”

32 A hidrofobia, doença transmitida dos animais ao homem, por exemplo pela mordedura do cão, caracteriza-se pela aversão à água. É vulgarmente conhecida por raiva e devemos ao químico Pasteur a criação da vacina contra esta doença. (N. do T.)

A cada palavra era interrompido pelo pai e pela mãe que me cobriam de censuras, pelas tias e pelas primas que não poupavam os epítetos dirigidos a Agathe, que enfiara a cabeça debaixo dos cobertores. Eu estava estupefacto, não sabia o que dizer. O comissário, dirigindo-se a mim, disse com ironia: “Cavalheiro, mas que bem que aí está. No entanto é preciso que tenha a amabilidade de se levantar e vestir”; o que fiz, mas com as minhas roupas que já tinham substituído às do cavaleiro. Aproximaram uma mesa, o comissário começou a redigir o auto. Entretanto, a mãe fazia todos os possíveis para não bater na filha, e o pai dizia: “Calma, minha mulher, calma, bater na sua filha não altera nada. Tudo se arranjará pelo melhor...” As outras personagens tinham-se dispersado pelas cadeiras em diferentes atitudes de dor, de indignação e de cólera. O pai, descompondo a mãe nos intervalos, dizia-lhe: “Eis aqui o resultado de não velar pela conduta da sua filha...” A mãe respondia-lhe: “Com um ar tão bom e tão honesto, quem esperaria deste senhor uma coisa destas?...” Os outros mantinham silêncio. Terminado o auto, leram-no, e como tudo o que dizia era verdade, assinei e desci com o comissário que me pediu muito educadamente que subisse para uma viatura que esperava à porta, onde me conduziram, com um cortejo bastante numeroso, direito ao Fort-l’Évêque.

JACQUES – Para o Fort-l’Évêque? Debaixo de prisão?

O SENHOR – Debaixo de prisão. Eis depois um processo abominável. Tratava-se nada menos que casar com Mlle Agathe, os pais não queriam saber de negociações. De manhã o cavaleiro apareceu-me no meu retiro. Já sabia tudo. Agathe estava desolada, os pais enraivecidos; ele tinha ouvido as mais cruéis censuras sobre o pérfido conhecimento que lhes tinha levado a casa, era ele a primeira causa da sua infelicidade e da desonra da sua filha; estas pobres gentes davam pena. Tinha pedido para

falar com Agathe em particular, não o tinha conseguido sem dificuldade. Agathe tinha pensado em arrancar-lhe os olhos, tinha-lhe chamado os nomes mais odiosos. Já contava com isso, assim deixou que ela acalmasse os furores, após o que a tentou levar a ideias mais razoáveis, mas a rapariga dizia uma coisa para a qual, acrescentava o cavaleiro, não havia réplica: “O meu pai e a minha mãe surpreenderam-me com o vosso amigo, será preciso contar-lhes que ao deitar-me com ele pensava estar a deitar-me convosco?...” Ele respondia-lhe: “Mas, de boa fé, acha que o meu amigo a possa desposar?...”

- Não, dizia ela ao cavaleiro, éreis vós, infame, que deveríeis ser condenado .

“Mas, disse eu ao cavaleiro, só dependeria de si livrar-me deste caso.

- E isso como?

- Como? Contando as coisas como se passaram.

- Ameacei Agathe, mas é claro que não farei nada. Não é certo que este meio servisse para alguma coisa, e é seguríssimo que nos cobriria de infâmia. Aliás, a culpa é sua.

- Minha culpa?

- Sim, a culpa é sua. Se tivesse estado de acordo com a brincadeira que lhe propus, Agathe teria sido surpreendida entre dois homens e tudo isto teria acabado de uma maneira ridícula. Mas não é o caso, e trata-se de se safar de um passo em falso.

- Mas, cavaleiro, poderia-me explicar um pequeno incidente? É o meu fato trocado e o seu reposto no quarto de vestir; palavra, por mais que pense, é um mistério que me confunde. Isso torna-me Agathe um pouco

suspeita; veio-me à ideia que ela terá percebido a trapaça e que havia entre ela e os pais não sei que combinação.

- Talvez o tenham visto subir; o que é certo é que assim que se despiu, devolveram-me o meu fato e pediram-me o seu.

- O tempo há-de esclarecer.”

Quando nos estávamos a preparar, o cavaleiro e eu, para nos afligirmos, consolarmos, acusarmos, injuriarmos e para nos pedir perdão, entrou o comissário; o cavaleiro empalideceu e saiu bruscamente. Este comissário era um homem de bem como existem alguns, que relendo os autos em casa, se lembrou que noutros tempos tinha feito os seus estudos com um jovem que tinha o meu nome; veio-lhe ao pensamento que eu bem poderia ser o pai ou o filho do seu antigo camarada de colégio, e o facto era verdadeiro. A sua primeira questão foi a de perguntar-me quem era o homem que se tinha evadido quando ele entrara.

“Não se evadiu, disse-lhe eu, saiu; é o meu íntimo amigo, o cavaleiro de Saint-Ouin.

- Vosso amigo! Rico amigo que tem ali! Sabe, senhor, que foi ele quem me veio avisar? Estava acompanhado pelo pai e por outro parente.

- Ele!

- Ele mesmo.

- Está certo do facto?

- Certíssimo; mas como é que lhe chamou?

- O cavaleiro de Saint-Ouin, era mesmo aí que eu queria chegar. E sabe o que é o seu amigo, o seu íntimo amigo, o cavaleiro de Saint-Ouin? Um vigarista, um homem suspeito de cem patifarias. A polícia deixa a esse

tipo de homens a liberdade de andar pelas ruas por causa dos serviços que às vezes prestam. São malandros e denunciadores de malandros; e acham-nos aparentemente mais úteis pelo mal que previnem ou que revelam, que prejudiciais pelo que fazem...”

Contei ao comissário a minha triste aventura tal e qual como se tinha passado. Não a encarou de um olhar muito mais favorável, porque tudo o que me podia absolver não se podia nem alegar nem demonstrar no tribunal das leis. Apesar disso, encarregou-se de chamar o pai e a mãe, de apertar com a filha, de esclarecer o magistrado e de não negligenciar nada que servisse para me justificar, prevenindo-me sempre que se estas pessoas estivessem bem aconselhadas, a autoridade conseguiria pouca coisa.

“Quê!, senhor comissário, serei obrigado a casar?”

- Casar! Isso seria muito duro, se soubesse nunca o teria prendido; mas haverá indemnizações e, neste caso, serão consideráveis...” Mas, Jacques, acho que tens alguma coisa para me dizer.

JACQUES – Sim, queria dizer-vos que foi efectivamente mais infeliz que eu, que paguei uma foda e não fodi. Não indo mais longe, eu penso que teria entendido a sua história, de fio a pavio, se Agathe estivesse grávida.

O SENHOR – Não afastes ainda a tua conjectura; foi que o comissário me informou algum tempo depois da minha detenção que ela já tinha vindo fazer a declaração de gravidez!

JACQUES – E eis-vos agora pai de uma criança...

O SENHOR – O que eu não neguei.

JACQUES – Mas que não é sua.

O SENHOR – Nem a protecção do magistrado, nem todas as diligências do comissário puderam impedir o caso de seguir o curso da justiça, mas como o pai e a filha eram mal afamados, não casei à porta da prisão. Condenaram-me numa multa considerável, nas despesas com o parto, e a prover à subsistência e à educação de uma criança gerada pelos factos e gestos do meu amigo o cavaleiro de Saint-Ouin, de que era o retrato em miniatura. Era uma robusta criança que Mlle Agathe deu felizmente à luz entre o sétimo e o oitavo mês, e a que arranjaram uma boa ama de que tenho pago as mensalidades até hoje.

JACQUES – Que idade terá o senhor seu filho?

O SENHOR – Fará dentro em breve dez anos. Deixei-o todo este tempo no campo onde o mestre-escola lhe ensinou a ler, escrever e contar. Não fica longe do sítio para onde vamos, e aproveitarei a circunstância para pagar a estas pessoas o que lhes é devido, retirá-lo de lá e pô-lo a aprender um ofício.

Jacques e o seu amo deitaram-se uma vez mais no caminho. Estavam demasiado próximos do fim da sua viagem para que Jacques retomasse a história dos seus amores; aliás, estava desejoso que a dor de garganta lhe passasse. De manhã chegaram... - Onde? - Palavra de honra, não faço a menor ideia. - E o que é que tinham de fazer lá no sítio para onde iam? - Tudo o que vos apetecer. Porventura o senhor de Jacques revelava os seus negócios a toda a gente? Quaisquer que eles fossem, não exigiriam uma estada de mais de quinze dias. Terminaram bem, terminaram mal? É o que ainda ignoro. A dor de garganta de Jacques dissipou-se com dois remédios que lhe eram antipáticos, a dieta e o repouso.

Uma manhã, o senhor disse ao seu criado: “Jacques, arreia os cavalos e enche a tua cabaça, é preciso ir onde sabes”; dito e feito. Ei-los

encaminhando-se para o lugar onde amamentavam desde há dez anos, às custas do amo de Jacques, o filho do cavaleiro de Saint-Ouin. Alguma distância percorrida desde a pousada que acabavam de deixar, o amo dirigiu-se a Jacques com as seguintes palavras” “Jacques, que dizes tu dos meus amores?

JACQUES – Que há coisas muito estranhas escritas lá em cima. Eis uma criança gerada só Deus sabe como. Quem sabe o papel que o pequeno bastardo desempenhará neste mundo? Quem sabe se não terá nascido para a felicidade ou para o derrube de um império?

O SENHOR – Respondo-te que não. Farei dele um bom torneiro ou um bom relojoeiro. Casará; terá filhos a tornear perpetuamente travessas de cadeira neste mundo.

JACQUES – Sim, se for isso o que estiver escrito lá em cima. Mas porque não sairia ele um Cromwell da loja de um torneiro? Aquele que fez cortar a cabeça do seu rei não tinha saído de um cervejeiro, e não dizem hoje?...

O SENHOR – Deixemos isso. Sentes-te bem, já sabes dos meus amores; em consciência não te podes dispensar de retomar a história dos teus.

JACQUES – Está tudo contra. Primeiramente, o pouco de caminho que nos falta percorrer; em segundo, o esquecimento de onde ia. Terceiro, um diabo de pressentimento que tenho que esta história não deve terminar; que o seu relato nos trará infelicidade, e que assim que a retome, será interrompida por uma catástrofe feliz ou infeliz.

O SENHOR – Se for feliz, tanto melhor.

JACQUES – De acordo; mas tenho para mim que será infeliz.

O SENHOR – Infeliz, seja; mas quer fales quer te cales, deixará ela de acontecer?

JACQUES – Quem sabe?

O SENHOR – Nasceste dois ou três séculos mais tarde.

JACQUES – Não, meu senhor, nasci no meu tempo, como toda a gente.

O SENHOR – Terias sido um grande áugure.

JACQUES – Não sei bem precisamente o que é um áugure, nem me preocupo em sabê-lo.

O SENHOR – É um dos capítulos importantes do teu tratado de adivinhação.

JACQUES – É verdade; mas há tanto tempo que foi escrito que já não me lembro sequer de uma palavra. Meu senhor, tome, eis aqui o que sabe mais que todos os áugures, gansos fatídicos e frangos sagrados da república; é a cabaça. Interroguemos a cabaça...”

Jacques pegou na cabaça e consultou-a longamente. O amo sacou do relógio e da tabaqueira, viu que horas eram, tomou a sua pitada de rapé, e Jacques disse: “Parece-me agora que vejo o destino menos negro. Diga-me onde é que eu estava.

O SENHOR – No castelo de Desglands, o teu joelho um pouco melhor, e Denise encarregada de te cuidar.

JACQUES – Denise foi obediente. A ferida do meu joelho estava quase fechada, tinha mesmo podido dançar de volta naquela noite do filho, no entanto ainda sofria, a intervalos, dores inauditas. O cirurgião do castelo, que sabia mais que o seu confrade, pensou que este sofrimento cujo regresso era tão caprichoso, não poderia ter por causa senão um corpo

estranho que se tivesse alojado nas carnes durante a extracção da bala. Em consequência, chegou ao meu quarto ia já a manhã alta, mandou aproximar uma mesa da minha cama, e logo que as cortinas foram abertas, vi essa mesa coberta de instrumentos cortantes. Denise, sentada à minha cabeceira, e chorando lágrimas ardentes, a sua mãe de pé, braços cruzados e bastante triste, o cirurgião despojado da sua casaca, as mangas da camisa arregaçadas, e a mão direita armada com um bisturi.

O SENHOR – Fico assustado.

JACQUES – Eu também fiquei. “Amigo, diz-me o cirurgião, já está cansado de sofrer?

- Muito cansado.

- Quer que isso acabe, ficando sempre com a sua perna?

- Certamente.

- Então, ponha-a fora da cama, para que eu trabalhe à vontade.”

Ofereço a minha perna. O cirurgião segura o cabo do bisturi entre os dentes, passa a minha perna sob o seu braço esquerdo, olha-a fixamente, retoma o bisturi, introduz a ponta na abertura da minha ferida e faz-me uma incisão larga e profunda. Não pestanejei, mas Jeanne virou a cabeça, e Denise soltou um grito agudo e sentiu-se mal.

Aqui, Jacques fez uma pausa na narração e deu um novo rombo à cabaça. Os rombos eram cada vez mais frequentes à medida que as distâncias encurtavam, ou como dizem os geómetras, na razão inversa das distâncias. Era tão preciso nas medidas que, cheia à partida, estava sempre vazia à chegada. Os senhores das pontes e calçadas teriam feito

dele um excelente odômetro³³, e cada rombo tinha normalmente a sua razão suficiente. Este era para fazer Denise voltar a si, e ele recuperar da dor da incisão que o cirurgião lhe tinha feito no joelho. Denise recobrada e ele confortado, continuou.

JACQUES – Esta enorme incisão pôs a descoberto o fundo da ferida, de onde o cirurgião tirou com as suas pinças uma pequeníssima peça do tecido das minhas calças que ali ficara, e cuja permanência causara as minhas dores e impedia a inteira cicatrização do meu mal. Depois desta operação, o meu estado foi de melhor a melhor, graças aos cuidados de Denise; não mais dores, não mais febre; apetite, sono, forças. Denise fazia-me o penso correctamente e com uma delicadeza infinita. Valia a pena ver a circunspecção e a leveza de mãos com as quais ela retirava o penso, o receio que ela tinha de me provocar a mínima dor, a maneira como ela me lavava a chaga. Eu ficava sentado no bordo da cama, ela tinha um joelho em terra, a minha perna repousava na sua coxa, que eu apertava às vezes um pouco, tinha uma mão sobre o seu ombro e via-a fazer com uma ternura que creio que ela partilhava. Logo que terminava o penso, eu tomava-lhe as duas mãos, agradecia-lhe, não sabia que dizer-lhe, não sabia como testemunhar-lhe o meu reconhecimento; ela ficava em pé, os olhos baixos, e escutava-me sem dizer palavra. Não passava no castelo um único bufarinheiro que eu não lhe comprasse qualquer coisa; uma vez foi um lenço de pescoço, outra vez foram algumas varas de chita da índia ou de musselina, uma cruz em ouro, meias de algodão, um anel, um colar de granadas. Quando a minha pequena compra estava feita, o meu embaraço era oferecer-lha, e o dela de aceitar. Primeiro, mostrava-lhe a coisa; se ela gostasse, dizia-lhe: “Denise, comprei-a para si...” Se ela aceitava, a minha mão tremia ao entregar-lha, e a dela ao recebê-la.

33 Instrumento para medir as distâncias (N. do T.)

Um dia, não sabendo o que lhe dar, comprei-lhe ligas; eram de seda, ornamentadas de branco, vermelho e azul, com uma divisa. De manhã, antes que ela chegasse, pu-las em cima do assento da cadeira que estava ao lado da cama. Assim que Denise as viu, disse: “Oh!, que lindas ligas!

- São para a minha amada, respondi-lhe eu.

- Então tem uma amada, senhor Jacques?

- Com certeza. Ainda não lho tinha dito?

- Não. Ela deve ser muito amável, sem dúvida.

- Muito amável.

- E gosta muito dela?

- De todo o meu coração.

- E ela corresponde?

- Isso é o que eu não sei. Estas ligas são para ela, e ela prometeu-me um favor que me porá louco, acho eu, se ela efectivamente mo fizer.

- E que favor é esse?

- É que daquelas ligas, uma é para trazer numa das minhas mãos...”

Denise corou, ficou humilhada pelo meu discurso, pensou que as ligas eram para outra, ficou triste, desajeitada, procurava tudo o que era preciso para me fazer o penso, tinha-o mesmo debaixo dos olhos e não o encontrava; entornou o vinho que tinha mandado aquecer, aproximou-se da cama para me fazer o penso, pegou na minha perna com uma mão trémula, desfez as minhas ligaduras tudo ao contrário, e quando foi preciso desinfectar a ferida, tinha esquecido tudo o que era preciso; foi à procura, pensou-me, e enquanto me fazia o penso vi que chorava.

“Denise, creio que chora; que é que tem?

- Não tenho nada.

- Alguém a magoou?

- Sim.

- E quem foi o mau que a fez sofrer?

- Fostes vós.

- Eu?

- Sim.

- E como é que isso aconteceu?...”

Em lugar de me responder, ela virou o olhar para as ligas.

“Eh!, quê, disse-lhe eu, foi isso que a fez chorar?

- Sim.

- Eh!, Denise, não chore mais, foi para si que as comprei.

- Senhor Jacques, está a falar a sério?

- Muito a sério, tão a sério que aqui estão.” Ao mesmo tempo apresentei-lhe as duas e retive uma. Nesse mesmo instante um sorriso escapou das suas lágrimas. Tomei-a pelo braço, aproximei-a da cama, peguei-lhe num dos pés que pus na borda da cama, subi as suas saias até ao joelho, onde ela as apertou com as duas mãos; beijei-lhe a perna, coloquei-lhe a liga que tinha retido, e mal estava colocada quando Jeanne, a sua mãe, entrou.

O SENHOR – Eis uma visita bem aborrecida.

JACQUES – Talvez sim, talvez não.

Em vez de se aperceber do nosso embaraço, ela apenas viu a liga que a filha tinha entre as mãos. “Eis uma bela liga, disse ela, mas onde é que está a outra?”

- Na minha perna, respondeu-lhe Denise. Disse-me que as tinha comprado para a sua apaixonada, e eu jurei que eram para mim. Não é verdade, mamã, que já que tenho uma, é preciso que guarde também a outra?

- Ah, senhor Jacques, Denise tem razão, uma liga não vai sem a outra, e não vai querer tirar-lhe a que ela já tem.

- Porque não?

- É que Denise assim não o quereria, e eu também não.

- Mas resolvamos isso, colocar-lhe-ei a outra na sua presença.

- Não, não, isso não pode ser.

- Então que ela me devolva as duas.

- Isso também não pode ser.”

Mas Jacques e o seu amo estão à entrada da aldeia onde iam ver a criança e o casal que tomara contra do filho do cavaleiro de Saint-Ouin. Jacques calou-se. O seu senhor disse-lhe: “Vamos descer e descansar um pouco.

- Porquê?

- Porque, segundo todas as aparências, estás a chegar à conclusão dos teus amores.

- Não é para já.

- Depois de chegar ao joelho, já falta pouco.

- Meu senhor, Denise tinha as coxas mais compridas que qualquer outra.

- Desçamos, de qualquer maneira.”

Descem do cavalo, Jacques o primeiro, aproximando-se com celeridade da bota do seu amo. Ia este pousar o pé no estribo quando as correias se rompem e o meu cavaleiro, caindo para trás, ia estatelar-se rudemente no solo, se o seu criado não o tivesse recebido nos braços.

O SENHOR – Ora bem, Jacques, é assim que tu tratas de mim! Que pouco faltou para que mergulhasse de flanco, partisse um braço, rachasse a cabeça, enfim, que morresse?

JACQUES – Olha a grande desgraça!

O SENHOR – Que dizes, velhaco? Espera, espera, que te vou ensinar como é que se fala...

E o amo, depois de ter feito no pulso duas voltas com o cordão do chicote, depois de perseguir Jacques, e Jacques de correr à volta do cavalo, rindo às gargalhadas, e o seu senhor a insultar, praguejar, espumar de raiva, e de correr também à volta do cavalo vomitando contra Jacques uma torrente de invectivas, e esta corrida a durar até que os dois, banhados em suor e completamente esgotados, pararam, um de um lado do cavalo, o outro do outro lado, Jacques ofegando e continuando a rir, o amo ofegando e lançando-lhe olhares enfurecidos. Começavam a recuperar o fôlego, quando Jacques disse ao seu senhor: “Senhor meu amo, concorda agora?”

O SENHOR – E em que é que queres tu que eu concorde, cão, malandro, infame, senão que tu és o pior de todos os criados e que eu sou o mais infeliz de todos os amos?

JACQUES – Não ficou evidentemente demonstrado que agimos a maior parte do tempo sem querer? Ora meta lá a mão na consciência, e de tudo o que me disse ou fez na última meia hora, houve alguma coisa que tivesse querido? Não terá sido a minha marioneta? não poderia continuar a ser o meu polichinelo durante um mês se eu estivesse para aí virado?

O SENHOR – Quê!, era um jogo?

JACQUES – Um jogo.

O SENHOR – E tu esperavas o rompimento das correias?

JACQUES – Tinha-o preparado.

O SENHOR – E a tua resposta impertinente era premeditada?

JACQUES – Premeditada.

O SENHOR – E isso era o fio que tu me passavas pela cabeça para me movimentares à tua vontade?

JACQUES – Tal e qual.

O SENHOR – És um malandro perigoso.

JACQUES – Diga antes que, graças ao meu capitão que se dedicou um dia a um passatempo parecido, à minha custa, sou um conversador subtil.

O SENHOR – E se tivesse ficado ferido?

JACQUES – Estava escrito lá em cima e também na minha providência, que tal não iria acontecer.

O SENHOR – Vamos, sentemo-nos; precisamos de descansar.

Sentam-se, dizendo Jacques: “Que o diabo leve o parvo!

O SENHOR – Parece que é de ti que falas.

JACQUES – Sim, de mim, que não deixei nem mais um gole na cabaça.

O SENHOR – Não lamentos nada, tê-la-ei bebido eu, que morro de sede.

JACQUES – Que o diabo leve ainda o parvo por não ter deixado dois goles.

O senhor, suplicando-lhe que, para enganar o cansaço e a sede, continuasse a sua história, e Jacques a recusar-se, o amo embezerrando, Jacques deixando-o embezerrar; enfim, Jacques, depois de ter protestado contra a desgraça que poderia vir, retomando a história dos seus amores, disse:

“Num dia de festa em que o senhor do castelo estava na caça...” Depois destas palavras, parou de repente e disse: “Não sei explicar, mas é-me impossível continuar, parece-me que tenho outra vez a mão do destino na garganta, e sinto que me aperta; por Deus, meu senhor, permita que me cale.

- Pois bem, cala-te e vai bater à primeira cabana, que é onde vive a ama.”

Era na porta mais baixa, encaminham-se, cada um deles levando o cavalo pela brida. Nesse mesmo instante, abre-se a porta da ama, aparece um homem, o amo de Jacques solta um grito e leva a mão à espada, o homem em questão faz outro tanto. Os cavalos assustam-se com o tilintar das armas, e de Jacques rompe a brida e foge, e nesse mesmo instante o cavaleiro contra quem o amo se bate fica estendido morto no sítio. Acorrem os camponeses do lugar. O amo de Jacques sobe prestamente para a sela e afasta-se a toda a força. Apoderam-se de Jacques, atam-lhe as mãos atrás das costas, e conduzem-no diante do juiz do lugar que o manda para a prisão. O homem morto era precisamente o cavaleiro de Saint-Ouin, que o azar tinha levado precisamente naquele dia, com Agathe, a casa da ama do seu filho. Agathe arranca os cabelos sobre o

cadáver do seu amante. O amo de Jacques está já tão longe que o perderam de vista. Jacques, enquanto ia da casa do juiz para a prisão, dizia: “Era preciso que isto acontecesse, estava escrito lá em cima...”

E, quanto a mim, fico por aqui, porque já lhes contei destas personagens tudo o que sei. - E os amores de Jacques? - Jacques disse cem vezes que estava escrito lá em cima que não acabaria a história, e vejo agora que Jacques tinha razão. Vejo, leitor, que isso o aborrece; ora bem, retome o relato onde ele o deixou e continue como lhe der na fantasia, ou então faça uma visita a Mlle Agathe, saiba qual é o nome da aldeia em que Jacques está preso, visite-o, pergunte-lhe, não se fará rogar para o satisfazer, será uma distração para ele. Segundo memórias que tenho boas razões para considerar suspeitas, poderei talvez preencher o que falta, mas para quê? Só nos podemos interessar por aquilo que acreditamos ser verdadeiro. No entanto, como haveria temeridade em pronunciar-me, sem um maduro exame das conversas de Jacques, o fatalista, e do seu senhor, a obra mais importante que já apareceu depois do Pantagruel do mestre François Rabelais, e da vida e das aventuras do Compadre Mathieu³⁴, relirei estas memórias com toda a contenção de espírito e toda a imparcialidade de que sou capaz, e dentro de oito dias comunicarei o meu juízo definitivo, podendo retractar-me sempre que um mais inteligente que eu me demonstre que estou enganado.

O editor acrescenta: já passaram oito dias.

Li as memórias em questão. Dos três parágrafos que encontro a mais no manuscrito que tenho em meu poder, o primeiro e o último parecem-me

34 Romance libertino de Henri-Joseph Laurent, eclesiástico que morreu na prisão, acusado de impiedade. (N. do T.)

originais, e o do meio evidentemente interpolado. Eis o primeiro que supõe uma segunda lacuna nas conversas de Jacques e do seu amo.

Num dia de festa em que o senhor do castelo estava na caça e em que o resto dos comensais tinha ido à missa da paróquia que ainda estava afastada um bom quarto de hora, Jacques tinha-se levantado, Denise estava sentada a seu lado. Mantinham-se em silêncio. Aparentavam estar zangados um com o outro, e estavam-no com efeito. Jacques tinha preparado tudo para resolver Denise a fazê-lo feliz, e Denise mantivera-se inabalável. Depois deste longo silêncio, Jacques, chorando lágrimas ardentes, disse-lhe com um tom duro e amargurado: “É porque não me ama...” Denise, despeitada, levanta-se, pega-lhe pelo braço, leva-o bruscamente para a borda da cama, senta-se e diz-lhe: “Pois bem, senhor Jacques, com que então não o amo? Pois bem, senhor Jacques, faça da infeliz Denise tudo o que quiser...” E ao dizer estas palavras, ei-la lavada em lágrimas e sufocada por soluços.

Diga-me, leitor, o que é que teria feito no lugar de Jacques? Nada. Ora bem, foi o que ele fez. Voltou a sentar Denise na sua cadeira, atirou-se a seus pés, enxugou as lágrimas que lhe corriam dos olhos, beijou-lhe as mãos, consolou-a, tranquilizou-a, compreendeu que era ternamente amado e renunciou à sua ternura até ao momento que lhe aproovesse para recompensar a dela. Esta maneira de proceder sensibilizou profundamente Denise.

Objectarão talvez que Jacques, aos pés de Denise, não poderia enxugar-lhe os olhos... a menos que a cadeira fosse muito baixa; o manuscrito não diz, mas é de supor.

Eis agora o segundo parágrafo, copiado da vida de Tristram Shandy, a menos que as conversas de Jacques, o Fatalista, e do seu amo, não sejam

anteriores a esta obra, e que o ministro Sterne seja o plagiário, o que não creio³⁵, mas é por uma estima muito particular por M. Sterne que o distingo da maior parte dos literatos da sua nação, que têm o hábito de nos roubar e de nos cobrir de injúrias.

Noutra altura, pela manhã, Denise tinha vindo fazer o penso a Jacques. No castelo ainda todos dormiam. Denise aproximou-se a tremer; chegada à porta de Jacques, parou, incerta se entraria ou não; entrou trémula, ficou bastante tempo ao lado da cama de Jacques, sem se atrever a correr as cortinas. Entreabriu-as suavemente, deu os bons dias a Jacques a tremer. Jacques disse-lhe que ainda não tinha pregado olho, que tinha sofrido e ainda sofria de uma cruel comichão no joelho. Denise ofereceu-se para o aliviar. Pegou numa pequena peça de flanela, Jacques pôs a perna fora da cama, e Denise começou a esfregar a flanela por baixo da ferida, primeiro com um dedo, depois com dois, com três, com quatro, com a mão toda. Jacques via-a fazer e embriagava-se de amor. Depois, Denise começou a esfregar a flanela em cima da ferida, cuja cicatriz estava ainda vermelha, primeiro com um dedo, em seguida com dois, três, quatro, com a mão toda. Mas ainda não era suficiente acalmar a comichão por baixo do joelho, por cima do joelho, era preciso acalmá-la mais acima, onde se fazia sentir ainda com mais força. Denise pousou a

35 “Jacques le Fataliste et son Maitre” foi publicado na *Correspondance Littéraire*, revista manuscrita enviada particularmente aos espíritos mais esclarecidos do tempo, entre 1778 e 1786.

A obra de Sterne “Life and opinions of Tristram Shandy”, composta de nove volumes, foi publicada entre 1759 e 1767.

Foi em 1762 que Diderot conheceu Lawrence Sterne, em Paris, em casa do barão d’Holbach. Logo, o que poderemos ter por certo é que Diderot se entusiasmou com a novidade, frescura, liberdade e inteligência do estilo de Sterne, e sofreu a sua influência, como ele próprio confessa.

Plagiar nem sempre é negativo. Copiamos os que admiramos e saber escolher quem queremos que nos influencie é também uma qualidade. (N. do T.)

flanela acima do joelho e pôs-se a esfregar ali com bastante firmeza, primeiro com um dedo, com dois, com três, com quatro, com a mão toda. A paixão de Jacques, que não parava de a fitar, cresceu a um tal ponto em que, não podendo resistir mais, se precipitou sobre a mão de Denise... e a beijou.

Mas o que não deixa dúvida nenhuma acerca do plágio, é o que se segue. O plagiário acrescenta: “Se não ficou satisfeito com o que lhe revelo dos amores de Jacques, leitor, faça melhor, tem o meu acordo. De qualquer maneira que faça, estou certo que acabará como eu. - Enganas-te, insigne caluniador, não acabarei nada como tu. Denise portou-se ajuizadamente. - E quem é que diz o contrário? Jacques precipitou-se sobre a sua mão e beijou-a, à sua mão. É o leitor quem tem o espírito pervertido, e que ouve o que não é dito. - Então, não lhe beijou a mão? - Certamente que não, Jacques tinha bastante pundonor para abusar daquela que queria fazer sua mulher, e preparar-se para uma desconfiança que poderia envenenar-lhes o resto dos dias. - Mas foi dito, no parágrafo precedente, que Jacques tinha preparado tudo para determinar Denise a fazê-lo feliz. - É porque aparentemente ainda não queria fazer dela sua mulher.

O terceiro parágrafo mostra-nos Jacques, o nosso pobre fatalista, de ferros nos pés e nas mãos, estendido na palha ao fundo de uma masmorra escura, relembrando tudo o que lhe ficara dos princípios de filosofia do seu capitão, e não estando longe de acreditar que um dia ainda teria saudades desta morada húmida, infecta, tenebrosa, onde era alimentado a pão escuro e água, e onde tinha que defender as mãos e os pés dos ratos e das ratazanas. Informam-nos que, a meio das suas meditações, as portas da prisão e da sua masmorra foram arrombadas, que ficou em liberdade com uma dúzia de salteadores, e que é agora mais um recruta do bando de Mandrin. Entretanto, as autoridades que seguiam a pista do seu amo,

tinham-no alcançado, preso e constituído arguido noutra prisão. Saiu de lá pelos bons ofícios do comissário que tanto o tinha ajudado na sua primeira aventura, e que vivia retirado desde há dois ou três meses no castelo de Desglands, quando o destino lhe devolveu um servidor quase tão essencial à sua felicidade como o seu relógio e a sua tabaqueira. Não tomava uma pitada de rapé, não era capaz de ver as horas sem que suspirasse: “Que é feito do meu pobre Jacques?...” Uma noite o castelo de Desglands foi atacado pelos Mandrins. Jacques reconheceu a morada do seu benfeitor e da sua amante, intercedeu e salvou o castelo da pilhagem. Lê-se em seguida o detalhe patético da entrevista inopinada de Jacques, do seu amo, de Desglands, de Denise e de Jeanne.

“És tu, meu amigo?

- Sois vós, meu caro amo?

- Como é que te encontraste no meio daquela gente?

- E vós, senhor, como é que vos encontro aqui?...

- Sois vós, Denise?

- Sois vós, senhor Jacques? Quantas lágrimas me fez chorar!...”

Entretanto, Desglands gritava: “Tragam copos e vinho! Depressa, depressa. Foi ele quem salvou a vida de todos nós...”

Alguns dias depois o velho porteiro do castelo faleceu; Jacques obteve o seu posto e desposou Denise, com a qual se ocupa a criar discípulos de Zenon e de Espinoza, estimado por Desglands, acarinhado pelo seu amo e adorado pela sua mulher, porque era assim que estava escrito lá em cima.

Houve quem me quisesse convencer que o seu amo e Desglands se tinham apaixonado pela sua mulher. Ignoro o que se passou; mas estou certo que, à noite, ele dizia a si próprio: “Se estiver escrito lá em cima que serás cornudo, Jacques, por mais que faças, hás-de sê-lo; se estiver escrito, ao contrário, que não o serás, por mais que eles façam, nunca o serás; portanto, dorme, meu amigo.” E adormecia.

Querida Catarina, isto é o

FIM

AI, COITADINHO DO YORICK